Francisco Barbosa Neto

AMÉRICO PIQUET CARNEIRO:

EDUCADOR E MÉDICO

UNIGRANRIO - 2020

FRANCISCO BARBOSA NETO

Américo Piquet Carneiro: educador e médico

Versão Original

Tese apresentada à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy para obtenção do título de doutor.

Área de concentração: Narrativas, Práticas Sociais e Poder

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira

Duque de Caxias
2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UNIGRANRIO – NÚCLEO DE COORDENAÇÃO DE BIBLIOTECAS

B238a Barbosa Neto, Francisco.
Américo Piquet Carneiro: educador e médico / Francisco Barbosa Neto. – Duque de Caxias, 2020.
217 f. ; 31 cm.

Tese (Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2020.
"Orientador: Prof. Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira".
Referências: f. 208-217.

1. Educação. 2. Carneiro, Américo Piquet, 1909-1992. 3. Médicos – Biografia. 4. Educadores – Biografia. 5. História oral. 6. Medicina social. I. Oliveira, Joaquim Humberto Coelho de. II. Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy". III. Título.

CDD – 370

FRANCISCO BARBOSA NETO

AMÉRICO PIQUET CARNEIRO: EDUCADOR E MÉDICO

Tese apresentada à Universidade do Grande Rio "Prof. José de Souza Herdy", como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Doutor em Humanidades, Culturas e Artes.

Exemplar apresentado para avaliação da banca examinadora em 09/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joaquim Humberto Coelho de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO

Profa. Dra. Anna Paula Soares Lemos
Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO

Prof. Dr. Alexandre José Baptista Trajano
UNIGRANRIO

Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy
USP

Prof. Dr. Antonio Celso Alves Pereira
UNIFAA

À memória de meus pais, Manoel e Nicolina, e de minha irmã, Neuracy (Dedeu), que me ampararam nos primeiros passos...

Ao Professor Emílio Francischetti, que me desafiou a contar essa história, e ao Professor José Carlos Sebe que me guiou pelas fascinantes veredas da História Oral...

AGRADECIMENTOS

É tão difícil listar todas as pessoas que contribuíram para mais este meu aprendizado que, fatalmente, irei pecar por esquecimento. Por isto, começo por quem, acima de tudo, me proporcionou essa emoção que enriqueceu meus últimos cinco anos, o Professor Américo Piquet Carneiro, que "viajou" há quase 28 anos. Ao Professor Hesio Cordeiro, um de seus queridos "filhos", que "partiu" hoje, dia 8 de novembro, para ir ao seu encontro, e que foi também o primeiro a contar sua história oral de vida a este inseguro aprendiz. Ao Professor Emílio Francischetti, outro "filho querido" do Professor Piquet que, ao me desafiar, trouxe de imediato a solução, me apresentando ao Professor José Carlos Sebe Bom Meihy, ícone da História Oral, a quem agradeço do fundo do coração por abrir um novo horizonte de vida a este eterno aluno. À professora Vilma Santana, "filha acadêmica" do Professor Piquet, que próximo à linha de chegada, distante fisicamente, forneceu o estímulo e o "oxigênio" para que este trôpego aprendiz ultrapassasse a faixa. Aos familiares do Professor, na pessoa de seu genro, Dr. Álvaro Pessôa, de seus netos, Cláudio e Marcelo, e do afilhado, Joaquim Coutinho, que, em todos os encontros, me emocionaram com suas narrativas e incentivos. A todos os colaboradores desta pesquisa que confiaram neste mimético "historiador", narrando suas vidas, seus encontros e desencontros, seus encantos e desencantos, mas sobretudo o sentimento de pertencimento ao universo humano iluminado por Américo Piquet Carneiro. Ao inestimável contingente deste mesmo universo que gostaria de colaborar, mas a distância impediu, a falta de oportunidade, a pandemia, e até limitações dos procedimentos em história oral, como a "teoria dos rendimentos decrescentes" tantas vezes alertada pelo Professor Sebe. Preciso nomear algumas dessas pessoas, começando com as que conseguimos um primeiro encontro, mas o "corona vírus" atuou impedindo um segundo. Falo de Edna Ferreira da Cunha, Nalva Caldas e Therezinha Nóbrega. Marcos Moraes com quem cheguei a falar por telefone, já muito doente, mas sua voz energizou o aparelho quando ouviu o nome de Piquet Carneiro. Poucos meses depois, também foi ao seu encontro. Assim como Nilcéa Freire que, certamente, seria uma das colaboradoras deste trabalho.

Eu não teria levado adiante este projeto se a memória de três dos meus maiores professores não insistisse tanto nas cobranças que me fizeram em vida. A alegação de que plantara árvores e tinha duas maravilhosas filhas não parecia suficiente. Achavam que eu devia escrever algo relevante e insistiam que o doutorado seria o caminho. Estou falando de meus

mestres: Elter Dias Maciel, Virgílio Pinho da Cruz e Julio de Mello Filho, que partiram nesta última década, deixando o boleto de cobrança preso em minha memória.

Agradeço a toda UNIGRANRIO, na pessoa de seu Magnífico Reitor, Professor Arody Cordeiro Herdy, que, num certo dia de novembro do milênio passado, ofereceu “um copo da água de Caxias” a quem esperava ficar no máximo seis meses e lá permaneceu até hoje. Aos professores do PPGHCA por ensinarem a este aluno de cabelos brancos, e aos colegas do curso por me acolherem e compartilharem momentos agradáveis.

Ao meu orientador Professor Joaquim Humberto Coelho de Oliveira pelos encontros de grande aprendizado, e à toda banca, na pessoa de seu decano, Professor Antônio Celso Alves Pereira.

Aos meus colegas do Departamento de Medicina Integral, Familiar e Comunitária pelo incentivo e tolerância com este peregrino aprendiz.

Devo ainda uma menção de gratidão ao colaborador desta pesquisa, Professor Jorge José de Carvalho, extensiva a todo o Departamento de Histologia e Embriologia do IBRAG, pela pronta resposta e cessão da imagem de uma lâmina de tecido conjuntivo para ilustrar este trabalho.

Aos meus três netos: Rafael, Theo e Victor que estão crescendo sem este avô para brincar, mas me enchem de emoção em cada foto ou vídeo enviado por minhas filhas, Mariana e Carolina, a quem agradeço pela compreensão e incentivo, assim como aos meus genros, Daniel e Fernando.

Um agradecimento muito especial à minha esposa, Mônica Firmida, pelo permanente incentivo, ajuda (em especial com esses traiçoeiros computadores e impressoras), tolerância com a bagunça de papéis espalhados em todos os cômodos, capacidade de suportar com bom humor meus eventuais chiliques e, também, pela imposição da companhia do Nerd e da Lolita, os maravilhosos *pets* que me fizeram companhia em todos os horários inclusive madrugada a dentro.

Um agradecimento especial a dois colaboradores recentes, apresentados pelo Professor Sebe, Marcel e Inácio, verdadeiros artistas a esculpir em uma pedra bruta uma imagem acadêmica.

Enfim, um agradecimento à vida, que em mais de sete décadas, não me deu motivos para queixas.

RESUMO

BARBOSA NETO, F. **Américo Piquet Carneiro**: educador e médico. 2020. 217 f. Tese (Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy, Rio de Janeiro, 2020.

A pesquisa aqui apresentada teve por objeto o estudo da vida de Américo Piquet Carneiro, educador e médico, que se fez presente em todas as décadas do século XX. Nasceu no Ceará, vindo para o Rio de Janeiro com 5 anos de idade. Filho de um engenheiro carioca, especialista em estradas de ferro e em planejamento e construção de açudes, e de uma cearense que viveu mais de cem anos. Américo teve dez irmãos. O foco desta pesquisa foi seu período como professor da Faculdade de Ciências Médicas, da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro: catedrático, de 1959 a 1969, titular, de 1969 a 1979, e professor emérito, que se estendeu de sua aposentadoria compulsória, em 1979, até sua morte, em 24 de dezembro de 1992. A adoção dos procedimentos operacionais da história oral, em particular o gênero história oral de vida, possibilitou a realização de entrevistas com alguns de seus alunos de várias gerações e com familiares de grande proximidade. Configuramos duas redes, acadêmica e familiar, representativas dos que conviveram com ele na colônia da Educação Médica, de uma comunidade de destino, a Faculdade de Ciências Médicas. Analisamos as narrativas constituídas a partir das entrevistas, os seus próprios escritos, os textos escritos por alunos, entrevistados e não entrevistados, assim como os documentos institucionais e as reportagens jornalísticas, as quais foram acessadas através da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, principalmente. Nas décadas que antecederam a seu ingresso na FCM, nossa pesquisa foi essencialmente documental, notícias e reportagens publicadas nos vários diários e semanários, assim como textos em que foi mencionado e o conteúdo de suas quatro teses. O elemento conectivo de todo esse processo foi o diálogo, atributo que Américo Piquet Carneiro exerceu e exercitou por toda sua vida, composta também pela sabedoria da escuta e do silêncio. Procuramos tecer conexões entre as fontes documentais, fosse entre cada tipo em si, fosse entre os vários tipos (entrevistas, documentos escritos e escritos de Piquet Carneiro). Somando-se a outras fontes de pesquisa, pudemos compreender parte de sua vida. O mergulho nessas teias dialógicas permitiu-nos vislumbrar um educador singular na formação e valorização da pessoa humana, um líder inovador no respeito e na construção do bem comum, e um médico dotado de uma visão edificante do papel social da medicina. Mais do que isso, uma figura humana com

tanta capacidade de entregar-se a uma grande causa, com dom de si, bondade, fé, senso de justiça, perseverança e cuidado com o outro. Sua trajetória de vida é tão diversificada e abrangente na prática médica, na educação médica, no ensino de antropologia e etnografia, no estudo da filosofia cristã, na ação social, e na militância, discreta mas consistente, em órgãos de classe e entidades (sindicato dos médicos, conselho regional de medicina, associação de docentes, associação de alunos maristas, juventude universitária católica, comunidade beneditina, associação brasileira de educação médica etc.). É desafiador buscar o aprofundamento de todos esses ângulos de ação social, por isso focalizamos seu papel na educação médica e, mesmo assim, sem a pretensão de esgotar o assunto. Sua cultivada humildade ante à grandeza de seus atos, nunca falando de si e de seus feitos, deveria instigar outros estudos abrangentes ou de maior profundidade.

Palavras-chave: História oral. Educação médica. Medicina social. Liderança. Narrativas.

ABSTRACT

BARBOSA NETO, F. **Americo Piquet Carneiro**: educator and medical doctor. 2020. 217 f. Thesis (PhD in Humanities, Cultures and Arts) – Dean of Graduate Studies and Research, University of Grande Rio Professor José de Souza Herdy, Duque de Caxias, 2020.

The research presented here had its main objective the study of the life of Prof. Americo Piquet Carneiro, an educator and medical doctor, present in all decades of the 20th century. He was born in Ceara but, when he was 5 years old, his family moved and brought him to Rio, where he spent the rest of his life. His father was a carioca engineer whose work involved planning and building railroads and dams. His mother was a native of Ceara and lived to be over a 100ys old. He had ten siblings. The aim of this research is to focus on the period in which Americo Piquet Carneiro worked in the Faculty of Medical Sciences (FCM) of the University of Rio de Janeiro, Brazil. From 1959 to 1969 he was a professor in the Department of Internal Medicine; in 1970 he became full professor and head of the Department, until his compulsory retirement in 1979, which was extended, and he became professor emeritus, until his death in December 24, 1992. Adopting the operational proceedings of oral history, particularly the genre oral history of life, it was possible to conduct interviews with some of his students at different periods, as well as with some close members of his family. We could then configure two branches – academic and family-related – both representing the times they communicated with him in the colony of Medical Education, his final destiny, the Faculty of Medical Science. We analyzed the reports (narratives) obtained through the interviews, and through his own writings, his own texts, as well as those written by students (some interviewed and some not), in addition to institution documents or other published articles, mostly accessible through the National Library Hemeroteca. In the decades preceding his joining the FCM, our research was mostly based on news or published reports mentioning his four theses. The essential element that connected all this process has been the dialogue – an attribute that Prof. Piquet used and exercised all of his life, strengthened by the wisdom of staying silent, when necessary – and listen. His cultivated humble attitude, never praising himself for all his good actions and deeds, should inspire other studies requiring a greater depth. The path of his life was quite diverse, reaching various important areas of knowledge: a) the practice of medicine and medical education; b) the teaching of anthropology, etnography, and christian philosophy; c) and the awareness of militancy (discreet but consistent) in many organs of classes and entities, some

related to medical organizations, others to religious groups, such as the catholic youth university and the benedictine community, were within his interest. It is a challenge to get to the bottom of all these areas of social interaction; therefore, we only stress here - even though not entirely - its influence in medical education. His cultivated humble attitude in face of the grandiosity of his actions, never praising himself for all the goodness of his deeds, should inspire other studies of greater depth. Diving deeply into all those ideologic resources allowed us to get a glimpse of the inner formation and valorization of this singular human being. A sight of an innovative leader who had respect for all the common good and that of a doctor with a constructive vision of the importance of social medicine. Beyond that, a human figure with the capacity to dedicate himself a great deal to the good of others, with perseverance, inherent goodness, faith and sense of justice.

Keywords: Oral history. Medical education. Social medicine. Leadership. Narratives.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – REDE FAMILIAR 37
TABELA 2 – REDE ACADÊMICA 38

LISTA DE SIGLAS

ABE	Associação Brasileira de Educação
ABEM	Associação Brasileira de Educação Médica (1975 em diante)
ABEM	Associação Brasileira de Escolas Médicas (1962-1975)
ABL	Academia Brasileira de Letras
AEMEG	Associação dos Estudantes de Medicina do Estado da Guanabara
AIS	Ações Integradas da Saúde
AMI	Ambulatório de Medicina Integral
ANM	Academia Nacional de Medicina
AUC	Ação Universitária Católica
BIREME	Biblioteca Regional de Medicina
BNHS	Banco Nacional de Habitação e Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CASAF	Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming
CBio	Centro Biomédico
CBR	Colégio Brasileiro de Radiologia
CDV	Centro Dom Vital
CFE	Conselho Federal de Educação
COBEM	Congresso Brasileiro de Educação Médica
COPEG	Companhia Progresso do Estado da Guanabara
CPC	Centro Popular de Cultura
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
CTA	Conselho Técnico-Administrativo
CTI	Centro de Terapia Intensiva
DCE	Diretório Central dos Estudantes
DL 477/69	Decreto Lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969
DMIF	Departamento de Medicina Integral, Familiar e Comunitária
DNE	Diretório Nacional dos Estudantes
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas
DSTMG	Departamento de Serviços Técnicos e Médicos Gerais
EE.UU	Estados Unidos da América (sigla antiga)
EMC	Escola de Medicina e Cirurgia

ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública
EPM	Escola Paulista de Medicina
FCM	Faculdade de Ciências Médicas
FEM	Fábrica de Estruturas Metálicas
FEPAFEM	Federação Pan-americana de Associações de Faculdades e Escolas de Medicina
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos
FIOCRUZ	Fundação do Instituto Oswaldo Cruz
FMUSP	Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo
FNM	Faculdade Nacional de Medicina
GT	Grupo de Trabalho
HCFCM	Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas
HCPE	Hospital de Clínicas Pedro Ernesto
HGPE	Hospital Geral Pedro Ernesto
HUPE	Hospital Universitário Pedro Ernesto
IAPETC	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas
IAPETEC	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Estivadores e Transportes de Cargas
IAPI	Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários
IBRAG	Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes
ICES	Instituto Católico de Estudos Superiores
IGG	Instituto de Geriatria e Gerontologia
IHB	Instituto Hahnemanniano do Brasil
IMS	Instituto de Medicina Social
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
INPS	Instituto Nacional da Previdência Social
IPASE	Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado
JUC	Juventude Universitária Católica
LBA	Liga Brasileira de Assistência
LEC	Liga Eleitoral Católica
MEC	Ministério da Educação e Cultura
MPAS	Ministério da Previdência e Assistência Social
MS	Ministério da Saúde

NAI	Núcleo de Atenção ao Idoso
NERJ	Núcleo do Estado do Rio de Janeiro (do Ministério da Saúde)
NESA	Núcleo de Estudos em Saúde do Adolescente
OMS	Organização Mundial de Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PAM	Posto de Assistência Médica
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
PPC	Policlínica Piquet Carneiro
PPGHCA	Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes
PSD	Partido Social Democrata
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
SAMES	Serviço de Assistência Médica ao Servidor
SESP	(Fundação) Serviços de Saúde Pública
SNS	Sistema Nacional de Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
TPB	Treinamento Profissional Bolsista
UB	Universidade do Brasil
UDF	Universidade do Distrito Federal
UDN	União Democrática Nacional
UEG	Universidade do Estado da Guanabara
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UME	União Metropolitana de Estudantes
UNATI	Universidade Aberta da Terceira Idade
UnB	Universidade de Brasília
UNE	União Nacional dos Estudantes
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

UNIGRANRIO	Universidade do Grande Rio Professor José de Souza Herdy
UNILAB	Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
URJ	Universidade do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **16**

APRESENTAÇÃO DA TESE 17
PERCURSO DA PESQUISA 20

CAPÍTULO I: HISTÓRIA DO PROJETO **24**

1.1 HISTÓRIA ORAL E HISTÓRIA ORAL DE VIDA 25
1.2 MINHAS VIVÊNCIAS EM HISTÓRIA ORAL E SELEÇÃO DE PROCEDIMENTOS 28

CAPÍTULO II: FINITUDE COMO COMEÇO **40**

2.1 AS MORTES EM AMÉRICO PIQUET CARNEIRO 41
2.2 A ELOQUÊNCIA DO SILÊNCIO 54

CAPÍTULO III: ATALHOS, ESCOLHAS, MISSÃO **55**

3.1 MEDICINA COMO CAMINHO 56
3.2 PRÁTICA SOCIAL E A EDUCAÇÃO COMO DESAFIO 57
3.3 RELIGIÃO, SILÊNCIO E PRÁTICA REFLEXIVA 68
3.4 SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL: DIMENSÃO HISTÓRICA 71

CAPÍTULO IV: CAMINHOS E DIREÇÕES: A LÓGICA DAS ESCOLHAS **74**

4.1 A INFÂNCIA DO DESLOCAMENTO 75
4.2 A MEDICINA COMO CHÃO: PASSOS INICIAIS 77
4.3 O ESPÍRITO DA MEDICINA 80
4.4 ESCOLHAS E MODELOS: JACQUES MARITAIN 82
4.5 O BRILHO DOS "ANOS DOURADOS" 89

CAPÍTULO V: AMBIENTE E LUGAR SOCIAL **95**

5.1 TRÊS CONCURSOS E UM DESTINO 96
5.2 SENTIDO INSTITUCIONAL: DISTINGUIR PARA UNIR 106
5.3 A PESSOA HUMANA: O IDEAL HISTÓRICO DO BEM COMUM 127

CAPÍTULO VI: UMA PEDAGOGIA PELO EXEMPLO **173**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **197**

FONTES E BIBLIOGRAFIA **201**

FONTES 202
BIBLIOGRAFIA 208

INTRODUÇÃO

> "Onde quer que exista uma obra, o historiador não pode deixar de considerá-la a metade inseparável da vida de seu criador, perfazendo com esta uma vivente unidade."
>
> *(Hermann Hesse)*

Apresentação da tese

Este trabalho nasceu de muitos encontros. Um desses encontros, determinante para sua gestação, foi o encontro com a história oral, mais precisamente, a história oral de vida. Quando iniciei essa caminhada, a pessoa objeto deste estudo já havia desaparecido fazia quase um quarto de século e ressurgia sempre em minha mente quando determinados temas entravam em uma conversa ou em uma reunião. Muitos desses temas foram se ligando a minha própria trajetória de vida nos últimos 50 anos: hospital de ensino, educação médica, prática ambulatorial, relação médico-paciente, medicina de família, internato e residência médica, envelhecimento, gerontologia e geriatria, entre muitos outros. Termos como bondade, fé, dom de si, pessoa humana, humanismo, ideal, sonhador, visionário, reservado, misterioso, dependendo do contexto, traziam sua imagem de volta para minha mente.

Outras oportunidades que reforçaram em mim essa curiosidade foi o encontro com muitos de seus seguidores – epígonos –, assim como a leitura de textos em que seu nome emergia como alguém que fizera muita diferença na educação médica e na medicina. Isso contrastava com os poucos registros por ele deixados, quando se comparava com suas iniciativas fundadoras.

Américo Piquet Carneiro (1909-1992), cuja vida busquei estudar nesta pesquisa, era o então Diretor da Faculdade de Ciências Médicas em 1968, quando me matriculei no curso de medicina. Enfrentara um concorrido exame vestibular, cerca de 4.600 candidatos para 120 vagas. Lembro-me de ter ouvido seu nome, mas não me recordo de algum contato com ele, nessa ocasião.

Foi um ano muito difícil na Faculdade de Ciências Médicas, no Brasil e no mundo. Foi um ano de doloroso aprendizado, que, também por isso, se tornou condicionante desta pesquisa. Desde que tomei a decisão em me instrumentalizar para desenvolver este trabalho, sempre me perguntei se seria a pessoa indicada para levá-lo a cabo. Por que não deixar este tipo de estudo a cargo de historiadores ou biógrafos? Por que um médico em final de jornada resolveu se aventurar em um terreno tão pantanoso e movediço? Se eu fosse místico ou tivesse um pouco

da fé e convicção de transcendência que ele demonstrou ter em vida, poderia dizer que foi uma maneira que ele encontrou de continuar me ensinando.

Já se disse que toda viagem começa muito antes da partida. Penso que essa não foi diferente. O caminho mais adequado para alcançar a meta, os desvios sedutores, as inseguranças do viajante, assim como as incertezas dos horizontes, além do inesperado que ronda as viagens, são alguns dos elementos que fizeram parte dessa jornada. Qualquer curso com começo, meio e fim é uma viagem. O mentor, o tutor e o orientador são nossas "bússolas", que evitam que percamos o rumo. Em um doutorado, é muito fácil se perder no caminho, especialmente quando ficamos deslumbrados com o universo de possibilidades. É como se embrenhar em uma densa floresta de árvores altas e frondosas, a nos seduzir para galgar seus galhos. Assim são os livros, frutos de restos mortais de árvores com a mente humana.

Quando se pensa em reconstituir uma história oral de vida de uma pessoa que morreu com idade avançada há mais de duas décadas, um grande obstáculo se interpõe de imediato: a impossibilidade de encontrar alguém que tenha convivido com ele na juventude e, mais impossível ainda, na infância. Deveria desistir da história oral de vida? Não! Principalmente, quando meu maior objetivo sempre foi desvendar mais sua ação como educador e, especialmente, na Faculdade de Ciências Médicas, da UERJ, em seus últimos 33 anos de vida. No entanto, como verificar o percurso desse educador até chegar a esse destino? Dialogando com suas quatro teses, com os registros em documentos e fontes, em diários e periódicos. Felizmente, pudemos contar com, pelo menos, três condições altamente favoráveis: o nome, quase sem possibilidades de homônimo de Américo Piquet Carneiro; o recurso da Hemeroteca da Biblioteca Nacional; e, por último, sua militância religiosa, que deixou registros na imprensa leiga e na imprensa católica, especialmente na revista *A Ordem* e no semanário *A Cruz*.

O intenso diálogo entre fonte oral e documental permitiu encontrar sentido em muitos de seus silenciosos movimentos e avaliar seu protagonismo em muitas situações nebulosas à primeira vista.

O grande cenário de sua vida foi o Rio de Janeiro, mas não nasceu nessa região. Natural do interior do Ceará, deslocou-se para o Rio de Janeiro ainda criança. A maior parte de sua vida residiu na Tijuca, Bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Seu consultório médico mais conhecido era na Avenida Princesa Isabel, Bairro de Copacabana, Zona Sul do Rio de Janeiro, onde atendia consagradas famílias da elite carioca. Também era local em que ampliava sua sala de aula, ao levar alunos e professores para reuniões acadêmicas e, também, reuniões políticas de pensar o país.

Mesmo quando suas filhas, genro e netos mudaram para a Zona Sul, ele resistiu de maneira intransigente a abandonar a Tijuca. Nas conversas com seus netos, fiquei sabendo que ele era torcedor do América Football Club e da Escola de Samba Império da Tijuca. Gostava de ver filmes de Carlitos (Charles Chaplin), de o Gordo e o Magro e programas humorísticos na televisão, quando liberava sonoras gargalhadas. Impensável para nós que o víamos sempre com ar sério, ou mesmo grave, sempre vestido de terno e gravata ou "guarda-pó" e gravata.

As surpresas não pararam por aqui e vieram a se multiplicar com os frutos da pesquisa resultante das entrevistas com familiares, alunos e colegas, inclusive com aqueles que assumiram funções de condução e coordenação de seus legados. A hemeroteca não foi menos surpreendente com os registros de sua ação social e participação em atividades científicas, sindicais, políticas, culturais e religiosas. Assim como sua militância religiosa serena, discreta e total ausência de proselitismo, apesar da intensa devoção descrita por terceiros.

Sua concepção inovadora de educação médica, no sentido de uma "medicina social", de uma visão integral da formação médica, em uma época em que a fragmentação em múltiplas especialidades ganhava força, parecia uma luta inglória destinada ao fracasso. Com esse movimento contra-hegemônico em um período autoritário, ao ser aberto e receptivo às iniciativas de estudantes e professores inovadores, foi possível desencadear transformações em uma frágil instituição e consolidar um projeto que superou as mais otimistas expectativas. Como isso se tornou possível? Um dos objetivos desta pesquisa foi encontrar explicações para tal.

A educação médica atualmente encontra-se em uma encruzilhada, não igual, mas semelhante à que se encontrava em meados e fins dos anos de 1960. Como naquela época, a solução encontrada pelas autoridades governamentais foi ampliar vagas nas escolas existentes e aumentar o número de escolas médicas. Como naquela época, as fileiras dos que clamam por "um novo Flexner" estão engrossando entre os educadores médicos mais comprometidos com uma boa formação.[1] Em 1971, o próprio regime militar brasileiro, que expandira indiscriminadamente o número de vagas e de escolas, num arremedo de um "Flexner", criou uma "Comissão de Especialistas de Ensino Médico" que funcionou como "uma nova tranca" depois da casa arrombada. É possível que alguma coisa semelhante ocorra nos próximos anos.

Naquela época, Américo Piquet Carneiro, segundo seu genro, Álvaro Pessôa, colaborador desta tese, mostrou-se indignado com o que considerou atitude irresponsável das

[1] Abraham Flexner foi um pedagogo estadunidense que coordenou um estudo que avaliou 155 escolas médicas nos Estados Unidos e no Canadá, entre 1908 e 1910, e que, ao final da análise, tornou público um relatório que ficou famoso mundialmente ao propor uma radical mudança na estrutura da formação médica e consequente desativação de mais de uma centena dessas escolas, por falta de condições mínimas de se adequar ao proposto.

autoridades da área. Nesta pesquisa, encontramos indícios de que o problema é muito mais antigo. Talvez, "genético" na política educacional brasileira!... A falta de planejamento, a insensibilidade para com o sofrimento do povo demonstrada na omissão histórica, o tratamento elitista da educação médica por parte dos governantes, e em tácita aliança com entidades da própria corporação médica, parecem ser um fenômeno estrutural das políticas do setor. Os "surtos epidêmicos" de expansão de vagas e de cursos de medicina não ocorreram somente nessas duas conjunturas.

Outro aspecto que contrapunha a visão do Professor Américo Piquet Carneiro à de grande parte de educadores médicos, mesmo àqueles com as melhores intenções, eram suas excessivas preocupações com os meios, com os métodos, em detrimento dos fins, isto é, da formação da pessoa. Ou, nas palavras de Jacques Maritain (1968, p. 27), "a ignorância dos fins". O que resultava em um médico distanciado de uma maior preocupação com a pessoa do doente, de seu contexto familiar, enfim, de uma medicina socialmente responsável. Ao longo dos capítulos desta tese, acompanharemos seu percurso na construção de uma Medicina Social e Integral.

Como em todo empreendimento onde a dimensão e a distância do objeto são muito maiores que nossas frágeis forças conseguem abarcar e alcançar, nossas rabiscadas cartografias estão disponibilizadas para serem revistas, aperfeiçoadas, pavimentadas ou contestadas e refutadas.

Percurso da pesquisa

Quando iniciei esta pesquisa, além de minhas notórias limitações em história, especialmente em história oral, tive que superar outros obstáculos. Minhas limitações foram sendo, aos poucos, minimizadas com estudos dirigidos pelo Professor José Carlos Sebe Bom Meihy, que me apresentava a leituras cada vez mais fascinantes, algumas das quais eu interpretava como afastada do objeto, mas depois compreendia sua importância capital. Um grande dilema no início foi definir entre as múltiplas "redes" que se apresentavam, quais atenderiam melhor ao ponto central da pesquisa, que seria a educação médica. Por fim, a opção restringiu-se a duas redes, por acompanharem mais de perto sua militância na educação médica: a rede acadêmica e a rede familiar. Não foi difícil encontrar o "ponto zero" em cada rede.

Na rede acadêmica, um nome emergiu como o mais credenciado para ser o "ponto zero": o Professor Emílio Antonio Francischetti, seu mais antigo aluno, em atividade, e seguidor, que acompanhou seus passos até se tornar professor titular, por concurso, em uma das cadeiras de

clínica médica da FCM. Na rede familiar, seu genro, Álvaro Almério Pessôa dos Santos, de um conceituado escritório de advocacia, mostrou-se tão próximo à história de vida de seu sogro, com habilidade e capacidade de indicar os demais membros da família que poderiam fazer parte desta rede, inclusive as dificuldades pessoais das filhas em serem entrevistadas, facilitando nosso percurso.

Alguns caminhos alternativos tiveram que ser abandonados, ou por não levarem ao objetivo, ou em função da própria pesquisa apontar para novos caminhos.

O capítulo I apresenta o aprendizado em história oral, seus conceitos essenciais, os gêneros em que ela se exprime para abrir o leque de possibilidades de sua aplicação. Mostra a escolha pela história oral de vida e justifica a necessidade do diálogo com documentos escritos, conformando a pesquisa como em "história oral híbrida" pela impossibilidade de entrevistas com contemporâneos das décadas de 1910, 1920, 1930, 1940 e parte dos anos de 1950. Explica que em história oral o conceito de "metodologia da pesquisa" é substituído por "procedimentos operacionais".

O Capítulo II, ao demonstrar o impacto de sua morte nas pessoas que conviviam e usufruíam de sua sabedoria, faz uma inversão de expectativas presentes em leituras biográficas e começa sugerindo que a ideia e a compreensão da finitude da vida apontam novos caminhos. Para compreender sua própria morte, as mortes que afetam as pessoas, a morte na história da medicina, o silêncio em torno da morte e a morte como silêncio.

O Capítulo III tem início contextualizando as bases anátomo-clínica da medicina que prevaleceu durante todo o século XX. Procura mostrar a histórica aliança da medicina com o cristianismo, mais intensa até o Renascimento. Desenvolve uma rápida análise da implantação dos cursos de medicina no Brasil até a criação da Faculdade de Ciências Médicas, em 1935. Descreve os contextos sociopolíticos em que foram criados tais cursos, inclusive os fundamentos filosóficos que sustentaram algumas dessas escolas. Ao mesmo tempo, busca periodizar os cursos criados em função das primeiras décadas de vida de Américo Piquet Carneiro até a conclusão de seu curso de medicina. Paralelamente, descreve sua militância religiosa católica, correlaciona com sua ação social e desenvolve uma rápida análise do contexto sanitário em que nasceu, cresceu e fez sua escolha pela medicina.

O Capítulo IV narra um pouco da história de seu pai, como engenheiro de estradas de ferro e açudes, que se deslocou do Rio Grande do Sul para o Ceará, onde, então viúvo, constituiu uma nova família, casando-se com uma cearense, mãe de Américo Piquet Carneiro. Levantou a possibilidade de a escolha desse filho de engenheiro pela medicina estar vinculada a suas origens nordestinas, à pandemia da "gripe espanhola" e a uma religiosidade crescente.

Acompanhou os passos de seus grandes mestres da Faculdade Nacional de Medicina e iniciou, logo depois de formado, sua preparação para o ensino médico, ao lado de seus professores. Abordou seu casamento, o nascimento dos primeiros filhos e o concurso de docência livre. Tratou da maturidade acadêmica nos “anos dourados”, dos três concursos para cátedra e de seu início na FCM, com duração de 33 anos.

O Capítulo V descreve sua atuação como professor catedrático de Clínica Médica, diretor da FCM, primeiro diretor do Centro Biomédico e idealizador do “Clube do Tecido Conjuntivo na FCM”, além da implantação dos primeiros cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Centro Biomédico. Relata os desafios político-institucionais que enfrentou, bem como o projeto pedagógico de uma Medicina Social que buscou desenvolver e implantar. Do mesmo modo, expõe suas iniciativas na criação ou incorporação de outros cursos da área da saúde, encerrando com sua aposentadoria compulsória ao atingir 70 anos de idade.

O Capítulo VI, e último, abrange o período de treze anos em que permaneceu na Faculdade de Ciências Médicas, após sua compulsória aposentadoria, como “Professor Emérito”. Nesse capítulo, descrevo encontros com ele e minha participação direta e indireta em três dos quatro projetos de grande alcance que ele procurou implantar e implementar.

Eu tive o privilégio, e ainda tenho, de atuar em alguns de seus grandes legados institucionais: Faculdade de Ciências Médicas, onde atualmente faço parte do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de medicina; Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), onde ocupei o cargo de diretor geral de 1996 a 1999; Ambulatório de Medicina Integral, atual Departamento de Medicina Integral, Familiar e Comunitária (DMIF) da FCM, do qual faço parte desde 1978, como docente, também com sua indicação; Policlínica Piquet Carneiro, onde atuo como preceptor do Internato, função interrompida pela pandemia do SARS-COV2, desde março, em razão de minha idade, mas continuada pelos docentes jovens do Departamento; Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI), em que participei, indiretamente, da implantação como chefe do Departamento de Serviços Técnicos e Médicos Gerais do HUPE (1989-1990) e, diretamente, como médico, nos poucos meses que antecederam sua morte, em dezembro de 1992. Por solicitação da equipe multiprofissional estruturada por ele, ocupei a coordenação do NAI, de 1993 até dezembro de 1995, afastando-me para assumir a direção do Hospital. Por fim, após seu desaparecimento, com a implantação da estrutura da UNATI, idealizada por ele, assumi a coordenação de seu núcleo de Extensão, em 1993, acumulando com a coordenação do NAI, até ir para a direção do HUPE.

Por essas oportunidades que Américo Piquet Carneiro me concedeu em vida e continuou me proporcionando após sua morte, senti-me no dever e no direito de desenvolver esta pesquisa,

com as inestimáveis contribuições de Emílio Antonio Francischetti, Álvaro Pessôa, José Carlos Sebe Bom Meihy e Joaquim Humberto Coelho de Oliveira, além dos demais colaboradores que participaram direta e indiretamente desta pesquisa.

CAPÍTULO I:

HISTÓRIA DO PROJETO

> "Toda aventura em história oral carrega em si uma trajetória que merece ser contada."
> *(José Carlos Sebe Bom Meihy; Leandro Seawright)*

1.1 História oral e história oral de vida

Meu encontro com a "história oral" antecedeu em mais de um ano à decisão de elaborar o projeto. Nesse período, iniciei, com interesse crescente, leituras de produtos em história oral, curioso como uma criança. Três grandes momentos marcaram esse encontro em seu primeiro ano. O primeiro deles – o mais marcante – foi o encontro com a pessoa que me falou de história oral pela primeira vez. Um amigo comum agendara o contato, afirmando que o Professor Sebe (José Carlos Sebe Bom Meihy) poderia me ajudar. Ao mencionar o nome de Américo Piquet Carneiro, ele exclamou: "Há mais de 40 anos que ouço falar dessa pessoa!".[2] Resumi minha história de aluno do Professor Piquet, alguns de seus feitos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e rastros deixados por ele em vários locais por onde eu passara. Algumas marcas, então, muito recentes para uma pessoa que morrera havia mais de um quarto de século.

O segundo momento, consequência do primeiro, foi o redirecionamento de minhas leituras, proposto por Meihy. Um livro de sua autoria, que ele me entregou, cujo subtítulo "História oral de vida acadêmica" chamou minha atenção mais que o título naquele momento: "A colônia brasilianista" (MEIHY, 1990). Um produto de 32 entrevistas com pesquisadores, de diferentes origens, em geral vinculados a universidades americanas, que desenvolveram trabalhos no Brasil, em momentos diversos e com duração variada. A outra leitura, constituída por uma coletânea de textos, em que cada um deles se iniciava com o nome de uma pessoa, fazia parte de um projeto já em fase de finalização. Algo que tinha a ver com a comemoração dos 75 anos da Escola Paulista de Medicina, o que motivou a realização de 75 entrevistas com personalidades importantes de sua história. Daí o sugestivo título do livro publicado mais tarde por Dante Gallian (2008): "75x75: EPM/Unifesp, uma história, 75 vidas".[3]

O terceiro momento, causado pelo encantamento provocado em mim pelos anteriores, foi a passagem para o estudo metódico dos procedimentos em história oral. De seus lugares, gêneros, técnicas, a importância de se elaborar o projeto, seu alcance e limitações, e suas principais diferenças de outros métodos de pesquisa histórica. Uma ocasião oportuna não só de

---

[2] O Professor Emílio Antonio Fracischetti, amigo do Professor José Carlos Sebe Bom Meihy, desde longa data, é o amigo comum que agendou o encontro.

[3] Dante Marcello Claramonte Gallian, atualmente professor e pesquisador da Escola Paulista de Medicina, da UNIFESP, foi orientando do Professor José Carlos Sebe Bom Meihy.

estudo e reflexão como também de passagem à prática, acompanhando algumas entrevistas, em um exercício muito parecido com o que fizera 45 anos antes, com os pacientes de minhas primeiras anamneses nas enfermarias do Professor Piquet no Hospital Pedro Ernesto.[4]

À medida que procurava avançar no conhecimento das bases e fundamentos da história oral, entendida "como uma solução moderna disposta a influir no comportamento da cultura e na compreensão de comportamentos e sensibilidade humana" (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 9), mais reforçava em mim a convicção de que seus procedimentos de pesquisa seriam adequados para atender ao desafio de buscar compreender uma trajetória de vida tão rica, múltipla e complexa.

Decorrido muito tempo da morte da personalidade objeto desta pesquisa, e mais de quarenta anos de sua aposentadoria por idade limite na UERJ, seu nome ainda é lembrado sempre que se fala de momentos marcantes na história da Faculdade de Ciências Médicas, do Hospital Universitário Pedro Ernesto, do Instituto de Medicina Social, do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, da Policlínica Piquet Carneiro e, por extensão, de toda a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Dentre os gêneros narrativos em história oral – história oral de vida, história oral testemunhal, história oral temática e tradição oral –, a história oral de vida (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 81-98) mostrou-se como a mais adequada para atender ao propósito desta pesquisa, porque Américo Piquet Carneiro deixou muitos admiradores e seguidores, e pouca coisa escrita sobre suas ideias, excetuando suas teses acadêmicas. Curtos registros de suas iniciativas encontram-se espalhados, às vezes em lacônicos fragmentos, tanto nas páginas de unidades acadêmicas que fazem parte da UERJ, como em textos acadêmicos, ou mesmo registros de memórias e, não de todo raro, em notas de agradecimento em teses. Quando se perguntou a pessoas que tiveram algum grau de convívio acadêmico com ele: onde ele nasceu, em que bairro morava, onde ou quando se formou médico, que religião professava, quando iniciou sua docência na Faculdade de Ciências Médicas ou, até mesmo, quantos anos permanecera diretor da faculdade, foi raro encontrar alguém que respondesse corretamente mais de uma dessas questões.

Foi essencial para a maturação dessa ideia a distinção entre história oral de vida, história oral testemunhal e história oral temática. A história oral testemunhal visa mais aos efeitos de

[4] Refiro-me ao atual Hospital Universitário Pedro Ernesto que, desde sua pedra fundamental, em 1934, mudou de nome várias vezes. Utilizo o "genérico" Hospital Pedro Ernesto por ter sido mais constante, embora já tenha sido denominado Instituto Médico-Cirúrgico, durante o Estado Novo, e Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas, denominação de curta duração.

acontecimentos marcantes – em geral, traumáticos – sobre pessoas e grupos. O silêncio em torno desses acontecimentos perdura até que os testemunhos lancem luz. Já a história oral temática propõe-se a um diálogo mais intenso com registros escritos, abdicando em muito as expressões de subjetividades, abundantes na história oral de vida. Para quem deseja se aproximar de uma pessoa mais pelo que ela é como pessoa do que representa como vítima ou agente social, a história oral de vida é a estrada real para buscar alcançar esse objetivo. Américo Piquet Carneiro, de todos os meus professores durante a graduação, foi o que mais demonstrou interesse pela pessoa: do aluno, do doente, do colega docente, do funcionário. Conversas com colegas, muitos de outros serviços e disciplinas, reforçaram essa percepção ao longo dos anos.

Por outro lado, quando manifestei o desejo de pesquisar a história de vida dele, especialmente no que tange à educação médica, foi unânime a concordância que essa seria uma boa ideia. As leituras, com frequência, provocavam em mim mais dúvidas que esclarecimentos, por onde devia começar. Os encontros com o Meihy foram essenciais para as escolhas que tive que fazer, mesmo sabendo que "escrever a vida é um horizonte inacessível, que no entanto sempre estimula o desejo de narrar e compreender" (DOSSE, 2015, p. 11).

Os procedimentos operacionais em história oral distanciam-se, sem perder o foco analítico, das metodologias mais tradicionais de pesquisa, pois abrem ampla perspectiva de se compreender os aspectos mais estritamente subjetivos envolvidos na trama de inter-relações daqueles que conviveram com o Professor Américo Piquet Carneiro. As redes que podem ser formadas visando pesquisar sua história oral de vida podem ser mais ou menos numerosa em função da dimensão da pesquisa e dos ângulos de sua vida que se deseja iluminar. Mas o que são "redes" em história oral?

Redes são conjuntos de colaboradores com certa afinidade, cuja origem é sempre o *ponto zero*, que é a entrevista que proporciona a formação de uma rede de entrevistados a partir de sua indicação. "A rede deve ser sempre plural – idealmente várias –, porque nas diferenças internas aos diversos grupos residem as disputas ou olhares diferentes que justificam comportamentos variados dentre de um mesmo plano" (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 54). Detalharemos esses aspectos mais adiante, na próxima seção.

Ao estabelecermos a "história oral de vida" como estratégia operacional para atingir os objetivos da pesquisa da história oral de vida de Américo Piquet Carneiro, tornou-se imprescindível o desenho cuidadoso do projeto, uma vez que

> O projeto é a essência dos trabalhos em história oral. Mais do que mandamentos seguros para encaminhar um estudo, o projeto em história oral junta a motivação do trabalho com os procedimentos a serem efetivados para a boa realização da pesquisa.

(MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 44).

Na elaboração do projeto, foi necessário considerar os quase trinta anos passados de sua morte – com a idade superior a 80 anos – e, como consequência, a impossibilidade de entrevistar coetâneos que conviveram com ele, que o influenciaram e foram por ele influenciados. Restou-nos analisar o diálogo das narrativas de colaboradores entrevistados – tanto na rede acadêmica, quanto na rede familiar – com outros tipos de fontes, tais como documentos institucionais e pessoais. Também com seus poucos textos escritos encontrados, com as teses defendidas em sua trajetória acadêmica e com alguns livros publicados por seus coetâneos de maior proximidade, como Dom Lourenço de Almeida Prado, Alceu de Amoroso Lima, Afonso Arinos de Mello Franco, entre outros. Tais condições conduziram-nos a desenvolver um projeto de pesquisa de "história oral híbrida", em que

> Além das análises das entrevistas, supõe-se o cruzamento documental; sendo assim, a história oral híbrida se refere a um trabalho de maior abrangência, com remessas inclusive ao debate historiográfico e aos usos de outros suportes indicativos de argumentos (estatísticas, fotos, cruzamentos documentais variados). (MEIHY; SEAWRIGHT, 2020, p. 158).

1.2 Minhas vivências em história oral e seleção de procedimentos

Com o projeto elaborado e devidamente aprovado na seleção para o Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA), da UNIGRANRIO, em fevereiro de 2017, nível de doutorado, o aprendizado acelerou com as leituras de entrevistas textualizadas, dissertações de mestrados e teses de doutorado, além de livros técnicos, artigos de revistas especializadas e livros variados (biografias, ensaios, romances etc.). Desde o início do curso, adquiri livros de autores preferidos do Professor Piquet, dos quais eu tomara conhecimento. Em especial, os do filósofo católico francês Jacques Maritain. Sabia que teria dificuldades na compreensão, por isso comecei logo essas leituras.

O desafio que veio em seguida foi a formulação de um *corpus documental*. Esse é constituído, fundamentalmente, pela "documentação viva" oriunda da "história viva", que caracteriza a história oral. Esses conceitos de "história viva" e "documentação viva" são fundamentais na demarcação do escopo da história oral, pois: "Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas *cocriadas* pelo historiador". (PORTELLI, 2016, p. 10, grifo nosso).

Diversos aspectos são necessários considerar no exercício desse ato de *cocriação*, começando pelo primeiro contato para analisar a viabilidade e combinar a entrevista.

Concordância estabelecida, tivemos, a seguir, todo o “cerimonial da entrevista”, com a magia do encontro de troca dialógica, que inicia com olhares de reciprocidade, de relação, de aceitação do outro como um legítimo outro. O ambiente confortável para o entrevistado/colaborador, desejável sempre que seja de sua livre escolha, de forma a sentir-se mais à vontade e confiante. Após os artefatos de gravação estrategicamente posicionados, damos início à difícil, porém estimulante e gratificante, “arte da escuta”. É essencial que, ao entrevistar, estejamos sempre preparados para o inesperado.

Cabe ressaltar que, em história oral, o que o pesquisador/entrevistador quer saber pode não necessariamente ser o que o entrevistado deseja narrar. O que pode ser tão ou mais relevante, e faz parte do inesperado que ronda o oralista. Por isso, em história oral, não se fala em “depoimento”, “testemunho” ou mesmo “entrevista colhida”, pois o entrevistado – a entrevista ocorre apenas no encontro – não é um “depoente” ou uma “testemunha”, e sim um colaborador da pesquisa, participante imprescindível, virtualmente um coautor. Devemos ter em mente que não faz parte desse processo a obsessão por exatidões históricas e muito menos testemunhos da verdade. Alcançar isso pode ser uma consequência dos procedimentos em história oral, nunca um pré-requisito.

Assim como Eric Kandel (2009) – Prêmio Nobel de Medicina ou Fisiologia de 2000 – vislumbrou que a memória é a resultante de um complexo diálogo entre os genes e as sinapses, podemos compreender, por analogia, a história oral como uma resultante do complexo diálogo entre a memória de expressão oral dos entrevistados e os estímulos do pesquisador. Do mesmo modo que o mecanismo dialógico entre os genes e as sinapses é constituído por uma gama variada de reações e fenômenos bioquímicos, o equivalente em história oral é o repertório de fenômenos e expressões narrativas que fluem desse encontro dialógico.

A narrativa, transformada em texto – transcrita, textualizada e transcriada – é produto do narrador, no caso, o entrevistado. Assim como a memória falha, é imprecisa, confunde, equivoca-se, o entrevistador/pesquisador pode cometer os erros de compreensão e de interpretação, o que torna essencial a conferência por parte do entrevistado/colaborador, implicando nas correções e ajustes que julgar necessários.

A conversa-entrevista com o colaborador da pesquisa deve ser pautada muito mais em estimular sua narrativa que fazer perguntas. Daí a diferença essencial para com entrevista jornalística ou as usuais entrevista estruturada, semiestruturada ou mesmo a não estruturada. O estímulo, ao invés da pergunta dirigida ou semidirigida, leva a um conjunto de questões que permite o alinhamento narrativo da memória, favorecendo a seleção de expressões dissertativas na transcrição e textualização da narrativa do colaborador.

Conceitos como memória, memória coletiva, história do tempo presente, narrativa, imaginação, subjetividade, rede, colônia, comunidade de destino, entre outros, fazem parte do arsenal analítico que também se presta à história oral.

De posse dessas estratégias, efetuadas as entrevistas, seguimos com a operação da passagem do oral para o escrito. Inicialmente, a transcrição é literal, registrando-se também pausas, risos, choros, entre outros atos de linguagem ou demonstrações emotivas mais comuns.

> É fundamental entender que a transcrição é outro momento de interação das subjetividades dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Mas ao contrário da questão da entrevista, sempre muito pensada nos trabalhos em história oral, a discussão sobre a transcrição acaba ficando de lado. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 107).

Em seguida, tendo sempre acessível o áudio e/ou o vídeo, para uma eventual conferência, inicia-se a textualização da entrevista transcrita. Nesse processo, incorporam-se as perguntas-estímulos e intervenções do entrevistador, cujo conteúdo relevante passa a fazer parte do registro da narrativa, *transcriada* no texto ora elaborado, que deve garantir toda a coerência e ordenamento, ou seja, a máxima fidelidade ao conteúdo narrativo. Esse é um momento que exige do pesquisador demasiado trabalho e reflexão, muita capacidade de abstração e de reviver as emoções que fluíram do encontro dialógico da entrevista.

Para obter uma textualização que possa levar ao leitor maior entendimento da leitura, dois conceitos oriundos de outras áreas de conhecimento e prática têm sido utilizados para uma melhor textualização: o de *transcriação* e o de *teatro de linguagem.* O primeiro é oriundo das reflexões de Haroldo de Campos, em seu empenho por uma tradução criativa, especialmente de poemas, que pudesse manter toda a riqueza que atingiu na língua de origem. O segundo, fruto das pesquisas de Rolland Barthes, significa a passagem da comunicação não verbal para o texto, tais como sentimentos e emoções manifestados durante o encontro dialógico. O pesquisador, ao captar esse clima nas emoções flutuantes, consegue com habilidade *transcriativa* desenvolver o documento textualizado. A adequação desses conceitos à prática de história oral é atribuída a José Carlos Sebe Bom Meihy (GATTAZ, 1996).

Concluída a textualização, chega o momento de garimpar no texto o “tom vital”. Esse é uma espécie de “pedra preciosa” encontrada pelo pesquisador, que conecta a narrativa do colaborador com o núcleo da pesquisa, além de condensar as subjetividades do narrador.

Essa extensa apresentação pode sugerir que os documentos escritos têm pouca importância e serão negligenciados, o que não é verdade, pois apenas queremos reafirmar o compromisso com a “documentação viva” e os desafios que ela nos impõe. Os documentos escritos, pessoais e institucionais, são analisados e dissecados, bem como verificadas suas

inserções e conexões. Como no estudo da medicina, aprenderemos com eles e serão as referências anatômicas de uma estrutura orgânica ou do próprio corpo, mas nosso foco está naquilo que está vivo: aquilo que pulsa, pontua e pensa!...

Podemos, assim, capturar a diferença fundamental entre história oral de vida e biografia. A primeira emerge dessa "documentação viva" do encontro, da troca de olhar, da "entre/vista", em todas as acepções que essa unidade binária pode enriquecer esse encontro dialógico, focalizando a pessoa, em sua vida como um universo tão singular e incomensurável que é impossível reduzi-lo aos seus feitos. A biografia, por sua vez, historicamente investe nos feitos e fatos, em que as subjetividades tendem a ser extirpadas ou minimizadas pelo autor, e os documentos e escritos convencionais tendem a adquirir maior relevância em nome de uma pretensa objetividade.

Cabe aqui refletir sobre uma outra analogia da história oral de vida e da história documental com a medicina clínica: a história oral de vida estaria para a anamnese, assim como a história documental para o exame físico. Os primeiros são calcados na escuta. Os segundos, nas análises de signos físicos. A história oral de vida busca conhecer a pessoa especialmente em seu universo subjetivo. A anamnese clínica procura compreender o processo de adoecimento da pessoa valorizando sua narrativa e fazendo conexões com seu universo biopsicossocial, e, por fim, formular o diagnóstico ou algumas hipóteses. A história documental busca extrair de signos impressos em papel ou equivalente (pergaminho, meios eletrônicos etc.) uma narrativa que dê coerência aos feitos de agentes históricos. O exame físico clínico busca identificar nos signos corporais os registros do adoecimento da pessoa. Todos evoluíram muito nos últimos 70 anos. O processamento eletrônico de documentos permite hoje, até certo ponto, o desenvolvimento de algoritmos para uma "história baseada em evidência", analogamente à medicina. A moderna história oral, com auxílios eletrônicos e de transcriação, permite também uma analogia com a "medicina baseada em narrativas".

Em tese de livre docência no Departamento de Clínica Médica da FMUSP (BENSEÑOR, 2003, p. 11) buscou "avaliar o papel relativo da anamnese, exame clínico e exames complementares na realização do diagnóstico clínico". Realizando uma revisão de estudos que analisaram o papel da anamnese, exame físico e complementares visando o diagnóstico, o que levou em consideração o clássico estudo de J. R. Hampton, publicado em 1975 – quase sempre citado nos congressos de educação médica, nos temas de semiologia e propedêutica –, a autora encontrou aproximadamente 80% dos diagnósticos efetuados apenas pela anamnese clínica. Em síntese, todos os estudos mostraram a importância essencial da anamnese na efetivação de um bom diagnóstico. As críticas desses autores em relação à

formação médica é o desproporcional tempo e espaço – tanto em aulas como em páginas de livros e artigos científicos – dedicados ao exame físico e exames complementares em relação ao muito menor dispensados à construção da história clínica pela anamnese.

Parece ocorrer algo semelhante nos estudos da história documental em relação à história oral, especialmente à história oral de vida. Sob esse aspecto, Américo Piquet Carneiro seria um ponto fora da curva, como veremos em alguns relatos de antigos alunos. Sua história de vida ficaria muito menos exemplar, rica e relevante sem as emoções e sentimentos destilados pelos que conviveram com ele, mesmo quando isso ocorreu durante um tempo relativamente curto. Entretanto, nada impede que a história oral de vida possa vir a ser a base de uma biografia qualificada, como uma das versões possíveis de uma linhagem que vale a pena ser seguida.

François Dosse (2015, p. 3), comentando acerca da "febre biográfica" que se instalou definitivamente no mercado editorial, afiançou que "todas as gerações aceitaram essa aposta". Registrou as flutuações do interesse editorial ao longo dos últimos séculos como um "mercado de apostas". Atualmente, a "bolsa" parece estar em alta. Desde Plutarco (46 d.C.-120 d.C.) que, em portas paralelas – Grécia e Roma –, escreveu uma coletânea de "Vidas paralelas", com seus 23 pares: de um ilustre romano pareado a um ilustre grego. Exercer a função de biógrafo é um permanente convite a críticas contundentes: das mais divertidas (SCHWOB, 1997; WOOLF, 2006) às mais demolidoras (BOURDIEU, 2006).

Na atualidade, escreve-se biografias das mais variadas personalidades: de genocidas tristemente célebres a personalidades em "seus 15 minutos de fama". Biografias não autorizadas podem fazer uma "estrela" apagando, voltar a ter mais algum tempo de brilho na mídia, às vezes, graças à via judicial. Médicos e professores atraem menos biógrafos que jogadores de futebol e políticos envolvidos com "malfeitos", mesmo que isso pareça contrariar a razão: "A biografia, como a história, escreve-se primeiro no presente, numa relação de implicação ainda mais forte quando há empatia por parte do autor" (DOSSE, 2015, p. 11).

Muitas vezes, a biografia de uma pessoa é apenas o veículo para narrar a evolução de uma determinada enfermidade, doença de Alzheimer, por exemplo.[5] Uma das mais recentes e interessantes (e de grande sucesso) começa já no prólogo apresentando "famílias" e tem como título: "O gene: *uma história íntima".* (MUKHERJEE, 2016, grifo nosso). A história da genética é apresentada a partir de membros da própria família do autor, em que alguns componentes são portadores de doença mental que contém expressão gênica. Em um registro de interação entre o jornalista Sergio Vilas Boas e outro jornalista e biógrafo de Stefan Zweig,

[5] Joseph Jebelli (2018), finalista do Prêmio Royal Society Science Book.

Alberto Dines, emerge uma percepção que, penso, ser um dos estímulos para que sigamos em frente nesse desafio de estudar a vida do Professor Piquet:

> Transgredir é essencial na arte biográfica. Mais do que gênero literário, a biografia é um desacato. Insubordinação contra a morte, fixação na vida, exercício de suscitação, ressuscitação dos finados e esquecidos. O relato que se segue contém duas rebeldias: o biografado recusa desaparecer e o biógrafo transpõe o ponto final que colocou há três décadas. (VILAS BOAS, 2007, p. 23).

Mesmo considerando que essas assertivas estejam mais diretamente relacionadas à terceira edição da biografia "Stefan Zweig: morte no paraíso", cerca de trinta anos após a primeira, com as modificações efetuadas pelo autor Alberto Dines, busco extrapolar para o contexto em que estamos trabalhando. A decisão que foi amadurecendo, a de praticamente começar o estudo da vida do Professor Piquet por sua morte, e as demais a ela relacionadas não deixam de ser uma transgressão ao que se espera de um estudo biográfico, assim como uma insubordinação contra sua morte. E, também, uma recusa a aceitá-la como um "ponto final" em sua vida há quase três décadas.

Utilizar a chave biográfica para pesquisar a trajetória de vida do Professor Américo Piquet Carneiro traz de imediato a complexidade do contexto em que o conheci: o ano de 1968. Ano tão complexo, não apenas no Brasil como no mundo (KURLANSKY, 2005), que se iniciou com o sonho das virtuais flores de uma primavera – a "Primavera de Praga" – e quase se encerrou com o sonho musical das "flores vencendo o canhão...", de Geraldo Vandré, no III Festival Internacional da Canção (ZAPPA; SOTO, 2012, p. 220). No entanto, não foram as flores e, sim, a violência que venceu!... Venceu no restaurante Calabouço, com o assassinato do estudante secundarista Edson Luís, em março. Venceu nos Estados Unidos com o homicídio de Martin Luther King, em abril; com o do Senador Robert Kennedy, em junho, e com o de centenas de jovens militares mortos, muitos deles participantes da matança de milhares de soldados e civis vietnamitas. Venceu no "maio de 1968", na França, talvez uma vitória parcial e temporária. Venceu em agosto com os tanques soviéticos sufocando a "Primavera de Praga", depondo o líder esloveno Alexander Dubcek. Venceu, novamente no Brasil, com a prisão de centenas de estudantes no "Congresso da UNE", em Ibiúna/SP. Venceu com o assassinato, pela ditadura militar, de Luiz Paulo Cruz Nunes, em frente ao Hospital Pedro Ernesto da UEG, estudante do segundo ano de medicina da Faculdade de Ciências Médicas. E venceu, finalmente, com a edição do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, cancelando as liberdades e institucionalizando a violência do regime militar. Minhas impressões iniciais sobre a pessoa do Professor Piquet estão marcadas por tantos acontecimentos ocorridos nesse meu primeiro ano de faculdade.

Os procedimentos operacionais são desdobramentos previstos no projeto, no qual são detalhados todos os cuidados necessários para sua execução. Como afirmado antes, buscou-se em um processo de *cocriação* da documentação viva, assumindo tratar-se de história viva. Como tudo o que é vivo, e nos é caro, precisa de cuidados, de desvelo, de ser nutrido, de respeito. Por isto, em todas as etapas, em todos os níveis de detalhamento, da definição dos potenciais colaboradores de cada "rede" à devolutiva de cada textualização para leitura, concordância ou não, mudanças propostas – inclusive supressões – até a autorização para publicação, tudo se reveste de um cuidado especial, como uma frágil plantinha, um bebê ou qualquer ente vivo que desejamos acompanhar e ser colaborador de seu desenvolvimento.

A *comunidade de destino* remete à Faculdade de Ciências Médicas da URJ/UEG/UERJ, onde o Professor Piquet Carneiro atuou por 33 anos, conjugando ideias, recursos e pessoas, para transformar aquela frágil instituição de ensino em um celeiro de formação de pessoas que farão diferença na saúde do Rio de Janeiro, do país e até no exterior. O Professor Américo Piquet Carneiro foi importante protagonista das transformações na FCM e na Universidade, cabendo ressaltar que nesse percurso foi removida a "Favela do Esqueleto", onde foi erigido o Campus Negrão de Lima, e incorporado o Hospital Pedro Ernesto. Como em toda "comunidade de destino", ocorreram encontros e desencontros, alegrias e dores!...

A *colônia* é constituída por todos os que conviveram com o Professor Américo Piquet Carneiro ao longo de sua vida: familiares, colegas médicos, professores, alunos, pacientes, personalidades políticas, personalidades religiosas, educadores de um modo geral. De acordo com Meihy (1991, p. 23), "A prática de história oral indica que um dos melhores recursos para se determinar uma colônia de narradores é o sistema intitulado "rede", onde a comunidade de interesses é dada pela indicação sequencial dos participantes.".

Redes são, portanto, detalhamentos de uma colônia, e trabalharemos mais diretamente com duas: a rede familiar e a rede acadêmica. O processo de entrevistas de colaboradores em cada rede exige cuidados que vão desde a convivência significativa com o Professor Américo Piquet Carneiro, representatividade no grupo – familiar ou acadêmico –. a outros aspectos que, juntos, permitam a definição de, pelo menos, um "ponto zero" em cada rede. Ele é uma entrevista-chave, é a entrevista a partir da qual ocorre a irradiação de outras, constituindo cada rede. Esse colaborador aponta para novos componentes da rede: "A vantagem dessa estratégia é que por ela monta-se a rede de acordo com o argumento dos entrevistados e não dos diretores do projeto. Com isso se fortalece a razão do grupo." (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 54).

O que deve delimitar o tamanho de uma rede? Até quantas entrevistas são necessárias para compor uma rede? Devemos ter um número predeterminado no projeto? São questões

relevantes, mas, assim como o processo de cada entrevista, não existem fórmulas rígidas ou padrões numéricos a seguir. Precisa considerar a "lei dos rendimentos decrescentes", que supõe que, a partir de uma determinada quantidade de entrevistas, estas começam a se tornarem repetitivas e precisamos considerar que a rede já está suficientemente representada.

Uma vida é um universo tão rico e complexo que nossas aproximações sempre ficarão ainda muito distantes do que realmente ocorreu. Apenas alguns vislumbres que nos instigam a dirigirmos a novos espaços de reflexão, repensar nossas vidas e exercitar no processo dialógico das entrevistas o aprender a viver juntos, especialmente quando se trata de pesquisar a vida de alguém que se caracterizou por uma enorme capacidade de escuta e de diálogo. Das várias redes que seu perfil múltiplo e agregador contribuiu para a existência, concentramos nossa atenção em duas, as quais consideramos imprescindíveis para os objetivos estabelecidos no projeto: a rede familiar e a rede acadêmica. Na rede familiar, a esfera mais nuclear de intimidade relacional (filhas, genro e netos) e, eventualmente, um ou outro sobrinho de maior proximidade. Na rede acadêmica, os epígonos, colegas e ex-alunos de maior vínculo, especialmente nos momentos políticos mais críticos e decisivos.

Antes mesmo de dar início à elaboração do projeto que me levou ao curso de doutorado, comecei a mapear os possíveis componentes das redes em conversas formais e informais, enquanto era introduzido nas leituras e nos procedimentos da história oral pelo meu mentor Professor José Carlos Sebe Bom Meihy, com quem iniciei essa jornada que iluminou meu caminho, demonstrando na prática como conduzir e se deixar conduzir no processo dialógico com o colaborador na "*entre/vista*, que é, afinal, uma *troca de olhares*" (PORTELLI, 2017, p. 20, grifo nosso). Foi assim na aproximação com alguns membros da família e também com alguns de seus epígonos da academia. Compreender, na prática, o que significa o "ponto zero" de uma rede, a importância de encontrar o "tom vital" no documento textualizado e os significados dos termos "transcriação" e "teatro de linguagem" tornou as leituras de textos, ensaios, dissertações e teses algo prazeroso e facilmente inteligível para alguém, até pouco antes, completamente ignorante do assunto.

Analisar o protagonismo de um médico e professor, cearense de nascimento, que atuou no Rio de Janeiro – então capital oficial do país e um dos polos mais importantes para a efetivação do saber formal médico no Brasil – em um momento de grande transformação social do papel da medicina brasileira. Identificar um personagem central nesse ambiente, caracterizado pelo primeiro grande circuito de expansão das matrículas (condição imposta pelos órgãos controladores das vagas nos cursos de medicina, a conhecida "crise dos excedentes do exame vestibular"), implicou na retomada de histórias pessoais que permitiram perceber o

desempenho de um personagem civil, num período político marcado pela criação do Estado da Guanabara (1960), pela fundação da Associação Brasileira de Escolas Médicas (ABEM, 1962) e pelo início do regime militar no país (1964).

Inscrito na problemática social, torna-se importante destacar uma biografia que busca dar lugar às propostas de entendimento do papel de indivíduos nos meios sociais que os explicam, e, no caso médico, da medicina brasileira no âmbito do mundo acadêmico no país. O que o levou a ter tal protagonismo? O que representou a morte de seu pai, ocorrida menos de dois anos após se formar médico? O que representou a morte de um filho no início de sua carreira acadêmica na Faculdade de Ciências Médicas? Haveria uma outra maneira de enfrentar o problema da ausência de uma companheira de mais de 50 anos? Onde encontrava a energia necessária para travessias tão difíceis? O que significou a UDF/URJ/UEG/UERJ em sua vida? Por que Jacques Maritain (1882-1973) e não Emmanuel Mounier (1905-1950) ou Teilhard de Chardin (1881-1955)? Não existem respostas diretas e simples para qualquer uma dessas questões e é provável que a pesquisa, por mais detalhada e reflexiva que seja, não nos permitirá ir além de alguns vislumbres das emoções que emergiram dessa alma tão rica, complexa e silenciosa. Talvez, exatamente por não alcançarmos respostas a essas questões, elas possam servir de estímulos que multipliquem perguntas que possam, por sua vez, abrir um leque de possíveis respostas, conduzindo-nos a novos espaços de reflexão, ampliando nosso horizonte cultural!

Tabela 1 – Rede Familiar

NOME COMPLETO	DATA DA CONVERSA-ENTREVISTA	LOCAL	DESCRIÇÃO, JUSTIFICATIVA E CONTEXTO
Álvaro Almério de Azevedo Pessôa dos Santos (Ponto zero)	27 nov. 2019 Documento digital: 1h, 24m 23s	Escritório de Trabalho	O advogado Dr. Álvaro Pessôa, como é mais conhecido, é genro do Professor Américo Piquet Carneiro, casado com sua filha caçula, Cecília, e pai de seus quatro netos. Além de ter conversado muito com o Professor durante sua vida, buscou conservar "viva" a memória do sogro. Conhecia seus hábitos e seus amigos, além de seus autores prediletos
Cláudio Piquet Carneiro Pessôa dos Santos	23 out. 2019 Documento digital: 1h, 10m 43s	Escritório de Trabalho	Cláudio Piquet Pessôa, filho do Dr. Álvaro e da Cecília, também bacharel em Direito como o pai, mas, ao contrário, não exerceu a profissão de advogado, tornando-se Executivo de Mercado Internacional. É o primeiro neto de Américo Piquet Carneiro e teve grande proximidade com o avô, com quem conversava muito.
Marcelo Piquet Carneiro Pessôa dos Santos	25 set. 2019 Documento digital: 1h, 11m 17s	Residência	Marcelo Piquet Pessôa, um ano mais novo que seu irmão Cláudio, é médico psiquiatra. Encontrava-se no fim de seu curso de Medicina quando seu avô faleceu. Sua escolha pela Medicina foi muito influenciada pelo o avô, com lembranças da infância que contribuíram para encaminhá-lo para essa escolha.
Joaquim Henrique de Souza Aguiar Coutinho	8 maio 2019 35m 15s	Sala da Chefia do Serviço de Cirurgia Cardíaca do HUPE	Joaquim Coutinho, afilhado de batismo de Américo Piquet Carneiro, sobrinho de sua esposa Dona Ofélia, é cirurgião cardíaco, um dos líderes do Serviço de Cirurgia Cardíaca do HUPE, e detinha muitas afinidades com o padrinho.

Tabela 2 – Rede Acadêmica

NOME COMPLETO	DATA	LOCAL DA CONVERSA-ENTREVISTA	DESCRIÇÃO, JUSTIFICATIVA E CONTEXTO
Emílio Antonio Francischetti (Ponto zero)	2 abr. 2019 Documento digital: 1h 34m 2s	Residência	Emílio Francischetti, Professor Titular de Clínica Médica da FCM (aposentado). Um dos alunos mais antigos do Prof. Piquet, e que o acompanhou grande parte de sua trajetória de vida, com grande proximidade.
Ricardo Donato Rodrigues	1 abr. 2019 Documento digital: 2h, 31m 44s	Residência	Ricardo Donato, docente aposentado da FCM e ex-diretor geral do HUPE. Conduziu um dos legados do Prof. Piquet, o AMI, por décadas até se tornar no primeiro departamento acadêmico de Medicina de Família do país.
Jorge José de Carvalho	18 abr. 2019 Documento digital: 51m 21s	Gabinete da Direção do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes da UERJ	Jorge Carvalho, ex-diretor do IBRAG e atual diretor do Centro Biomédico. Fez parte do "Clube do Tecido Conjuntivo", idealizado pelo Prof. Piquet e ocupa atualmente o cargo que ele foi o primeiro a ocupar.
Mário Fritsch Toros Neves	18 abr. 2019 Documento digital: 59m 33s	Gabinete da Direção da Faculdade de Ciências Médicas da UERJ	Mário Fritsch, diretor atual da FCM. Professor Titular de Clínica Médica. Foi aluno do grupo de estudos do Prof. Piquet em 1984. Representa uma das últimas gerações de estudantes a terem um convívio intenso com ele. Hoje ocupa a cadeira que "foi dele" durante sete anos.
Euzenir Nunes Sarno	4 set. 2019 Documento digital: 1h, 7m 50s	Residência	Euzenir Sarno, Professora Titular de Patologia Geral e Fisiopatologia da FCM (aposentada) e pesquisadora da FIOCRUZ (aposentada). Foi a primeira mulher a fazer parte da Congregação da FCM, "pelas mãos do Prof. Piquet".
Jane Dutra Sayd	14 abr. 2019 Documento digital: 53m 34s	Residência de um de seus filhos	Jane Sayd, docente-pesquisadora do IMS/UERJ, foi da turma da FCM que escolheu o Prof. Piquet como paraninfo. Orientou, pelo menos, duas teses em que ele é mencionado em muitos momentos e dedicou a ele sua tese de doutorado.
José Carvalho de Noronha	3 abr. 2019 Documento digital: 1h, 20m 35s	Residência	José Noronha, docente do IMS (aposentado) e pesquisador da FIOCRUZ. Egresso da UFRJ, mas foi para o IMS ainda em sua primeira década. Através de Nina Pereira Nunes, aproximou-se do professor Piquet.
Michael Deveza	8 maio 2019 Documento digital: 1h, 4m 14s	Departamento de Medicina Integral Familiar e Comunitária-DMIF/FCM/UERJ	Michael Deveza, docente do Departamento de Medicina Integral Familiar e Comunitária da FCM (aposentado), fez parte do primeiro grupo de docentes do Ambulatório de Medicina Integral, e um dos responsáveis por sua transformação em Disciplinas e, depois, no primeiro departamento acadêmico de Medicina de Família do país.

Continua

Conclusão

NOME COMPLETO	DATA	LOCAL DA CONVERSA-ENTREVISTA	DESCRIÇÃO, JUSTIFICATIVA E CONTEXTO
Luciana Branco da Motta	8 maio 2019 Documento digital: 1h, 30m 4s	Universidade Aberta da Terceira Idade-UNATI/UERJ	Luciana Motta, médica geriatra, coordenadora da Residência Médica em Geriatria da UNATI. Foi uma das pioneiras do NAI e da UNATI.
Maria Inez Padula Anderson	11 maio 2019 Documento digital: 1h, 12m 56s	Residência	Maria Inez, docente do Departamento de Medicina Integral Familiar e Comunitária da FCM, pioneira da Residência Médica em Medicina Integral. Integrou-se posteriormente ao grupo do Ambulatório de Medicina Integral. Onde desenvolveu sua formação acadêmica e teve um decisivo protagonismo na criação do primeiro departamento acadêmico de Medicina de Família no país. É uma das grandes lideranças no país em Medicina de Família.
Rosimeire de Jesus Teixeira	14 maio 2019 Documento digital: 53m 34s	Departamento de Medicina Integral Familiar e Comunitária-DMIF/FCM/UERJ	Rosimeire Teixeira, docente do Departamento de Medicina Integral Familiar e Comunitária da FCM. Fez parte do grupo de estudos do Professor Piquet, quando ele estava na condição de Professor Emérito, em 1984. Tem desenvolvido enorme contribuições ao aperfeiçoamento das disciplinas de medicina integral.
Renato Peixoto Veras	22 maio 2019 Documento digital: 1h, 50m 37s	Gabinete da Direção da Universidade Aberta da Terceira Idade-UNATI/UERJ	Renato Veras, Professor Titular do IMS e pesquisador sobre envelhecimento, diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade/UNATI, desde sua criação, conviveu relativamente pouco com o Professor Piquet, mas agradece e reconhece seu protagonismo na criação da UNATI.

CAPÍTULO II:

FINITUDE COMO COMEÇO

> "[...] a severa imagem do conhecimento da morte, e profissão alguma podia ser adequada a ela, já que não existe nenhuma que não estivesse sujeita exclusivamente ao conhecimento da vida, nenhuma, com a única exceção daquela à qual finalmente se sentira impelido e que se chama Poesia, essa que é a mais esquisita de todas as atividades humanas, a única a dedicar-se ao conhecimento da morte."
>
> *(Hermann Broch)*

2.1 As mortes em Américo Piquet Carneiro

A decisão de começar este capítulo, que introduz a história oral de vida do Professor Américo Piquet Carneiro, trazendo para o início o que costuma ser abordado no final, como ocorre na grande maioria das biografias e histórias de vida, não foi uma escolha fácil. Exigiu muita reflexão e análise ampla do significado de sua morte para todos nós que convivemos com ele, com variadas durações e mais ou menos próximos. As entrevistas realizadas, sem exceção, revelaram o impacto de sua ausência física nas pessoas e na UERJ. As conexões de sua morte com outras mortes que o afetaram ao longo do tempo, com o histórico silêncio acerca da finitude no ensino médico até a época de sua partida, com seu próprio silêncio sobre o tema, assim como os aspectos e significados religiosos que parecem contradizer o dogma, bem como nenhum impedimento canônico da pesquisa em história oral, facilitaram essa decisão de transgredir uma tradição.

Fundamenta-se tal escolha apoiado na valorização da memória. Professor Piquet Carneiro em vida constituiu um plantel de significados que, tendo marcado gerações de alunos, amigos, colegas, também dimensionou uma ação social consequente. A morte, nesse sentido, cumpre uma passagem ritual marcadora de significados que valem como ponto de partida. Ademais, iniciar a narrativa pela morte como argumento detonador implica assinalar um ponto que tanto conversa com os retraços biográficos como com sua projeção no mundo social, familiar, médico e educacional. Tudo com vocação nacional.

2.1.1 A morte na educação médica

Um dos mais marcantes paradoxos do modelo de formação médica, que prevaleceu até o início desse século XXI, e em grande medida ainda persiste em uma parte significativa das escolas médicas, foi sempre o momento do contato com o cadáver, que constituía o segundo rito de passagem no curso, logo após o primeiro, o trote. Alguns alunos reagiam demonstrando

muito desconforto e, até mesmo, um certo pânico, mas o estranho nessas ocasiões é que não se falava em “morte”, não se percebia – e nem se permitia explicitar – que se tratava de alguém que utilizara aquele braço para envolver carinhosamente outra pessoa ou embalar uma criança, que utilizara aquela perna para dançar ou caminhar em um parque, aquele tórax para arfar de emoção ou do cansaço da labuta, que utilizara aquele cérebro para sonhar e planejar seu futuro, que utilizara sua genitália para se conectar mais intimamente a outro ser humano em fusão de carne viva.

Não havia espaço e nem tempo para se discutir de quem poderia ter sido aqueles segmentos humanos, pois já não passavam de meros objetos de ensino, fixados pelo formol e pela segmentação hábil – nunca esquartejamento – do técnico do anatômico que preparava o material de ensino. Aliás, todo cadáver era multiplicado em “peças”: uma espécie de “escravos” do saber.

O prosseguimento no curso não modificava muito esse panorama, mesmo as frequentes mortes de modelos animais produzidas, por exemplo, nas aulas de Fisiologia Humana, rãs que tinham o cérebro separado do corpo por ação de uma tesoura, para demonstrar que alguns reflexos não precisavam do cérebro para ocorrer, cães vivos com suas vísceras expostas para que se pudesse compreender como certos órgãos e glândulas funcionavam, e, assim por diante, variando em função das condições financeiras da instituição e da influência do Titular da disciplina. Mesmo a morte ocorrendo diante dos olhos dos alunos, esse termo quase nunca era mencionado. No máximo, o animal fora “sacrificado”, num tom, às vezes, de uma formal compaixão.

No terceiro ano do curso, segundo aquele modelo convencional – que foi o que cursei – , ocorria o primeiro contato com o paciente, tanto o doente vivo nas enfermarias, nas aulas de Semiologia e Propedêutica Médica, quanto com o paciente que morrera e fora para o necrotério, e, em seguida, para a Mesa de Morgagni, onde seria submetido à necropsia, muitas vezes em uma aula de Anatomia Patológica macroscópica, na qual os fluidos – sangue, urina, fezes, secreções viscerais e de serosas – molhavam as mãos enluvadas do professor, dos médicos-residentes e dos técnicos do serviço. Utilizava-se várias conjugações do verbo morrer ou de suas variantes: em que condições o paciente “morrera”, ou fora a “óbito”, ou atingira, enfim, o “êxito letal”; o diagnóstico clínico ou hipóteses diagnósticas; os exames complementares realizados em vida, mas nenhuma reflexão sobre a finitude da vida. Pode-se dizer que presidia, nessas experiências, a combinação da introdução ao mundo científico experimental juntamente

com a ritualização dramática de um curso que trataria os cuidados da vida como critérios científicos.

Essa não abordagem do fenômeno “morte”, e do “ato de morrer”, como parte da vida e destino de todos os seres vivos, é provável que tenha sido o fator essencial para que “a morte e o morrer” na medicina e na educação médica sejam, historicamente, tratados como “os grandes inimigos” do médico e, até certo ponto, um estigma de seu fracasso, configurando o enorme silêncio em torno da ideia de morte, em uma espécie de negação quase supersticiosa de sua permanente proximidade no interior de um hospital universitário.

Foi nesse contexto, que, em março de 1970, iniciei meu terceiro ano médico na disciplina de Semiologia e Propedêutica Médica na 3ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da, então, Universidade do Estado da Guanabara (UEG), cujo regente e Professor Titular era Américo Piquet Carneiro, também Diretor da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) naquele momento. Esse foi o primeiro dos seis anos em que fiquei vinculado à equipe de professores, técnicos e administradores mais diretamente sob sua liderança.

Ao contrário, no entanto, de muitos dos colaboradores dessa pesquisa, que demonstraram em suas narrativas uma convivência de aluno-professor mais constante e intensa com o Professor Piquet, quando eu iniciei o terceiro ano ele ainda continuava Diretor da FCM, e quando estava já no internato ele era o Diretor do Centro Biomédico da UERJ. Somente durante parte do período em que eu estava na Residência Médica isso se tornou possível.

Mesmo com o tempo tomado pelas atribuições de direção, ele aparecia nas enfermarias e em salas de aula. Durante a graduação, eu tive algumas aulas ministradas por ele, mas apenas na residência, já sem os encargos de direção, suas palestras tornaram-se mais frequentes e sua presença na 3ª Cadeira de Clínica Médica mais constante, inclusive à tarde, o que era raro em se tratando de Professor Titular.

Alguns dos colaboradores desta pesquisa ressaltaram que morte, naquela época, não estava no foco da medicina e muito menos da educação médica, como se encontra hoje, até como disciplina denominada “Tanatologia” e com formas de cuidados para aqueles que a têm em um horizonte próximo, os denominados “cuidados paliativos”. De forma geral, quase todos os colaboradores entrevistados concordaram que não se recordavam de ouvi-lo falar sobre “morte”, e menos ainda sobre a morte de seu pai, a de seu filho, a de seus irmãos e a de outros parentes. Chegaram mesmo a afirmar que, quando se tocava no assunto, “ele desviava o rumo da conversa”. O fato de a morte ser matéria de cuidado presente durante todo curso a fazia ser uma dessas “presentes ausentes”, argumento essencial para se pensar a vida.

Em 1974, quando já iniciara meu programa de Residência Médica na 3ª Cadeira de Clínica Médica, no Serviço do Professor Américo Piquet Carneiro, fui convidado por um de seus assistentes, que o auxiliava no acompanhamento de pacientes particulares internados e gravemente enfermos, para fazer parte da equipe, especialmente para o plantão noturno de observação a esses pacientes. Dois deles me vem à memória com mais nitidez: o primeiro foi muito marcante e ficou impregnado em minha memória como a imagem congelada de um filme triste. Ocorreu na Casa de Saúde São José, no Bairro de Humaitá. O paciente internado era José Piquet Carneiro, irmão do Professor Américo Piquet Carneiro, que sofria de uma forma rara e muito grave de leucemia. O hematologista responsável era o Professor Paulo Cesar Bacha, da Faculdade de Ciências Médicas, responsável pelo Serviço de Hematologia do Hospital Universitário Pedro Ernesto. A situação clínica era desesperadora, pois não houve melhora com o tratamento.

Ao iniciar o plantão, constatei um paciente em estado muito grave, evoluindo para choque séptico, sem sinais de respostas positivas ao esquema de antibióticos. Logo que cheguei, Paulo César me passou a situação, demonstrando um certo desânimo e, pouco depois, se retirou. Professor Piquet permaneceu acompanhando, junto com filhos do irmão e outros parentes, que não me recordo o grau de parentesco. A situação ficava cada vez mais tensa, e era visível a angústia do Professor Piquet perceber seu irmão evoluindo para um desfecho irreversível, pois a pressão arterial reduzia rapidamente e o quadro de choque séptico parecia ser iminente. A infusão através do soro de uma amina pressora, lançada recentemente no mercado, elevou a pressão arterial e acendeu uma chama de esperança de reversão do quadro. Seu ânimo e atitude sofreram uma transformação radical. Lembro que a imagem que fiz em minha mente foi a da cena de bravura de Santiago, o velho pescador, personagem de “O velho e o mar”, de Hemingway, lutando corajosamente contra a força descomunal do peixe, tendo como suporte uma frágil embarcação. Talvez, hoje, essa analogia possa parecer inadequada, mas o que eu percebia com grande nitidez era a desproporção entre a força da natureza de uma doença tão gravemente fatal e a tênue esperança que o conhecimento médico proporcionava, àquela época.

Em dado momento da atuação do Professor Piquet, dois outros parentes do paciente me abordaram para que eu falasse com sinceridade se havia alguma esperança. Disse-lhes, com sinceridade, que não via como reverter o quadro, pois os demais parâmetros, com exceção da pressão arterial, não apresentavam nenhum sinal de recuperação para níveis que se aproximassem da normalidade. Ouviram com atenção, fazendo algumas perguntas, quase me testando, e quando se deram por satisfeitos, confabularam com outros familiares que não

haviam participado da conversa. Pouco depois se reuniram em torno do Professor Piquet e percebi que tentavam fazer com que desistisse. Sua reação foi imediata e intensa. Falou algo como: "É o meu irmão, e enquanto tiver uma mínima esperança vou lutar pela vida dele!... Se vocês não querem que eu cuide dele, chamem outro médico!..." Eu nunca o vira reagir com tanta intensidade, quase elevando a voz, e acho que seus parentes também não, pois imediatamente refluíram e não voltaram mais ao assunto, pelo menos até a hora que saí do plantão na manhã seguinte. Ele ficou até o amanhecer lutando pela vida do paciente, agarrando-se aos mínimos sinais que pudessem indicar alguma melhora. Ali eu percebi que sua batalha contra a morte era "uma luta de vida e morte".

A segunda experiência ocorreu no acompanhamento de Dona Elza, esposa de Dario de Almeida Magalhães e mãe do ex-vice-governador do Estado da Guanabara e ex-Ministro da Previdência e Assistência Social, Raphael de Almeida Magalhães. Dona Elza estava internada na antiga Casa de Saúde São Sebastião, próxima ao Largo do Machado, com metástase cerebral de um tumor primário, cuja origem não me recordo. Seu estado de saúde era grave, em coma, ainda que não profundo, faria radioterapia no Serviço do Osolando Machado, velho amigo do Professor Piquet e um dos proprietários da Casa de Saúde, acho. Mesmo naquele estado, a família presente, o Professor Piquet conversando com os familiares, em nenhum momento ouvi surgir o termo "morte" ou "morrer". Hoje, penso, que esse tema deveria surgir devido à gravidade do estado da paciente, não posso afirmar que não tenha surgido, mas não tive nenhum indício que isso tenha acontecido. Para minha surpresa, Dona Elza respondeu ao tratamento e fiquei sabendo que algumas semanas após sua alta hospitalar, viajou para a Europa com a família. Veio a morrer muitos meses depois.

Esse circuito permite supor a complexidade da atuação do Professor Piquet Carneiro. Devotado à vida, inclusive por vocação profissional, desde logo deixou transparecer cuidados éticos frente ao termo da vida. Por certo, haveria algo a mais a compor tais formas de ver o mundo. E as sugestões levam a pensar na relação entre a própria trajetória e a visão de mundo depurada de elaborações teóricas, abstratas, teológicas, todas sutis, mas tão pouco falada como a morte.

2.1.2 Américo Piquet Carneiro e seus encontros com o fenômeno da morte

O menino Américo, aos 5 anos de idade, em 1914, com seus irmãos e os pais, Bernardo e Adélia, emigraram do interior do Ceará para a cidade do Rio de Janeiro, um ano antes da grande seca de 1915 que assolou o Nordeste brasileiro e, de uma maneira mais intensa e cruel,

o interior do Ceará. O menino e sua família foram poupados de conviver com mais esse capítulo da tragédia nordestina.

O mesmo não ocorreu com sua conterrânea, contemporânea e vizinha de fazenda, Rachel de Queiroz, que só emigrou com a família, aos 7 anos de idade, em 1917. E, com a mesma idade que Américo tinha ao emigrar, conviveu com a enorme tragédia cearense da seca de 1915, que deve ter marcado profundamente a pequena Rachel a ponto de inspirá-la a escrever o romance "O Quinze" aos 19 anos de idade, algo que muitos outros grandes escritores só conseguiram em idade bem mais avançada. É provável que o jovem Américo, já no final de sua adolescência ou início da vida adulta, tenha lido o livro e se emocionado muito com a leitura: com o sofrimento e mortes na família do retirante Chico Bento e com a bondade militante de Conceição. Não sabemos se chegou a conversar com Rachel de Queiroz sobre o livro, já que eram amigos, como foi dito por um dos familiares entrevistados. Mas é possível que tenha refletido sobre a experiência de infância da amiga e sobre o fato de sua família ter partido antes do início de tamanho sofrimento social. De certa forma, a saída do espaço original para o Sul não correspondia apenas às mudanças físicas, fala-se também de busca de lugar social, de alguns núcleos que buscavam integração em um novo projeto de Brasil.

Os dois personagens em foco eram ainda crianças – Américo com 9 anos e Rachel com 8 – quando ocorreu a "pandemia da gripe espanhola", que ceifou milhares de vidas, entre elas, a de um Presidente da República, que fora recentemente eleito: Rodrigues Alves. Filhos de pais cultos e relacionados à elite intelectual, devem ter tomado amplo conhecimento da tragédia no país e no mundo. Cresceram e seguiram caminhos diferentes, mas ambos com preocupações quanto à iniquidade do sistema social do país. Podemos inferir que o despertar do jovem Américo para uma realidade social muito injusta tenha surgido muito cedo em seu espírito. Talvez até mesmo contribuído para a eclosão de uma religiosidade precoce.

Essa mesma religiosidade que deve ter feito com que esse jovem inquieto se aproximasse de um movimento de militância católica leiga liderado por Jackson de Figueiredo. Não temos como saber quem teria sido o veículo dessa aproximação, se o próprio Jackson de Figueiredo, se seu sucessor Alceu de Amoroso Lima ou um outro religioso mais anônimo, mas podemos defender com alguma margem de segurança que o jovem Américo se integrou à Ação Universitária Católica, que contribuiu para credenciá-lo, logo depois, a assumir um papel de liderança na Juventude Universitária Católica, assim que essa foi criada.

Essa digressão buscou refletir o quanto a trágica e precoce morte de Jackson de Figueiredo, ocorrida em 4 de novembro de 1928, durante uma pescaria em companhia de seu

filho de 8 anos e de um amigo, caindo da Pedra da Joatinga e se afogando nas águas do mar, pode ter afetado o espírito do jovem Américo Piquet Carneiro. Quase 32 anos depois, seu filho Estevam, padeceria uma trágica morte na Estrada das Canoas, um local não muito distante daquele onde Jackson realizara sua última pescaria. Pouco mais de quatro meses do desaparecimento de Jackson de Figueiredo, Américo Piquet Carneiro iniciava seu curso de medicina para, entre outras batalhas, lutar contra a morte.

Menos de dois anos após sua formatura, seu pai, o engenheiro Bernardo Piquet Carneiro, morreu no dia 31 de outubro de 1936. Não sabemos as circunstâncias em que ocorreu, sabemos que ele tinha 76 anos de idade e que deve ter ficado muito feliz quando seu filho concluiu o curso de medicina. A morte de um pai, em nossa sociedade patriarcal, é sempre um evento muito doloroso e com frequência lança algumas sombras de insegurança em toda a família. Quando se é jovem e se está iniciando uma carreira, sobretudo quando se precisa da presença protetora e orientadora do pai, essas sombras tornam-se ainda mais densas e escuras. Quando esse jovem é um médico recém-formado, trazendo dos bancos escolares uma certa onipotência de estar devidamente armado para o combate à morte, é possível que a dor pela perda possa estar multiplicada. Nunca iremos saber, pois ele não deixou nenhum registro do significado dessa morte, mas pela espécie de santuário que mantinha em sua casa, com fotos dos pais e do filho, onde depositava flores frequentemente, num ritual silencioso, solene e duradouro, podemos imaginar que, para tanta dor instalada no peito, sua fé religiosa era o grande lenitivo que o ajudava a seguir adiante.

2.1.3 Uma dor que jamais cessa

Na edição de 21 de julho de 1960, na página 2 do diário Última Hora, uma manchete em caixa alta, noticia: “Canoas: auto projetou-se no abismo – um morto”. Fotos mostram imagens da atuação do Corpo de Bombeiros e de dois jovens sobreviventes do acidente. No corpo da matéria, há a descrição do acidente, da qual transcrevo o primeiro parágrafo:

> Na madrugada de hoje, no Km 3 da Estrada das Canoas, a camioneta Volkswagem chapa DF – 17-6-67, ao passar por um buraco, perdeu a direção, indo projetar-se num abismo, “cuspindo” de seu interior seus cinco ocupantes. Em consequência, saíram feridos: Marco Aurélio Assis, Augusto César Sansão, Manoel Ribeiro e Christiano Piquet Carneiro, que conduzia a camioneta. Menos Feliz, Estêvão Piquet Carneiro, filho do Professor Américo Piquet Carneiro, teve morte instantânea no local. (CANOAS..., 1960, p. 2).

No relato de um dos colaboradores deste projeto, primo de Estevam há a referência que o médico que foi à ambulância socorrer os feridos, reconheceu Estevam como filho do Professor

Américo Piquet Carneiro, de quem havia sido aluno. Por essa razão, talvez, com um sentimento de solidariedade e compaixão, removeu o corpo para o hospital, junto com os demais feridos, procurando evitar, assim, a longa espera pela remoção para o Instituto Médico Legal. Quando o Professor Piquet recebeu a notícia que os feridos estavam no hospital, dirigiu-se imediatamente para lá, na esperança de que o filho estivesse ferido sem gravidade. Ao chegar ao hospital encontrou o filho sem vida. Nas palavras do colaborador: "Estevam estava decepado!" É-me impossível imaginar sua reação. A imagem que me vem à mente é a de um pai, há alguns anos, transmitida pela televisão, sobre o corpo sem vida do filho, emitindo um grito de dor que ainda ecoa em meus ouvidos. Nas palavras do genro:

> Aquilo foi uma devastação! Ele fez uma blindagem: deixou aquilo no fundo do coração e foi à vida, ajudando os outros. Nunca mais falou no filho!... Ele manteve o quarto arrumado do filho, com sapato, roupa, prancheta de desenho, durante 25 anos, dentro de casa. Não deixava mexer no quarto. Contundência do gesto! (Dr. Álvaro Pessôa).

Pouco mais de oito anos após essa terrível tragédia, mais precisamente no dia 22 de outubro de 1968, quando ocupava o cargo de Diretor da Faculdade de Ciências Médicas da, então, Universidade do Estado da Guanabara, um outro evento trágico o fez reviver a agudeza dessa dor. Dessa feita, não mais com a morte de um filho biológico, mas do que poderíamos denominar "um filho institucional". A morte, por um ato de violência absurda e cruel, do estudante do segundo ano de medicina da escola que ele dirigia, Luiz Paulo da Cruz Nunes, com idade muito próxima à que Estevam tinha à época de sua trágica morte. Uma violenta repressão policial-militar à uma manifestação pacífica dos estudantes de medicina, liderada pelo Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming (CASAF), da mesma FCM/UEG, ceifou a vida de Luiz Paulo, além de causar ferimentos à bala, de gravidade variada, em outros seis ou sete estudantes.

Aquela dor, entretanto, não o paralisou, pois agiu em várias frentes – institucional, política, militar e religiosa – para romper o cerco que o Hospital Universitário Pedro Ernesto e a Faculdade de Ciências Médicas estavam submetidos pelo forte aparato de repressão da ditadura militar. Sua ação nos bastidores, juntamente com o Reitor da UEG, João Lira Filho, irmão do então Ministro da Guerra, General Lira Tavares, impediu uma tragédia de proporções ainda maiores, ante a invasão iminente do espaço universitário e hospitalar. Tudo indica que o Professor Piquet Carneiro então redefiniu metas, agora mais informado de significados morais e éticos, afeitos ao papel social do médico.

Lembro-me que permaneci entrincheirado no quinto andar do atual Edifício Américo Piquet Carneiro, em um dos Laboratório da disciplina de Fisiologia, com uma grande caixa repleta de pedras, pedaços de tijolos e telhas, determinado a atirá-los em invasores que tentassem pular o muro da Rua Manoel de Abreu e invadir as dependências de minha Faculdade. Só abandonei o local por volta das três horas da madrugada, quando fomos informados que o cerco havia sido encerrado e podíamos suspender a prontidão. Caminhei solitário, atravessando o Boulevard Vinte e Oito de Setembro, olhando para os lados, ainda assustado, até chegar à "república de estudantes" em que residia, que se localizava a menos de duzentos metros do hospital. Sabia que não encontraria um dos colegas que dividia o quarto comigo, pois fora um dos feridos por uma bala que lesou seu plexo braquial ao atingir-lhe o ombro direito. Fora operado e estava internado no Hospital Universitário Pedro Ernesto.

Não me recordo de ter visto o Professor Piquet nos dias subsequentes, talvez por eu ter ficado acompanhando meu colega de quarto e um outro amigo e conterrâneo, o Dilson, estudante da Faculdade de Odontologia, que tivera uma bala transfixando um de seus rins, e por isso fora nefrectomizado. Foram dias tenebrosos os que se seguiram, e só posso imaginar o peso da dor e da responsabilidade assumida pelo Professor Piquet para proteger as lideranças estudantis e elaborar o luto pela morte de Luiz Paulo que, sem dúvida, trouxe de volta a lembrança da tragédia que levou seu querido Estevam... Não me lembro de ouvi-lo dizer ou de alguém afirmar que ele tenha dito uma única palavra sobre a morte do aluno ou algum comentário público sobre a tragédia. Lembro-me do Reitor João Lira Filho, no antigo refeitório do hospital, no final da tarde do mesmo dia 22, em um espaço repleto de estudantes, em um discurso quase inflamado, dizer: "Não se mata um jovem por ele ter um ideal!" Sua condição de irmão do então Ministro do Exército não lhe concedeu os créditos que talvez desejasse, mas estávamos assustados demais para hostilizá-lo. A ferida estava aberta, os fundamentos da dor coletiva expostos. Restava saber dos efeitos e consequências permitidos pela passagem de um fato localizado para o âmbito público. E, por lógico, cabe avaliar o impacto de todo esse drama no espaço dos acontecimentos, nas mãos do conjunto imediato dos atores da tragédia.

2.1.4 A coragem de seguir adiante e a virtude do agir silencioso

O nascimento do primeiro neto em 1967, e dos outros três que nasceram depois, representou um sopro de renovação na vida do Professor Piquet, que o auxiliou a ir em frente fabricando sonhos, e com um lar ampliado e renovado para uma amorosa vida em família,

especialmente nos fins de semana e feriados prolongados na casa serrana, em Teresópolis, onde exercitava seus dotes de carpintaria para confeccionar brinquedos para os netos.

Continuou Diretor da Faculdade de Ciências Médicas até 1971, tornando-se, em seguida, Diretor do Centro Biomédico, voltando a ser presença mais constante na 3ª Cadeira de Clínica Médica, ao trocar as atribuições executivas por atividades de coordenação. Foi nesse contexto que tomou conhecimento da tragédia que abateu sobre um dos alunos do terceiro ano de Medicina, que cursava Semiologia e Propedêutica em sua 3ª Cadeira de Clínica Médica, Michael Deveza, que havia se casado no início daquele ano de 1972. Sua jovem esposa, grávida de alguns meses, morreu em consequência de uma súbita enfermidade cerebral. Foi devastador para o jovem estudante a dupla perda, pois o feto ainda não era viável e todas as tentativas médicas de salvar ambos, fracassaram.

Esse aluno, tornou-se mais tarde um dos pilares na condução da Medicina Integral para sua transformação no primeiro Departamento de Medicina de Família em uma escola médica brasileira, a FCM/UERJ. Seu relato da permanência do Professor Américo Piquet Carneiro, o tempo todo ao seu lado, durante a missa de sétimo dia de sua querida esposa, na Igreja Santa Mônica, em Ipanema, foi emocionante. Considerou-o como o momento mais marcante de sua convivência com o Professor Piquet, quando este o abraçou sem dizer uma palavra, e não se afastando de seu lado em momento algum, num ato, tão solene quanto silencioso, de solidariedade, que contribuiu, sem dúvida, para que ele retornasse aos estudos e fosse em frente. Passagens como essas demonstram comprometimento com a quebra de protocolos. No caso do Professor Piquet, fica saliente que a busca de temperança entre o profissional e o administrador questionava ao pai, ser social sensível e com remessas transcendentes.

No fim de dezembro de 1974, seu irmão, José Piquet Carneiro, um grande precursor da luta ambientalista, foi internado na Casa de Saúde São José, no Bairro carioca do Humaitá. Descrevi acima, um plantão que passei com ele, já em fase terminal. Faleceu pouco antes do Natal de 1974, aos 62 anos de idade. Eles tinham ligações mais que fraternas, ambos conviveram com as dores da morte de filhos ainda muito jovens. Américo, com a morte de Estevam, em um acidente em que Christiano, filho de José, fora o condutor do veículo. Christiano veio morrer cerca de cinco anos após a morte de Estevam, também em decorrência de acidente automobilístico. Dores compartilhadas e coincidências cruéis, inclusive com a morte futura do Professor Américo Piquet Carneiro, também às vésperas de um Natal.

No início de janeiro de 1975, menos de um mês após a morte de seu irmão José, a mãe de ambos, Dona Adélia Barreira Piquet Carneiro, morreu com mais de 100 anos de idade. Nada

pudemos saber sobre como ele reagiu à perda da mãe. Contudo, podemos imaginar que a morte dela, logo após a de seu irmão José, quatro anos mais jovem que ele, tenha amplificado sua dor.

Em 1978, seu afilhado de casamento, sobrinho de sua esposa Maria Ofélia, Henrique Stamile Coutinho, foi submetido a uma cirurgia cardíaca no Hospital Universitário Pedro Ernesto e morreu no pós-operatório imediato. O filho dele, Joaquim Coutinho, afilhado de batismo do Professor Piquet, então estudante do terceiro ano de medicina na Faculdade de Medicina da UFRJ, hoje um dos líderes do Serviço de Cirurgia Cardíaca do Hospital Universitário Pedro Ernesto, concedeu-nos uma emocionante entrevista e, assim, referiu-se à atitude do Professor Piquet logo após a morte de seu pai:

> Foi com ele que eu aprendi o sentido de "padrinho", porque o padrinho é o substituto do pai, mas a gente não dá valor a isso. A gente não pensa nisso! Quando meu pai morreu, tio Américo passava todos os dias em minha casa, ficava conversando comigo e, também, com minha mãe, que estava muito revoltada com a morte do marido, blasfemava, dizia que "se Deus fosse tão bom, não teria levado Henrique!" Tio Américo levava textos religiosos e lia para a gente, encarava sem críticas as manifestações de revolta de minha mãe e, jamais, usou sua dor com a morte de Estevam para tentar nos consolar! Nunca tocou no nome de Estevam para nós. Ele era sempre muito calado e reservado.
> Tia Ofélia era uma mãezona, ela falava de Estevam. Confesso que eu não entendia tanta preocupação de tio Américo com a gente, só mais tarde que compreendi que ele levava muito a sério a história de padrinho. (Joaquim Coutinho).

Tanto em termos pessoais como no coletivo, a morte para o Professor Piquet Carneiro apresenta-se como argumento existencial. O peso de tais afastamentos, por certo, marcou o progresso de sua vida profissional, deixando transparecer a dor que nunca passou. Pior a dor que, não cessando, assinalaria o caminho a ser deixado como modelo.

2.1.5 O silêncio que encolheu o mundo

A soturna fisionomia marcada pela dor estampada no rosto do Professor Piquet transparecia em todos os encontros daquele último quadrimestre de 1992. Seus sentimentos, como sempre, eram tão privativos de seu ser, tão impermeáveis ao nosso perceber, mantidos trancados e ocultos dentro de seu peito, que mesmo a mais solidária intuição não permitia aquilatar a dor que corroía seu espírito.

Outro irmão, Ignácio Piquet Carneiro, falecera cerca de seis anos antes, em meados de 1986. Seu irmão Bernardo, homônimo de seu pai, falecera no início do ano de 1992. Sua irmã Lucina, poucos meses depois, em fins de maio. Sua esposa e companheira por mais de meio século, Maria Ofélia Stamile Piquet Carneiro, falecera nos últimos dias de agosto, também do mesmo ano, a menos de duas semanas do aniversário do marido e companheiro, que completaria

83 anos de idade, no dia 8 de setembro. Dona Ofélia, como carinhosamente era chamada por parentes e amigos, era portadora de uma doença grave e terminal. Por isso, decidira que seria cuidada em casa, que não passaria seus últimos momentos de vida em uma "cama de hospital" ou em um "Centro de Terapia Intensiva", "com tubos" e "drogas", apenas para mantê-la viva, sofrendo e sem esperança. Decisão difícil para o médico, companheiro e marido e para a paciente, companheira e esposa. Somente a fé de fervorosos cristãos que eram, poderia ter intermediado e facilitado essa decisão.

Mesmo com essas dolorosas perdas, o Professor Piquet continuou atuante, tanto no Hospital Universitário Pedro Ernesto, onde coordenava as atividades do Núcleo de Atenção ao Idoso (NAI), como nos meandros político-institucionais da própria Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde buscava viabilizar a criação de um "núcleo temático", a ser denominado, "Universidade da Terceira Idade". Desde que se aposentara compulsoriamente, aos 70 anos de idade, e tornara-se "Professor Emérito" da UERJ, esse era seu ambicionado projeto político e o grande legado que deixaria para as futuras gerações: uma "universidade temática", no interior de sua querida UERJ, destinada a pesquisar sobre o processo do envelhecimento, ensinar gerontologia e geriatria, acolher pessoas idosas, criando e multiplicando "espaços de convivência", onde a tríplice finalidade de uma universidade – ensino, extensão e pesquisa – fosse efetivamente indissociáveis e comprometidas com uma sociedade que estava envelhecendo a passos largos.

Para isso, conseguiu a aproximação de antigos e recentes discípulos: Moyses Szklo, apesar de distante fisicamente, na Universidade John Hopkins, em Baltimore, Estados Unidos da Améirca, mostrava-se presente e parceiro do projeto, especialmente, no apoio a projetos interinstitucionais de pesquisa sobre o envelhecimento. Emílio Francischetti, muito próximo e atuante como Professor Titular da FCM/UERJ, buscava pavimentar o apoio acadêmico ao projeto. Um jovem professor do Instituto de Medicina Social da UERJ, Renato Veras, recém-chegado da Inglaterra, onde desenvolvera pesquisas relacionadas à Epidemiologia do Envelhecimento. E Hesio Cordeiro, que naquele momento ocupava o cargo de Reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, dispondo dos meios institucionais para facilitar a implantação do acalentado projeto, que deveria ser aprovado nas instâncias colegiadas da Universidade.

Além desses nomes históricos, ao qual se deve juntar o da Professora Nina Vivina Pereira Nunes, do Instituto de Medicina Social da UERJ, incondicional apoiadora dos projetos do Professor Américo Piquet Carneiro, um pequeno, porém dinâmico, grupo multiprofissional

de jovens seguidores, ao qual me integrei em meados de 1992, dava um contorno otimista ao projeto da implantação do “núcleo temático”. Afinal, já existia um embrião, gestado e implantado por ele, no interior do Hospital Universitário Pedro Ernesto: o Núcleo de Atenção ao Idoso. Entretanto, as decisões no âmbito de uma Universidade não aconteciam com a velocidade desejada, e isso o entristecia, mas não abalava suas convicções, sua esperança e seu ímpeto, pois sabia, por experiências pregressas, que nada era fácil ou rápido de se implantar e desenvolver.

Não me recordo se, em algum momento da segunda metade do ano de 1992, ele tenha falado algo sobre a morte de sua esposa ou de seus irmãos. Aliás, mesmo após todos esses anos de contato com ele, não me lembro de ouvi-lo dizer a palavra “morte”...

É possível que a morte de Bernardo, além da dor pelo falecimento do irmão querido, tenha reavivado a lembrança do passamento do pai, também Bernardo, ocorrida em 31 de outubro de 1936, quando tinha 27 anos e ainda era um médico em início de carreira. A morte da irmã Lucina, pouco depois, pode ter-lhe reavivado o falecimento da mãe Adélia, ocorrida em janeiro de 1975. Esse conjunto de perdas, lutos em sequência, culminou com a morte da esposa, a qual, sem dúvida, o fez reviver o trágico passamento do filho querido, Estevam, trinta e dois anos antes, pois, ao comentar com seu primeiro neto, que, pela primeira vez em seus 27 anos, ouviu o avô nomear o nome do filho: “Sua avó foi se encontrar com o Estevam”. O tio que partira antes de ele chegar, e que uma estranha e tácita interdição, impedia de ser nomeado nas conversas de família.

As circunstâncias de sua morte parecem ser tão misteriosas quanto grande parte de sua vida. Ouvindo os relatos de nossos colaboradores, muitos dos quais bem próximos a ele, as versões variaram desde uma queda de escada até a ocorrência ter sido em sua casa em Petrópolis (sic). O mais frequente foi a de que ele teria ido verificar alguma coisa na caixa d’água de sua casa, passou mal, caiu e se afogou. Uma síncope cardíaca parece uma hipótese provável, pois seu afilhado, Joaquim Coutinho, descreveu um atendimento a ele em função de um provável bloqueio cardíaco. Chegou-se a comentar a indicação de implantação de marca-passo cardíaco, à qual teria recusado, mas não temos elementos para acreditar nisso. De qualquer maneira, aceitando a hipótese mais provável, de ter sido afogamento, inevitável correlacionar com o que aconteceu à primeira morte mais marcante em sua vida, a de seu provável ídolo na juventude, o poeta, escritor e líder religioso laico, Jackson de Figueiredo. Mas, isso só vem acrescentar mais lenha na misteriosa fogueira de sua vida.

2.2 A eloquência do silêncio

O silêncio tem sido objeto de estudos nas mais variadas áreas do conhecimento: psiquiatria, psicanálise, linguística, direito, literatura, neurociência, teologia, sociologia, história, antropologia, entre outras. As variadas tipologias que o classificam nesses estudos e, dentro de cada área, diversos autores e pesquisadores estabelecem critérios definidores, mas que podemos condensá-los em dois subtipos mais evidentes: o silenciado (silêncio auto ou hetero imposto) e o silêncio essencial ou absoluto, no qual podemos incluir o "silêncio de Deus e o silêncio perante Deus", cultivado nos monastérios e outros ambientes religiosos. É importante lembrar que Américo Piquet Carneiro foi ordenado, em 1941, "irmão oblato do Mosteiro São Bento", tornando-se membro, não monge, da comunidade beneditina e fazendo profissão de viver conforme as regras de São Bento, em que o silêncio é um forte componente dos valores monásticos.

Uma síntese direcionada de todas as entrevistas da rede acadêmica e, até certo ponto, da rede familiar, especialmente no tocante à qualificação e percepção que os colaboradores mencionaram sobre a postura proeminente do Professor Piquet no contato com as pessoas, nas mais variadas circunstâncias, incide sobre um termo de predominância espantosa. Se recortássemos os trechos de todas as entrevistas referentes aos relatos de sua vida pessoal, de seus comentários sobre outras pessoas, de seus hábitos, ou qualquer outra referência à sua trajetória de vida, inclusive a religiosa, e utilizássemos o aplicativo de nome "Wordle", popularmente conhecido no Brasil como "nuvem de palavras", o termo "reservado", estaria destacado em caixa tão alta que impressionaria qualquer pessoa que o não tivesse conhecido. O epíteto, Piquet, o "Reservado", cairia tão bem que, imagino, ninguém iria contradizer.

Porém, o que significa ser "reservado"? Mais especificamente, no caso do Professor Piquet, em que sentido e qual o significado de qualificá-lo como "reservado"? Seria apenas o fato de nunca mencionar nada de sua vida pessoal? De jamais comentar a morte trágica de seu filho? De não fazer proselitismo religioso, acadêmico ou político? Que eloquência detém esse silêncio nessas mais diversas circunstâncias? Por que ninguém ousava exigir-lhe uma explicitação verbal dessas situações? Conivência ou compreensão da eloquência de seu silêncio? É oportuno lembrar de algumas passagens que sintetizam o olhar alongado da experiência de Américo Piquet Carneiro além da esfera profissional. E ninguém melhor que Dom Lourenço de Almeida Prado, que disse: "Os homens, como Piquet, silenciosos comunicadores, no espírito, que são, como se tem dito, os verdadeiros construtores da história, são verdadeiros pelo silêncio, até nos momentos mais decisivos." (PIQUET..., 1993, p. 11).

CAPÍTULO III:

ATALHOS
ESCOLHAS
MISSÃO

> "[...] que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber?"
>
> *(Guimarães Rosa)*

3.1 Medicina como caminho

Iniciar uma história de vida a partir da "morte" sugere uma genética contradição. Ou, pelo menos, a reversão nas expectativas de quem se preparou para ler uma biografia. Na literatura, isso não é muito raro, o que é compreensível. Muitas vezes, a palavra "morte" já se encontra presente nos títulos: "A morte de Ivan Illich", de Tolstoi (1828-1910); "A morte de Virgílio", de Hermann Broch (1886-1951); "Morte em Veneza", de Thomas Mann (1875-1955); ou em "Crônica de uma morte anunciada", de Gabriel García Márquez (1927-2014). Ou mesmo em poemas, "Vida e morte severina", de João Cabral de Melo Neto (1920-1999), é outro bom exemplo. Bem mais raro, e em certo sentido até desconcertante, é o escritor fazer do narrador um "defunto autor", em que começa a narrar sua história de vida começando pelo relato de sua própria morte e enterro, como em "Memórias póstumas de Brás Cubas", de Machado de Assis (1839-1908). No início dessa obra, o "defunto autor" refere que ele não é o único na história da humanidade a descrever sua própria morte, uma vez que "Moisés contou sua própria morte", porém deixou-a para o final do Pentateuco. "E aqui" – salienta o "defunto autor" – "está a diferença radical entre este livro e o Pentateuco" (ASSIS, 2016, p. 25).

Alargando a visão, podemos afirmar que o próprio cristianismo começou efetivamente pelo martírio e morte de Jesus Cristo. Assim, também, ocorreu com muitos dos perseguidos, martirizados e mortos, que só se tornaram "santos" em função da maneira como morreram, sem renegar a fé que professavam. A ressurreição de Cristo trouxe também um outro tipo de esperança, que a medicina encampou: "O último inimigo a ser destruído é a morte" (BÍBLIA, I Coríntios, 15, 26).

A medicina moderna, de base anátomo-clínica que prevaleceu por mais de duzentos anos, teve início em fins do século XVIII, com a consolidação da Anatomia Patológica, contribuindo para o renascimento da clínica em novas bases a partir da morte e do exame do cadáver. Abriu-se, assim, uma larga avenida para a medicina científica, que viria a florescer em fins do século XIX e todo o século XX. A morte demarcou o território da doença:

> Vista da morte, a doença tem uma terra, uma pátria demarcável, um lugar subterrâneo mas sólido, em que se formam seus parentescos e suas consequências; os valores locais definem suas formas. A partir do cadáver, paradoxalmente se percebe a doença viver. Uma vida que não é mais a das velhas simpatias, nem a das leis combinatórias das complicações, mas que tem suas figuras e leis próprias. (FOUCAULT, 2003, p. 169).

A tácita aliança entre a estrutura estamental católica e a medicina teve seu início nos primeiros momentos de expansão e consolidação do cristianismo. Recordemos que, antes, um dos autores dos livros do Novo Testamento – Lucas, o médico, tido como autor do Evangelho que leva seu nome e do "Atos dos Apóstolos" – é o padroeiro dos médicos, que têm seu dia comemorado em 18 de outubro, Dia de São Lucas. Porém, a aliança consolidou efetivamente a partir do sucesso do médico, pesquisador e filósofo Claudio Galeno. Nascido na colônia grega de Pérgamo, localizada na Ásia Menor, por volta do ano 130 da era cristã, faleceu por volta do ano 210. A visão teleológica de Galeno, dispondo que tudo fora feito por Deus e atendia a uma finalidade, reforçava e foi reforçada pelo dogma cristão, permanecendo incontestada por quase 1500 anos, só sendo superada no Renascimento, com as descobertas anatômicas de Andreas Vesalius (1514-1564) e a demonstração da circulação do sangue por William Harvey (1578-1657).[6]

3.2 Prática social e a educação como desafio

Quando Américo Piquet Carneiro nasceu, em setembro de 1909, existiam três escolas de medicina no Brasil. As duas primeiras, fundadas no ano de 1808, com a chegada da família real ao Brasil, por iniciativa do Cirurgião Mor do Reino, Doutor José Correia Picanço (1745-1823). A primeira delas, na Bahia, cuja Carta Régia de criação fora assinada em 18 de fevereiro de 1808, denominara Escola de Cirurgia da Bahia, contando com dois professores da equipe de seu idealizador para iniciar o primeiro curso de medicina na Colônia. É a atual Faculdade de Medicina, da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Com a transferência da Corte para o Rio de Janeiro, uma outra Carta Régia, assinada em 5 de novembro daquele mesmo ano, criara a Escola Anatômica Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Medicina, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Cerca de 90 anos depois, já na República, foi fundada a terceira escola médica no Brasil, em 25 de julho de 1898, a Faculdade Livre de Medicina e Farmácia. Originou-se da fusão de dois cursos, o de Farmácia, criado em 1895, e o de Partos, implantado em 1897, os quais

[6] GOTTSCHALL, 2009, p. 99-104.

funcionavam dentro da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.[7] É a atual Faculdade de Medicina, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O denominador histórico comum entre essas três escolas médicas é que, durante a maior parte de suas atividades, elas tiveram como principal cenário de prática o respectivo Hospital da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia. O nome Misericórdia refere-se a uma das invocações a Virgem Maria, situando a primeira Irmandade criada em Florença, entre os anos de 1240 e 1350. No século XV, em Portugal, foi criada uma Irmandade da Santa Casa de Misericórdia com o apoio da Rainha D. Leonor e a atuação do Frei Miguel Contreras, iniciativa que se espalhou para além mar. O pioneiro Hospital da Santa Casa da Misericórdia no Brasil surgiu em 1543, em Santos, alastrando-se por várias províncias e cidades, de tal maneira que, ao final do século XVIII, "quem lançasse os olhos sobre o território nacional, veria uma rede de Santas Casas" (GOMES, 1951, p. 153). Outro aspecto curioso desses primórdios da Educação Médica no Brasil é o fato de que, concomitante ao acolhimento da Educação Médica em seus Hospitais, as respectivas Irmandades administravam, também, os cemitérios da cidade.

Por ocasião da transferência da família Piquet Carneiro, do interior do Ceará para o Rio de Janeiro, em 1914, já existia uma nova escola médica no Rio de Janeiro. A Faculdade Hahnemanniana havia sido fundada em 10 de abril de 1912 pelo Instituto Hahnemanniano do Brasil, em função da abertura propiciada pela Lei Rivadávia, de 1911.[8] Mais que duplicara o número de escolas médicas em funcionamento no país. Incluindo essa nova escola no Rio de Janeiro, outras três foram fundadas: a Escola de Medicina de Belo Horizonte, criada em 5 de março de 1911 pela Sociedade Médico-Cirúrgica de Minas Gerais; a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, estabelecida em 19 de dezembro de 1912; e o Curso de Medicina e Cirurgia, que teve sua organização autorizada, em 28 de outubro de 1913, pelo Conselho Superior da Universidade do Paraná.[9] Elas são, respectivamente, as atuais: Escola de Medicina e Cirurgia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP); e Faculdade de Medicina, da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

---

[7] WEBER, 1997, p. 137.

[8] A Lei Rivadávia Corrêa, também conhecida como Reforma Rivadávia Corrêa, Lei Orgânica do Ensino Superior e Fundamental, foi instituída pelo Decreto nº 8.659, de 5 de abril de 1911. Retirava da União o monopólio da criação de instituições de ensino superior no país, dispensava a equiparação com instituições públicas já existentes e facultava à iniciativa privada criar faculdades e universidades. FRAIZ, 2014, p. 256.

[9] MAZZIERI, 2004, p. 19; FRAIZ, 2014, p. 128.

O contexto geopolítico, científico e cultural em que essas escolas foram criadas é de grande importância para que se possa compreender aspectos imprescindíveis na trajetória da educação médica brasileira e na trajetória de um educador médico que transitou em vida em todas as décadas do século XX. A reforma educacional implementada pelo Primeiro-Ministro do Reino de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Mello (1699-1782), o Primeiro Marquês de Pombal, especialmente no tocante à expulsão dos Jesuítas do Brasil Colônia, em meados do século XVIII, desmantelara o único sistema de ensino de maior alcance no território brasileiro.[10]

Mais de quarenta anos após essa reforma, o ensino continuava muito precário e apenas uma limitada fração da elite local tinha acesso a uma educação mais apurada na Universidade de Coimbra e em outros centros europeus. O Conselheiro e Cirurgião-Mor dos Exércitos do Reino, José Correia Picanço, que acompanhou o Príncipe Regente D. João VI e sua família na fuga das forças napoleônicas, foi uma dessas exceções. Nascido em 10 de novembro de 1745, na vila de Goiana, Capitania de Pernambuco, seguiu os passos de seu pai, o cirurgião-barbeiro Francisco Correia Picanço. Aos 21 anos de idade, já estava nomeado pelo governador da Província como cirurgião do Corpo Avulso de Oficiais de Ordenança das Estradas e Reformados. Em seguida, viajou para Lisboa, dedicando-se a ampliar sua formação, inclusive nas famosas escolas médicas de Montpellier e Pádua. Por fim, completou sua formação médica na Faculdade de Medicina de Paris, apresentando uma tese perante a congregação dessa escola. De volta a Lisboa, tornou-se professor da cadeira de Anatomia e Operações Cirúrgicas e Obstetrícia, da Universidade de Coimbra, da Academia Real das Ciências de Lisboa.[11] Toda essa trajetória o credenciou para, ao chegar ao Brasil, refletindo sobre a interdição, provocada pelas conquistas napoleônicas, a outros brasileiros poderem estudar em Portugal ou em outros países europeus, reforçar em sua mente argumentos que convencessem o Príncipe Regente a criar essas duas Escolas Médicas no mesmo ano em que aportou no território brasileiro.

A terceira escola médica criada no Brasil, então nomeada Faculdade Livre de Medicina e Farmácia, emergiu em um contexto de crise em uma República jovem e claudicante, após golpes de Estado, sendo o primeiro deles, a própria “Proclamação da República”. Foi implantada em uma Unidade da Federação que encerrara, menos de três anos antes, a mais cruenta guerra civil da história do país, com cerca de 10 mil mortos e relatos de degola de prisioneiros: a Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, que também se estendeu para dois outros estados, Santa Catarina e Paraná.

---

[10] BRITTO, 2011, p. 3.
[11] GOMES, 1951, p. 162.

No Rio Grande do Sul, o Partido Republicano Riograndense (PRR), sob a liderança do presidente Júlio de Castilhos (1860-1903), voltou ao poder regional após a vitória sobre os Federalistas. Júlio de Castilhos era um fervoroso adepto do Positivismo de Auguste Comte (1798-1857) e o presidente do Estado em 1892, quando foi promulgada a carta constitucional do Estado do Rio Grande do Sul fortemente embasada na doutrina positivista, a qual prevaleceu até a ascensão de Getúlio Vargas ao poder. O Diretor da Faculdade por quase nove anos, Dr. Protásio Alves, era membro atuante do PRR e pessoa próxima a Júlio de Castilhos. A equiparação do curso com a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, após a uniformização do programa de ensino, foi concedida pelo governo federal em 1900.[12]

A quarta escola médica fundada no Brasil, em Minas Gerais, seguiu um itinerário complexo e controverso de várias tentativas, chegando mesmo a pôr em questão a historiografia oficial que estabelece a escola de medicina da Bahia como primeira escola médica fundada no país. Existe o registro de uma Carta Régia de 17 de junho de 1801, assinada pelo Príncipe Regente Dom João, autorizando a criação de uma escola médica vinculada ao Hospital Real de Vila Rica, com uma Cadeira de "Cirurgia, Anatomia e Arte Obstétrica", que teria funcionado por cerca de 50 anos (PEDROSO, 2011, p. 118). Antes, em fins do século XVIII, a Conjuração Mineira, caso vitoriosa, contivera entre suas prioridades a criação de escolas médicas e de pelo menos três universidades.

O Governo de Minas Gerais apresentou vários projetos de criação de uma Escola Médica até 1897, os quais foram sistematicamente rejeitados pelo Legislativo.[13] Com a fundação da nova capital e a transferência da sede do governo do Estado de Minas Gerais em 1897, que passou a se chamar Belo Horizonte em 1901, a Sociedade de Medicina, Cirurgia e Farmácia de Belo Horizonte, em 1902, criou uma comissão para estudar a criação de uma "Escola Livre de Medicina". A comissão foi composta por cerca de uma dezena de membros, entre eles o Doutor Cícero Ribeiro Ferreira Rodrigues (1861-1920), cujo empenho e determinação foram fundamentais para tornar realidade tão antigo sonho. Enfim, foi fundada em 1911, e Dr. Cícero Ferreira, formado no Rio de Janeiro, tivera como colega de turma, Miguel Couto (1865-1934), que muito contribuiu academicamente para o projeto e tornou-se o "paraninfo" da Escola. O Dr. Cícero Ferreira assumiu a Direção da Escola, cargo que exerceu até sua morte, em 1920.

---

[12] WEBER, 1997, p. 138.
[13] PEDROSO, 2011, p. 116.

A quinta escola médica do país, e a segunda da então capital da República, cidade do Rio de Janeiro, emergiu em um contexto também extremamente complexo de transformações sociocultural, político-econômica, científica e tecnológica. Contexto de polarizações crescentes (evolucionismo–criacionismo; república–monarquia; civil–militar; classe operária–burguesia; liberal–conservador; capitalismo–socialismo; micróbios-miasmas; alopatia–homeopatia); de grandes descobertas e invenções (teoria microbiana, inconsciente, eletrocardiógrafo, raio X, etc.). Polarizações teimosas e raivosas no coração da República, "cidade febril" do Rio de Janeiro.[14] Repleta de instigantes paradoxos: república positivista da "ordem e progresso" e de legiões de excluídos históricos. De patriotismo ufanista e de submissão neocolonialista. De combate autoritário a pretensos vetores de doenças e de benzedeiras e curandeiros. De imigrantes desejáveis e de nativos indesejados. Enfim, de esperança no século que se inicia e de ceticismo quanto à capacidade humana de construir um mundo melhor.

A medicina alopática avança para ser abraçada pelo capitalismo e pela infante indústria farmacêutica e a homeopatia percebe o risco de ser deslocada para a periferia dos conhecimentos anacrônicos. Reagiu e buscou aliados. Muitos dos membros da Academia Nacional de Medicina ainda resistiam à "teoria microbiana" e aos avanços tecnológicos, considerando-os "modismos" passageiros, mas sua convicção alopática era inquestionável. Alguns contestaram publicamente a homeopatia. O Instituto Hahnemanniano do Brasil, através de algumas lideranças acadêmicas, especialmente o polêmico Dr. Nilo Cairo (1874-1928), assumidamente positivista, procurou apoio no Apostolado Positivista do Brasil, nas pessoas de seus líderes, Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1875-1927), que também defendiam a "teoria microbiana" (FRAIZ, 2014, p. 245-252). E é nesse contexto de embates que o Instituto Hahnemanniano do Brasil criou a primeira Escola de Medicina calcada nos princípios e conceitos estabelecidos por Samuel Hahnemann (1755-1853).

A sexta escola médica foi implantada na capital do Estado de São Paulo. Foi, no entanto, a primeira escola médica no país a adotar os princípios e conceitos estabelecidos no Relatório Flexner de 1910. Para tanto, recebeu apoio da "Rockefeller Foundation como principal financiadora, nos anos subsequentes à publicação daquele estudo, da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo" (TRONCON, 2012, p.10). Tornou-se mais tarde a Faculdade de Medicina, da Universidade de São Paulo (USP). Portanto, foi a primeira faculdade genuinamente *flexneriana* no país. Além disso, foi a primeira de natureza pública após mais de um século e, também, a primeira criada pelo poder público de uma unidade da federação:

[14] Título do livro de Sidney Chalhoub (2017).

> [...] em 19 de dezembro de 1912, a Lei nº 1357, assinada pelo presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves e pelo Secretário do Interior Altino Arantes, estabelecendo [...] a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, regulamentada em 21 de janeiro de 1913, pelo decreto 2344. (MAZZIERI, 2004, p. 19).

A sétima escola médica fundada no país já nasceu configurada por uma universidade, a Universidade do Paraná. Foi a primeira instituição universitária criada no país, em 19 de dezembro de 1912, tendo sido liderada pelo médico Victor Ferreira do Amaral e Silva (1862-1953), que veio a ser o primeiro reitor. Juntamente com o médico homeopata Nilo Cairo da Silva, foi protagonista da criação do Curso de Medicina e Cirurgia em 1913. A Universidade do Paraná foi uma instituição particular até ser federalizada em 1950, tornando-se a Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Outras três escolas médicas foram criadas após a família Piquet Carneiro fixar residência no Rio de Janeiro e antes de Américo Piquet Carneiro ingressar no curso de Medicina em 1929. Em 3 de janeiro de 1919, foi criada a Faculdade de Medicina do Pará, atual Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA), a primeira na Região Norte do país. Em 4 de maio de 1920, foi fundada a Faculdade de Medicina do Recife, em Pernambuco, sendo a primeira no Nordeste em mais de um século, após a criação da escola médica na Bahia no ano de 1808. Atualmente, é a Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A Faculdade Fluminense de Medicina foi estabelecida em 25 de junho de 1925, graças à iniciativa e empenho de Antônio Pedro Pimentel (1877-1930), o primeiro Diretor da instituição.

Cabe agora rápida análise histórica do desenvolvimento da educação superior, em geral, e da educação médica, em particular, no Brasil, tomando como ponto de partida a reforma implementada por Marquês de Pombal, fixando como ponto inicial de corte a expulsão dos inacianos da Companhia de Jesus do Brasil Colônia, em 1760, até ao último ano da República Velha, em 1929. Não deixa de ser uma ironia histórica o fato de as instalações da primeira escola médica do Brasil localizarem-se no “Terreiro de Jesus”, “no Colégio que pertencera aos tangidos jesuítas” (BRITTO, 2011, p. 6). Também não deixa de chamar a atenção os mais de 80 anos que separam a criação das duas primeiras escolas médicas, passando por dois governos imperiais independentes, sequer ser cogitada a criação de novas escolas médicas, na Corte ou em outras Províncias. Seria de se esperar que a Academia Nacional de Medicina, fundada em 30 de junho de 1829, durante o reinado de Dom Pedro I, utilizasse sua projeção crescente para influenciar os governantes a expandirem o ensino médico no Brasil.

O mais surpreendente é o que ocorreu nos 30 primeiros anos da República, quando oito novas escolas médicas foram criadas. Com uma única exceção, todas foram implantadas pela iniciativa privada, entidades de natureza privada ou grupos de médicos movidos por variados sentimentos. A postura do poder público, na maioria dos casos, foi de quase total omissão. Quando houve ação foi no sentido de transferir a responsabilidade do ensino superior para a iniciativa privada, no caso a Lei/Reforma Rivadávia Corrêa, a qual, sob a justificativa de dar liberdade, desoficializar e retirar da União o monopólio da criação de instituições de ensino superior, na realidade, apenas oficializava a omissão. Que monopólio era esse que em 103 anos – de 1808 a 1911 –, ou, se considerarmos a partir da Independência do Brasil, em 89 anos, não implantou sequer uma universidade ou outra escola de medicina?!

A exceção foi a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, criada mediante uma Lei Estadual, assinada pelo então Presidente do Estado de São Paulo, Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919), que havia sido Presidente da República do Brasil (1902-1906). Tratava-se de uma iniciativa de um grupo de médicos, e sob incontestável liderança de Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho (1867-1920). Este foi, também, seu primeiro Diretor (1913-1920), acumulando essa função com a de Diretor Clínico do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo – então, "os dois maiores alicerces da medicina em São Paulo" (MAZZIERI, 2004, p. 24) –, cargo que exerceu de 1894 até 1920, ano de sua morte.

Mesmo sendo criada pelo poder público, sua sobrevivência institucional não estava garantida, especialmente frente a ambição de ser a primeira instituição acadêmica de graduação com foco em pesquisa no país. A viabilidade da escola foi possível graças ao apoio da Fundação Rockefeller – do "amigo americano" –, cujo respaldo logístico-financeiro permitiu "importar" professores/pesquisadores dos Estados Unidos e da Europa, que formaram professores de medicina e pesquisadores na área biomédica (TOTA, 2014). Esse suporte atendeu plenamente o prescrito no Relatório Flexner, incluindo o sonho do hospital próprio, pois foi a primeira escola médica brasileira a ter o "seu" Hospital das Clínicas.[15] E sua exuberância acadêmica foi tão impressionante no campo do ensino superior e em sua imagem de representação social que, quando da criação da Universidade de São Paulo (USP) em 1934, "a solenidade de instalação da Universidade e de posse de seu primeiro reitor" ocorreu nas dependências da Faculdade de Medicina e diante de sua Congregação (HABR-GAMA; CERRI; BATTISTELLA, 2004).

[15] O Complexo do Hospital das Clínicas é patrimônio da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo, mas, desde sua inauguração, a Congregação da Faculdade de Medicina da USP define e coordena sua gestão.

Com o início do Governo Provisório de Getúlio Vargas, em 1930, um de seus primeiros atos foi a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, procurando dar rápida resposta a vários segmentos da sociedade, nas quase sempre postergadas questões sociais. Menos de seis meses depois, uma série de quatro decretos que, respectivamente:

1) Criou do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 1931a);
2) Organizou o Ensino Superior no país (BRASIL, 1931b);
3) Organizou a Universidade do Rio de Janeiro, atual UFRJ (BRASIL, 1931c);
4) Retornou com o ensino religioso nas escolas públicas (BRASIL, 1931d).

Este último decreto provocou um "Manifesto de 600 Universitarios Catholicos" da recém-estruturada Universidade do Rio de Janeiro, dirigido ao chefe do Governo Provisório. Entre os signatários, encontra-se o nome de Américo Piquet Carneiro. Eis o conteúdo do Manifesto:

> Exmo sr. chefe do Governo Provisorio,
> Nós, estudantes da Universidade do Rio de Janeiro, vimos trazer a v. exc. O nosso aplauso sincero e consciente ao acto que permitiu o ensino religioso nas escolas publicas do paiz.
> Medida acatadora de todas as crenças como de todas as descrenças, levou nella o governo até os extremos do escrúpulo o seu respeito á liberdade das consciências.
> Se no novo regimen se faculta aos que o desejarem o ensino de sua religião, a ninguém é este ensino imposto; ao passo que, anteriormente, se impunha a toda consciência, religiosa ou não a aceitar uma doutrina agnóstica ou atheista que repugnava ao maior numero dellas.
> O acto do governo faz com que no Brasil se adopte o que hoje se pratica em quasi todos os povos civilizados do mundo, na Allemanha como na Hollanda, na Italia como na Inglaterra, na Yugoslavia como na Polonia, na Irlanda como na Escandinavia.
> E é por isto, sr. Presidente, que nós vimos trazer a v. exc. a expressão sincera do nosso aplauso e a clara demonstração do nosso regozijo. (ENSINO..., 1931, p. 1).

Américo Piquet Carneiro estava iniciando seu terceiro ano do curso médico, quando se tornou, literalmente, um estudante universitário. E da primeira universidade pública do país. Sua Faculdade de Medicina foi uma das nove instituições de ensino superior a compor a nova universidade. É provável que, com o elevado grau de exigência que detém essa fase do curso médico, não lhe tenha permitido refletir em maior profundidade acerca da dimensão dessa mudança e dos seus desdobramentos. Entretanto, seu compromisso mais tarde, já na condição de professor de uma universidade pública, e sua luta pela qualidade do ensino induzem-nos a pensar que deve ter tido algum grau de percepção da magnitude dessa transformação.

O ano de 1932 foi um ano repleto de acontecimentos. Alguns já citados, referentes ao estamento católico: criação da Liga Eleitoral Católica (LEC), visando a Constituinte de 1933 e a criação do Instituto Católico de Estudos Superiores (ICES), sob direção do advogado Sobral

Pinto. Um dos fatos mais importantes do início desse ano foi a emissão do Decreto nº 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, que instituiu o Código Eleitoral Provisório e, nele, assegurou o voto feminino, antiga reivindicação das mulheres, sistematicamente rejeitada tanto no Império quanto na Primeira República. No entanto, a mais marcante ocorrência – porque sangrenta – foi a "Revolução Constitucionalista de 1932", em São Paulo, iniciada em 9 de julho e encerrada com derrota dos revoltosos em 4 de outubro do mesmo ano.

Outro fato marcante foi o "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova". Documento dirigido "ao povo e ao governo", gestado durante a IV Conferência Nacional de Educação, em 1931, que contara com a presença do Chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas, e do Ministro da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos, organizada pela infante Associação Brasileira de Educação (ABE), fundada em 1924 (AZEVEDO, 2010, p. 102).

O documento foi assinado por 26 intelectuais de variadas trajetórias no campo educacional e político, e de perfis ideológicos também diversos. Entre os signatários, havia cinco médicos: Afrânio Peixoto, Roquette Pinto, Raul Briquet, Almeida Junior e José Paranhos Fontenelle. Foi redigido por Fernando Azevedo, com forte influência de Anísio Teixeira, também signatário do Manifesto. Dois subscritores foram essenciais por facilitarem a divulgação do documento: Júlio de Mesquita Filho, proprietário do jornal *O Estado de S. Paulo*, e a professora, poetisa, escritora e jornalista Cecília Meireles, que o publicou no *Diário de Notícia*s, no qual era responsável pela área de ensino. Apenas três dos signatários eram mulheres: além de Cecília, a professora Noemy Marques da Silveira e a professora montessoriana, anticlerical e feminista Armanda Álvaro Alberto.

Embora alguns dos subscritores fossem católicos, a decisão pelo Manifesto provocou uma crise na diretoria da Associação Brasileira de Educação (ABE), na qual os católicos constituíam maioria, provocando a saída daquele segmento mais conservador. O documento foi fortemente atacado por Tristão de Athayde (Alceu de Amoroso Lima), então liderança desse grupo católico, que denominou a proposta de "absolutismo pedagógico" (ATHAYDE, 1932, p. 4), criticando com veemência a proposição genérica de uma educação "baseada na ciência" (SKALINSKY JUNIOR, 2015, p. 69). De fato, entre outros conceitos que apontam para um enfoque científico da educação, termos como "caráter biológico", "funções biológicas", "direito biológico", "finalidades biológica da educação" emergem em várias partes do Manifesto.

Nesse cenário de expectativas e de feridas ainda abertas, especialmente em São Paulo, fundou-se a décima primeira faculdade de medicina do Brasil, a Escola Paulista de Medicina. O manifesto de sua fundação ocorreu em 1 de junho de 1933, e seu primeiro diretor, Professor

Octávio de Carvalho, tomou posse no dia 15 de julho do mesmo ano. Fruto do envolvimento de médicos de renome na capital paulista – entre eles um dos pioneiros do "Manifesto de 32", Antônio Ferreira de Almeida Junior –, emergiu como mais uma escola particular, a primeira do Estado de São Paulo, com grandes dificuldades de sustentabilidade, mas com muita esperança, ressaltada no discurso de posse de seu primeiro diretor:

> Qual as nascentes cabeceiras que, uma a uma, afluem e se confluem para formar o Amazonas, o Nilo ou as catadupas do Niagara, arrastando barreiras, lutando contra obstáculos intransponíveis, porém avançando sempre, nasceu a Escola Paulista de Medicina, oriunda, por sua vez, de acontecimentos sociais inelutáveis... A Escola Paulista de Medicina não é aventura, nem leviandade daqueles que assumiram a responsabilidade de sua ereção. Ela se ergue pobre na simplicidade de suas instalações, porém suficientes; modesta na parcimônia justa de seus instrumentários, porém soberba na majestade de seu idealismo desinteressado. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, 2019).

Em 1934, no dia do aniversário da cidade de São Paulo, o Interventor Federal no Estado de São Paulo, Armando de Salles Oliveira, através do Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934, "cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências" (SÃO PAULO, 1934). É a primeira Universidade Pública Estadual fundada no país.

Cerca de um ano após Américo Piquet Carneiro concluir seu curso médico, foi fundada a 12ª escola médica brasileira – décima do período republicano –, a Faculdade de Ciências Médicas, da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Como as demais escolas criadas no Brasil República até essa data, exceção feita à Faculdade de Medicina da USP, a Faculdade de Ciências Médicas foi fundada, em 5 de dezembro de 1935, como uma instituição particular, de capital privado, e na condição legal de Sociedade Anônima, com Ata da Assembleia de constituição definitiva da "Sociedade anonyma Sciencias Medicas" e "Lista de Subscriptores de Acções" com os seguintes nomes de instituidores: Rolando Monteiro, Gilberto Moura Costa, Jayme Poggi de Figueiredo, Gabriel de Andrade, Achilles Ribeiro de Araujo, Luiz Amadeu Capriglione, Raul Almeida Magalhães, Oscar Castello Branco Clark, Antonio Cardoso Fontes, Álvaro Cumplido de Sant'Anna, Jorge Saldanha Bandeira de Mello, Thomaz da Rocha Lagoa, Clovis Corrêa da Costa, Raul David Sanson, Irineu Malagueta de Pontes, Julio Oscar de Novais Carvalho, Waldemiro Pires Ferreira, Hildegardo de Noronha, Cesar Guerreiro, Heraclides Cesar de Souza Araujo, Jorge de Moraes Grey, Mario Olintho de Oliveira, Hélion de Menezes Póvoa, Sinval Augusto Lins, Jacintho Alvares da Silva Campos, J. A. Maurity Santos, Waldemar Berardinelli, Angelo Pinheiro Machado Filho, Francisco Eduardo Rabello, Genival Soares Londres, Raul Pitanga Santos, Antonio Emmanuel Guerreiro de Faria, José Ribeiro Portugal, Paulo Cesar de Andrade, Paulo de Carvalho, Guilherme Guinle – o único que

não era médico –, Octavio Barbosa do Couto e Silva, João de Barros Barreto, Joaquim Pereira da Motta, José Paranhos Fontenelle, Eder Jansen de Mello, Raul Baptista, Raul Jobim Bittencourt, Roberto Duque Estrada, Leonidio Ribeiro, Octavio Ayres e Pedro Ernesto Baptista (PARENTE, 1980, p. 27-28).

Foi a primeira escola médica no Brasil a ser nomeada como de "Ciências Médicas" e emergiu em um contexto de intenso debate acerca dos rumos da educação brasileira. De um lado, a tradição religiosa, católica, que, desde a ação dos jesuítas no Brasil Colônia, procurava encampar a responsabilidade de uma educação evangelizadora de cada alma. De outro, "os pioneiros da educação nova" buscavam nas dimensões científicas e culturais uma resposta para uma sociedade que precisava se tornar contemporânea de seu futuro.

O clima de intolerância, das polarizações em fermentação no mundo e no Brasil, reduziu os dois enfoques para uma concepção individualizante, capitalista, e uma concepção mais coletiva, socialista/comunista, respectivamente. A ironia nesse embate é que, tanto Jacques Maritain, ídolo em ascensão dos primeiros e crítico de John Dewey, quanto Anísio Teixeira, ícone dos segundos e epígono de Dewey, não podem ser enquadrados nessas armaduras ideológicas tão convenientes à direita e à esquerda para a fabricação de tiranos. Aliás, a maior das ironias é que ambos foram, e continuam sendo hostilizados nos dois extremos.

A concepção de Jacques Maritain sobre a educação da pessoa humana permite a nós vislumbrar uma dimensão tão densamente conectiva do indivíduo que ele se torna um ser transcendente:"[...] a primeira finalidade da educação é a conquista da liberdade interior e espiritual pela pessoa individual, ou, em outros termos, a libertação desta através do conhecimento, da sabedoria, da boa vontade e do amor." (MARITAIN, 1968, p.38).

Por sua vez, a percepção de Anísio Teixeira sobre a universidade, no discurso que proferiu na inauguração dos cursos da Universidade do Distrito Federal (UDF), no dia 31 de julho de 1935, também nos permite compreender essa mesma dimensão conectiva da pessoa humana:

> A função da Universidade é uma função única e exclusiva. Não se trata, somente, de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente, de preparar práticos e profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas do que as universidades.
> Trata-se de manter uma atmosfera de saber pelo saber para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva. Trata-se de difundir a cultura humana, mas de fazê-lo com

> inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, a atração e o ímpeto do presente. (TEIXEIRA, 2007, p. 120-121).

A Universidade do Distrito Federal, a primeira universidade pública pensada, planejada e constituída como tal – e não para se tornar em uma instituição universitária –, foi "desmontada" e extinta em pleno "Estado Novo" já consolidado, através do decreto-lei n. 1063, de 20 de janeiro de 1939, assinado pelo presidente Getúlio Vargas e pelo ministro Gustavo Capanema. Seus cursos foram transferidos para a Universidade do Brasil, mas alguns foram, simplesmente, extintos.[16]

3.3 Religião, silêncio e prática reflexiva

Encerrado o regime de padroado com a nova carta constitucional de 1891, em que o erário imperial garantia a subsistência do clero e a Igreja desempenhava funções públicas privativas do Estado, quando laico, seria de se esperar uma crise sem precedentes e o crescimento exponencial de outras correntes religiosas. O que não ocorreu. A nova realidade republicana – Igreja separada do Estado –, com as lideranças políticas convencidas do saudosismo monarquista das lideranças eclesiásticas, levou à silenciosa expansão organizacional da Igreja, com "estadualização" do poder eclesiástico:

> Entre 1890 e 1930 foram criadas 56 dioceses, dezoito prelazias e três prefeituras apostólicas, para as quais foram designados, no mesmo período, aproximadamente cem bispos, cabendo ao conjunto dos estados nordestinos, a São Paulo e a Minas Gerais os porcentuais mais elevados no reparte das circunscrições e prelados. (MICELI, 2009, p. 58).

Independentemente de ser uma estratégia de sobrevivência da Igreja na ausência dos subsídios governamentais, essa expansão procurou desenvolver um cinturão eclesiástico em torno de movimentos messiânicos, místicos e de enfrentamento do *status quo*, para evitar a sua disseminação e proliferação, que poderia ocorrer a partir de Canudos, Juazeiro e Contestado.[17] É bem provável que lideranças políticas republicanas fortemente anticlericais estivessem atentas, buscando conexões da Igreja com esses movimentos para que servissem de álibi para ampliar a hegemonia ou conquistar mais espaços nos estamentos político e militar. A Igreja, porém, escapou da armadilha ou, quem sabe, "não engoliu a isca".

---

[16] FÁVERO, 2008.
[17] MICELI, 2009, p. 59.

No início dos anos de 1920, com as crescentes tensões sociais e políticas, as insatisfações explícitas, as greves e o agravamento do estado de saúde do Cardeal Arcoverde (1850-1930), Dom Sebastião Leme (1882-1942), arcebispo de Olinda, em Pernambuco, foi removido, por determinação do Papa Bento XV (1854-1922), para o Rio de Janeiro, na condição de Arcebispo Coadjutor. Tomou posse em 5 de agosto de 1921. Sua rápida aproximação com o advogado, escritor, poeta e crítico literário Jackson de Figueiredo (1891-1928), convertido ao catolicismo na segunda metade da década anterior, resultou na criação da revista católica *A Ordem*, com objetivo de atrair intelectuais católicos para uma ação laica. No ano seguinte, foi fundado o Centro Dom Vital, espaço destinado ao encontro dessa elite, tanto para o fomento de um processo de educação evangelizadora, como uma estratégia de reaproximação da Igreja com o poder político, do qual fora alijada com a Proclamação da República.

Jackson de Figueiredo manteve intensa correspondência com outro advogado e crítico literário, Alceu de Amoroso Lima (1893-1983), o "Tristão de Ataíde". Se o primeiro já havia se convertido ao catolicismo, o segundo resistia a dar esse passo. Alceu, por sugestão de Jackson, procurou o Padre Leonel Franca (1893-1948), intelectual jesuíta que, em poucos encontros, levou o renitente Alceu a se converter ao catolicismo, o que ocorreu pouco antes da morte trágica de Jackson de Figueiredo, em 4 de novembro de 1928. Alceu de Amoroso Lima sucedeu a Jackson de Figueiredo, a pedido de Dom Sebastião Leme, na direção do Centro Dom Vital e da revista *A Ordem*.

Em 1929, ano em que Américo Piquet Carneiro foi aprovado na seleção vestibular e iniciou seu curso na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Medicina da UFRJ, Alceu de Amoroso Lima fundou, no âmbito do Centro Dom Vital, a Ação Universitária Católica (AUC), mais tarde transformada em Juventude Universitária Católica (JUC). Não sabemos se o calouro Américo Piquet Carneiro teria tido alguma participação nessa criação, se estava presente no Centro Dom Vital quando da criação da AUC. Sabemos que isso ocorreu no mesmo ano em que completaria 20 anos de idade. Por isso, chamamos atenção para um longo texto publicado por Alceu de Amoroso Lima com o título "Tentativa de itinerário", em que ele o inicia ressaltando a importância de se ter uma "causa":

"Uma grande causa, generosa, definida, construtora, pela qual possamos dar o nosso entusiasmo e, se preciso for, o nosso sangue" (LIMA, 1969a, p. 23).

No mesmo texto, relembra o sentimento de desencanto e desesperança de sua geração, quando estava com 20 de idade, em 1913, e dirigindo-se aos jovens com 20 anos de idade, em 1929, somos tentados a incluir Américo Piquet Carneiro como um dos alvos desta mensagem:

> Hoje, os moços sentem, – como sei que sentem, pois há muito que recolho dia a dia o depoimento deles em livros, em poemas, em conversas, em cartas, sobretudo em cartas, que é um encanto receber, pois nelas sobretudo é que palpita a grande inquietação que existe no fundo de todos esses vinte anos de hoje – os moços de hoje, que merecem representar a nova gente do Brasil, sentem que é preciso ser moço, que só se tem vinte anos uma vez na vida e que é preciso dar esses vinte anos por uma causa que valha esse dom admirável de sua mocidade. (LIMA, 1969a, p. 23).

Encerrado o período da Primeira República (1889-1930) com o movimento que levou Getúlio Vargas (1882-1954) ao poder em 1930, abriu-se uma grande perspectiva para a reaproximação da Igreja com o Estado. Alceu de Amoroso Lima, no comando do Centro Dom Vital, vinha buscando dar uma orientação mais cultural e menos política para o Centro, pois tinha algumas restrições à aproximação com qualquer governo, mas Dom Sebastião Leme vislumbrou uma oportunidade e estimulou um movimento de apoio crítico, que foi muito bem recebido por Vargas.

Dom Leme realizou ao longo da década de 1920, com paciência e persistência, um processo de romanização e modernização da Igreja Católica, o que a credenciou a dialogar com o processo de modernização que Vargas propunha para a nação brasileira.

Com a morte de Cardeal Dom Arcoverde, primeiro cardeal da América Latina, em 18 de abril de 1930, o Sumo Pontífice Pio XI (1867-1939) – pontificado de 1922 a 1939 –, decidiu confirmar Dom Sebastião Leme como seu sucessor, apesar dos protestos de lideranças eclesiásticas da América Latina que almejavam um “sistema de rodízio” (MOREIRA, 2010). Evitando qualquer possibilidade de celeuma, o Vaticano sequer consultou a Nunciatura Apostólica no Brasil ou o governo brasileiro. Após receber o chapéu cardinalício e retornar ao Brasil, teve início a derrubada do Presidente Washington Luís (1859-1957), com tentativas de envolver o agora Cardeal Leme de um lado e de outro, mas sua habilidade política e capacidade de diálogo o mantiveram ao largo.

Enquanto Américo Piquet Carneiro encontrava-se imerso em seus estudos na Faculdade de Medicina, provavelmente com tempo muito escasso para se dedicar à militância católica, sequer podendo participar de reuniões que gostaria, o Centro Dom Vital consolidou-se como organismo de congregação da intelectualidade católica, com sua revista *A Ordem* atingindo o auge de seu sucesso nessa década de 1930. Alceu de Amoroso Lima, à frente de ambos, continuou no protagonismo quando, em 1932, criou o Instituto Católico de Estudos Superiores (ICES), o qual passou a ser dirigido por Heráclito Fontoura Sobral Pinto (1893-1991), verdadeiro embrião do que viria a ser, mais tarde, a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Nesse mesmo ano, o Cardeal Leme, visando a Assembleia Constituinte, prevista para 1933, criou a Liga Eleitoral Católica (LEC) e designou Alceu de Amoroso Lima

como seu secretário geral, como movimento apartidário ou suprapartidário para garantir a influência católica na nova carta constitucional, retomando em novas bases o relacionamento Igreja-Estado.

3.4 Saúde pública no Brasil: dimensão histórica

A cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, capital do Império durante 67 anos, continuou, ainda, como capital da República por pouco mais de 70 anos. Nos primeiros treze anos da República (1889-1902), nada mudou no estado sanitário da maioria da população carioca. Ou, talvez, tenha mudado para pior, com o rápido crescimento da população pobre – ex-escravizados, recém-libertos, oriundos das regiões cafeeiras e imigrantes em busca de uma vida melhor nessa nova e promissora grande nação –, que sofria com sucessivas epidemias de febre amarela, varíola e peste bubônica, e níveis endêmicos elevados de tuberculose e sífilis. Essa situação configurava a capital do país como uma "cidade doente" (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1995, p. 4).

Os privilégios da corte imperial que, durante o verão, escapava da insalubre capital – quando os riscos de epidemias aumentavam exponencialmente – transferindo, assim, o expediente político-administrativo para o agradável e protegido "clima da montanha", encontraram na nova elite republicana dirigente – políticos, alta burguesia, militares de elevada patente e intelectuais orgânicos da República – o mesmo fluxo e sentido no uso desses privilégios. Os trabalhadores e desempregados eram abandonados à própria sorte para morrerem em consequência de epidemias de febre amarela, peste bubônica, varíola e da fortemente endêmica tuberculose, além das recorrentes disenterias de verão. Tudo isso contribuía para, durante quase todo o Império e o início da República, a mortalidade superar sempre a natalidade na capital, cuja população só conseguia aumentar graças aos migrantes de todo o país, que buscavam a Corte, e os imigrantes oriundos de outros países.[18]

A reforma urbana imprimida pelo prefeito Pereira Passos e a reforma sanitária implementada por Oswaldo Cruz encontraram na ação policial e militar o seu argumento mais convincente. Houve, pois, a desapropriação dos cortiços na região central da cidade para dar lugar a largas e arejadas avenidas, prédios elegantes e suntuosos. Do mesmo modo, ocorreu a remoção do Morro do Castelo – concluída somente na década de 1920 –, aplainando uma ampla área. A consequente expulsão dos moradores de quase toda a região central obrigou-os a irem

[18] MARCÍLIO, 2014, p. 8.

para subúrbios distantes e de difícil acesso – o que pode estar na base da aceleração do processo de favelização – ou improvisarem suas moradias nas montanhas e colinas generosamente distribuídas na paisagem da "cidade maravilhosa".

A reação popular ante a arrogância dos poderosos, mesmo mediada por um saber médico e urbanístico que em outras circunstâncias seriam aceitos e até elogiados como algo que beneficiaria a própria população mais carente, foi intensa e colocou o governo de Rodrigues Alves em cheque, tendo que recuar da obrigatoriedade da vacinação.

> Os políticos da época, assim como muitos dos atuais, pensavam que o Estado podia decidir o que é bom para a sociedade, sem fazer nenhuma consulta à população sobre seus interesses e suas necessidades. Grande parte dos políticos tentou mostrar que o povo é incapaz de aceitar os ensinamentos da ciência e as propostas da administração pública moderna. (MEIHY; BERTOLLI FILHO, 1995, p. 37).

Apesar dos resultados quase imediatos das ações de Oswaldo Cruz, no mês de fevereiro de 1904, em pleno verão, não ocorreu a epidemia anual de febre amarela e, em abril do mesmo ano, nenhum caso de peste bubônica, revelando que a eliminação do mosquito vetor e a desratização tinham sido medidas de grande eficácia.[19] O mesmo não aconteceu em relação à varíola, pois a única medida eficaz seria a vacinação em massa. Grande parte da população pobre assistia a suas humildes moradias serem demolidas ou invadidas pela "polícia sanitária" em busca de "criadouros do mosquito transmissor" e de ratazanas. Além da pobreza e da exploração a que estavam submetidos, eram responsabilizados pela propagação da epidemia, das quais eram, de longe, as principais vítimas. A última trincheira que lhes restaram foi o próprio corpo, e foi com ele que resistiram, recusando a vacina e enfrentando a repressão, até o Presidente Rodrigues Alves recuar. Uma "vitória de Pirro", pois, em 1908, quando uma grande epidemia de varíola atingiu nove mil pessoas e causou cerca de 90 mortes, ceifando vidas e saúde quase invariavelmente de pessoas que não haviam sido vacinadas, corroborou-se o acerto das medidas do sanitarista Oswaldo Cruz (UJVARI, 2003, p. 235).

Américo Piquet Carneiro nasceu no interior do Ceará em 1909, um ano após a essa confirmação dos acertos de Oswaldo Cruz. Quando ele tinha 5 anos de idade, sua família fixou residência no Rio de Janeiro. A cidade já se encontrava menos insalubre. As feridas abertas com a Revolta da Vacina ainda não estavam cicatrizadas. As lembranças das pestes ceifando centenas e milhares de vidas também estavam frescas na memória. A tuberculose ainda era a

[19] UJVARI, 2003, p. 232.

grande endemia que continuaria por décadas, enchendo os sanatórios e mantendo sua escolha preferencial aos mais pobres e desnutridos.

Não se sabe por que esse filho de um engenheiro de significativo sucesso escolheu ser médico. Talvez por ter um tio materno, médico, com seu mesmo prenome: o Dr. Américo Barreira. Talvez por ser um inquieto durante toda a vida. Talvez por entender desde cedo que essa poderia ser uma maneira de exercitar sua religiosidade e sentimento de compaixão. Talvez por ter estudado no Colégio São José, colégio marista da Tijuca, e receber a influência de algum professor de Biologia ou de Educação Física. Talvez por ser melhor aluno de Latim do que de Trigonometria, conforme notas de prova final publicadas em um jornal no ano anterior a sua entrada na faculdade, em que constam 8,5 e 7,5, respectivamente. De qualquer forma, não iremos saber ao certo, pois não deixou registro e nenhum dos colaboradores desta pesquisa se sentiu em condições de responder, embora todos concordassem que foi uma escolha acertada.

Quando Américo Piquet Carneiro completava seu segundo ano do curso médico, ocorreu o primeiro "golpe de Estado" – para muitos, a "Revolução de 1930" – que presenciou. Nesse mesmo ano, foi criado pelo Governo Provisório de Getúlio Vargas o Ministério da Educação e Saúde Pública, sendo designado seu titular o mineiro Francisco Campos: "Sua nomeação foi uma compensação do governo federal a Minas pela participação na Revolução de 1930, mas resultou também da pressão de setores conservadores da Igreja Católica, liderados por Alceu Amoroso Lima." (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL, 2020).

A criação do Ministério da Educação e Saúde Pública foi um dos primeiros atos do Governo Provisório, ocorrido menos de duas semanas após a posse, em 14 de novembro de 1930. Sinalizava aos aliados, especialmente a Igreja Católica e as entidades comprometidas com a Educação e com a Saúde Pública, o interesse do novo governo em dar resposta nessas áreas quase sempre passadas "em branco" nos gabinetes anteriores, inclusive os do Império.

CAPÍTULO IV:

CAMINHOS E DIREÇÕES: A LÓGICA DAS ESCOLHAS

> "O homem encontra-se a si mesmo subordinando-se ao grupo, e o grupo só atinge seu fim servindo ao homem e compreendendo que ele tem segredos e uma vocação que é estranha ao grupo."
>
> *(Jacques Maritain)*

4.1 A infância do deslocamento

O pai de Américo, Bernardo Piquet Carneiro, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 27 de junho de 1860. Foi aluno da Escola Central da Corte – atual Escola Politécnica da UFRJ –, formando-se em Ciências Físicas e Matemáticas em 10 de junho de 1887. Iniciou sua vida profissional na Estrada de Ferro de Porto Alegre a Uruguaiana, onde ocupou sucessivas funções: condutor-técnico, chefe de seção, primeiro engenheiro e engenheiro técnico. Em abril de 1897, foi transferido para Estrada de Ferro de Baturité, Ceará, que apresentava sérios problemas de gestão, com dívidas. Saneou as finanças, organizou a empresa para ser arrendada, em um tempo bastante curto. Em 1900, tornou-se o engenheiro-chefe da "Comissão do Açude de Quixadá", que se tornaria a "Inspetoria de Obras Contra as Secas" e, mais tarde, o "Departamento Nacional de Obras Contra as Secas/DNOCS".[20]

Em 1906, Bernardo Piquet Carneiro concluiu a obra do Açude do Cedro, obra planejada pelo engenheiro inglês Jules Revy, em 1882, e que fora interrompida por cerca de 20 anos. Foi a primeira grande obra pública de irrigação no Nordeste e constitui um marco histórico no enfrentamento da seca. Localiza-se a seis quilômetros da cidade de Quixadá.[21] Outros açudes foram projetados e implantados por Bernardo Piquet Carneiro. Elaborou o projeto do grande açude Acarape-do-Meio, localizado no município de Redenção e que abastece a capital.[22] Segundo o neto de Américo e bisneto de Bernardo, Cláudio Piquet Carneiro Pessoa, colaborador desta pesquisa, seu avô nasceu no município de Redenção, em uma fazenda vizinha a da família de Rachel de Queiroz.

Américo Piquet Carneiro, teve dez irmãos, sendo cinco deles meios-irmãos, filhos de casamento anterior de seu pai com Maria Luiza Kueger. São eles: Oscar, João, Maria Luiza, Clotilde e Emídio. Do casamento com sua mãe, Adélia Barreira, nasceram Ignácio, Lucina, Maria, Bernardo e José.

---

[20] Sousa (1960) descreveu em detalhes os feitos e a importância desse engenheiro para Quixadá e todo o Ceará. Ao final de seu artigo, registrou a produção bibliográfica de Bernardo Piquet Carneiro contendo sete itens.
[21] IPHAN, 2020.
[22] IBGE, 2020a.

Apesar de ter residido apenas dezessete de seus 76 anos de existência, Bernardo Piquet Carneiro, estabeleceu vínculos intensos com a região, onde conheceu, em Quixadá, sua segunda esposa, Adélia Barreira, "uma senhora da mais importante estirpe do lugar" (SOUSA, 1960, p. 247). Em outro parágrafo da página em que José Bonifácio de Sousa fez essa descrição, ele citou um trecho que Bernardo Piquet Carneiro escreveu, referindo-se ao município de Quixadá: "[...] deveria ser o refúgio dos homens de coração bem formado e dos que amassem a Deus pela contemplação da natureza.".

Os dezessete anos que Bernardo Piquet Carneiro e família residiram no Ceará foram perenizados pela gratidão desse Estado, pois cerca de dois anos após sua morte, ocorrida em 31 de outubro de 1936, o decreto estadual nº 448, de 20 de dezembro de 1938, renomeou o antigo Distrito de Girau para Piquet Carneiro, atualmente, município de Piquet Carneiro, localizado no centro-sul do Estado do Ceará.[23]

Apesar de ter vindo com a família para o Rio de Janeiro com apenas 5 anos de idade, Américo Piquet Carneiro, desenvolveu o mesmo encanto pelo Ceará, a ponto de seu neto, Cláudio Piquet Carneiro Pessôa dos Santos, colaborador desta pesquisa, afiançar: "Era muito orgulhoso de suas raízes nordestinas. Gostava muito do 'seu Ceará'. Adorava o Ceará!... Dizia que, se pudesse, criaria uma Universidade no interior do Ceará!...".

Procurando na internet informações sobre uma localidade no Estado do Ceará denominada "Redenção", tive uma sequência de surpresas. A primeira: a localidade recebeu esse nome porque foi onde uma decisão dos moradores da região. Então denominada Acarape, eles decidiram, em 1882, banir a escravidão. Foi o primeiro município de todo o Brasil a abolir a escravidão, ocorrendo mais de cinco anos antes da Lei Áurea.[24]

A segunda surpresa foi saber que no município de Redenção, desde 2010, está implantada a Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) como: "um centro educacional público e federal voltado para a cooperação internacional solidária com os países de língua Portuguesa, especialmente os africanos" (LEITE, 2019).

As surpresas seguintes são as iniciativas e imagens vinculadas ao município de Redenção e à UNILAB.[25] Duas imagens foram encantadoras para mim: o "Museu Senzala do Negro Liberto" e a "Árvore Solar". Penso que não existiria local mais adequado para Américo Piquet Carneiro nascer e, se eu tivesse a fé na vida espiritual que ele manifestava, acharia que

---

[23] IBGE, 2020a.
[24] IBGE, 2020b.
[25] LEITE, 2019.

seu espírito contribuiu para que essa instituição surgisse, como seu neto afirmou que ele sonhava com isso.

Quando Américo já se encontrava na adolescência, encontramos registros de sua irmã Lucina estudando em uma Escola em que sua meia-irmã, Clotilde, era professora. E, também, registros que Américo e outros de seus irmãos estudavam no Colégio São José, na Tijuca.

Ao iniciar seu curso de medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, atual Faculdade de Medicina, da UFRJ, tudo indica que já exercia algum tipo de militância religiosa católica.

4.2 A medicina como chão: passos iniciais

No ano de 1932, Américo Piquet Carneiro iniciou seu quarto ano do curso de medicina. Historicamente, esse período letivo é percebido como "o ano mágico da Clínica Médica", quando o estudante de medicina entra em contato com o fantástico universo das doenças clínicas estruturadas em um organismo humano. Não temos como saber detalhes desse período, mas podemos nos valer do registro de um, então calouro seu, estudante do terceiro ano, Nelson de Almeida Prado, quando iniciaram uma amizade que perduraria por mais de 50 anos, até a morte de Américo Piquet Carneiro. Registrou essas lembranças ainda na condição de Reitor do Colégio São Bento, tendo se tornado monge do Mosteiro São Bento após sua formatura, passando a ser conhecido como Dom Lourenço de Almeida Prado (1911-2009). Refere que se conheceram na "3ª enfermaria do Hospital São Francisco de Assis, Clínica do Professor Rocha Vaz" (PRADO, 1993, p. 11). Registrou, assim, as lembranças desse período:

> Éramos estudantes de 3º e 4º ano de medicina, ele do 4º, que, nessa fase da vida, já exige uma certa reverência. A primeira imagem que me ofereceu, pelo seu modo de ser, e pela fama que, então, o envolvia, foi precisamente a do cientista. Era mais sério do que nós outros estudantes. Creio que usava um *pince-nez*, que lhe dava um ar grave, que, numa comparação imaginária, faria pensar num botânico alemão. A fama reforçava a impressão visual. Tinha inventado (diríamos, bolado) um minúsculo aparelho de dosar ureia, ao lado do leito do doente, que o professor Berardinelli, com o vivo espírito e jocoso elogio, chamou de "*ureômetro liliputiano de Piquet Carneiro*". Nessa época acompanhamos um teste meio solene: o estudante Piquet e, ao lado, o prof. Capriglione faziam uma série de dosagens de ureia. Capriglione com o método usual e Piquet com o seu aparelho. Os resultados empatavam de maneira maravilhosa. O ureômetro foi aprovado. (PRADO, 1993, p. 11, grifo nosso).

Américo Piquet Carneiro, em 1934, encontrava-se em seu último ano da Faculdade de Medicina, da Universidade do Rio de Janeiro (URJ). O Hospital da Santa Casa de Misericórdia era o principal cenário de prática e de estágios para os estudantes de medicina. Desde o terceiro

ano, frequentava o Serviço do professor de Propedêutica Juvenil da Rocha Vaz, no Hospital São Francisco de Assis, que tinha como seus principais assistentes: Waldemar Berardinelli e Luiz Amadeu Capriglione. O ato de sua colação de grau ocorreu no Theatro Municipal, a partir das 15 horas, no dia 17 de novembro de 1934.[26] Entre os cerca de quatrocentos colegas de turma, destacam-se: Adão Manoel Pereira Nunes (1909-1985), que logo após a formatura militou na Aliança Nacional Libertadora (ANL), liderada por Luiz Carlos Prestes, e mais tarde foi deputado federal cassado no Ato Institucional nº 1, de 9 de abril de 1964. O mato-grossense Nicola Casal Caminha (1910-1995), um dos mais destacados radiologistas do Rio de Janeiro, Professor Titular de Radiologia da Faculdade de Medicina da UFRJ e membro titular da Academia Nacional de Medicina-ANM. O ex-ministro da Saúde do Governo Castelo Branco, Raimundo de Moura Brito, e o pesquisador em parasitologia da Fundação Oswaldo Cruz, Herman Lent (1911-2004), uma das vítimas do chamado "Massacre de Manguinhos" durante o regime militar em 1970, demitido e com os direitos políticos cassados por dez anos.

Menos de três meses após a formatura de Américo Piquet Carneiro, mais precisamente no dia 15 de fevereiro de 1935, foi publicado na página 3 do jornal *A Noite* um pequeno quadro, tipo anúncio, com os seguintes dizeres:

> *Grande invento prático*
> *SRS. DOUTORANDOS E MÉDICOS*
> O "UREOMETRO" PIQUET CARNEIRO é um aparelho modernissimo, de grande utilidade pratica e de facil manejo. Dósa com extrema exactidão a uréa do sangue, da urina, e do liquor. É acompanhado das devidas explicações. O preço é reduzidíssimo. Procurae adquiril-o com o próprio inventor: Dr. Americo Piquet Carneiro – rua Silva Guimarães, 40. – Phone 28-3287. (GRANDE..., 1935, p. 6, grifo do autor).

A presteza com que este anúncio foi publicado na imprensa, indica que esse invento foi desenvolvido por Américo Piquet Carneiro durante sua graduação, provavelmente com o apoio e incentivo de seu pai, o engenheiro Bernardo Piquet Carneiro, que possivelmente financiara o protótipo. Não sabemos qual a escala que esse produto alcançou e o grau de industrialização que obteve. Sabemos que seu neto, Cláudio Piquet, informa possuir um exemplar ainda na embalagem.

Não encontramos informações onde esse médico recém-graduado começou a atuar, aplicar e desenvolver seus conhecimentos nos primeiros meses e anos de sua profissão. Hoje, com quase certeza, estaria na Residência Médica, talvez já se especializando em Endocrinologia, seguindo os passos de um de seus ídolos, o Professor Waldemar Berardinelli.

---

[26] COLLAÇÃO..., 1934, p. 6.

Sabemos que em 24 de setembro de 1937 ele proferiu uma palestra no Centro Dom Vital, com o título de: “Reflexões sobre problemas atuais da biologia humana”, sucedendo a uma palestra do Dr. Silvio Edmundo Elia sobre “Espiritualismo marxista”, realizada em 10 de setembro, e antecedendo a uma “mesa redonda” composta pelo Dr. Hamilton Nogueira, novamente o Dr. Silvio Elia e Frei Sebastião Tauzin, com o tema “Teologia da Igreja e política”, realizada em 1º de outubro de 1937.[27] Não pudemos encontrar o conteúdo de sua palestra nas edições da revista *A Ordem* da época, mas podemos imaginar que tenha estudado com intenção, também, de responder ao que considerava uso indevido da Biologia por educadores, positivistas, marxistas e integralistas. O programa completo das palestras realizadas no Centro Dom Vital em 1937 foi publicado no número de fevereiro de 1938 da revista *A Ordem*, página 223.

Há fortes indícios de que Américo Piquet Carneiro continuou com vínculos no Serviço do Professor Rocha Vaz (1881-1964) e, especialmente, com seus assistentes, Professor Luiz Capriglione (1901-1953) e Professor Waldemar Berardinelli (1903-1956), por muitos anos, pois foram lembrados em muitas ocasiões como influências importantes em sua formação clínica.

Em uma sessão ordinária da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, ocorrida em 24 de novembro de 1936, presidida pelo Professor Berardinelli, foi aprovado como sócio efetivo da referida sociedade médica.[28] Antes, em maio do mesmo ano, após sua carta de adesão ao programa da “Liga Brasileira de Hygiene Mental”, tornara-se membro efetivo dessa entidade[29].

Em 1938, no 1º Congresso Pan-Americano de Endocrinologia realizado em julho, provavelmente presidido pelo Professor Waldemar Berardinelli, Américo Piquet Carneiro esteve presente como palestrante na 4ª Secção – Therapeutica Endocrinica –, realizando uma exposição sobre “Hormonios e vitaminas”, que foi o terceiro assunto apresentado, sucedendo ao segundo, “Hormonio sexual feminino no Homem e hormonio sexual masculino na mulher”, exposto por Rolando Monteiro e Bruno Lobo. O primeiro era fundador e professor catedrático de Ginecologia da Faculdade de Ciências Médicas e o segundo, professor de Histologia e Embriologia da mesma faculdade.[30] Mais de vinte anos depois, encontrar-se-iam como docentes da mesma faculdade, já na condição de instituição pública de uma Universidade Distrital.

---

[27] CENTRO..., 1937, p. 2.
[28] OS TRABALHOS..., 1936, p. 7.
[29] LIGA..., 1936, p. 3.
[30] 1º CONGRESSO..., 1938, p. 7.

4.3 O espírito da medicina

Mesmo durante seu curso de medicina, contando com a escassez de tempo pelas exigências curriculares, Américo Piquet Carneiro conseguia priorizar sua participação em reuniões no Centro Dom Vital, da Ação Universitária Católica (AUC), depois transformada em Juventude Universitária Católica (JUC), na qual veio a desenvolver um protagonismo, assim descrito bem mais tarde por seu contemporâneo, Dom Lourenço de Almeida Prado:

> A nossa atmosfera era a de *Adeus à Disponibilidade* de nosso querido Tristão. E, não raro, íamos um pouco longe demais, na contestação de uma vida cristã, à base de um código de moral, para a afirmação da liberdade de filhos de Deus, na procura mais religiosa da face de Deus. Tudo transparecia numa revista – *Vida* – que, então, publicávamos.
> Piquet, como mais poupado das lutas de liturgistas e não liturgistas, foi escolhido pelo cardeal Leme para *presidente da JUC*. (PRADO, 1993, p. 11, grifo nosso).

Um dos eventos religiosos em que sua participação está registrada como um dos membros da Comissão Organizadora é a "Paschoa dos intelectuais – A sciencia unida á fé", promovida pelo Cardeal Arcebispo Dom Sebastião Leme. A de 1938, realizada em 22 de maio, apresenta a estrutura da referida Comissão, designada pelo Cardeal Leme, com a seguinte composição:

> Dr. Alceu Amoroso Lima, Presidente da Acção Catholica Brasileira; Prof. Hamilton Nogueira, Presidente da Coligação Catholica Brasileira; Dr. Joaquim Mafra de Laet, Secretario da Confederação Catholica do Rio de Janeiro; Prof. Augusto Paulino, Presidente do Circulo Catholico do Rio de Janeiro; Prof. Carlos Americo Barbosa de Oliveira, Presidente da Associação de Professores Catholicos do Rio de Janeiro; Prof. Everardo Backeuser, Presidente da Confederação Catholica Brasileira de Educação; Dr. José Ferreira de Souza, Presidente da Sociedade Jurídica de Santo Ivo; Prof. Francisco Barreto Rodrigues Campello, Presidente do Centro Dom Vital; Prof. Henrique Tanner de Abreu, Presidente da Sociedade Medica São Lucas; Prof. J. Moreira da Fonseca, Presidente da União Catholica Brasileira e Dr. Américo Piquet Carneiro, Presidente da Juventude Universitaria Catholica. (PASCOA..., 1938, p. 1).

A composição de uma simples comissão organizadora, por dirigentes de entidades católicas diversas, para um evento que ocorre em um único dia no ano, é uma demonstração eloquente da importância que o Cardeal Leme destinava aos intelectuais, em sua estratégia de romanização e modernização da Igreja Católica no Brasil, "formando um grande e belo exercito católico de homens de estudo" (PASCOA DOS ANTIGOS..., 1939, p. 1).

A referência a autoridades que tiveram suas presenças confirmadas, como o ministro do Trabalho, Waldemar Falcão, o então prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth, ministros do Supremo Tribunal, além de outros magistrados, professores e outros institutos superiores, vem reforçar a crescente influência católica nas estruturas governamentais de poder.

Um outro aspecto importante, por ocasião desse evento anual, é o papel representado pelo intelectual jesuíta Padre Leonel Franca, que pouco depois viria a ser o primeiro reitor da Universidade Católica do Rio de Janeiro, mais tarde PUC-Rio, que se manteve como responsável por redigir "o apelo" de convocação. O da páscoa de 1939, pouco mais de três meses antes da eclosão da II Guerra Mundial, trouxe em seu bojo esse cenário sombrio, do qual transcrevemos um dos parágrafos:

> Por entre os sobressaltos de um dos momentos mais angustiosos da agitada historia contemporânea sôa-nos, aos ouvidos cristãos a mensagem festiva da Páscoa. Os acontecimentos externos falam-nos de injustiças, de lutas e de guerras a dividirem os homens e as nações, a voz materna da Igreja convida-nos á pureza, a paz e ao amor fraterno na comunhão com Cristo Jesus. O contraste é frisante e instrutivo. (PASCOA DOS ANTIGOS..., 1939, p. 1).

Em meados de 1941, tornou-se "irmão oblato" no Mosteiro São Bento, juntamente com outros três médicos: Hamilton Nogueira, Percy Pereira dos Santos e Mario da Cunha Guimarães, além de outros oito postulantes, de formações variadas, entre os quais estava Gustavo Corção.[31]

Na Páscoa dos Intelectuais Católicos de 1942, ano da morte de Dom Sebastião Leme, este ainda promoveu o evento e nomeou a comissão organizadora com, praticamente, a mesma composição daquela de 1938, sendo Américo Piquet Carneiro não só o presidente, mas o representante da Juventude Universitária Católica. Dom Sebastião Leme era portador de hipertireoidismo, doença que, na época, era mais difícil de ser controlada do que atualmente. Em 1926, após uma severa crise de tireotoxicose, fora submetido a uma cirurgia da tireoide na Suíça. Faleceu no Rio de Janeiro no dia 17 de outubro de 1942, aos 60 anos de idade.[32]

Outra atividade que encontramos registros da participação de Américo Piquet Carneiro é em uma entidade de médicos católicos, denominada Sociedade Médica São Lucas, que faz referência a São Lucas como padroeiro dos médicos e comemora o dia dele, 18 de outubro, como o "Dia do Médico". Essa sociedade tem como presidente, quase vitalício, o Professor Henrique Tanner de Abreu (1870-1963), catedrático de Medicina Legal da Faculdade Nacional de Medicina, desde 1925.

É provável que Américo frequentasse as reuniões mensais da entidade desde o tempo de estudante de medicina, pois as mesmas ocorriam à noite. Há uma diversidade grande de

---

[31] De acordo com a reportagem consultada: "Membro da comunidade beneditina, embora não a título de monge; é como que uma extensão da Abadia no ambiente leigo, e faz profissão de viver dentro do espírito da Regra do Patriarca S. Bento." (RECEPÇÃO..., 1941, p. 9).
[32] MOREIRA, 2010.

temas abordados, mas a grande maioria é de assuntos médicos *stricto sensu*, sem negligenciar questões religiosas, médico-legais, de saúde pública, bioéticos, ou de outra ordem. Para citar alguns exemplos: "Endocrinologia e criminalidade", palestra proferida por Ribeiro de Azevedo; "Influencia do factor educacional sobre o systema vegetativo", proferida por J. Moreira da Fonseca; e "Lipoidose", proferida por Américo Piquet Carneiro na noite do dia 29 de julho de 1938, "no salão do Circulo Catholico" (SOCIEDADE MÉDICA..., 1938, p. 13).

Outra palestra realizada pelo Professor Piquet Carneiro que merece destaque é a ocorrida no dia 25 de novembro de 1942, que versou sobre "Pathologia dos gêmeos univitelinos". Ela ocorreu na mesma programação em que o presidente dessa entidade, Professor Henrique Tanner de Abreu, proferiu a palestra de abertura com o título: "A igreja, casa de Deus, problemas de higiene e de educação" (REUNIÕES..., 1942, p. 4).

Outra reunião que também podemos destacar pela demonstração do ecletismo médico de Piquet Carneiro ocorreu no dia 25 de maio de 1949, quando efetuou uma palestra sobre "Síntese clínica dos distúrbios menstruais", na mesma programação em que o Professor Henrique Tanner abriu a programação discorrendo sobre "Freud e a religião". Ao final de toda programação encontra-se um comunicado: "Esta reunião é franca aos médicos e aos estudantes de medicina" (REUNIÕES..., 1949, p. 12).

4.4 Escolhas e modelos: Jacques Maritain

Não temos elementos para precisar o momento em que surgiu em Américo Piquet Carneiro a vontade, o desejo, o ímpeto de iniciar a carreira acadêmica. Pela grande admiração que sempre se referiu a alguns de seus professores – especialmente, Rocha Vaz, Berardinelli e Capriglione –, podemos imaginar que possa ter surgido ainda quando estudante de medicina.

Menos de três anos após sua formatura, encontramos um registro, não muito claro, de uma possível inscrição em um "Concurso para Docencia Livre". Num quadro destinado à Faculdade Nacional de Medicina, publicado na página 10 do Jornal do Brasil de 3 de outubro de 1937, há essa chamada de concurso seguida de: "São convidados a comparecer á Secção de Expediente os seguintes candidatos", e um conjunto de 15 nomes de pleiteantes, entre eles o de Américo Piquet Carneiro (FACULDADE NACIONAL..., 1937, p. 10). Entretanto, seu concurso só foi concluído em julho de 1943. É provável que essa demora possa ter a ver com a

documentação, pois seu diploma de médico só teve seu registro autorizado também em 1943, quase nove anos após sua formatura.[33]

Contudo, sua atividade docente formal, certamente, já havia iniciado. Na relação dos convidados para a "Pascoa dos antigos e dos atuais alunos das Escolas Superiores", de 1939, seu nome encontra-se entre os "Professores da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil", lista essa encabeçada pelo então Diretor da Faculdade, "Alvaro Fróes da Fonseca", e uma sequência de 52 nomes. Os nove primeiros estavam sem referência, mas, pela expressão dos nomes, seriam "catedráticos", e os demais, classificados como "docente" ou "assistente". Américo Piquet Carneiro aparece na condição de "assistente" (PASCOA DOS ANTIGOS..., 1939, p. 2). Encontra-se a listagem de outras faculdades da Universidade do Brasil, assim como a de autoridades do judiciário, incluindo quatro ministros do Supremo Tribunal Federal (Laudo Camargo, Plinio Casado, Ataulpho de Paiva e Manoel da Costa Manso) e um Ministro do Supremo Tribunal Militar: Edmundo da Veiga.

Em 1936, Jacques Maritain publicou seu livro mais conhecido, "Humanismo integral". Nesse mesmo ano, quando Maritain retornava de uma viagem a Buenos Aires, de uma reunião internacional do Pen Club, Alceu Amoroso Lima assim descreveu sua retenção no Rio:

> Retivemo-lo no Rio pelo espaço de uma manhã, como a Rosa tão famosa... E era realmente uma flor suprema da cultura universal, que desabrochava pessoalmente para nós, no meio do prosaísmo dos guindastes, dos vagões e dos navios, com aqueles dois olhos de um azul de oceano e do céu, que faziam tudo mais empalidecer, até mesmo a presença de Raissa. Falou no Centro Dom Vital. Falou na Academia Brasileira. (PUSSOLI; LIMA, 1995, p. 23).

É provável que o jovem médico, Américo Piquet Carneiro, tenha assistido à conferência no Centro Dom Vital e, em seguida, na Academia Brasileira de Letras, dado início a um encantamento e admiração que iria impregná-lo por mais de meio século, até sua morte, ocorrida quase vinte anos após à de Maritain em 1973. Se não, como explicar a informação de seu neto, Marcelo, que disse que, praticamente, uma das paredes de sua enorme biblioteca estava ocupada por livros de Jacques Maritain? Provavelmente, em francês, inglês e, em português, editados pela Agir. Como explicar que ele distribuía livros desse autor até para agentes da ditadura militar, na esperança que viessem a ler e refletissem sobre os rumos que o regime estava tomando? Não temos como comprovar se essa divulgação espontânea de Maritain alcançou os resultados que ele desejava, mas, inquestionavelmente, esse autor foi o que mais o

[33] REGISTRO..., 1943, p. 6.

influenciou, pois tanto na rede familiar, como na acadêmica, Maritain foi sempre citado em primeiro lugar pelas pessoas mais próximas quando indagadas “que autores ele lia?”

A sintonia maior de Américo Piquet Carneiro, sem nenhuma dúvida, encontra-se mais com os escritos de Amoroso Lima e Maritain, em especial os livros de Jacques Maritain, do que com as respectivas trajetórias tempestuosas e posições políticas que ambos assumiram em determinados momentos da história. Assim como as palavras de Amoroso Lima (1969, p. 20) devem ter calado fundo em seu espírito: “é preciso ter uma grande Causa que valha a pena lutar por ela”. Sem dúvida, foi a educação médica essa grande causa. Maritain trouxera em seus escritos a importância de proteger a pessoa humana em todos os aspectos. Sua definição de pessoa no livro *Humanismo integral* parece resumir toda a história de vida do Professor Américo Piquet Carneiro: “Uma pessoa é um universo de natureza espiritual dotado da liberdade de escolha e constituindo, portanto, um todo independente em face do mundo, não podendo nem a Natureza nem o Estado tocar esse universo sem a sua permissão.” (MARITAIN, 1945, p. 10).

Quando analisamos as trajetórias religiosas de Jacques Maritain, Alceu de Amoroso Lima e Américo Piquet Carneiro, um aspecto salta aos olhos com a claridade de um relâmpago: os dois primeiros converteram-se ao catolicismo com ampla e continuada divulgação. O primeiro, em 1906, com direito a comemorações periódicas. O segundo, em 1928, pouco antes da morte de Jackson de Figueiredo, quase no limite do tempo para assumir seu lugar de protagonista no Centro Dom Vital e na revista católica *A Ordem*, em um voto de continuar a obra de Jackson. Quanto a Piquet Carneiro, silencioso e reservado como sempre foi, não temos como saber se seu catolicismo vinha “de berço” ou se, em algum momento de sua tenra juventude, converteu-se silenciosa e serenamente. Ainda assim, pela frase atribuída a seu pai, no início deste capítulo, é provável que sua fé tenha origem no seio de uma família religiosa e católica.

O nascimento dos filhos na primeira metade dessa década de 1940 – Inês (1941), Estevam (1942) e Cecília (1945) – certamente deu-lhe um divino sopro de alegria para se tornar um professor cada vez melhor. Podemos imaginar que escreveu parte de sua tese de docência livre com Inês no colo, enquanto sua esposa, Dona Ofélia, amamentava Estevam. O nascimento da caçula, Cecília, ocorreu após o término da II Guerra Mundial e da ditadura do “Estado Novo”, como uma brisa de esperança de um mundo melhor.

No momento em que eu procurava, no acervo da Biblioteca Nacional, por mais informações sobre os vínculos institucionais acadêmicos do Professor Piquet na década de

1940, eis que chega às minhas mãos, gentilmente cedido por seu genro, Álvaro Almério de Azevedo Pessôa do Santos, um exemplar da tese de Docência Livre de Clínica Médica na Faculdade Nacional de Medicina. Seu título é "Alergia e doenças alérgicas".

Sob o nome do autor, Américo Piquet Carneiro, encontra-se a qualificação e descrição de suas atividades acadêmicas, a saber: "Assistente da 3ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina (cadeira do Prof. Rocha Vaz); Catedrático de Antropologia e Etnografia da Faculdade Católica de Filosofia do Rio de Janeiro, e Catedrático de Antropologia da Faculdade de Filosofia do Instituto de Santa Úrsula". Na parte inferior da capa, a referência de sua publicação: "Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1942".

Dedicatórias, muitas vezes, especialmente as de monografias, dissertações e teses, são percebidas mais em seu conteúdo denotativo, formal, em conformidade com determinados protocolos tácitos. Não obstante, quando conhecemos um pouco mais a história de vida do autor e sua maneira de se apresentar no mundo, podemos vislumbrar sua dimensão mais conotativa. Américo Piquet Carneiro elaborou esse trabalho em um período não superior a seis anos da morte de seu pai, ocorrida em 31 de outubro de 1936, menos de dois anos após ter concluído seu curso de medicina. A maneira como escreveu a dedicatória diz muito sobre o que o exemplo – como um grande fanal da aprendizagem – significou em sua vida: "À memória de meu Pai, Engenheiro Civil Bernardo Piquet Carneiro, exemplo perfeito de justiça, de verdadeiro patriotismo e de amor ao trabalho". A lacônica dedicatória seguinte também alarga o horizonte de vida de um educador: "Ao Professor Rocha Vaz, meu mestre".

A conquista da Livre Docência, a condição de membro da equipe acadêmica do Professor Juvenil da Rocha Vaz, catedrático da 3ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina e as responsabilidades doméstico-familiares de criação/educação dos filhos poderiam sinalizar uma imersão mais voltada tanto para a carreira docente da medicina como para a vida familiar. Porém, a inquietação silenciosa e a incessante busca por saberes conectivos desse jovem professor impunham um ritmo inesperado em seus movimentos. Mantendo-se ainda à frente da Juventude Universitária Católica, mesmo em um momento que deveria encontrar-se na fase de conclusão da elaboração de sua "Tese de Docência Livre". Deparamo-nos com um comunicado/convite publicado na página 8 do *Jornal do Commercio*, edição do dia 17 de abril de 1942, um mês após o nascimento de seu filho Estevam, convocando-o para "a abertura oficial dos trabalhos da Juventude Universitária Católica". Primeiro, "com missa às 7 horas da manhã na Matriz de Santa Therezinha", e depois, no mesmo dia:

> a reunião na sede das Faculdades Católicas, à rua S. Clemente n. 240, Botafogo, às 18:30 horas. Deverão falar, nesta reunião, Monsenhor Leovigildo Franca, Assistente Eclesiástico, Dr. Américo Piquet Carneiro, Presidente da J.U.C., Dr. Alceu Amoroso Lima, Presidente da Ação Católica Brasileira e Padre Leonel Franca, C.J. (JUVENTUDE..., 1942, p. 8).

Mesmo com compromissos docentes em três faculdades, sua militância católica parece não se arrefecer nos anos subsequentes, pois fará parte da delegação da Igreja na "Terceira Conferência Interamericana de Ação Social", em agosto de 1948, inclusive na condição de palestrante. O enfoque central dessa conferência foi sobre "imigração" e "cooperativismo". Américo Piquet Carneiro dissertou sobre "o espírito do cooperativismo como meio de obter melhor situação do povo para estabelecimento do equilíbrio social" (DEBATIDOS..., 1948, p. 2).

Um fenômeno instigante que ocorreu no perfil da militância religiosa de Américo Piquet Carneiro, a partir da queda do "Estado Novo", em 1945, foi uma migração progressiva para atividades mais ligadas à "assistência social", ministrando palestras, cursos, participando de eventos internacionais e, também, assumindo responsabilidades executivas, como a presidência da "Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores do Distrito Federal".[34] Encontramos seu nome também na condição de vice-presidente da Liga Brasileira de Assistência (LBA), na gestão de Euvaldo Lodi (presidente em exercício), ao lado de João Daudt de Oliveira e Professor Martagão Gesteira, também vice-presidentes.[35]

A Cooperativa por ele presidida, citada anteriormente, chegou a contar com três mil associados, situada no bairro da Piedade, na cidade do Rio de Janeiro, e era constituída de "um forte conjunto cooperativo, contando com um armazém de secos e molhados, um bazar, uma oficina tipográfica e uma farmácia" (INAUGURADA..., 1948, p. 3). Era considerada uma das maiores cooperativas de consumo da capital da República. Entre as várias palestras que realizou sobre o tema, citaremos três delas, levando em conta o perfil da clientela:

1. Em 25 de outubro de 1945 o jornal *Diário de Notícias* comunicou na "primeira seção", página 8, que Américo Piquet Carneiro proferiria uma conferência sobre "Problemas atuais do cooperativismo", no Auditório do IAPETEC, na avenida Graça Aranha, nº 35;
2. No diário, *Correio da Manhã*, dos dias 15 e 16 de abril de 1948, nas páginas 14 e 12, respectivamente, o comunicado/convite de que, "na sede do *Movimento Renovador*, no Edifício Darke, 5º andar, sala 529", haveria uma conferência do "Dr. Américo Piquet Carneiro, presidente da Cooperativa dos Trabalhadores do Distrito Federal Ltda., sobre

[34] INAUGURADA..., 1948, p. 3.
[35] LIGA BRASILEIRA..., 1949, p. 9.

o tema: *Cooperativismo*" (ASSOCIAÇÕES..., 1948, p. 14, grifo do autor). O convite era extensivo a todos os membros da agremiação e para aqueles que se interessavam pela matéria. Em continuidade ao informe, há o relato da composição da diretoria do referido "movimento", eleita na semana anterior: presidente, Carlos Lacerda; 1º vice, Adauto Lucio Cardoso; 2º vice, Ignácio Piquet Carneiro (irmão de Américo); e demais membros.

3. Em 6 de outubro de 1948, na página 6, o *Jornal do Commercio*, num quadro com uma chamada em negrito: "*Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa*", comunicou:

> Amanhã, às 18:15, o Dr. Americo Piquet Carneiro, Presidente da Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores do Distrito Federal, apresentará um filme documentário inglês, intitulado 'Os homens de Rochdale', o qual descreve o nascimento da ideia cooperativa, na pequena cidade industrial de Rochdale, em Lancashire, no ano de 1844, e de seu subsequente desenvolvimento numa organização que afeta de maneira fundamental os suprimentos alimentícios de um terço da população da Grã Bretanha, estendendo ainda sua influência em bancos, seguros e outras atividades essenciais à vida em sociedade. Após mais de duas gerações, os princípios de Rochdale ganharam o mundo inteiro, através da Aliança Cooperativa Internacional. O Dr. Piquet Carneiro, ao apresentar o filme, falará sobre os progressos da Cooperativa de Consumidores do Distrito Federal. (SOCIEDADE..., 1948, p. 6).

O que levou esse médico e professor a se deslocar de sua área nuclear, a medicina, repleta de tantas necessidades e demanda social, para atuar em áreas em que já existiam profissionais especializados e com maior experiência? Foi ele, ou foi a Igreja, que buscou e propôs tais conexões? Que lições e aprendizado ele trouxe dessas incursões para suas atividades médicas e acadêmicas? E o que levou e deixou nessas áreas, como uma espécie de contrapartida? Que tipo de influência suas leituras e interpretações do pensamento de Jacques Maritain poderiam explicar e dar sentido a esses movimentos? De onde ele retirava tanta energia? Poderíamos continuar à exaustão levantando questões relacionadas aos instigantes movimentos desse ente quase misterioso, mas é provável que isso só aumentaria nossas dúvidas e perplexidade. Primeiro, porque, até onde sabemos, ele não deixou nenhum registro escrito dessas experiências de vida e, nas entrevistas, não encontramos indícios de que tenha compartilhado suas reflexões dessas vivências. Segundo, porque, mesmo buscando em seu passado recente uma experiência que pudesse ter funcionado como gatilho de um novo disparo em suas inquietações, tanto ou mais que a mudança de regime, nada nos garante que seria apenas mais uma teoria acerca de uma personalidade tão silenciosa quanto inquieta frente à realidade social.

Nesse aspecto, encontramos seu nome relacionado com uma experiência ocorrida em 1943, que parece aproximar seu conhecimento médico, sua experiência docente e sua militância

religiosa de um recente esforço institucionalizado de ação social. Menos de um ano antes, a então primeira dama, Darcy Vargas, com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial, criara a Liga Brasileira de Assistência (LBA), no intuito de dar suporte às famílias, em dificuldades, dos soldados expedicionários, tornando-se sua primeira presidente. No ano seguinte, por iniciativa do Departamento de Assistência à Família dos Convocados da LBA, foi proposto um curso para formação de "Auxiliares sociais", com duração de três meses, a ser ministrado na própria sede da LBA (Rua México, 138, Centro do Rio de Janeiro/DF), com atividades teórico-práticas, com a seguinte programação de aulas e seus respectivos professores:

> "Questões Sociais", Alceu de Amoroso Lima; "Legislação do Trabalho", Dr. Luiz Carlos Mancini; "Alimentação", Dr. Helion Póvoa; "Higiene Geral", Dr. Américo Piquet Carneiro; "Moral Familiar e Social", D. Mary Fabricio de Barros; "Psicologia Popular", D. Elza Pereira das Neves; "Casos Sociais", D. Maria Josefina Rabelo Albano; "Noções Gerais da Assistência" e "Elementos de Técnica do Trabalho", D. Ayida F. da Silva Pereira. (UMA INICIATIVA..., 1943, p. 3).

Não conseguimos encontrar registros se esse curso teve continuidade nos anos seguintes, se foi reorientado – como a LBA o foi – após o término da guerra, e se Américo Piquet Carneiro permaneceu vinculado a alguma atividade da entidade. Apesar disso, podemos imaginar que sim, que possa ter contribuído para despertar nele algo, uma forma de compromisso com questões que vão além de processos de adoecimento, desencadeando nele uma visão cada vez maior da necessidade de uma "medicina social".

Não bastasse essa pletora de atividades que Américo Piquet Carneiro assumia e desenvolvia, no dia 30 de dezembro de 1947, na página 13, o diário *Correio da Manhã* informou que no sábado, dia 27, "realizou-se no Colégio São José, internato da Tijuca, a Assembleia destinada a aprovar os novos estatutos da Associação dos Antigos Alunos dos Maristas e a eleição da nova diretoria para o biênio de 48-49" (FUNDADA..., 1947, p. 13). Em seguida apresenta a composição da diretoria eleita, na qual consta o nome de Américo Piquet Carneiro, entre os seis membros da Diretoria e mais oito nomes do Conselho Deliberativo.

O governo de Eurico Gaspar Dutra chegou a seu último ano. Para muitos, foi uma continuação mais democrática, ainda que militarmente tutelada, do governo Vargas. Para outros, deixou a desejar em relação a seu antecessor. O cenário político começou a apontar para novas polarizações. Américo Piquet Carneiro era conselheiro do Movimento Renovador, sob a liderança de Carlos Lacerda, e foi convocado, junto com os demais conselheiros, para uma reunião na nova sede da entidade, à avenida 13 de Maio, nº 23, sala 526, no dia 5 de abril, às 18 horas, para a eleição das diversas comissões, conforme consta na página 2 da edição de 4 de

abril de 1950 do jornal *Tribuna da Imprensa*. O Centro Dom Vital é um forte aliado desse movimento. Como Américo Piquet Carneiro, Alceu de Amoroso Lima também fazia parte desse conselho.

A aproximação das eleições para a presidência da República, a efeméride dos 20 anos do decreto que instituiu o voto feminino e o fato de que, dentre os cerca de 50 conselheiros do Movimento Renovador, nove eram mulheres, favoreceram uma iniciativa que atendia a essa aliança tácita, a qual recebeu a denominação de "Conferências Cívicas no Centro D. Vital". Organizadas pelo "Departamento Cívico da Federação das Associações Católicas de Ex-alunas", parecem ter um claro objetivo de fomentar um maior envolvimento político das mulheres. A primeira conferência foi proferida pelo, então, senador da República, Hamilton Nogueira – "figura carimbada" do Centro Dom Vital, tendo sido vice-diretor por anos seguidos –, que discorreu sobre o tema: "O verdadeiro sentido da democracia". A segunda conferência, proferida por Carlos Lacerda, em 14 de julho de 1950, foi sobre "Programa de reforma social". Em seguida, conferências semanais com os seguintes palestrantes e os respectivos temas: deputado Daniel Faraco, "Valor da opinião pública"; Frei Pedro Secondi, "A mulher e a política"; deputado Daniel de Carvalho, "Reforma agrária para o Brasil"; senador Ferreira de Souza, "A família na legislação brasileira"; Américo Piquet Carneiro, "Ascenção social e política do proletariado"; José Vieira Coelho, "A Liga Eleitoral Católica-LEC e o dever do voto"; Heráclito Sobral Pinto, (não divulgaram o tema); Francisco Mangabeira, "Como ir às massas"; Aloisio Alves, "Os partidos políticos como expressão democrática"; Gustavo Corção, "Que é civismo" e Alceu Amoroso Lima, "O realismo político".[36]

4.5 O brilho dos "anos dourados"

O início da segunda metade do século XX começou, para alguns, com um "novo/velho" governo e, para outros, com um governo renovado pela esperança do aprendizado democrático. O início da Guerra Fria sequer foi ventilado em um país afundado em crise. Américo Piquet Carneiro recebeu essa crise diretamente em seu local de trabalho: o Hospital do IAPETEC, em Bonsucesso.

Primeiro, uma "queda de braço" nas bases de apoio do novo governo de Getúlio Vargas. Membros influentes do partido de Vargas, Partido Trabalhista Brasileiro, exigindo a presidência do IAPETEC e de outros Institutos. Ao mesmo tempo, um dos partidos da base de apoio

[36] CONFERÊNCIAS CÍVICAS..., 1950, p. 2.

eleitoral, Partido Social Progressista, sob a liderança do ex-governador de São Paulo, Ademar de Barros, exigindo o IAPETEC e o IAPI. Não havia como agradar um lado sem desagradar o outro, mas, nesse caso, Ademar de Barros levou a melhor, conseguindo a nomeação de ambos: Oscar Stevenson para a presidência do IAPETEC e Gabriel Pedro Moacir para a do IAPI. O ex-prefeito de Porto Alegre fora elemento de ligação entre Ademar de Barros e Vargas durante a campanha eleitoral.

Já Oscar Stevenson, com a delonga em sua nomeação e sua história pregressa de antivarguismo, foi uma "receita de crise", pois começou a demitir funcionários enquanto denunciava seu antecessor na mídia. Com isso, o desabastecimento no complexo hospitalar de Bonsucesso não demorou. À medida que a crise ganhava proporções maiores – um "prato cheio" para uma imprensa oposicionista, em especial a *Tribuna de Imprensa*, de Carlos Lacerda –, o diretor, Oscar Stevenson, sentiu-se obrigado a pedir telegramas de apoio a sua gestão. Conseguiu apenas que 44 médicos o fizessem, com 129 se recusando – dentre estes, Américo Piquet Carneiro, que já devia ser o Chefe da Clínica Médica do Hospital à época –, o que prolongou a crise por um tempo relativamente longo, sendo afastado do cargo por decisão do ministro do Trabalho, Segadas Vianna, em 28 de fevereiro de 1952. Américo Piquet Carneiro atravessou a crise com seu preferido e eloquente silêncio.

Outro desafio que Américo Piquet Carneiro enfrentou nesse ano de 1951 foi menos traumático, porém não menos complexo. A série de conferências que proferiu no Centro Dom Vital sobre um mesmo tema: "As origens filosóficas e religiosas do evolucionismo" (segundo o diário *Tribuna da Imprensa* de 12-13 de maio de 1951) ou "Os aspectos filosóficos e científicos do evolucionismo" (conforme a revista mensal *A Ordem*, de agosto de 1951). O desencontro de informações não se restringiu apenas ao título. A revista comunicou que as palestras foram proferidas nos dias 15, 18 e 25 de maio, enquanto a *Tribuna da Imprensa* informou que a primeira conferência fora proferida no dia 11 de maio, uma sexta-feira, anunciando as restantes para as sextas-feiras seguintes (18 e 25).O mais interessante dessas longas reportagens das conferências sobre um tema tão polêmico, especialmente para a época, são as divergências de interpretações do que foi exposto, o que pode, em parte, explicar os títulos diferentes.

Mesmo com alguma semelhança de interpretação dos aspectos históricos do desenvolvimento científico, da dissociação entre filosofia e religião, especialmente a partir de Descartes, e da separação entre filosofia e ciência, com o surgimento de concepções materialistas crescentes em número de adeptos, podemos fazer algumas observações a partir da

leitura das duas notícias. Fica evidente, de um lado, que a revista *A Ordem* focalizou mais os aspectos que reforçavam o criacionismo, inclusive que o conferencista afirmara a antiguidade da ideia de evolução e que o próprio Santo Agostinho (354-430) já se preocupara com a questão da evolução, mas dentro da própria espécie. A matéria concluiu dizendo que o Dr. Piquet assumira não ser "adepto do evolucionismo, muito pelo contrário, repugna-lhe a ideia" (CENTRO DOM VITAL..., 1951, p. 73).

A reportagem da *Tribuna da Imprensa*, por outro lado, focalizou os aspectos mais científicos, destacando a afirmação do palestrante acerca da grande influência que "as teorias de Malthus tiveram sobre Darwin, de onde este extraiu o seu princípio de luta pela vida, causa da seleção da espécie" (AS ORIGENS..., 1951, p. 2). De qualquer modo, o esforço de um pensador científico como Américo Piquet para compatibilizar seus conhecimentos da evolução das espécies e da genética – mesmo antes da descoberta do código genético, o que ocorreu pouco depois – com o criacionismo de sua fé religiosa não foi uma tarefa simples. No entanto, para um adepto do "tomismo maritainista", não foi um desafio impossível.

A prolongada crise do Hospital do IAPETEC, em Bonsucesso, colocou "mais lenha na fogueira" da insatisfação no setor saúde, em especial a dos profissionais médicos, em quase todos os estados do país. Um clima de greve geral assombrava várias capitais.

Em 24 de janeiro de 1952, o diário *Tribuna da Imprensa* convidou entidades e personalidades médicas – entre estas, Américo Piquet Carneiro – da capital da República e de vários estados da Federação para uma grande "Mesa Redonda dos Médicos", a ser realizada na redação do jornal, no fim de fevereiro, cuja iniciativa visava patrocinar "o estudo dos problemas da classe". O temário a ser discutido também foi divulgado no convite: "1. Socialização da medicina.2. Condições de trabalho do médico e exercício da medicina. 3. Salário e remuneração dos médicos". Em seguida, o convite de participação declarou ser "extensivo a todos os médicos brasileiros", porém "particularmente dirigido às seguintes pessoas". E, assim, relacionou um número bastante expressivo de pessoas, dentre as quais destacamos em função de nossa percepção de representatividade:

> [...] dr. Américo Piquet Carneiro, chefe da Clínica Médica do Hospital do IAPETC; prof. Ermiro de Lima, catedrático da Universidade do Brasil; prof. Jairo Ramos, presidente da Associação Paulista de Medicina; prof. Alípio Correa Neto, presidente da Associação Médica Brasileira; prof. Hilton Rocha, presidente da Associação Médica de Minas Gerais; dr. Otacílio Gualberto, presidente do IPASE; dr. Epílogo de Campos, deputado federal; dr. Miguel Couto Filho, presidente da Comissão de Saúde da Câmara Federal; dr. Horácio Lafer, Ministro da Fazenda; dr. Segadas Viana, ministro do Trabalho; dr. Simões Filho, ministro da Educação; dr. João Carlos Vital, prefeito do Distrito Federal; prof. Cumplido de Sant'Ana, presidente da Academia Nacional de Medicina; dr. Ponce de Arruda, deputado Federal; dr. Nicolau Moisés,

> chefe do posto de saúde de Resende; prof. Waldemar Berardinelli, catedrático da Universidade do Brasil; prof. Rolando Monteiro, presidente do Colégio Brasileiro de Cirurgiões; dr. Isnard Teixeira, da Associação Médica do Distrito Federal; prof. Luiz Capriglione, catedrático da Universidade do Brasil; prof. Cunha Melo, secretário da Associação Médica do Distrito Federal [...]. (MESA REDONDA..., 1952, p. 10).

A mesa-redonda foi realizada no dia 24 de janeiro de 1952, quinta-feira, na Redação da *Tribuna da Imprensa*, iniciando às 20 horas e encerrando à 1:15 horas da madrugada de 25 de janeiro. Evidentemente, os ministros e prefeito não compareceram (nem enviaram representantes), e grande parte de outros convidados enviou representantes. Américo Piquet Carneiro foi um dos presentes. Os presidentes das Associações Médicas, de modo geral, compareceram. A Academia Nacional de Medicina não se fez representar. Os professores catedráticos compareceram, mas alguns se fizeram representar. Algumas autoridades de governo estiveram presentes, porém os ministros não enviaram representantes. O professor Ermiro Lima coordenou e moderou a mesa-redonda. O debate foi intenso, com altos e baixos. O eloquente silêncio do Professor Américo Piquet Carneiro reforça minha sensação ao ler as transcrições de que esteve mais para baixo.[37] As transcrições ocuparam três páginas do jornal. Podem ser problematizadas, pelo lado positivo, de uma imprensa desejando colaborar com ideias para evitar uma crise maior, ou, pelo negativo, de "ser uma mera provocação" de um jornal oposicionista a um governo em crise.

O fato é que a greve aconteceu e tomou proporções variadas nas capitais. A greve ocorreu mais de um ano depois dessa longa matéria. Em 27 de março de 1953, o jornal Tribuna de Imprensa projeta em manchete: "Decidida a greve dos médicos", chamando atenção para a "advertência que não foi ouvida" pelas autoridades, em uma clara alusão à extensa matéria publicada no ano anterior (DECIDIDA..., 1953, p. 1). No Hospital do IAPETEC, muitos chefes de serviços resistiram ao movimento de greve; entre eles, Américo Piquet Carneiro, que defendia as reivindicações dos médicos, mas se dizia "absolutamente contrário a qualquer ação que prejudicasse o doente" (NÃO SACRIFICAR..., 1953, p. 2).

Duas outras disposições de militância que Américo Piquet Carneiro apresentou nessa década dos "anos dourados". A primeira ao compor uma chapa eleitoral como candidato a secretário geral para a "Associação dos Docentes da Faculdade Nacional de Medicina", conforme foi divulgado pelo *Jornal do Brasil* no dia 10 de julho de 1953, que anunciou também que a eleição ocorreria cinco dias depois no Pavilhão Francisco de Castro, da Santa Casa de Misericórdia.[38] A segunda ao integrar uma chapa para o Sindicato dos Médicos.

---

[37] MESA REDONDA DOS MÉDICOS, 1952, p. 6, 9 e 10.
[38] ASSOCIAÇÃO..., 1953, p. 10.

De todo modo, o que mais nos impressionou nessa década são as três teses para provimento de cátedras de Clínica Médica que elaborou e defendeu, respectivamente, em 1955, 1957 e 1959. Em setembro de 1955, participou do Concurso para provimento da 1ª Cadeira de Clínica Médica, da Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil, com a tese: "Das doenças do colágeno", concorrendo com Clementino Fraga Filho, Álvaro Barcelos Ferreira e Vasco Escobar Azambuja. Presidiu a Comissão Examinadora o Professor Waldemar Berardinelli (FNM-UB), sendo os demais integrantes: Deolindo Couto (FNM-UB); A. B. de Ulhôa Cintra (FM-USP); Arnaldo Cavalcanti Marques (FM-UFPE) e Oswaldo de Mello Campos FM-UFMG). A decisão da banca, por unanimidade, aprovou em primeiro lugar o Professor Clementino Fraga Filho, com o Professor Américo Piquet Carneiro em segunda colocação e Álvaro Barcelos Ferreira e Vasco Escobar Azambuja, respectivamente, em 3º e 4º lugares.[39]

Dois anos depois, em setembro de 1957, participou de outro concurso, dessa vez para provimento da 4ª Cadeira de Clínica Médica, da Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil, com a tese: "Síndrome de Cruveilhier-Baumgarten", concorrendo com Álvaro Barcelos Ferreira, José de Paula Lopes Pontes, René Laclette, Vasco Escobar Azambuja e Jacques Houli. Constituíram a Comissão Examinadora, Edgard Magalhães Gomes, Luiz Gentil Feijó, A. B. de Ulhôa Cintra, Luiz V. Decourt e Gonçalo de Mello. A banca aprovou, em primeiro lugar, José de Paula Lopes Pontes, com Américo Piquet Carneiro em segundo lugar.[40]

Entre 25 e 30 de maio de 1959, participou de um novo concurso para provimento da 3ª Cadeira de Clínica Médica, da Faculdade de Ciências Médicas, com a tese: "Aspectos da obstrução biliar nas hepatites por vírus". Teve como concorrente Vasco Escobar Azambuja, que também participara dos dois concursos anteriores. A Comissão Julgadora foi composta por J. V. Colares Moreira, da FCM-URJ (Presidente); Lafayette Silveira Martins Rodrigues Pereira, da FCM-URJ; Alcides Lintz, da FM-UFF; Jairo Ramos, da EPM-SP e Eduardo Z. Faraco, da UFRGS. A Comissão Examinadora, em seu Relatório Final, considerou o desempenho de Américo Piquet Carneiro superior nas provas escrita, prática, oral e na tese, sendo superado por Vasco Escobar Azambuja apenas na prova de títulos e trabalhos publicados. Merece registro que a comissão valorizou muito a experiência de Piquet Carneiro na Universidade Católica, considerando que "títulos de cultura geral devem e precisam ser apreciados para aqueles que

[39] CONCURSO..., 1955, p. 10.
[40] CATEDRÁTICO..., 1957, p. 7.

pretendem a carreira universitária" (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1959a, p. 14 e 15)[41]. Dessa feita, ficou em primeiro lugar e a Faculdade de Ciências Médicas conquistou mais um catedrático de Clínica Médica e suas histórias nunca mais foram as mesmas!

[41] Cabe ressaltar que a FCM S.A., fundada em 1935, foi criada com 50 sócios, dos quais apenas um deles não era médico. Os demais, com algumas possíveis exceções, tornaram-se, automaticamente, professores catedráticos, com algumas disciplinas com duas cátedras. Caso da Psiquiatria, da Dermatologia, da Ortopedia, por exemplo.

CAPÍTULO V:

AMBIENTE E LUGAR SOCIAL

"Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias."
(Fernando Pessoa)

5.1 Três concursos e um destino

As influências acadêmicas do Professor Juvenil da Rocha Vaz, Catedrático da 2ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina, juntamente com seus principais assistentes, Luiz Capriglione e Waldemar Berardinelli, representaram um enorme incentivo para Américo Piquet Carneiro concorrer à Cátedra de Clínica Médica. A tese de Docência Livre, em 1942, havia aberto esse caminho.

Tanto Berardinelli, em 1944, como Capriglione, em 1946, tornaram-se professores catedráticos de Clínica Médica na Faculdade Nacional de Medicina.[42] A morte precoce de ambos, Capriglione em 1953, aos 52 anos de idade, e Berardinelli, em 1956, aos 53 anos de idade, deve ter representado um desafiador estímulo para concorrer a uma cátedra na Faculdade Nacional de Medicina. Mais que isso, as datas de morte de ambos sugerem que no primeiro concurso que participou, em 1955, concorria à Cátedra ocupada antes por Luiz Capriglione, assim como no segundo concurso, em 1957, à Cátedra que fora ocupada por Waldemar Berardinelli.

Clementino Fraga Filho, em longo depoimento ao historiador Flávio Edler, descreveu a importância desses concursos para a evolução no ensino da clínica médica e uma certa "febre por concursos" que se apossou dele e de Américo Piquet Carneiro, dentre outros:

> Através dos concursos, é possível ter uma ideia das fases evolutivas do ensino da clínica médica na Faculdade Nacional de Medicina: daquela que chamo dos grandes mestres, depois o período de Berardinelli e Capriglione, em seguida a fase de Magalhães Gomes e, por último, a da renovação. (EDLER, 2009, p. 35).

Após um período relativamente longo sem concursos – durante o Estado Novo, ocorreram algumas nomeações de catedráticos, por Getúlio Vargas, sem passar por concursos –, a partir de 1950, com as aposentadorias de Juvenil da Rocha Vaz e Oswaldo de Oliveira e as mortes citadas acima, os concursos de provimento dessas Cadeiras foram realizados em sequência. O próprio Clementino Fraga realizou seu primeiro em 1954, concorrendo com Luiz

[42] EDLER, 2009, p. 35.

Feijó, Cruz Lima e René Laclette. Apesar de considerar ter elaborado a melhor tese e ter realizado uma boa prova, a banca aprovou em primeiro lugar Luiz Feijó. Ouviu de Waldemar Berardinelli, um dos membros da banca, a seguinte frase: “ainda não era sua vez” (EDLER, 2009, p. 36) Em seu segundo concurso, realizado no ano seguinte, saiu vencedor, sobre o qual descreveu um detalhe importante para nossa pesquisa:

> — Mesmo assim, o segundo concurso não foi fácil. Havia dois bons concorrentes: Álvaro Barcellos Ferreira, titular da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, e Américo Piquet Carneiro, homem exemplar, muito meu amigo. Piquet Carneiro me procurou antes do concurso e disse:
> — Vou me inscrever, mas não estou pensando que posso ganhar de você, que está mais preparado. Vou apenas ganhar experiência.
> Berardinelli o elogiou muito e disse:
> — Não se senta nessa cadeira sem sofrer.
> Ele acabou o concurso em segundo lugar e veio a ser a grande figura da congregação da UERJ. Sua carreira acadêmica assegurou lugar de destaque no ensino médico em nosso meio. (EDLER, 2009, p. 36).

A tese de Américo Piquet Carneiro para esse concurso, “Das doenças do colágeno”, impõe-nos uma reflexão em maior profundidade e uma análise contextualizada da trajetória de vida, das escolhas e da visão de mundo desse singular educador. A escolha do tema, um conjunto de doenças de natureza ainda muito obscura, com a quase totalidade do conhecimento sobre o assunto produzido no exterior, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, demonstra uma certa ousadia em trilhar caminhos novos e tortuosos. A dedicatória especial sinaliza o sentimento de gratidão e pertencimento: “À Memória do Professor Luiz Capriglione, com quem, há 25 anos, iniciei meu aprendizado de clínica médica, no serviço do Professor Rocha Vaz, nosso mestre comum.” (CARNEIRO, 1955, n. p.).

Luiz Capriglione havia falecido dois anos antes da defesa dessa tese, a qual teve como presidente da banca, Waldemar Berardinelli, que viria a falecer no ano seguinte. As mortes tão próximas desses mestres queridos devem ter marcado e desafiado Américo Piquet Carneiro a seguir adiante, como uma espécie de homenagem.

No prefácio, delimitou o escopo do trabalho, situando-o no “estudo da sua interpretação fisiopatológica” (CARNEIRO, 1955, n. p.). Para isso, na primeira parte, propôs apresentar o estado da arte do conhecimento histológico, fisiológico, bioquímico e fisiopatológico do colágeno. Na segunda parte, dissertou sobre “cada doença do grupo, no sentido de verificar a exatidão do mecanismo fisiopatológico proposto” (CARNEIRO, 1955, n. p.). Para tanto, utilizou de casos clínicos do Serviço do Professor Luiz Feijó, no Hospital Moncorvo Filho, do Serviço de Clínica Médica do Hospital do IAPETC (atual Hospital Federal de Bonsucesso), onde era o Chefe do Serviço, e um caso cedido por um colega.

Outro aspecto digno de nota, que também consta no prefácio, é o agradecimento que fez a quatro amigos. Três deles haviam contribuído em sua tese de docência livre, treze anos antes: Paulo Dias da Costa (1917-1996), palestrante do Centro Dom Vital, mais tarde também Professor Titular de Clínica Médica; Percy Pereira dos Santos, um dos quatro médicos que, como ele, se tornara *irmão oblato* do Mosteiro São Bento, em 1941; o Major Brigadeiro do Ar João Correia Dias, que não participou dessa tese devido sua súbita morte no início de sua elaboração, mas a quem rendeu homenagem ao considerá-lo "uma das mais lúcidas inteligências que já possuíram as nossas Forças Armadas" (CARNEIRO, 1955, n. p.). O quarto colaborador foi o Professor Serafim Silva Neto (1917-1960), também do Centro Dom Vital, que fizera toda a revisão, a quem considerou, "sem favor, a maior autoridade em assuntos de Filologia Portuguesa" (CARNEIRO, 1955, n. p.).

Esses registros contemplam três dos muitos predicados de Américo Piquet Carneiro: primeiro, mesmo na vida acadêmica, a importância que ele dava ao vínculo com pessoas também ligadas ao Centro Dom Vital; segundo, parcerias de longa duração, pelo menos, treze anos – e só não foi com os três, devido à fatalidade do falecimento de um deles; e, por último, a preocupação com a pureza e exatidão da escrita ao se valer de Serafim Silva Neto para a revisão, sem dúvida um dos ícones na Filologia da Língua Portuguesa na primeira metade do século XX.[43]

Não é nossa intenção buscar fazer uma análise mais profunda da tese, mas demonstrar os pontos em que ela se conectada e constitui uma continuidade de sua tese de docência livre, apresentada treze anos antes, especialmente vislumbrando o grande avanço que a Imunologia teria ao longo da segunda metade do século XX. Citando Cameron, buscou demonstrar que a imunologia em 1942 era um simples apêndice de uma das áreas da Bioquímica: "O estudo da imunologia constitue um ramo pequeno, porém importante da química das proteínas." (CARNEIRO, 1942, p. 43).

Logo em seguida, procurou configurar o amplo campo de desenvolvimento científico que estava se descortinando à frente:

> A função imunológica de um antígeno depende antes de tudo de sua natureza bioquímica e da situação físico-química. Assim nos ensina a nova e interessante bioquímica da imunidade. Todas as antigas noções imunológicas, verdadeiras entidades mitológicas, estão hoje substituídas por concepções físico-químicas. (CARNEIRO, 1942, p. 44).

[43] MORAES, 2016.

Na tese “Das doenças do colágeno”, além de situar a Imunologia como a fundamentação epistemológica desse conjunto de doenças, estabeleceu como grande cenário de ocorrência da maioria dos fenômenos, o tecido conjuntivo, assim definido:

> O tecido conjuntivo ou conectivo, como o nome indica, é um tecido que faz o arcabouço do organismo, tanto das partes moles – tecido conjuntivo frouxo e fibroso – como das partes duras – tecido conjuntivo cartilaginoso e ósseo. É um tecido de sustentação em cujos espaços se dispõem as células dos parênquimas dos órgãos e dos tecidos orgânicos. (CARNEIRO, 1955, p. 11).

A segunda tese para provimento de cátedra, em 1957, na mesma Faculdade Nacional de Medicina, da Universidade do Brasil, teve como título “Síndrome de Cruveilhier-Baumgarten”, em que novamente se classificou em segundo lugar, saindo vitorioso o Professor José de Paula Lopes Pontes.

Dois detalhes chamaram nossa atenção, tão logo folheamos as primeiras páginas. Primeiro, as dedicatórias:

> *A minha Mãe, Dona Adelia Barreira Piquet Carneiro, às vésperas de seu 82º aniversário.*
> *À memória de meu tio, Dr. Americo Barreira, médico e professor da Escola de Odontologia de Salvador.* (CARNEIRO, 1956, p. 3).

Esse primeiro detalhe mostra uma mudança em relação às duas teses anteriores (Docência Livre e do primeiro concurso para Cátedra de Clínica Médica, onde as dedicatórias foram dirigidas a seus mestres. Nesta, dirige aos familiares (mãe e um tio), com uma surpresa grande, pois desconhecíamos que ele tivesse um “tio médico e professor” e com o mesmo prenome: “Américo”.

O segundo detalhe, na folha seguinte, informa que estava concorrendo à “4ª cadeira de Clínica Médica, pela morte prematura de seu ilustre e brilhante titular, o Professor Waldemar Berardinelli”, falecido no ano anterior aos 53 anos de idade. Registrou que “a escolha do assunto baseou-se na oportunidade de reunir seis casos de uma síndrome relativamente rara, mas que alia à sua originalidade, importantes questões de propedêutica e de fisiopatologia” (CARNEIRO, 1956, p. 5).

Trata de uma síndrome relativamente rara – apenas 91 casos descritos no mundo até 1956 –, relatada pela primeira vez por Pegot em 1833, caracterizada pela tríade: hipertensão porta, permeabilidade da veia umbilical e ausência de cirrose hepática. O que chama atenção

ao exame clínico inicial é a presença de veias superficiais dilatadas em torno da região umbilical, com o formato que lembra a "cabeça da Medusa" (HUERTA, 1956, p. 258-262).[44]

Ao longo da tese, Américo Piquet Carneiro, após uma bem conduzida revisão histórica da síndrome, incluindo trechos da apresentação de Pegot, anexa *fac-símile* da revista médica em que fora publicada à época, apresentou um capítulo sobre a "Embriologia e anatomia do território da síndrome". Dedicou os capítulos restantes à "Propedêutica", à "Fisiopatologia", à "Exposição e comentário dos casos" e ao "Tratamento". Por fim, à guisa de conclusão, problematizou o conhecimento acerca da Síndrome de Cruveilhier-Baumgarten, começando por não considerar uma "manifestação tão rara como se julgava até recentemente". Em um outro ponto, chama a atenção para a "esquistossomose mansônica no Brasil como fator de hipertensão porta, sendo assim, "uma condição frequente para o aparecimento da síndrome". Também, considera que "do ponto de vista clínico não há interesse em distinguir a 'doença' da 'síndrome'" (CARNEIRO, 1957, p.. 125).

A terceira tese, da qual saiu vencedor, foi defendida em 1959, com o título: "Aspectos da obstrução biliar nas hepatites por vírus". Como na tese de Docência Livre – quando a dedicou a seu pai, mas também ao Professor Rocha Vaz – e, ao contrário da primeira para Cátedra e em sintonia com a anterior, a dedicatória dirigiu-se ao núcleo familiar: "À minha esposa e meus filhos, Inês, Estevam e Cecília". (CARNEIRO, 1956[1959], p.5)

No prefácio, deixou claro que toda a casuística que dera origem à tese foi constituída de pacientes internados, nos seis anos anteriores, no seu Serviço de Clínica Médica do Hospital do IAPETEC, em Bonsucesso. Por isso, o agradecimento especial a seu principal assistente, Dr. Fernando Guerra Alvariz, e agradecimentos a muitos outros chefes de serviços do mesmo hospital (Bioquímica, Anatomia Patológica, Radiologia e Cirurgia). Manteve os agradecimentos a Percy Pereira dos Santos, Paulo Dias da Costa e surgiu, pela primeira vez, o nome de Ângelo Benedicto Failace de Oliveira, "pela constante assistência com que se empenharam no estudo da bibliografia, redação e revisão desta tese" (CARNEIRO, 1959, p. 7).

Como nas teses anteriores, a preocupação com a fisiopatologia das entidades em estudo (doenças alérgicas, doenças do colágeno, síndrome de Cruveilhier-Baumgarten e Hepatites por vírus) adquire uma expressão nuclear. Logo no início dessa última, chamou a atenção para a limitação desse conhecimento:

---

[44] Medusa: mito grego trágico, representado por uma mulher que tinha na cabeça, ao invés cabelos, serpentes. e cujo olhar quando confrontado com o de alguém, transformava-o em pedra.

> A grande contribuição trazida ao conhecimento das hepatites nos últimos anos não foi suficiente para fixar, de modo definitivo, a sua fisiopatologia.
> [...] O termo hepatite exprime simplesmente inflamação hepática. As diversas estruturas do fígado – parênquima, tecidos conjuntivo e mesenquimatoso, sistema biliar e o complexo sistema vascular, venoso, arterial e linfático – são porém, tão interdependentes, do ponto de vista racional, que os processos inflamatórios assumem quadros histológicos extremamente variados.
> Além disso o fígado, como em geral todos os órgãos, pode reagir de modo semelhante a agentes etiológicos diversos. Daí a grande dificuldade que os autores encontram em firmar o conceito de hepatite que deve ser necessariamente amplo como o de Fraga Filho: processos difusos do fígado, de agressão parenquimatosa e reação mesenquimatosa, etiologia múltipla, curso agudo, subagudo e crônico. (CARNEIRO, 1959, p. 14-15).

Dessas longas citações, destaco alguns termos que estão também presentes, com maior ou menor ênfase, explícita ou implicitamente, nas teses anteriores: fisiopatologia, inflamação, parênquima, tecidos conjuntivo e mesenquimatoso, tecido de sustentação, complexo sistema vascular, interdependentes, ponto de vista racional, processos inflamatórios, quadros histológicos, processos difusos, agressão parenquimatosa, reação mesenquimatosa, etiologia múltipla, e curso agudo, subagudo e crônico.

Em todas essas quatro teses, o tecido conjuntivo ou conectivo parece desempenhar a função de palco onde os atores – células de defesa, de sinalização, de reconstrução e reparação, anticorpos, moduladores químicos, etc. – se encontram em uma disputa entre vida e morte, Eros e Tânatos, dor e prazer, integridade e destruição, ferida e reparação. Os órgãos e estruturas focalizados mais diretamente – pulmões e vias aéreas, pele e tecido subcutâneo, fígado e vias biliares, rins, vasos sanguíneos e linfáticos – denotam as estruturas orgânicas sobre as quais buscou aprofundar seu conhecimento e fazer dele a plataforma para uma nova ação médico-social, uma educação médica que busca fazer diferença e a prática de uma liderança tão conectiva quanto silenciosa.

Ao assumir a regência da 3ª Cadeira de Clínica Médica, da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade do Rio de Janeiro (URJ). Américo Piquet Carneiro não encontrou maiores dificuldades em adaptar a essa nova realidade. Seu Serviço de Clínica Médica do Hospital do IAPETEC passou a ser o cenário de ensino-aprendizagem dos grupos de alunos encaminhados pela Faculdade de Ciências Médicas para as disciplinas de Semiologia e Propedêutica e de Clínica Médica propriamente dita. Seu Serviço já acolhia antes alunos de Medicina para a realização de estágios, como Luiz Felipe Mattoso, da Faculdade Nacional de Medicina (FCM), Bruno Pelizzaro e Emílio Francischetti, da própria Faculdade de Ciências Médicas. Talvez, a única mudança tenha sido o periódico deslocamento até à Rua Fonseca Teles

– sede da faculdade – em São Cristóvão, local não muito distante de Bonsucesso, para as reuniões da Congregação da FCM.

Emílio Antônio Francischetti, aprovado no exame vestibular de 1956, descreveu as instalações e condições da Faculdade de Ciências Médicas nessa segunda metade da década de 1950:

> Comecei a cursar a FCM que ficava na Rua Fonseca Teles, em São Cristóvão, bem próximo ao Campo de São Cristóvão. Era um prédio de 23 andares – diziam que era uma réplica do Hospital da Universidade de Cornell em Nova Iorque. Porém, apenas o primeiro andar funcionava – abrigando a Diretoria da Faculdade e sua Secretaria. Os outros andares não estavam concluídos. Havia, também, os edifícios das disciplinas básicas onde ficavam o Anatômico, Histologia, Biofísica, Bioquímica, Fisiologia, Microbiologia e Parasitologia... as aulas, em sua maioria eram teóricas e as práticas, meramente demonstrativas. (Emílio Francischetti).

O terceiro ano do curso de medicina é crucial para uma boa formação médica por se tratar do ano de contato direto com o paciente. Emílio Francischetti relembra sua experiência nessa fase e as decisões que teve que tomar:

> No terceiro ano, quando deveríamos ser expostos ao paciente, nas aulas de Propedêutica Médica, aprender a examiná-lo, colher sua história... Bem, não me lembro de ter passado por esta experiência. As aulas seguiam teóricas, dentro de anfiteatros. A eventual exposição ao paciente era feita em grupos de dez alunos e o preceptor "mostrava" as técnicas de palpação, percussão e ausculta. Cumpria-se uma sequência de disciplinas, mas não havia um treinamento planejado e contínuo em enfermarias ou ambulatórios. A sensação era de que estávamos perdendo um tempo precioso em nossa formação profissional. Foi neste cenário que um grupo de colegas mais decididos resolveu que esta realidade precisava ser mudada... o caminho seria disputar as próximas eleições do Diretório Acadêmico. Fui convidado para ser o vice-presidente desta chapa... ganhamos as eleições e assumimos o Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming, o CASAF. Na nova diretoria havia gente muito boa – agora, não sou capaz de lembrar o nome de todos – mas, está muito presente em minha memória a figura do Presidente do CASAF, o Marcos Pádua, hoje, cirurgião-geral de muito sucesso em Assis, São Paulo. Marcos era gentil, solidário e sabia exercer sua liderança entre os colegas. Como bom mineiro, era um hábil negociador de conflitos, que desde o início de nossa gestão já eram muitos, principalmente com alguns professores e, particularmente, com o Diretor da FCM. (Emílio Francischetti).

Emílio Francischetti iniciou um estágio extracurricular no Serviço do Professor Piquet em seu terceiro ano de medicina, em 1958. Foi uma maneira que encontrou de compensar as limitações de seu curso, seguindo uma sugestão de "um colega e conterrâneo que trabalhava no IAPETEC como acadêmico bolsista do sexto ano de Medicina, o Jayme de Luca" (Emílio Francischetti). O Dr. Piquet o recebeu cordialmente e designou um de seus assistentes, Dr. Fernando Porto, para orientá-lo nas pequenas enfermarias sob seus cuidados. O aluno gostou tanto da experiência que continuou o estágio no ano seguinte. Foi uma oportunidade de conviver com outros assistentes e colaboradores do Dr. Piquet no Hospital de Bonsucesso: Fernando

Guerra Alvariz, Geraldo e Rosa Castelar Pinheiro, Sergio Miranda, Sergio Franco, Antônio Tufik Simão e os cirurgiões Pedro Abdalla e Oswaldo Araújo. Relembrou o período de preparação do Dr. Piquet para o concurso de cátedra na FCM, ainda no primeiro semestre de 1959. Lembrou-se "de ter assistido à arguição de sua tese sobre hepatites prolongadas" (Emílio Francischetti).

Américo Piquet Carneiro ingressou na FCM no "olho do furacão" de uma crise político-institucional, consequente a um movimento estudantil por melhores condições de ensino, que tivera seu início nos primeiros dias de janeiro de 1959, quando o Diretor da Faculdade, Álvaro Cumplido de Sant'Anna – que assumira o cargo em 11 de outubro de 1958 – decidira dobrar o valor da inscrição para o vestibular. Os alunos matriculados na FCM solidarizaram-se com os candidatos e começaram um movimento, liderado pelo seu Centro Acadêmico, que ganhou força e incorporou novas demandas: cancelamento de uma transferência *ex officio* de estudante que prestara vestibular no Estado do Paraná, renúncia do Diretor, um Hospital de Clínicas para a Faculdade de Ciências Médicas, melhorias na qualidade do ensino e, por fim, encampação da Faculdade pelo governo federal.

Emílio Francischetti, da diretoria do Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming/CASAF, como vice-presidente deste órgão representativo dos estudantes da Faculdade de Ciências Médicas, assim descreveu um desses momento da crise:

> Em uma das reuniões com a direção da FCM – o Diretor era o Professor Álvaro Cumplido de Sant´Anna, urologista e membro da Academia Nacional de Medicina – o diálogo entre os alunos, que reivindicavam insistentemente por melhores condições de ensino, e o Diretor deixou de existir. Não me recordo de ter participado desde o início dessa reunião, que terminou em troca de desaforos e ameaças. Cumplido de Sant´Anna tentando expulsar os alunos do seu gabinete, que resistiram e o fizeram refém. Atônito, Cumplido viu que as salas da Diretoria estavam sendo ocupadas por um grupo cada vez maior de estudantes. A partir daí o movimento tomou uma proporção maior, e acabou sendo apoiado pela maioria dos alunos do Curso de Medicina e de outros cursos da Universidade. Poucos dias depois, a Congregação da FCM prestou integral solidariedade e apoio ao seu Diretor, expulsando, através de ato administrativo/disciplinar, todos os membros do CASAF. (Emílio Francischetti).

O movimento recebeu solidariedade de estudantes de outras universidades do Rio de Janeiro, capital da República, e de estudantes de instituições de outros estados do país. Evoluiu para uma ameaça de greve geral. Fizeram acampamento na Cinelândia e conseguiu-se que representantes do movimento fossem recebidos pelo Presidente Juscelino Kubistchek, no Palácio do Catete. Emilio Francischetti descreveu o encontro:

> O Juscelino, que também era urologista como Cumplido de Sant´Anna, divertiu-se muito com a história sobre a ocupação do gabinete de seu colega de especialidade. Por fim, disse:
> – Vou dar um jeito nisso!...
> O Ministro da Educação, Clóvis Salgado, entrou em ação e as penas foram reformuladas: ninguém foi expulso! Mas, alguns foram suspensos por 12 meses e perderam o ano letivo, o Marcos Pádua, presidente do CASAF, por exemplo. Eu fui suspenso por seis meses. (Emílio Francischetti).

Mesmo suspenso por seis meses, Emilio Francischetti permaneceu, sem solução de continuidade, em seu estágio no Serviço de Clínica Médica do Hospital do IAPETC, em Bonsucesso. Nenhuma mudança ocorreu na condução de seu estágio, tanto por parte do Dr. Piquet, como de seus assistentes.

Não foi imediata a regularização institucional do Professor Américo Piquet Carneiro – contratação e entronização como Professor Catedrático da 3ª Cadeira de Clínica Médica. Pelo contrário, até fins de novembro, ele e o Professor Aarão Burlamaqui Benchimol, que fora aprovado no Concurso para a Cátedra de Cardiologia da mesma Faculdade, cerca de dois meses antes dele (início de abril de 1959), aguardavam a homologação pela Congregação dos pareceres das respectivas "comissões examinadoras". Os óbices encontravam-se na dificuldade em reunir o quórum exigido para tal, dos membros da Congregação da FCM. Uma troca de correspondência entre o Diretor do Ensino Superior do MEC, Jurandyr Lodi, o Reitor da URJ, Thomaz da Rocha Lagoa, e o Diretor da FCM, Álvaro Cumplido de Sant'Anna, buscava solucionar o impasse burocrático. Utilizando uma "metáfora imunológica", havia uma enorme quantidade de "anticorpos" circulando entre essas instituições. As sequelas do movimento estudantil, provocando decisões ambíguas e ressentimentos múltiplos, continuaram por um bom tempo a produzir esses "anticorpos".

Uma extensa carta do Ministro da Educação, Clóvis Salgado, dirigida ao Diretor, Cumplido de Sant'Anna, extensiva a toda Congregação da FCM, datada de 20 de novembro de 1959, permite-nos verificar o nível de ressentimentos acumulado. Citando a publicização de uma decisão da Congregação frente a uma Portaria do MEC, em que transcreve o seguinte trecho:

> Os professores da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Rio de Janeiro, respeitando a Portaria nº 257 de 31 de julho de 1959, do Sr. Ministro de Estado da Educação e Cultura, sentem-se na contingência imperativa de permitir aos alunos da Faculdade, que não estejam sob penalidade individual, realizem as respectivas provas parciais. Outrossim, consideram que a deliberação contida na referida portaria constitui um ato altamente prejudicial ao ensino, a disciplina e à tradição da vida universitária da Capital do País (FACULDADE DE CIÊNCIAS..., 1959, p. 2).

Após tecer considerações sobre vários aspectos que buscavam contextualizar as decisões em função da prolongada crise, próximo ao final do extenso documento, pareceu reagir com uma certa veemência ao que interpretou como postura inadequada das autoridades da FCM:

> E, para concluir, permite-me uma pergunta, no capítulo tão versado da disciplina: Seria recomendável demonstração de disciplina uma Congregação de professores censurar ato legal do Ministro? Discordar é direito do cidadão, mas insurgir-se um órgão público contra determinação da autoridade superior, alicerçada na lei, não me parece de boa ética na ordem administrativa. Tal exemplo será edificante para os discípulos? Tenho minhas dúvidas. E isso tanto mais quanto, indo mais longe, a rebeldia rompeu o círculo austero dos doutores para repercutir, como nota de escândalo, na imprensa diária (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1959b, p. 3)[45].

Esse evento constitui um dos muitos embates em que procuraremos demonstrar o clima institucional que o novo catedrático encontrou em seu próximo desafio acadêmico. É importante recordar que grande parte de seus catedráticos, à época, havia participado do grupo fundador da Ciências Médicas S. A. – a começar por seu diretor e pelo reitor da universidade –, portanto, se sentiam um pouco "donos" da Faculdade de Ciências Médicas.

Diferentemente do outro catedrático, Aarão Benchimol, que já era docente da instituição e, portanto, conhecia seus interstícios, Américo era um novato na FCM, embora tivesse ligações com pessoas vinculadas a essa Faculdade. A começar pelo próprio Aarão, católico e militante do Centro Dom Vital, como ele. Não podemos esquecer que seus dois grandes mestres, Capriglione e Berardinelli, foram fundadores da Faculdade de Ciências Médicas, em 1935. Capriglione era também docente da FCM e detinha laços familiares com Aarão Benchimol, de quem também fora professor.

Emílio Francischetti afiança que o Professor Piquet não aguardou os trâmites burocráticos para assumir seus compromissos de Catedrático de Clínica Médica, uma vez que seu Serviço em Bonsucesso passou a acolher grupos de alunos da FCM. E com o otimismo de estudante, assim percebeu o ingresso dele em sua Faculdade:

> Quando o Dr. Piquet assume a 3ª Cadeira de Clínica Médica, rapidamente entendeu o movimento dos estudantes da FCM que reivindicavam uma melhor qualidade no ensino e um hospital para a FCM. Em verdade, este era, também, seu objetivo ao assumir a Cátedra de Clínica Médica. (Emílio Francischetti).

---

[45] Documento em forma de carta, com a inserção manuscrita na parte superior esquerda: "Aviso n. 1195", com data de 20 de novembro de 1959. A carta é dirigida: "À Sua Excelência o Senhor Professor Álvaro Cumplido de Santana, Diretor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Rio de Janeiro".

5.2 Sentido institucional: distinguir para unir

Nada mais adequado para descrever os passos iniciais de Américo Piquet Carneiro em seu processo de institucionalização na Faculdade de Ciências Médicas, e na fugaz Universidade do Rio de Janeiro, que os relatos bem-humorados de um amigo, também ligado ao Mosteiro São Bento, que se tornara *irmão oblato* no mesmo dia que ele. Era, também, militante do Centro Dom Vital e compartilhou com ele muitos cursos, juntamente com Dom Helder Câmara: Gustavo Corção.

Em sua coluna no *Diário de Notícias*, com o título "Faculdade de Ciências Médicas", Gustavo Corção descreveu uma visita de parlamentares, em que ele teve "a incumbência de levar o senador gaúcho Mem de Sá", à sede da FCM, na Rua Fonseca Teles. Após um instigante primeiro parágrafo, assim descreveu a acolhida:

> Fomos cordialmente recebidos pelo reitor da Universidade do Distrito Federal, o dr. Rocha Lagoa, pelo diretor, dr. Cumplido de Santana, e pelos professores Lafaiete Pereira, Luís Feijó e Américo Piquet Carneiro, que estavam representando o punhado de paladinos da ciência e da saúde que pretendem levar avante a tarefa iniciada, há quinze anos, e depois estacionada. Percorremos os dezesseis andares do enorme edifício construído, há quinze anos, com recursos particulares, e pudemos apreciar o que representará para a cidade e para o país o funcionamento do Hospital-Escola, quando aquele grupo de abnegados conseguir os recursos para terminar o prédio e adquirir os equipamentos. (CORÇÃO, 1959, p. 2).

Distinguindo os parlamentares presentes como "de situação" e "de oposição", continuou apontando para uma necessidade de mobilização de forças políticas e empresariais para concluir tão importante obra, assim como adquirir os equipamentos necessários. No texto não há nenhuma explicação das razões que motivaram essa visita de parlamentares, entre os quais um senador da República pelo Rio Grande do Sul, a qual fora agendada com antecedência, não há dúvida. As presenças do Reitor, do Diretor e do Vice-Diretor da FCM, de um catedrático mais antigo e do mais recente titular de uma cátedra, esperando pela delegação e em expectativa armada para mostrar o grande edifício inacabado, comprovam a prévia organização.

Mas, de quem teria sido a iniciativa? Nas atas das reuniões anteriores da Congregação da FCM, não há referência a essa possibilidade, o que permite descartar o Diretor e seu vice dessa iniciativa. Do magnífico Reitor? Seria possível, mas pouco provável. Desde 1958 os estudantes reivindicavam um Hospital de Clínicas, poderia ter feito isso antes, ou até já estaria frustrado com a ausência de resultados. Do Professor Feijó? Pouco provável, pois seu máximo interesse era a Universidade do Brasil, onde era uma "estrela ascendente", especialmente por ter liderado a reforma do currículo da Faculdade Nacional de Medicina no ano anterior.

Sobraram, nesse grupo, o engenheiro/jornalista Gustavo Corção e o mais novo catedrático da FCM, Américo Piquet Carneiro.

Tenho motivos para crer que essa iniciativa tenha partido de Américo Piquet Carneiro. Primeiro, por suas ligações com Gustavo Corção, que, evidentemente, deu apoio à iniciativa. Segundo, em uma das entrevistas com o Dr. Álvaro Pessôa, genro do Professor Piquet, ele afiançou que o Senador Mem de Sá era uma das pessoas a quem seu sogro estabelecia contato quando precisava resolver algum problema mais sério. Terceiro, na 100ª reunião da Congregação da FCM, ocorrida doze dias após esse evento, foi registrado em ata "um reconhecimento do esforço do Professor Américo Piquet Carneiro" (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1959c, p. 60). Como essa reunião tinha como principal ponto de pauta a questão do "Hospital de Clínicas", inclusive com a decisão de se criar uma Comissão para a implantação/implementação do Hospital. E, quarto, quando essa Comissão foi criada e implantada no ano seguinte, Piquet Carneiro não só fazia parte dela, como era o imediato do seu Coordenador, o mais antigo Catedrático, Professor José Jorge Velho da Silva. Seu protagonismo nessa questão a partir do ano seguinte ficou tão evidente que me permitiu fazer tais conjecturas. E, se elas estiverem corretas, o Professor Piquet não levava em conta o velho dito popular: "pato novo não mergulha fundo".

O ano de 1960 foi muito movimentado. A cidade do Rio de Janeiro deixou de ser a capital da República, com a transferência desta para o planalto central do país. O governo Juscelino Kubistchek, que iniciara e concluíra a construção de Brasília – a nova capital –, chegava ao seu final. A União Democrática Nacional (UDN), após quinze anos de empenho, entre eleições e conspirações, chegava ao poder central no país, elegendo Jânio da Silva Quadros, o "homem da vassoura", derrotando o candidato do Partido Social Democrático (PSD), Marechal Henrique Teixeira Lott, o "homem da espada". No recém-criado Estado-Cidade da Guanabara, o mais aguerrido, ousado, inquieto e, por que não dizer, o mais importante líder conspirador da UDN, Carlos Lacerda, foi eleito governador e tomou posse em 5 dezembro de 1960 para dirigir o novo Estado até 1965.

E foi nesse cenário de profundas transformações que Américo Piquet Carneiro iniciou seu primeiro ano completo como Professor Catedrático da 3ª Cadeira de Clínica Médica, da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade do Rio de Janeiro (FCM/URJ). Seu protagonismo institucional nessa fase de mudanças, já anunciado na visita dos parlamentares e no registro de ata da Congregação, não tardou a surgir na mídia. Na edição de domingo, 29 de maio de 1960, do *Diário de Notícias*, no suplemento "O Metropolitano" – órgão oficial da

União Metropolitana de Estudantes –, uma matéria descreveu a crítica situação das três escolas médicas da cidade por não possuírem Hospital-Escola. Teceu considerações ferinas a uma negociação da Universidade do Brasil para aquisição de um hospital, para a Faculdade Nacional de Medicina, ainda não concluído, pertencente à Sul-América (empresa de seguros) e descreveu a situação um pouco mais confortável da Faculdade de Ciências Médicas com seu hospital próprio, também não concluído, da qual destacamos os seguintes trechos:

> Quem subir a íngreme rua Fonseca Teles, no bairro de São Cristóvão, avistará a beleza arquitetônica de um gigantesco edifício de dezoito andares, ocupando a respeitável área de 24.160m². O edifício, como a placa do portão frontal indica, pertence à Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro.
> [...] Uma junta de professores formada pelos eminentes médicos: dr. Piquet Carneiro, dr. Gentil Feijó, dr. Jaime Landman e outros, há anos que vêm batalhando em prol do acabamento daquele edifício, futuro hospital-escola, sem obter maiores resultados. Há algum tempo, o professor Piquet Carneiro conseguiu, no Senado Federal, a quantia de 50 milhões, o que já é um passo para a continuação da obra. Essa quantia entretanto ainda não foi entregue, e não se sabe quando o será. (LIMA; AUGUSTO, 1960, p. 2 [56]).

Independente de imprecisões na matéria, registra-se a evidência do protagonismo de Piquet Carneiro, em ter conseguido levantar um significativo recurso via Senado Federal e em ser o único nome citado duas vezes em um mesmo parágrafo.

Menos de dois meses depois, Américo Piquet Carneiro enfrentou aquela que pode ter sido a maior dor de sua vida: a morte trágica de seu filho Estevam, na madrugada de 21 de julho de 1960, conforme detalhamos em outra parte desse trabalho. Cerca de dois meses após, um amigo também comentado acima, morreu aos 43 anos de idade: o filólogo Serafim da Silva Neto. Penso que uma forma mais direta de refletir sobre mais esse doloroso golpe em sua vida seja, mais uma vez, buscar em uma das principais fontes de seu silêncio: a Ordem de São Bento. O monge beneditino e membro da Academia Brasileira de Letras, o escritor e poeta Dom Marcos Barbosa publicou um texto comentando a homenagem aos 20 anos da morte de Serafim da Silva Neto, cujo nome completo é o título do texto, onde capturo o seguinte trecho:

> Pois procurou-me há poucas semanas outro amigo comum, Sylvio Elia, propondo-me a missa do dia 20, celebrada em nosso Mosteiro, onde não faltou a presença do Professor Dr. Américo Piquet Carneiro, grande competência em outras áreas que não as de Serafim, mas irmanado ao mesmo por um grande sofrimento. Perderam ambos, de modo trágico e súbito e quase na mesma época, o único filho varão, ambos alunos do São Bento, com seus nomes bíblicos de Davi e Estêvão, Antigo e Novo Testamento. Sacrifício de Abraão, que longe de afastá-los de Deus, integrou-os mais ainda na fé católica. (BARBOSA, 1980, p. 2).

Pouco mais de um mês após a perda do amigo, outra morte seguramente o afetou, mas de uma forma diferente. Uma pessoa distante geograficamente, mas com um intenso e

prolongado vínculo com o pensador que mais o influenciou na vida: a escritora e poetiza Raissa Maritain, esposa de Jacques Maritain, que faleceu em Paris no dia 4 de novembro de 1960. É provável que nessa ocasião, Américo Piquet Carneiro estivesse também imerso na leitura dos escritos de Jacques Maritain, reação que seu neto mais velho, Cláudio Piquet Pessôa, observaria, trinta e dois anos depois, após a morte de sua avó Ofélia, esposa do Professor Piquet: "Após a morte de minha avó, ele voltou a ler muito novamente Jacques Maritain!"

A linha católico-tomista de Jacques Maritain foi a grande estrela-guia de sua vida, explícita ou implicitamente apontada nas entrevistas com as pessoas que o conheceram mais de perto: familiares e epígonos. Ouso mesmo afirmar que Américo Piquet Carneiro aplicou com muito rigor grande parte dos conceitos e reflexões que Maritain desenvolveu na Antropologia, na Educação em geral, na Política, na prática religiosa, nas relações humanas e nos momentos de dor existencial. É quase impossível afirmar, dentre os 65 livros publicados por Maritain, quais ele deve ter lido – imagino que quase todos, senão todos –, mas posso inferir, em ordem decrescente de releituras e consultas: "*Humanisme intégral: problèmes temporels et spirituels d'une nouvelle chrétienité*"; "*Pour une philosophie de l'éducation*"; "*L´Homme et l´État*"; "*Christianisme et démocratie*"; "*Science et sagesse*"; "*Distinguer pour unir: ou, Les degrés du savoir*;" "*Principes d´une politique humaniste*"; "*La Personne et le bien commum*". Pode ter havido alguma inclusão fora da ordem e alguma omissão de outro livro muito relido e consultado, mas ouso afirmar que os citados estão entre os quinze livros de sua preferência e sou capaz de apostar que "Humanismo integral" seria o seu "livro de cabeceira".

Dois livros de Jacques Maritain, publicados durante o curso médico de Américo Piquet Carneiro e no ano seguinte a sua graduação, devem ter causado um profundo impacto no estudante e jovem médico, então líder da Juventude Universitária Católica (JUC). O primeiro, "*Distinguer pour unir: ou, Les degrés du savoir*", provavelmente o mais denso e extenso livro filosófico de Maritain, foi publicado em 1932, quando Américo Piquet Carneiro encontrava-se cursando o quarto ano médico. O segundo, "*Science e sagesse*", foi publicado em 1935, talvez menos de um ano após tornar-se médico, e em muitos aspectos resumia e complementava o primeiro, mas não menos impactante em termos de aspectos metafísicos e científicos do pensamento de Santo Tomás de Aquino, trazidos e ajustados por Maritain para a turbulenta primeira metade do século XX.

Grande inspirador da teologia e filosofia escolástica, Santo Agostinho, no milênio anterior, buscara no platonismo, especialmente nos neoplatônicos, Plotino e Porfírio, elementos que nutrissem suas reflexões sobre a *alma* e *Deus*. Santo Tomás de Aquino, por sua vez,

induzido por seu mestre e mentor Santo Alberto Magno, buscara em Aristóteles os elementos essenciais para construir um método para suas investigações sobre o *homem*, a *alma* e *Deus*.

Discorrendo sobre o método de investigação de Aristóteles, a pensadora Marilena Chauí lembra-nos que ele era filho de Nicômano, o médico de cabeceira do rei Amintos, da Macedônia. Este, pela tradição dos Asclepíades, iniciara o filho nas artes médicas. Isso serviu de mote para unir Aristóteles ao médico Piquet Carneiro, que viveu quase dois milênios e meio depois: "Como um médico, Aristóteles começa sempre pela anamnese, isto é, pela recordação que permite diagnosticar o estado presente." (CHAUÍ, 2002, p. 330). Nesse sentido, o "Filósofo" da referência de Santo Tomás afiança:

> Com efeito, quando nada havia de distinto, nada, evidentemente, se podia afirmar de verdadeiro acerca daquela substância; quero dizer que ela não era branca, nem preta, nem cinzenta, nem de qualquer outra cor, mas, necessariamente, incolor, de outra forma teria tido alguma destas cores. (ARISTÓTELES, 1984, p. 28).

Quando Aristóteles estabeleceu a clássica distinção entre as duas grandes modalidades da ação humana, entre a *práxis* e a *poiesis*, respectivamente, a ação que tem um fim em si mesma (ética e política) e a ação que é realizada mediante a arte ou técnica, cuja finalidade é executar uma obra: medicina, pintura, cerâmica, navegação, arquitetura, poesia, dança, retórica, entre outras, o "Filósofo" apontou um método, um caminho para que Santo Tomás de Aquino encontrasse a solução das questões que empacavam a Escolástica no século XIII. Seu grande mestre havia tentado, mas:

> Alberto Magno está aprisionado demais à estrutura do pensamento tradicional da Escolástica; sobre esse esquema verte sua imensa erudição aristotélica, mas não consegue unir numa síntese congruente e harmoniosa a filosofia do pensador helênico com a mentalidade cristã. (MARÍAS, 2004, p. 178).

Em resumo, Santo Alberto Magno não conseguiu distinguir o "Deus" de Aristóteles do "Deus" cristão. Sua arquitetura de conexão era confusa e falha. Santo Tomás de Aquino com sua intuição de "distinguir para unir", arrematada pela convicção de que "distinguir não é separar", conseguiu dar o salto sobre o atoleiro que impedia a Escolástica de ir em frente.[46]

Menos de 600 anos depois, um estudioso de Santo Tomás de Aquino, ainda pouco conhecido fora da França, sua terra natal, com incursões significativas na Filosofia e na

---

[46] De acordo com Maritain (c2020, p. 2, tradução nossa): "Distinguir não é separar, são coisas muito diferentes; nada existe mais distinto que Deus e a Criatura, porém nada existe mais dependente que a criatura com respeito a Deus." O texto citado é uma transcrição parcial do capítulo II do livro "*Para uma filosofia de la persona humana*", referente à conferência realizada por Maritain em Buenos Aires, Argentina, em 1936.

militância católica, chamado Jacques Maritain, escreveu, pegando o mote do Aquinate, aquela que é considerada por muitos sua obra prima: "*Distinguer pour unir: ou, Les degrés du savoir*". Aquilo que permitiu a Tomás de Aquino distinguir o indivíduo da pessoa, o ente da essência, o temporal do espiritual, a razão da fé, a teologia da filosofia, o Deus de Aristóteles do Deus cristão, permitiu também Maritain trazer para a época atual distinções que o mundo moderno tornara quase impossível ou realizava de forma confusa e equivocada, em geral provocando mais separação, disjunção e polarização do que união. Além de tornarem mais claras e operacionais para a época atual as distinções realizadas por Tomás de Aquino, Maritain ampliou para as mais variadas áreas da ação humana suas reflexões sobre as crises, impasses e conflitos do século XX, e que nos dá uma sensação de que são também válidas neste início de século XXI.

Logo no início do livro "O homem e o Estado", mais precisamente no primeiro parágrafo do Capítulo I, que trata de "O povo e o Estado", Maritain já sinaliza a dimensão do desafio a que se propôs:

> Não há tarefa mais ingrata do que procurar, de modo racional, distinguir e circunscrever, – por outras palavras, procurar elevar a um nível científico ou filosófico, – noções correntes que nasceram de necessidades práticas e contingências da história humana e estão carregadas de conotações sociais, culturais e históricas, a um tempo ambíguas e férteis, conotações essas que, no entanto, envolvem um núcleo de significado inteligível. Tais conceitos são incertos, indeterminados, mutáveis e flutuantes. Ora são utilizados como sinônimos, ora como antônimos. Todo mundo se sente muito à vontade ao empregá-los, justamente por não saber exatamente o que significam. Mas logo que tentamos defini-los e separá-los uns dos outros, inúmeros problemas começam a surgir. Corre-se o risco de entrar em um desvio errado ao procurar a sua verdade intrínseca, tornando analítico e sistemático o sentido que lhes foi atribuído pela experiência confusa e concreta da vida. (MARITAIN, 1956, p. 9).

O advogado e genro do Professor Américo Piquet Carneiro, Álvaro Pessôa, destacou as ideias de Maritain e todo o universo da Escolástica. Descreveu seu sogro como:

> O Professor Piquet era um intranquilo, um inquieto!... Procurava nos livros tudo o que pudesse reforçar sua visão de uma medicina social!... Lia muito! Lia tudo! Os tomistas... aliás, era um escolástico... profundo escolástico!... Lia Tomás de Aquino e todos os tomistas!... Um pouco de Aristóteles e seguiu a linha de Bergson até chegar a Jacques Maritain!... Um livrinho do Maritain que ele mais gostava era *Homem e o Estado*, que é o dilema que a gente vive hoje. Até onde o Estado pode se meter em nossas vidas?!... (Dr. Álvaro Pessôa).

Essa bagagem filosófica e humanista, sempre silenciosa e discreta, penetrou no interior da Faculdade de Ciências Médicas, em sua Congregação e em seu Conselho Técnico-Administrativo, constituídos em sua imensa maioria por professores fundadores da Escola – que se consideravam, até certo ponto, "donos" dela. Os latentes conflitos emergiam nos

momentos de crises de sustentabilidade, tanto nas reuniões da Congregação como no âmbito do CTA, com opiniões oscilando entre “seria melhor fechar a faculdade” e “aprovar a proposta organizada pelo Diretor”, onde o professor Américo Piquet Carneiro enfatizava a “escassez de verbas de toda Universidade, especialmente quando se comparava com outras Universidades do país”, sugerindo “uma manifestação pública”, para caracterizar aquela “situação de inviabilidade” (COSTA, L., 2004, p. 73).

Foi nesse cenário de grave crise institucional, quase sistêmica, mas, sobretudo, complexa, pela multiplicidade e diversidade dos movimentos em seu interior, onde interações, retroações, imbricações e antagonismos conseguiram canalizar uma energia que superou todos os sucessivos obstáculos, internos e externos, até fazer da incorporação do Hospital Geral Pedro Ernesto, como Hospital de Ensino da Faculdade de Ciências Médicas, mais que uma possibilidade, um quase imperativo, quiçá, um destino.

Antes desse desfecho, uma última tentativa para terminar a construção e o acabamento do prédio da Rua Fonseca Telles, em São Cristóvão, onde deveria funcionar o Hospital de Clínicas, projetado pela “Ciências Médicas S.A.”, mantenedora da FCM, já em processo final de extinção, a Comissão de Planejamento e Conclusão das Obras, presidida pelo Professor José Júlio Velho da Silva, que tinha no Professor Américo Piquet Carneiro a expressão mais dinâmica do empenho em conquistar um hospital próprio, esbarrou nas decantadas escassez de recursos da Universidade e da Prefeitura e, em seguida, do jovem Estado da Guanabara.

No mês de dezembro de 1960, logo após a posse de Carlos Lacerda como Governador do Estado da Guanabara, a Congregação e o Conselho Técnico-Administrativo da FCM, aprovam a viagem de uma comissão aos Estados Unidos – para visitar universidades e seus hospitais de ensino –, composta pelos seguintes professores: Américo Piquet Carneiro, Arnoldo da Rocha e Silva, , Gentil Luiz Feijó, Hugo Caire de Castro Faria e Jayme Landmann.

Os recursos para esta viagem foram disponibilizados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pela International Cooperation Administration, sob a forma de “bolsas de estudo” (COSTA, L., 2004). É preciso ressaltar que um dos membros dessa comissão, o professor Feijó, era também o coordenador da “reforma curricular” da FCM, empreendimento que ele já desenvolvera na Faculdade Nacional de Medicina, a denominada, não sem uma certa arrogância provocativa, de “faculdade padrão”. Evidentemente, o ideário de Abraham Flexner reforçou mais ainda a justificativa dessa viagem, com as respectivas visitas ao país do grande reformador do ensino médico. Ao retornarem, cerca de quatro meses depois, embora continuasse sem possibilidades financeiras e políticas para

concluir o prédio da Rua Fonseca Telles, havia um cenário político-institucional bastante favorável em transformar o Hospital Geral Pedro Ernesto no Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade do Estado da Guanabara.

O ano de 1961 foi de grande movimentação, em parte devido à cessão do Hospital Geral Pedro Ernesto (HGPE) para a Universidade do Estado da Guanabara, uma vez superadas as resistências de lideranças médicas do HGPE que se opunham ferrenhamente ao processo, com algum apoio de setores da imprensa. A determinação do Governador Carlos Lacerda e o empenho operacional do Secretário Estadual de Saúde, Marcelo Garcia, somados ao protagonismo interno de um conjunto expressivo de professores – Piquet Carneiro, o Diretor da FCM Álvaro Cumplido de Sant'Anna, Luiz Feijó, Jayme Landmann, entre outros – e das lideranças estudantis, através do presidente do Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming (CASAF), o estudante Marcos Moraes, garantiram todas as condições para que a Faculdade de Ciências Médicas da UEG fosse a primeira escola médica na cidade a conquistar seu próprio Hospital de Clínicas. A Lei Estadual nº 93, de 15 de dezembro de 1961, autorizou o Poder Executivo a organizar como *Fundação* a Universidade do Estado da Guanabara (UEG), estabelecendo em seu artigo 17:

> O Hospital Geral Pedro Ernesto, com os serviços que o integram, fica incorporado à Universidade do Estado da Guanabara, devendo funcionar como sede e unidade-escola da Faculdade de Ciências Médicas, com a denominação de Hospital de Clínicas Pedro Ernesto, obrigando-se a Faculdade de Ciências Médicas a manter o atual recurso de leitos e serviços, e ampliá-los até o limite da capacidade do Hospital. (GUANABARA, 1961).

A data em que a Faculdade de Ciências Médicas e a Universidade do Estado da Guanabara assumem, em definitivo, a gestão do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto foi o dia 10 de agosto de 1962, exatamente vinte anos após o falecimento do Dr. Pedro Ernesto Batista. Em todo mês de agosto, desde 1963, o HUPE comemora o aniversário de sua "identidade universitária", inicialmente como "Semana Científica Comemorativa", mais tarde rebatizado de "Congresso Científico".

Nos primeiros cinco anos à frente da 3ª Cadeira de Clínica Médica, com suas atividades práticas no Hospital do IAPETEC, em Bonsucesso, um de seus mais brilhantes alunos e epígonos, Moysés Szklo, assim descreve:

> Lembro-me com muita saudade das sessões de estudo da 3ª. Clínica Médica, lideradas pelo Prof. Piquet. Durante essas sessões, a ênfase principal era em fisiopatologia, e o Prof. Piquet, como verdadeiro intelectual que era, fazia questão de que os mecanismos fisiopatológicos relevantes ao tópico em discussão fossem plenamente compreendidos por todos. Frequentemente, ele pedia ao Hésio Cordeiro, que era o caçula do grupo,

> que pedisse emprestado a nossa biblioteca um livro de fisiologia ou de fisiopatologia para que um conceito ou outro fosse elucidado. A principal lição que recebemos do Mestre nessas e em outras ocasiões foi a de que a prática clínica exige conhecimento em profundidade dos mecanismos fisiopatológicos que regem os processos de saúde e doença. Essa postura dos nossos colegas da 3ª. Clínica Médica, isto é, a de valorizar a fisiopatologia na prática clínica, chegou inclusive a suscitar opiniões de outros colegas de que "o grupo do Piquet era muito teórico"... o que pessoalmente considerávamos como elogio. (SZKLO, 2005, p. 4).

Hésio Cordeiro, outro discípulo de Américo Piquet Carneiro, que teve uma carreira de sucesso na Saúde Pública – e um dos principais arquitetos do Sistema Único de Saúde (SUS) – além de ter sido Reitor destacado da UERJ, relata uma outra abordagem de ensino que vivenciou durante seu curso:

> Piquet Carneiro também propôs visitas domiciliares, calcadas na promoção da saúde e na prevenção das doenças, incluindo doenças não muito comuns, como lúpus eritematoso e artrite reumatóide.[47] Ele estimulava a gente para que nos dedicássemos e nos aprofundássemos nesses componentes epidemiológicos e sociais. Daí, foi um salto para discutir políticas da saúde e desigualdades sociais, e sua relação com as doenças e o acesso aos serviços de saúde. (DE LAVOR; BARDANACHVILI, 2011, p. 18).

O Dr. Álvaro Pessôa, que nessa ocasião namorava sua filha Cecília, com quem se casou em meados dos anos de 1960, observa que, até em sua residência, o Professor Piquet mantinha essa conduta:

> À medida que foi se aproximando o casamento, a proximidade com o Professor, que, já nessa altura, levava para a casa dele um bando de gente moça para falar sobre evangelho, mas não era negócio de evangelho no sentido religioso, não! Era evangelho como ideia básica, evangelho como ideia elementar do sujeito poder ser médico, poder ser um ser humano útil à sua sociedade. (Dr. Álvaro Pessôa).

Emílio Francischetti concluiu sua graduação em 1961. Ainda não havia Residência Médica em Bonsucesso, nem iniciado suas atividades no Hospital Pedro Ernesto, mas continuou em atividade junto ao Professor Piquet Carneiro, aperfeiçoando seu aprendizado de Clínica Médica. Sua admiração e conexão com a visão médico-social do mestre não lhe permitiu buscar outros caminhos naquele momento de mudanças e transição. Assim, percebeu o momento:

> Praticar e ensinar medicina, sob a orientação do Dr. Piquet, foi um privilégio! Aos poucos, a gente aprendia a admirá-lo... na prática e exercício da medicina... como professor e chefe de serviço. As visitas aos pacientes internados seguiam um ritual, e as estratégias de diagnóstico e conduta terapêutica eram discutidas nos detalhes que o caso exigia. Foram momentos marcantes, que nos impregnaram... a todos: alunos, internos e estagiários pré-residentes. O Dr. Piquet foi uma referência notável para toda

[47] "Lupus Eritematoso e Artrite Reumatóide": duas denominações de enfermidades, à época, conhecidas como "doenças do colágeno".

> uma geração de médicos. Antecipou, por exemplo, a importância da Imunologia, por alguns anos, no Rio de Janeiro. Isso, em 1963, quando a Imunologia era uma ciência quase desconhecida pela maior parte dos médicos. Recordo-me que o Dr. Piquet nos fazia ler textos e mais textos, à exaustão, sobre Imunologia, em artigos e livros! Textos, por exemplo, de Frank Burnett e Peter Medawar, ambos Prêmio Nobel de Medicina, em 1960. (Emílio Francischetti).

Em 19 de outubro de 1964, Américo Piquet Carneiro, que ocupava o cargo de Presidente do Conselho de Administração do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto, assumiu a Direção da Faculdade de Ciências Médicas, para mudar a história de ambos.[48] Sucedeu às curtas gestões de Raul Jobim Bittencourt (1963 a 1964) e de Paulo de Carvalho (1964), respectivamente, Catedráticos de Psiquiatria e de Farmacologia, ambos os professores do grupo de fundadores da Faculdade, em 1935. Antes deles, em uma gestão também relativamente curta, 1961 a 1963, fora diretor o mais antigo Catedrático, Professor José Jorge Velho da Silva, o primeiro nome que dirigira a Faculdade que não se encontrava entre os fundadores. Américo Piquet Carneiro foi o segundo e, também, o que permaneceu mais tempo à frente da Faculdade em gestão contínua, 1964 a 1971, até os dias atuais, após a FCM se tornar pública em 1950.

A passagem definitiva das Cátedras para as instalações do Hospital Pedro Ernesto ocorreu paulatinamente. Emílio Francischetti, entre outros, vivenciou essa transição e assim a descreveu:

> O Hospital Pedro Ernesto era considerado um hospital de referência no Rio de Janeiro. Havia sido inaugurado pelo próprio Prefeito Pedro Ernesto, lá pelos idos de 1935 ou 1936. Era uma estrutura moderna para a época, com capacidade para 600 leitos ou mais. Quando começamos as atividades do Ciclo Clínico da FCM no Hospital Pedro Ernesto, em 1963, as primeiras enfermarias que passaram a ser exclusivamente conduzidas pelos docentes da FCM foram as Enfermarias 11 e 12, no terceiro andar, e sob a chefia do Professor Piquet. As demais enfermarias foram, aos poucos, sendo integradas à faculdade. Fui convidado para ser médico do Hospital Pedro Ernesto, agora hospital universitário, o HUPE, e exercer atividades de preceptor. Aliás, transferindo o que eu já vinha fazendo no Hospital de Bonsucesso, como médico assistente do Professor Piquet, para o HUPE. Assim começaram as atividades docentes e assistenciais no HUPE. O Carlos Alberto Chastinet, foi indicado preceptor da 11 e eu da 12. Deste núcleo inicial, fizeram parte a Vilma Santana, hematologista, e o Ângelo Benedicto Faillace de Oliveira, nefrologista. O Fernando Guerra Alvariz, Fernão Costa Pinto e Bernardino Correa, chegaram um pouco depois. O Moysés Szklo, hoje professor na Universidade John Hopkins, foi um dos primeiros Residentes do HUPE. (Emílio Francischetti).

Os anos seguintes foram de consolidação do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto (HCPE), coroada com a transferência da Faculdade de Ciências Médicas e de suas cadeiras básicas, em 1965, para as novas instalações, em prédio anexo ao Hospital, atualmente conhecido como Edifício Professor Américo Piquet Carneiro.

---

[48] TOMOU..., 1964, p. 11.

Vilma Santana, citada acima, registrou suas lembranças do perfil do mestre e das atividades desenvolvidas na cátedra de Clínica Médica liderada pelo Professor Piquet:[49]

> Poucas vezes durante a vida se encontram seres humanos de exceção, que não seguem os padrões comuns da sociedade em torno. O Prof. Piquet – como, afetuosamente, o chamavam alunos e colegas – foi um deles. Como parte de um grupo de jovens profissionais, que acompanharam sua carreira, desde a época em que conquistou a cátedra de Clínica Médica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj) até o presente, tive a oportunidade de observar um médico totalmente dedicado a fazer o bem, quer através do ensino, quer na prática da medicina.
> O Prof. Piquet não foi uma dessas inteligências que se projetam e influenciam pela palavra brilhante, mas superficial, de pouca essência. Ao contrário, sua influência se firmou através de um estilo caracterizado pela modéstia consciente e cultivada, com a qual procurou manter, fora da luz pública, seu valor intelectual e moral. Como Mestre, seu ensino foi baseado menos na administração de aulas magistrais do que nas lições dadas em pequenos grupos de estudo com alunos. Esses grupos, que ele estava sempre formando ou incentivando os colegas a formar, visavam a diminuir a distância entre professor e alunos, e facilitar um intercâmbio descontraído durante a leitura de textos relacionados a recente progresso científico. (SANTANA, 1993, p. 11).

Ricardo Donato Rodrigues iniciou seu curso médico na FCM em 1964, logo em seguida ao Golpe Militar. Foi a última turma que concluiu o primeiro ano de medicina ainda na Rua Fonseca Teles. Relembrou seu primeiro dia de faculdade:

> Meu primeiro dia na Faculdade, ainda na Rua Fonseca Telles, foi marcado por dois acontecimentos que jamais esqueci. O prédio da Faculdade ficava no alto de uma ladeira e havia uma escadaria enorme na entrada do prédio. Quando estou chegando, vejo um carro, um "Aero Willys", acho, que possuía cortinas, tipo venezianas, nos vidros traseiros, e quando o veículo estacionou, saiu de dentro um senhor muito elegante com um chapéu na cabeça. Em seguida, tirou o chapéu, e começou a subir a escadaria e, ao entrar no edifício, colocou o chapéu novamente na cabeça. Fiquei espantado com a cena, que me pareceu inusitada. Depois, vim saber que tal personagem era o Diretor da Faculdade, professor Raul Jobim Bittencourt, professor de Psiquiatria. Foi meu primeiro choque. O segundo foi logo em seguida, pois havia uma pequena fogueira, uma fogueirinha, da qual me aproximei e soube que estavam queimando coisas do Diretório Acadêmico. Inevitável fazer a correlação com o recente golpe militar. Essa foi a minha recepção na Faculdade de Ciências Médicas da UEG. Foram duas cenas, diferentes, mas chocantes. Acho que isso despertou em mim o interesse em participar do movimento estudantil. (Ricardo Donato).

Américo Piquet Carneiro assumiu a direção da FCM, sucedendo a Raul Jobim Bittencourt que, provavelmente. buscava concluir – assim como Paulo de Carvalho – o mandato de Velho da Silva, que iria até outubro de 1964.

Não temos como saber se foi sua influência, sempre muito discreta, junto ao governador Carlos Lacerda e ao vice-governador Raphael de Almeida Magalhães, ou sua maneira simples e humilde de atuar no interior da estrutura da universidade que o projetou para um protagonismo

---

[49] Vilma Santana, PhD em Imuno-Hematologia pela Universidade de Londres, foi docente da 3ª Cadeira de Clínica Médica, antes de se transferir para o exterior para desenvolver seu interesse pela pesquisa.

contínuo e sem grandes resistências. Provavelmente, uma combinação de ambos. Um indicador dessa combinação encontra-se em uma sumária explicação de uma foto publicada no Diário de Notícias, na qual, em torno de uma mesa, encontram-se reunidas quatro pessoas. Sob a foto, descreve-se:

> Comissão de Planejamento da UEG – Cumprindo disposições do artigo 6º das Disposições Transitórias do seu Estatuto, a Universidade do Estado da Guanabara acaba de nomear a "Comissão de Planejamento", constituída de Membros Executivos: sr. Rafael de Almeida Magalhães, vice-governador do Estado (presidente), prof. Américo Piquet Carneiro, da Faculdade de Ciências Médicas e prof. Sidnei Marins Gomes dos Santos, da Faculdade de Engenharia; e de Membros Consultivos, os professores Célio de Oliveira Borja, secretário de Estado do governo, Ernesto Luiz de Oliveira Junior, da COPEG, Frank Monterei Tiler, diretor de Assuntos Internacionais da Universidade de Houston, EUA, acadêmico Moisés do Reis Amaral, presidente do Centro Acadêmico Sir Alexander Fleming. (COMISSÃO..., 1964, p. 5).

A foto citada registra "um flagrante da reunião de instalação (da Comissão) na sede da Reitoria da UEG, com a presença do reitor, prof. Haroldo Lisboa da Cunha".

Uma série de questões essa simples e enxuta "Comissão de Planejamento da UEG" instigou nossa reflexão: desde aspectos mais triviais como a representação do CASAF como "membro consultivo" e não do Diretório Central dos Estudantes (DCE), como era de se esperar em uma comissão desse tipo. A presença de alguém da Engenharia é compreensível, já que a Universidade sequer possuía um "campus". Por que o outro membro institucional designado não foi da Faculdade de Ciências Econômicas ou de Direito, mais esperados por se tratar de buscar meios e recursos para o desenvolvimento da UEG?

Outras perguntas que exigiriam respostas mais amplas e complexas precisam ser feitas: por que em cerca de 30 anos de atuação na Universidade do Brasil – se contarmos o tempo de sua graduação – ele não teve o protagonismo intenso que demonstrou em apenas cinco anos, nessa frágil universidade estadual? Por isto? Por ser exatamente frágil? Por que se tornou Professor Catedrático? Este nunca foi o perfil dele, jamais utilizou de seus títulos ou cargos para impor propostas, opiniões ou conceitos! Em reação à dor pela morte do filho, cerca de um ano após seu ingresso na FCM? É possível, seu genro, Dr. Álvaro Pessôa, parece nos propor isso: "Ele nunca mais falou no filho... Nunca mais! Ele fez uma blindagem! Deixou aquilo no fundo do coração... E foi à vida, ajudando os outros."

Jacques Maritain, em seu "Humanismo integral", sugere algo nesse sentido, que é o do humanismo que Américo Piquet Carneiro incorporou:

> [...] ele não pode realizar-se senão com a ajuda dos meios que a espiritualidade cristã denomina os meios da cruz, não digo a cruz como insígnia exterior e símbolo colocado sobre a coroa dos reis cristãos, ou decorando peitos valorosos, mas a cruz do coração,

> os sofrimentos redentores assumidos no próprio seio da existência. (MARITAIN, 2018, p. 83).

Nosso esforço tem sido no sentido de entender sua participação nessa comissão, mesmo antes de assumir a Direção da FCM, que deve ter ocorrido cerca de dois meses depois e, em menos de seis meses já estava efetivando a transferência da sede da Faculdade e das instalações das cadeiras básicas para o edifício de cinco andares recém-concluído atrás do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto. Há uma reportagem publicada no *Jornal do Brasil*, de 5 de janeiro de 1965, com o título: "Faculdade Médica muda-se nos próximos dias para o Hospital Pedro Ernesto". Na abertura da matéria, um resumo:

> O Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, da Universidade da Guanabara, Professor Américo Piquet Carneiro, disse ao JORNAL DO BRASIL que a transferência da escola, nestes próximos dias, de São Cristóvão para o Hospital de Clínicas Pedro Ernesto, não só beneficiará os estudantes como o público, devido ao aumento de capacidade de atendimento do hospital.
> — Entre os benefícios está o aumento do número de leitos do hospital que de 320 passará para 650, além da recuperação e criação de diversos setores especializados – revelou o Professor Américo Piquet. (FACULDADE..., 1965, p. 10).

O corpo da reportagem, discriminado em três tópicos: primeiro, "História", no qual se descrevem um rápido histórico da FCM, a cessão do Hospital de Clínicas e as subvenções para a sustentabilidade de ambos. No segundo, "Remodelação", foram descritos os espaços destinados às cadeiras básicas no "prédio de cinco andares, existente nos fundos do hospital" (atual Edifício Américo Piquet Carneiro), e informadas as desapropriações realizadas pelo governo para localização "da cadeira de Psiquiatria e para alojamento, vestiário e sede do Diretório Acadêmico" (CASAF). O terceiro e último tópico é sobre "Hospital", assim descrito:

> O Hospital Pedro Ernesto está sendo todo ele remodelado para criar, segundo declarações do Professor Piquet Carneiro, um melhor padrão de serviços, com a recuperação dos deficitários e criação de outros novos. Dentre os serviços recuperados estão os de raios X e laboratórios. (FACULDADE..., 1965, p. 10).

Porém, nem todos concordaram com o acerto dessas medidas. O médico Agamémnon Parente, em sua biografia laudatória de Rolando Monteiro, após descrever com detalhes as programações das "maravilhosas" instalações do prédio da Rua Fonseca Teles, de maneira enfaticamente agressiva, parecendo incluir o Professor Piquet como um dos focos de sua indignação, vocifera:

> Os invejosos, os desleais, com manobras de má política, transferiram esse importantíssimo Hospital-Escola para edifício de menor vulto, na Avenida 28 de Setembro nº 87, no Bairro de Vila Isabel. E mais: transferiram a Faculdade para a mesma Avenida 28 de Setembro nº 87-fundos, situando-a, irresponsavelmente, em

> prédio inferior, inadequado, sem instalações amplas e não apropriadas ao ensino das ciências médicas! (PARENTE, 1980, p. 104).

Se houve alguma resposta de Piquet Carneiro aos detratores da mudança foi com mais trabalho e empenho nas transformações., pois logo após o início do período letivo de 1965, o mesmo *Jornal do Brasil* divulga uma nova matéria, em 27 de março, com o título "Ciências Médicas já tem novo prédio de aulas com modernos aparelhos", reportando:

> A Faculdade de Ciências Médicas do Estado da Guanabara inaugurou um novo prédio para aulas, dotado de modernos aparelhos para o estudo da Anatomia, entre os quais duas mesas para dissecção de cadáver, fabricadas no Brasil e consideradas de qualidade superior às de outras procedências.
> O Diretor da Faculdade, Professor Américo Piquet Carneiro, informou ao JB que, dentro da verba de Cr$ 850 milhões, concedida pelo Governo Federal, pretende dar prosseguimento às obras de expansão da Faculdade e do Hospital Pedro Ernesto, que funciona ligado à escola. (CIÊNCIAS..., 1965, p. 11).

Mal iniciou o primeiro ano letivo de sua gestão, começaram a surgir problemas externos que o obrigaram a se posicionar: os "excedentes do exame vestibular". O presidente Castelo Branco cobrou de seu ministro da Educação, Pedro Aleixo, uma solução para o problema que está angariando simpatia de parlamentares da situação e da oposição, da imprensa e de outros formadores de opinião. A solução mais imediata foi aumentar o número de vagas de ingressantes em cada escola. Américo Piquet Carneiro posicionou-se frontalmente contrário a essa medida. Recebeu apoio do CASAF e da maioria dos estudantes da FCM. No entanto, as pressões externas são crescentes, com movimentos dos "excedentes" indo para as ruas e tendo repercussões na imprensa e nas instituições.

Na semana seguinte, mais precisamente no dia 16 de março, o diário *Correio da Manhã*, publicou uma pequena reportagem com o título: "Faculdades da GB limita admissões":

> O diretor da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara, sr. Américo Piquet Carneiro, decidiu admitir apenas 100 dos 2.000 candidatos inscritos no vestibular, deixando de matricular outros 283 aprovados nos exames eliminatórios e que obtiveram médias globais entre 6,5 e 5 pontos. Alega o diretor que "não há recursos para fazer face às despesas que decorreriam do aproveitamento dos excedentes". Admitiu, entretanto, que "as novas instalações da FCM em Vila Isabel comportariam um número bem maior de alunos". O deputado Gama Lima, procurado pelos excedentes, afirmou que as 'alegações do sr. Américo Piquet são improcedentes, uma vez que a Assembleia aprovou uma verba de Cr$ 5 bilhões em favor da FCM'. (FACULDADE DA GB..., 1965, p. 4).

Prosseguiu o jornal com um último parágrafo:

> Uma comissão de excedentes esteve em nossa redação para fazer apelo às autoridades, no sentido de que atendam suas reivindicações. Disseram ter recusado a proposta do sr. Américo Piquet, que pretendia matriculá-los no curso de Tecnologia, a ser criado

> este ano. Consideraram ‘estranha’ a proposta, pois se a Faculdade não tem recursos para o curso de Medicina, não poderia, pela mesma razão, abrir um curso de Tecnologia. (FACULDADE DA GB..., 1965, p. 4).

O *Jornal do Brasil*, de 19 de março de 1965, trouxe uma imagem do Governador Carlos Lacerda, com um microfone a sua frente, e ao lado o Deputado Danilo Nunes, na qual destacou-se na parte superior da foto o termo: “A Revolução Universitária”. Embaixo, em letras miúdas e entre aspas, um pequeno trecho do discurso do governador foi ressaltado: “a revolução tem de começar pela Universidade, que é um desafio dos brasileiros” (LACERDA..., 1965, p. 15).

O evento de que tratou a imagem acima foi a inauguração da nova sede da FCM, em 18 de março de 1965. Porém, no jornal, isso acabou ficando secundário na chamada da reportagem, com o título: “Lacerda recusa interferência em favor de alunos sem vagas”. Os dois primeiros parágrafos da longa reportagem resumiram a dimensão dos conflitos:

> O Governador Carlos Lacerda, discursando ontem na inauguração do anexo do Hospital de Clínicas da Universidade do Estado, respondeu aos estudantes – que pediam sua interferência junto ao Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, no sentido de aumentar o número de vagas – que ‘estavam enganados os que julgavam poder tocar os seus interesses políticos com faixas e cartazes’.
> Mais adiante, depois de afirmar que “a Nação reclama da Universidade liderança e não bate-boca e confusão”, o Sr. Carlos Lacerda acusou o meio universitário da Guanabara de não permitir o debate e de viver sob a pressão de um terrorismo cultural, por não tolerar nem transigir com a liberdade de ideias. (LACERDA..., 1965, p. 15).

A matéria jornalística prosseguiu descrevendo que o número de cartazes, reivindicando o aumento de vagas, aumentou acintosamente durante o discurso do Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, Professor Américo Piquet Carneiro. Sugeriu que a pequena alocução do acadêmico Alfredo Rui Barbosa, presidente do DCE foi em apoio à reivindicação dos excedentes, enquanto a fala do estudante Hesio Cordeiro, presidente do CASAF, foi em apoio à posição do Diretor. Mais adiante, o Governador arrematou que “depois de garantir autonomia à Universidade do Estado da Guanabara, não iria se intrometer em seus problemas internos” (LACERDA..., 1965, p. 15). Essa ocorrência foi apenas o “batismo de fogo” na gestão de Piquet Carneiro à frente da FCM.

Um mês depois, o *Diário de Notícias*, publicou uma matéria na página 12, da 1ª Seção, com uma chamada ocupando toda extensão superior da página, anunciando: “Prof. Piquet Carneiro: cursos técnicos formarão pesquisadores”. Iniciou a longa reportagem com transcrição de palavras atribuídas ao Prof. Piquet:

> “O curso de Medicina não dá a capacidade de pesquisar”, diz o prof. Américo Piquet Carneiro, diretor da Faculdade de Ciências Médicas da UEG, frisando que será criado ainda este ano o Curso Superior de Tecnologia Médica e Ciências Biológicas, com

> duração de 4 anos, cujo objetivo é formar pesquisadores, atendendo a tanto quanto possível a todas as vocações médicas. 'Estes cursos já existem nos Estados Unidos e outros países adiantados', informa. (PROF. PIQUET..., 1965, p. 12).

O corpo da reportagem detalhou vários aspectos dessa iniciativa, discorrendo sobre o potencial desse curso para o desenvolvimento científico e tecnológico do país. Um dos colaboradores desta pesquisa, à época um jovem assistente do Prof. Piquet, Emílio Francischetti, descreveu o pioneirismo e a antevisão com mais de 30 anos de antecipação para os atuais cursos de Biomedicina:

> O Professor Piquet propõe, então, um curso de formação de biomédicos, cujo objetivo era de formar um profissional capaz de reconhecer as necessidades da medicina quanto ao diagnóstico precoce e tratamento mais preciso das doenças; embora não envolvido na prática médica, este profissional teria entendimento sobre os mecanismos que resultam em doença, mas com o olhar na biologia molecular, bioquímica, genética, farmacologia e patologia. A primeira turma da Biomedicina, com a qual tive um contato muito próximo por conta do Laboratório de Hipertensão que eu coordenava no Instituto de Biologia, teve egressos que fizeram uma carreira brilhante como pesquisadores e líderes de grupos de pesquisa. Menciono apenas aqueles com os quais tive uma relação muito próxima, como Franklin David Rumjanek, Professor Titular e Emérito de Bioquímica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Fernando Mello e Cristina Fialho, Professores Titulares de Neurobiologia do Instituto de Biofísica da UFRJ, Vivian Rumjanek, Professora Titular de Imunologia da UFRJ, Otavio Aprigliano, durante muitos anos Professor de Fisiologia da UFRJ, Alberto Augusto Noronha Dutra, *staff* do University College of London e pesquisador do Instituto Oswaldo Cruz em Salvador, Bahia. Todos, com expressiva produção cientifica, de alto nível e que continuam contribuindo para o progresso da medicina e biologia. (Emílio Francischetti).

Outro colaborador desta pesquisa, Professor Jorge José de Carvalho, à época da entrevista, Diretor do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, e atual Diretor do Centro Biomédico da UERJ – mesmo cargo ocupado por Américo Piquet Carneiro na primeira metade dos anos de 1970 –, descreveu sua experiência de ter sido aprovado e realizado esse curso, que quando foi criado em 1965 trazia o termo "Tecnologia Médica e Ciências Biológicas" em sua denominação:

> Fui aprovado para o Curso de Ciências Biológicas, modalidade biomédica, que era vinculado à Faculdade de Ciências Médicas, e havia sido instituído pelo Professor Américo Piquet Carneiro. Ele criou esse curso para desenvolver pesquisa na área, mas também por causa da pressão por aumento do número de vagas de ingresso nos cursos de medicina, pois no final do terceiro ano do curso, os alunos bem classificados e que se interessassem em fazer medicina, poderiam se transferir para o terceiro ano do curso médico. Tanto que meu diploma foi emitido pela Faculdade de Ciências Médicas, não sendo do curso de medicina, mas do curso de Ciências Biológicas, modalidade Biomédica. (Jorge Carvalho).

O Governo Carlos Lacerda chegou ao final. Negrão de Lima foi eleito governador do Estado da Guanabara e tomou posse em 5 de dezembro de 1965. O ano de 1966 iniciou-se com

Piquet Carneiro ficando entre a "onda" de um governo novo – desafeto de Carlos Lacerda, que conspirou para impedir sua posse – e o "rochedo" do regime militar que logo encontrou no novo Ministro da Educação, Pedro Aleixo, a determinação para resolver rapidamente (e da forma mais fácil: ampliando vagas) a questão dos "excedentes do vestibular de medicina".[50]

Em março, o movimento dos excedentes ganhou impulso, apoio e simpatia crescentes de autoridades, da imprensa em geral, de entidades e algumas instituições, além de ter angariado algumas dezenas de milhares de assinaturas. Passou a ser denominado "Operação Mais Vagas", e suas lideranças percorreram as redações de jornais e conseguiram apoio para divulgação da agenda de atuação. O *Diário de Notícias* pareceu receber bem sua designação de "porta-voz" do movimento.[51] Os ministros Raimundo de Brito e Arnaldo Sussekind, respectivamente, da Saúde e do Tribunal Superior do Trabalho, declararam apoio à "Operação Mais Vagas".[52]

Percebendo o apoio ostensivo das autoridades, a começar pelo presidente Castelo Branco, que já se manifestara ao solicitar ao ministro da Educação uma rápida solução, o movimento partiu para o ataque às autoridades universitárias. Uma matéria publicada no *Correio da Manhã*, de 16 de março, teve como manchete: "Excedentes acusam magistério de sabotar Presidente". Transcrevo o primeiro parágrafo:

> A resposta dada pelo gabinete do ministro da Educação e Cultura aos excedentes acampados no pátio do Palácio da Cultura, foi considerada em nota oficial dos organizadores da Operação Mais Vagas, como incoerente. Afirmam os alunos que "os diretores das Faculdades de Medicina, sabotando o esforço do presidente Castelo Branco, recusam-se a abrir mais vagas, numa inequívoca demonstração de má vontade para com o Governo. (EXCEDENTES ACUSAM..., 1966, p. 2).

O governo do Estado, enfrentando inúmeros outros problemas, entendendo essa questão dos excedentes como fora de seu raio de ação, sofria pressões para uma resposta, devido à Universidade Estadual e sua Faculdade de Ciências Médicas mostrarem-se resistentes à ampliação de vagas. A resposta foi divulgada pela edição de 2 de abril do *Jornal do Brasil*:

> "O Governador Negrão de Lima, após conferenciar ontem com o Secretário de Educação, Sr. Benjamim de Moraes, o Reitor da UEG, Prof. Haroldo da Cunha Lisboa, e o Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, Sr. Américo Piquet Carneiro, sobre o problema dos excedentes de Medicina, afirmou que procurará o Ministro da Educação, "já que ele é da alçada federal". (FNFi..., 1966, p. 7).

---

[50] É importante salientar que entre esses excedentes – e não apenas os de medicina – havia um expressivo contingente de filhos de militares de média e alta patente.
[51] EXCEDENTES..., 1966, p. 5.
[52] RAIMUNDO..., 1966, p. 17.

Américo Piquet Carneiro não respondeu a nenhuma das provocações de "que a inauguração das novas instalações da Faculdade, que comportaria muito mais alunos, inclusive que, em algum momento, ele teria dito isso" (FACULDADE DA GB..., 1965, p. 4). Veículos de imprensa e lideranças do movimento procuraram insinuar que "os comunistas" estão por trás dessa intransigência. Seu nome, praticamente, desapareceu da mídia, ao mesmo tempo em que o Diretor do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto, Prof. Jayme Landmann, passou a aparecer com frequência nas páginas dos jornais, ocupando quase página inteira para mostrar as iniciativas de um dinâmico Hospital de Ensino. O *Globo*, de 2 de março de 1966, destacou o tema de uma longa matéria com ele, publicando também sua foto: "A Classe Média tem toda a Assistência no Hospital de Clínicas Pedro Ernesto" (A CLASSE..., 1966, p. 7).[53]

Dois momentos de sua extensa entrevista são importantes mostrar em nosso trabalho. Primeiro, sua estratégia de captação de recursos para a sustentabilidade do Hospital e segundo, a referência ao importante papel desempenhado pelo Professor Piquet no desenvolvimento do Hospital:

> Qualquer doente pode procurar o Hospital Pedro Ernesto, independente de sua condição econômica, que será muito bem atendido. Os pacientes que ganham até um salário mínimo e meio têm atendimento gratuito. Os demais pagam pela tabela do Departamento Nacional de Previdência Social, que é das mais acessíveis, de acordo com o rendimento de cada um.
> [...] O Prof. Américo Piquet Carneiro, diretor da Faculdade de Ciências Médicas da UEG, está ultimando as negociações para a vinda de material hospitalar da Alemanha Ocidental e espera obter os meios necessários para concluir outras, com grandes centros universitários americanos, para transformar o Pedro Ernesto em um centro médico de envergadura internacional. (A CLASSE..., 1966, p. 7).

Uma série de outras informações relacionadas a seu nome passou a ser publicada, desde os esforços de pesquisa em desenvolvimento no Hospital, até sessões clínicas e outras atividades na 4ª Cadeira de Clínica Médica, onde era o Titular.

Muitas alternativas para absorver o contingente de excedentes do vestibular de medicina começaram a ser ventiladas, com maior ou menor seriedade: criar um curso médico no Hospital dos Servidores do Estado – o que parece ter sido aprovado por algumas lideranças médicas no interior do Hospital, mas rejeitado com veemência pelo Presidente do IPASE –, aproveitar o prédio da Rua Fonseca Teles, já desocupado e que pertencia à FCM, mas a UEG não demonstrou nenhum interesse em concordar com isso, sequer respondendo a consulta. Por fim, a proposta do Professor Miguel Couto, à época presidente do Conselho Federal de Educação,

[53] É importante ressaltar que o Hospital Pedro Ernesto, ao ser incorporado pela UEG, passou a ser administrado pelo regime fundacional de Direito Privado, podendo cobrar consultas, exames, cirurgias e outros procedimentos médicos de quem pudesse pagar, como qualquer organismo assistencial privado.

de se criar um terceiro turno para os cursos de medicina, o que, evidentemente, implicaria em contratar mais professores e pessoal. Impensável em governos em crise econômica.

Contudo, a grande dificuldade para a expansão das vagas surgiu como um alerta das próprias lideranças estudantis. Chamaram a atenção para as dificuldades que teriam em atender a demanda dos excedentes e compatibilizar com os direitos dos já matriculados, uma vez que uma escola médica particular fez parte do vestibular unificado. A totalidade dos já matriculados nela – a Escola de Medicina da Universidade Gama Filho – provocaria um verdadeiro "efeito cascata". Ou seja, cancelar dezenas ou centenas de matrículas e refazê-las em outra instituição, o que pareceu quase impraticável, pois prejudicaria os programas já iniciados, os quais seriam interrompidos até o término do processo. A sugestão proposta por uma comissão nomeada pelo ministro da Educação foi de um novo vestibular para os excedentes.

As vagas começaram a ser anunciadas em algumas instituições federais e, também, na FCM (logo desmentidas pela Direção e pelo CASAF). Ora alegavam que era uma decisão do Governador Negrão de Lima, ora do Reitor Haroldo Lisboa. Começaram a circular a notícia da saída de Américo Piquet Carneiro da direção da FCM: ou seria exonerado para facilitar a ampliação de vagas ou pediria sua demissão caso as autoridades superiores do Estado ou da Universidade assim determinasse. O CASAF e os estudantes da FCM decidiram que, em qualquer caso, haveria uma greve geral da FCM, em solidariedade ao Prof. Piquet Carneiro.

No dia 7 de maio, na primeira página do *Jornal do Brasil*, a grande manchete foi: "ARENA indica Aleixo para chapa de Costa e Silva". Logo abaixo, uma curta chamada para uma longa reportagem na página 16, anunciou: "Excedentes podem levar FCM à greve". Nesta última página, a manchete é: "Ciências Médicas vai à greve se seu Diretor for demitido" (CIÊNCIAS MÉDICAS..., 1966, p. 16).

Em 27 de maio, uma pequena nota publicada na página 14 de *O Globo*, com o título: "Nega Matrícula", descreve:

> Os dezesseis professores da Congregação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara, depois de mais de uma hora de discussão, negaram, por unanimidade a matrícula aos candidatos não classificados dentro das 514 vagas das escolas médicas do Rio e Niterói, no último vestibular. (NEGA..., 1966, p. 14).

Essa decisão encerrou a questão dos excedentes do vestibular para a FCM, naquele ano de 1966. Porém, é possível que tenha acarretado uma rede de ressentimentos dirigida aos protagonistas da resistência e da recusa em ampliar vagas. De qualquer forma, a partir de junho

de 1966, o Diretor da FCM estava fortalecido a ponto de propor e aceitar mudanças mais profundas na formação médica.

Um outro incidente de percurso, debelado rapidamente, vale a pena comentar para podermos analisar a capacidade de Américo Piquet Carneiro de dialogar com lideranças estudantis e encontrar soluções, mesmo em momentos de ruptura iminente. No dia 22 de junho, uma matéria do *Jornal do Brasil* anunciou: "Faculdade de Ciências Médicas entra em greve por Diretório" (FACULDADE DE CIÊNCIAS..., 1966, p. 14). O motivo era uma determinação da Reitoria para que a FCM cumprisse a Lei nº 4.464, de 9 de novembro de 1964, conhecida como Lei Suplicy[54]. Essa lei extinguiu a União Nacional dos Estudantes (UNE), proibiu a conexão dos diretórios com partidos políticos, impediu a candidatura de alunos com mau desempenho escolar e dispôs sobre eleições indiretas para Diretórios Estaduais e para o Diretório Nacional dos Estudantes (DNE), sucedâneo da UNE. Reuniões sucessivas de membros do CASAF com a Direção (Piquet Carneiro e Paulo de Carvalho) acordaram uma solução que não se tornou pública em sua totalidade: foi designado como interventor um professor Catedrático, insuspeito de simpatias com a esquerda, mas que se relacionava bem com membros do CASAF, incumbido de preparar a eleição do novo Diretório Acadêmico , de acordo com a Lei Suplicy. As eleições já estavam programadas para ocorrer em agosto, em cerca de 300 instituições de ensino superior. Para consumo externo, a FCM estaria cumprindo plenamente a Lei Suplicy, e internamente, em um murmúrio de autonomia universitária, o CASAF continuaria atuante, acrescido do adjetivo "livre": CASAF-livre! A greve foi suspensa no dia seguinte, conforme o mesmo *Jornal do Brasil* divulgou.

Com a trégua política estabelecida, Américo Piquet Carneiro buscou aplicar na prática sua concepção de uma medicina social. Na página 24 do 1º Caderno da edição de domingo do *Jornal do Brasil*, de 26 de junho, uma matéria sobre uma experiência pioneira chamou atenção: "Acadêmicos de Medicina servem morro para estudar a prevenção de doenças". Vou procurar resumir a extensa matéria, mas apresento os dois primeiros parágrafos:

> Alunos do 3º ano da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara, instalaram-se há dez dias em um posto médico no Parque Vila Isabel, no

[54] "A lei determinava que os diretórios acadêmicos (DAs) continuariam tendo existência obrigatória nos estabelecimentos de ensino superior. Os estudantes das universidades teriam seu Diretório Central de Estudantes (DCE) composto de representantes dos DAs. Estes se reuniriam, também, para organizar os diretórios estaduais de estudantes (DEEs), os quais, por sua vez, comporiam, por meio de representantes, o Diretório Nacional de Estudantes (DNE)". (CUNHA, 2010, n. p.).

> Morro dos Macacos, para substituir o antigo conceito de medicina curativa para o de medicina preventiva.
> Essa experiência pioneira no Rio de Janeiro recebeu o nome de *Programa de Medicina Social e Familiar* e objetiva não apenas auxiliar a população da favela mas também proporcionar aos futuros médicos a chance de, buscando o paciente ao invés de ser por ele procurado, entrarem em contato com os fatores sociais que contribuem para o enfraquecimento da saúde. (ACADÊMICOS..., 1966, p. 24, grifo do autor).

O Coordenador- Geral do Programa, segundo a reportagem, era o médico Moysés Szklo, da equipe do Professor Américo Piquet Carneiro, na 3ª Cadeira de Clínica Médica, que depois desenvolveu toda sua carreira acadêmica em Baltimore, Estados Unidos da América, na Universidade John Hopkins. Ricardo Donato Rodrigues, um dos colaboradores desta pesquisa, encontrava-se no 3º ano do curso e vivenciou essa experiência, pois a 4ª Cadeira de Clínica Médica, do Professor Jayme Landmann, que ele cursava, também aderiu ao Programa, que teve como supervisor de seu grupo o Professor Aloysio Amâncio, primeiro-assistente do Prof. Landmann. É bem provável que o sucesso dessa experiência tenha sido um grande estímulo para a criação do Ambulatório de Medicina Integral, no ano seguinte.

A insatisfação dos estudantes não se resumia à militância mais política, de protesto contra o regime militar. Havia um contingente ativo de estudantes que reivindicavam uma mudança da maneira de ensinar e aprender, questionando a própria função social da universidade. Gil Santini Pinto, aluno do 4º ano médico, atuante no Departamento Cultural do CASAF, juntamente com Fritz Carl Utzeri e Cláudio José de Campos Filho editavam o *Boletim*, semanário do CASAF, e um jornal mural, denominado *Perspectivas.* Gil publicou um texto crítico à instituição universitária no *Boletim* com o título “Mundo fechado, mundo aberto”, o qual, pensamos, valer também na atualidade (DAFLON, 2017, p. 70). Em uma conjuntura em que os sucessivos ministros da Educação usavam o bordão de que “estudante é para estudar e não se preocupar com outras questões”, Gil toma essa questão como um ponto para refletir:

> [...] o estudante é para estudar, palavra de ordem comum para condenar as esquerdas, faz com que o estudo deixe de ser ferramenta para a construção da sociedade e se torne instrumento de satisfação pessoal. O futuro médico sabe que a fome, as bombas, e remotamente as próprias ideologias, quando não respeitam a pessoa humana, são causas de doença, de alienação, mas pressionado pela promessa de ascensão social recusa-se a participar, submetendo-se ao Mundo Fechado da Universidade. Na verdade, a universidade brasileira não é autônoma. Está ela fechada por interesses que não permitem torná-la um centro de elaboração científico-cultural do homem. (PINTO, 1966 apud DAFLON, 2017, p. 71).

“Quando não respeitam a pessoa humana...” O que um aluno do 4º ano médico quis dizer com isso? O que um jovem de vinte e poucos anos entende por “respeito”? O que significa para ele “pessoa humana”? Qual o sentido de tudo isso no “Mundo Fechado da Universidade”?

Eu poderia, como qualquer docente tradicional e com a presunção de quem já teve acesso privilegiado ao conhecimento, buscar contradições e equívocos em sua crítica. Por exemplo: desde quando "fome, bombas e ideologias respeitaram a pessoa humana? Por aqui, já poderia concluir que esse "futuro médico" pouco irá saber! No entanto, nada disso retira o valor e a ousadia de sua crítica ao "Mundo Fechado da Universidade" e sua questionável autonomia.

Destacando, desse breve trecho do texto escrito por Gil Santini, os termos "construção da sociedade", "respeito" e "pessoa humana", vamos procurar acompanhar os movimentos de Américo Piquet Carneiro na execução de uma proposta de trabalho, em que esses e outros termos semelhantes adquirem um sentido transformador.

Piquet Carneiro iniciou seu terceiro ano de gestão à frente da FCM com os ânimos um pouco mais serenados. Uma nova iniciativa conjunta com Jayme Landmann, Diretor do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto, deu início ao Ciclo de Conferências sobre "Organização e Administração Hospitalar", no auditório do Hospital.[55] Essa atividade iniciou em 13 de setembro de 1966, ocorrendo todas as terças e quintas-feiras, no anfiteatro central do HCPE, e encerrou com uma Conferência do então ministro da Saúde, Raimundo de Brito, em 8 de novembro do mesmo ano.[56]

5.3 A pessoa humana: o ideal histórico do bem comum

O ano de 1967 foi iniciado com propósito de lançar as bases de uma Medicina Social na Faculdade de Ciências Médicas e no Hospital de Clínicas Pedro Ernesto. A edição matutina de *O Globo*, de 14 de janeiro, apresentou uma matéria cuja manchete foi "Curso mostra valor da Medicina Social". O corpo da reportagem foi baseado em entrevista com o Diretor da FCM. Acho importante transcrever os três primeiros parágrafos:

> A propósito da abertura, segunda-feira próxima, na Faculdade de Ciências Médicas da UEG, de um curso especial sobre os "Fundamentos da Medicina Social", que terá, como mestres, antropólogos, urbanistas, sociólogos e assistentes sociais, o Prof. Piquet Carneiro, diretor daquela escola, disse a O GLOBO que "os médicos, em geral, lidam muito bem com o doente, mas não com a coletividade, por nem sempre estarem preparados para o exercício da Medicina Social
> — Não é mais possível – afirmou o Prof. Piquet – ensinar o aluno a cuidar de um doente, como se, nos dias que correm, a doença não tivesse implicações e decorrências sociais. Não se trata, apenas, de mostrar, ao estudante, o largo alcance do curso, sob o ângulo da medicina preventiva. Deve demonstrar-se, também, que não há nenhum dado, respeitante ao doente, que não tenha relações com o meio social, desde as causas próximas ou remotas da doença, até os efeitos da terapêutica.

[55] CICLO DE..., 1966, p. 5.
[56] SAÚDE FECHA..., 1966, p. 9.

> Depois de acentuar que o doente deve ser objeto de preocupação econômico-social, tanto do ponto de vista da instituição que o recebe – hospital, asilo ou centro de recuperação –, como da sociedade a que pertence, acrescentou o Prof. Piquet que o hospital de ensino tem, portanto, duas faces: "a interna, que cuida do doente em relação ao seu estado de saúde imediato, e a externa, que trata de suas relações com a comunidade. (CURSO..., 1967, p. 4).

A reportagem descreveu o local e horário do curso, que teria início com uma aula do antropólogo Carlos Alberto Medina (1931-2010), assinalando que o curso seria aberto a médicos, enfermeiros, engenheiros, assistentes-sociais, estudantes etc. Informou alguns dos principais conferencistas, entre eles o urbanista Stélio Rocha, o então diretor da COPEG, Marcílio Marques Moreira, o sociólogo Arthur Rios, a assistente social Helena Salgado, o tisiologista e catedrático da FCM Aloysio de Paula e, na palestra de encerramento, o próprio Professor Américo Piquet Carneiro com o tema: "Novas perspectivas para a Medicina Social no Brasil".[57]

Na edição de 21 de janeiro, do mesmo jornal, na Seção Ciência e Cultura, com o título "Fundamentos da Medicina Social", encontrava-se publicada a programação completa das palestras a serem realizadas às segundas, quartas e sextas-feiras, às 20 horas, na Faculdade de Ciências Médicas, que se estenderia até 27 de fevereiro do mesmo ano.[58]

Entre essas duas datas, no dia 18 de janeiro, o *Jornal do Brasil* apresentou uma matéria, com foto do Governador Negrão de Lima ao lado Diretor do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto, Professor Jayme Landmann, cortando fita de inauguração. O título da reportagem é ambicioso: "Negrão dá ao Pedro Ernesto meios de funcionar como autêntico hospital-escola". Citando algumas das autoridades presentes, como Hildebrando Marinho, Secretário de Saúde; o Reitor da UEG, Haroldo Lisboa; Américo Piquet Carneiro, Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, além do, já citado, Diretor do Hospital de Clínicas, a matéria enumerou as várias instalações inauguradas: dois centros ressuscitadores e respiradores artificiais com capacidade para oito leitos; salas para recuperação de prematuros e enfermarias para crianças na primeira e segunda infância; lactário para preparação e distribuição de leite; sala de recreação; refeitório; auditório e biblioteca. Nessa mesma ocasião, foram inaugurados um pronto-socorro cardiológico, as novas instalações do laboratório central e a lavanderia. Portanto, o ano começou em grande estilo, tanto na Faculdade como no Hospital.

Em um documento dos arquivos da FCM, com data de 13 de fevereiro de 1967, assinado pelo Professor Américo Piquet Carneiro como Diretor, que trata de uma convocação para a

---

[57] CURSO, 1967, p. 4.
[58] FUNDAMENTOS..., 1967, p. 2.

“sessão da Congregação” para “16 de fevereiro corrente (quinta-feira), no edifício sede, 2º andar”. Com sete pontos de pauta, cuja importância para essa pesquisa, merecem destaques:

> 1) Regulamento do Curso de Ciências Bio-Médicas;
> 2) Autorização para funcionamento da Faculdade de Odontologia no edifício-sede da Faculdade de Ciências Médicas;
> 3) Proposta de transformação da cadeira de Administração Hospitalar em Medicina Social e Administração Hospitalar;
> 4) Modificação do Regimento da Faculdade na parte referente à sexta série;
> 5) Inclusão no Regimento atual das emendas aprovadas pela Congregação e pelo Conselho Universitário em janeiro e fevereiro de 1964 com algumas modificações;
> 6) Orçamento do Hospital;
> 7) Assuntos diversos. (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1967, n. p.).

Esse detalhamento é importante, pois devemos lembrar que quando o Professor Américo Piquet Carneiro assumiu a direção da FCM, em outubro de 1964, o único curso da área de saúde na UEG era o de Medicina. Os demais cursos dessa área foram sendo criados ou transferidos graças ao seu protagonismo.

A decisão tomada, por unanimidade, pela Congregação da FCM, no ano anterior, de não ampliar vagas para admitir “excedentes do vestibular” blindou temporariamente a gestão do Prof. Piquet à frente da FCM.[59] Por outro, lado acendeu nos estudantes a chama por mudanças no ensino da Faculdade. Um dos colaboradores desta pesquisa, Ricardo Donato Rodrigues, então estudante do 4º ano do curso, descreveu na conversa-entrevista, realizada em 1º de abril de 2019, todo o contexto e a iniciativa de um grupo de alunos determinados a buscar e propor mudanças na formação do médico:

> Em 1967 o Professor Piquet Carneiro já era o Diretor da FCM, e sua presença e participação foram muito importantes na cadeia de acontecimentos até os anos seguintes. Esses acontecimentos estão muito bem detalhados no livro “Título provisório”, em que se ressalta a atuação do Professor Piquet na proteção de estudantes, de sua postura cuidadosa para que não houvesse repressão dentro da Faculdade.[60] Ao mesmo tempo em que o CASAF consolidava sua estrutura, seu perfil, buscando trazer as questões mais politizadas e mais culturais para o movimento estudantil, e para isso, o CICEME (Cineclube Ciências Médicas) e o jornal *O Plantão* muito contribuíram para esse processo. Fritz Utzeri, que entrou depois de mim na Faculdade, teve um papel destacado na organização do jornal. Mais tarde abandonou a medicina pelo jornalismo, fazendo grande sucesso na grande imprensa. Outro nome importante foi meu colega de turma, Gil. (Ricardo Donato).

---

[59] CIÊNCIAS MÉDICAS NEGA..., 1966, p. 14.

[60] O referido livro foi escrito e publicado por Fábio Daflon, ex-aluno da FCM, que concluiu sua graduação em 1978. Em sua obra, procurou descrever o período mais crítico do movimento estudantil na FCM e o papel do Professor Américo Piquet Carneiro como diretor dessa unidade acadêmica.

Ricardo Donato foi um estudante que iniciou seu curso médico por ocasião do golpe militar de 1964 e descreveu o impacto que sofreu em seu primeiro dia na FCM, já citado neste trabalho. Entrou para o movimento estudantil e fez parte de uma das diretorias do CASAF. Desempenhou um papel de destaque na tentativa de reformulação do currículo e descreveu o contexto em que ocorreu essa proposição dos estudantes:

> Mas, a tensão crescia no interior da Ciências Médicas, com o movimento estudantil cada vez mais ativo até desencadear uma greve que reivindicava um vestiário para os estudantes, pois os estudantes de medicina, desde o início, eram obrigados a entrarem de branco, tanto na Faculdade como no Hospital. Lembro do comparecimento do Professor Landmann, Diretor do Hospital, em uma de nossas assembleias, em que ele argumentou que era preciso ter compromisso com o Hospital, que nada podia fazer e que isso iria criar muita confusão! Obviamente, foi vaiado pela assembleia. A alegação que tínhamos vestiários em casas velhas na Rua Felipe Camarão, próximas ao Hospital, não fora aceita pelos estudantes, pois, se o objetivo era evitar o vestuário contaminado vindo da rua, a troca de roupas nessas casas, obrigava a todos andar pela rua com a roupa branca até entrarem no Hospital ou na Faculdade. (Ricardo Donato).

A questão dos "vestiários" foi a "gota d'água" em um copo que já transbordava de tensões: protestos contra regime militar, Lei Suplicy[61], "crise dos excedentes do vestibular", postura intransigente da congregação em relação à proposta dos estudantes, "acordo MEC-USAID[62] e reforma universitária em gestação", "FMI=fome e miséria", além do "devolvam nossas verbas ou paramos o Brasil!". Acrescentem-se a isso as inabilidades, externa, do ministro da Educação, ao afirmar e reafirmar que estudante não tinha que se preocupar com outra coisa, só tinha que estudar, e, interna, do Diretor do Hospital em dialogar e envolver os estudantes na solução dos "vestiários". Ricardo Donato narrou essa cadeia de frustrações seguida de indignação por parte dos estudantes:

> Mesmo antes dessas ocorrências, um grupo pequeno de estudantes concentrava a insatisfação dos alunos com o ensino. Trabalhavam sobre as críticas ao modelo de ensino vigente: "o ensino médico é muito chato... é muito ruim... muito repetitivo... muito segmentado... muito disperso... havia uma grande ociosidade... um sentimento difuso de perda de tempo!..." Então, esse pequeno grupo pensou em fazer um estudo sobre o nosso ensino médico. Tentamos, primeiro, atrair mais pessoas e estimulamos a nos reunir no CASAF para refletir e buscar soluções, mas acabaram ficando não mais que oito ou nove estudantes. Fizeram parte desse grupo: eu, o Gil, a Albinear, o Duque Estrada, a Miraci, a Rebeca, o Cláudio Campos e... o André Campelo, que entrou depois!... O Fritz participou, também, mas pouco!... Esse grupo não foi constituído pelo CASAF, foi uma iniciativa desses alunos, militantes do movimento estudantil, onde alguns até participaram de diretorias do CASAF, mas não foi uma

[61] Lei nº 4.464, de 9 de novembro de 1964. Recebeu o nome de Lei Suplicy em função do ministro da Educação que a propôs, Flávio Suplicy de Lacerda. Foi uma tentativa de controle sobre os estudantes, principalmente, mas também de todo sistema de ensino, exercida pelo regime militar implantando sete meses antes.

[62] Acordo firmado pelo MEC em 23 de junho de 1965, representado pelo ministro Flávio Suplicy e a United States Agency for International Development (USAID), efetuado sem nenhuma transparência. Como o primeiro foi para o ensino superior, gerou grande contestação no movimento estudantil e na Universidade.

> iniciativa do Diretório, embora ele tenha abrigado as reuniões iniciais do grupo. O grupo buscou canalizar a insatisfação geral dos estudantes com o ensino, um ensino elitizado e alienante, não comprometido com as necessidades de saúde da maioria da população brasileira.
> O Brasil estava sob uma ditadura militar, e nesse sentido o movimento era também contra esse regime!... O ministro da Educação dizia assim: "O estudante tem que estudar... não tem que ficar discutindo outras coisas... preocupado com outras coisas..." Como sair dessa formação alienada e alienante para uma formação mais consciente e preocupada com as questões sociais?... Como lidar com essa pressão de cima pra baixo que sofre o ensino e que a gente percebe como uma opressão?... Eram essas as nossas grandes questões!... Então, a gente se organizou tendo como perspectiva fazer um estudo que verificasse como essas questões apareciam para todos os estudantes, quais eram os pontos fundamentais para se levar a um debate mais amplo!... Para isso, resolvemos organizar um inquérito com os estudantes... uma investigação... Logo veio uma constatação quase paralisante: "mas... a gente não sabe fazer isso!..." Foi, então, que emergiu a ideia de buscar algum tipo de ajuda e surgiu o nome do professor Lauro de Oliveira Lima, um professor que tinha uma escola... tinha publicação... que defendia um ensino preocupado com a formação de pessoas, não só enquanto forma de conhecer... de desenvolver conhecimento apenas técnico... que entendia que a educação era para formar gente... formar pessoas!...
> Fomos falar com o professor Lauro para ver se ele "dava uma luz pra gente!..." Ele falou:
> — É muito interessante!... Acho muito importante esse estudo. Marquem, que eu vou lá conversar com vocês.
> Marcamos e reservamos uma sala de aula... um pequeno auditório no terceiro andar do Hospital, da Clínica do Professor Piquet Carneiro... era um auditório antigo... todo plano... e a gente se sentou... tudo encarreirado... enfileirado!... Tinha umas trinta... quarenta pessoas... até bastante gente!... O Lauro chegou... a gente apresentou-o... explicamos o que a gente pretendia fazer... e... passamos a palavra pra ele. Ele falou, assim**:**
> — Vamos fazer o seguinte, vamos abrir aqui... as cadeiras... e fazer uma roda... para a gente fazer uma 'roda de conversa'... porque... o que eu posso fazer aqui... é conversar com vocês!... Vocês falarem!... A gente trocar ideias... cada um falar... alguma coisa!... (Ricardo Donato).

A sensibilidade do educador externo, Lauro de Oliveira Lima, de outra área que não o ensino médico, em valorizar a iniciativa de estudantes de medicina, elevando muito a autoestima das lideranças estudantis, mostrando que seria possível uma maneira diferente de ensinar, aumentou o nível de expectativa dos empreendedores da proposta:

> Foi a primeira vez que tivemos uma reunião mais ampla, assim!... Nós fazíamos reuniões assim no Diretório, mas com muito menos pessoas... bem mais restrita!... O Professor Lauro mais que reforçou a importância daquela preocupação nossa!... Que valia a pena, mesmo, fazer essa investigação!... A gente tinha a preocupação era do como fazer?!... Qual o método?!... Como é que faz a pergunta?!... Ele falou:
> — Isso tem várias maneiras!... Mas, façam!... E... pensem!... Discutam!... Assumam o que vocês querem fazer, afinal de contas.
> Aí... a gente foi conversando... trocando ideias... e... ele funcionando como um facilitador!... Foi muito boa a conversa com Lauro!... Eu aprendi muito naquele dia!... Então, montamos a investigação sobre o Ensino Médico na Ciências Médicas... era grande!... O negócio era grande!... Fomos de turma em turma... explicando os pressupostos... os objetivos do estudo e porque a gente estava fazendo aquilo e o que a gente pensava!... Nas primeiras páginas do questionário, a gente explicava tudo isso... quais eram os pressupostos que a gente estava utilizando para organizar a investigação... que o ensino é elitista... que não atendia as necessidades da população... que era muito fragmentado... que era muito centrado no Hospital... que esse era

> descolado da sociedade... que estava afastado da atenção à saúde da população... que tinha uma atuação muito restrita... enfim... que era um "elefante branco"!...
> Os professores, de um modo geral, não se envolveram... não se interessaram... a maioria nem tomou conhecimento... alguns poucos... em geral os mais jovens... como o Virgílio, por exemplo... ao tomarem conhecimento do estudo, disseram:
> — Legal!... Que legal!...
> Mas, naquele momento da implementação do estudo, não houve contraditório... o que vai ocorrer, depois!... A gente distribuiu amplamente o questionário... do segundo ao sexto ano da faculdade!... Só ficou de fora o primeiro ano... pois... estava muito no início do curso!... Os estudantes levavam o questionário para responderem com calma em casa!... Depois, recolhemos... e a resposta foi altíssima... a maioria respondeu!... Então... a gente analisou as respostas... organizou... e... publicou... sob a forma de cartazes, como falávamos na época, no paredão da Faculdade... pendurados com os dados e conclusões...
> Aí, a gente foi falar com o Professor Piquet Carneiro, Diretor da Ciências Médicas. A proposta era criar comissões paritárias entre alunos e professores para buscar uma reorientação do ensino, uma reforma curricular na Faculdade de Ciências Médicas!... O Professor Piquet, que tinha conhecimento informal do que estava acontecendo... do desenvolvimento de nosso estudo, recebeu aquilo e achou muito bom!... Então, falou:
> — Sim!... Vamos iniciar um processo de organização.
> Falou isso, com convicção!... E... ele começou a organizar debates no Auditório do Hospital, visando constituir as comissões paritárias para estudar a reforma do ensino na Faculdade de Ciências Médicas.
> O Professor Piquet foi fantástico!... Acabou assumindo a coordenação do processo. E assumindo, sem autoritarismo, sem nenhuma coisa de hierarquia, pois não era uma questão hierárquica. Foi, assim, tão natural, porque a gente chegou junto!... E ele sentiu que era necessário assumir essa liderança, por conta da relação de alunos e professores. Tinha que ser mediado pela Faculdade e, por isso, assumiu a coordenação, para essa mediação. Ele não teve nenhuma dúvida em assumir essa questão: presidia as reuniões no anfiteatro... eu não me lembro mais quantas. Mas, foram muitas!... A gente realizou alguns seminários para organizar as comissões paritárias, e ele é que presidia os seminários. Ele é que ajudava a definir as pessoas que iriam falar nos seminários. (Ricardo Donato).

O Professor Américo Piquet Carneiro foi o equivalente interno do educador externo. Sua sensibilidade, apoio e envolvimento com a iniciativa elevaram mais ainda a autoestima dos estudantes e multiplicaram a expectativa de mudança do ensino. É possível que os estudantes estivessem com essa expectativa ainda mais ampliada pela condição do cargo ocupado por ele, de diretor da Faculdade:

> É importante lembrar que o Professor Piquet já havia introduzido na Faculdade uma série de disciplinas, que não sei se já chamavam eletivas: de "Línguas", por exemplo, também de Epistemologia. Estruturou o que chamou de "pré-mestrado", que discutia epistemologia e que, quem quisesse, poderia se inscrever... e aproveitar!... Então... foram várias iniciativas do Professor Piquet no sentido de ampliação da perspectiva da formação médica. Isso "casava" com aquilo que a gente pensava. A gente foi também influenciado pelas próprias proposições do Professor Piquet. Pelas próprias iniciativas dele. Era mais do que falar... era fazer... e fazia. Impressionante!... Tinha uma capacidade incrível de fazer coisas inovadoras para a formação.
> E, também, nessa época de 1967 e 1968, entre as outras iniciativas inovadoras dele, veio a questão da "Medicina Integral". Como um serviço ambulatorial... como um projeto ambulatorial para formação dos alunos, no último ano do curso. O Ambulatório de Medicina Integral começou nessa época. Com o apoio dos estudantes, também. E... era feito à tarde, o que, de certa maneira, ocupava o tempo ocioso, que os estudantes denunciavam... especialmente no período da tarde, tanto na Faculdade

> como no Hospital. As atividades de ambos se concentravam pela manhã..., à tarde... as atividades ficavam muito mortas.
> Os estudantes apelidaram o Hospital de "Elefante Branco", o que parece, à primeira vista, uma contradição, pois o Hospital havia sido uma conquista dos estudantes, que encontraram no Professor Piquet o seu guia institucional para essa conquista!... E eles tinham muito orgulho do Hospital. O primeiro hospital próprio de uma Universidade no Rio de Janeiro. Mas, a contradição é apenas aparente, pois, o apelido pejorativo era mais que uma denúncia, era um caminho apontado para as mudanças necessárias. E o Ambulatório de Medicina Integral era um pequeno, mas decisivo, passo nesse sentido, pois abria uma brecha para o contato com uma sociedade que vinha se transformando, também. E... essa transformação já afetava a própria prática da medicina... a medicina de consultório liberal... que vinha decrescendo, enquanto aumentava o assalariamento, em geral, e também dos médicos e professores, em particular. O consultório passou a ficar restrito mais aos "medalhões", mais antigos, e os professores mais jovens não conseguiam mais subsistir apenas com seus trabalhos no consultório. Por isso, passaram a ter interesse em trabalhar em tempo integral na Faculdade e no Hospital, o que facilitou a implantação do Ambulatório de Medicina Integral, sob a liderança do Professor Piquet. (Ricardo Donato).

Esse momento de transição da prática médica na sociedade tornou-se um forte argumento para o Professor Piquet Carneiro avançar na implementação de sua concepção de uma Medicina Social. Mesmo os mais renhidos defensores de uma medicina liberal percebiam nas mudanças sociais o progressivo assalariamento do médico. Esse contexto facilitou tanto a implantação do Ambulatório de Medicina Integral como o Instituto de Medicina Social, mas as mudanças na maneira de ensinar e de comportamento dos demais professores catedráticos, mostrou que não havia muito espaço para tanto otimismo:

> Nesse cenário de rápidas transformações, o resultado das reuniões e seminários sobre a reforma curricular, constituindo as comissões paritárias, com o projeto estruturado e dependendo apenas da decisão do organismo colegiado da Faculdade, decisão esta que, à primeira vista, seria apenas mais uma mudança a ser implementada na Faculdade, com o mérito de ter sido amplamente debatida e pactuada entre alunos e professores!... Mas, quando chega para decisão na instância colegiada da Faculdade – não me recordo se ainda era a Congregação dos Professores Catedráticos ou se já era o Conselho Departamental – a proposta é vetada... "brecada"!... "Não!... É ilegal!... Não pode!... Não faz sentido!..." Resultaram inúteis as ponderações do Professor Piquet e de alguns poucos aliados. A proposta foi vetada!... Cortaram o "barato" dos estudantes!...
> E essa decisão coincide com o momento de maior tensão entre a ditadura e os estudantes. Incendiou internamente e acabou trazendo para a militância até os estudantes mais acomodados e alienados. Mais algumas "bananas de dinamite" no explosivo ano de 1968. A prisão em massa dos estudantes que estavam participando do Congresso da UNE, em Ibiúna/SP, foi a gota d'água em um copo transbordante!... (Ricardo Donato).

O Professor Ricardo Donato Rodrigues tornara-se em meados dos anos de 1970 o líder da renovação do Ambulatório de Medicina Integral, com equipe própria de docentes, transformando-se em seguida em uma disciplina formal da Faculdade de Ciências Médicas. As mudanças no país, com o fim do regime discricionário e a implantação do SUS, aceleraram e dinamizaram a visão social da medicina, que Piquet Carneiro já propunha nos anos de 1960.

O desenvolvimento no âmbito do SUS dos cuidados primários em saúde, através da Estratégia de Saúde da Família, levou aquele frágil Ambulatório de Medicina Integral, idealizado por Piquet Carneiro no início da segunda metade dos anos de 1960, a se tornar o primeiro Departamento Acadêmico de Medicina de Família do país, na primeira metade dos anos 2000.

A habilidade que o Professor Piquet sempre demonstrou no trato com os alunos, aparentemente não atingia efeito equivalente com muitos dos professores. Mesmo assim, ele não descuidava das responsabilidades que detinha, como Diretor e coordenador de um conjunto amplo de professores, das mais diversas especialidades e maneiras de conduzir suas práticas pedagógicas e assistenciais. O espectro ideológico dos professores estendia-se dos poucos que não só apoiavam sua postura, como incentivavam o movimento dos estudantes, até aqueles que concordavam plenamente com a palavra de ordem do ministro da Educação: "Estudante tem que estudar e não se preocupar com outras questões!" A serenidade silenciosa do Professor Piquet, sem dúvida, contribuiu para retardar a eclosão dos conflitos, mas não conseguiu evitá-la.

Na vida familiar, o ano de 1967 foi um ano de júbilo para Américo Piquet Carneiro. Nasceu seu primeiro neto, filho de Álvaro e Cecília. Outros três vieram em intervalos crescentes. Isso foi muito importante para ele, e seu primeiro neto, Cláudio Pessôa, um dos colaboradores de nossa pesquisa, afiançou: "Sem dúvida, os netos foram um 'sopro de renovação' na vida dele, depois que tinha perdido o filho.".

Neste mesmo ano, uma jovem patologista, natural da Bahia, que emigrara para São Paulo logo após sua formatura, fugindo com seu marido de uma eventual prisão pela repressão do regime militar, foi admitida no Serviço de Anatomia Patológica do Hospital de Clínicas Pedro Ernesto. Euzenir Nunes Sarno, uma das colaboradoras nesta pesquisa, descreveu sua acolhida e como essa experiência mudara sua vida e, também, contribuíra para mudanças na formação médica e na pesquisa básica na instituição:

> No Hospital Pedro Ernesto, me apresentei ao Professor Landmann, que era o Diretor do Hospital, e fui nomeada para trabalhar no Serviço de Anatomia Patológica, onde fiquei alguns poucos anos. Isso ocorreu por volta de 1967, pois ficara em São Paulo de 1964 até 1966. Nesse Serviço, comecei a ter muito contato com estudantes e médicos residentes, e acabei fazendo grandes amigos. Algum tempo depois, comecei a observar a movimentação do Professor Piquet Carneiro. Ele estava organizando, com um grupo que tinha o Francischetti, Moyses Szklo, Hesio Cordeiro e a Nina. Ele estava criando o Instituto de Medicina Social. O Nelson Moraes era Chefe de Departamento e que, depois, foi ser Diretor do IMS. Eu... ali... junto com eles. (Euzenir Sarno).

A abrangente visão de Américo Piquet Carneiro permite, ao mesmo tempo que trabalhar com um grupo na construção de uma medicina social, vislumbrar uma parceria para a outra ponta: as inovações necessárias nas disciplinas básicas e a pesquisa de bancada. Sua intuição ou compreensão do potencial humano captou naquela jovem patologista alguém que poderia fazer diferença nessa outra ponta:

> E foi aí que soube que o Professor Piquet se reunia com um grupo de estudantes, que queria fazer pesquisas na área básica, em Imunologia. Estudantes que estavam saindo do segundo ano... eram três... para estudar ciência básica. Em uma mesma época em que estava surgindo a Biologia Molecular... ouvindo falar de DNA... não me lembro exatamente como aconteceu.
> Então, eu fui participar de uma dessas reuniões... na hora do almoço... na sala dele, na Diretoria da Faculdade... para apresentar artigos que ele selecionava e distribuía para gente estudar. Eu estava deslumbrada com aquilo... achava maravilhoso ter a chance de discutir. Ele nos dando força. Claro que ele não se envolvia muito com o conteúdo, mas nos estimulava a estudar e debater e participava das reuniões. E ele me escalou para dar aulas de Biologia Molecular... DNA... síntese de DNA... RNA... Fiquei na Histologia para cumprir esse programa... ele insistindo para eu estudar e dar essas aulas. Eu, uma patologista, não tinha nada a ver com Biologia Molecular. Muito engraçado, ele me fazendo estudar e dar essas aulas. Acho que ele me achava muito criativa e dedicada e, por isso, apostou em mim. Tanto que, por essa época, vagou a chefia da Patologia Geral, cujo titular era o Luiz Pinheiro Guimarães, que se aposentara. Então, ele me indicou como Professora Titular substituta... para responder pela disciplina. (Euzenir Sarno).

Euzenir Sarno havia apresentado uma tese em sua área de Anatomia Patológica e sido aprovada em concurso de docência livre na UFRJ. Imediatamente após a aposentadoria do titular da cadeira de Patologia Geral, Américo Piquet Carneiro designou Euzenir para responder pela cadeira, tornando-a a primeira mulher a participar da Congregação da FCM:

> O Professor Piquet Carneiro me apresentou lá como Professora Pesquisadora. Mesmo assim, só a minha atitude de mulher já incomodava o que estava "rolando" ali, pois quase sempre eu ficava contra. Desde querer jubilar uma aluna porque estava grávida, perseguir alunos e outras posturas reacionárias, que me fazia sentir que não poderia ficar de acordo com aquilo. Eles me identificavam com o Professor Piquet, que permanecia sempre numa posição reservada, mas eu sentia que no fundo ele gostava de me ver enfrentando aquela gente.
> Acho que o Professor Piquet Carneiro foi o primeiro feminista que eu conheci. Ele tinha uma relação de apoiar a mulher... em todos os momentos. Primeiro, com a Nina... aquela coisa com a Nina... depois comigo. Aquele carinho, aquela maneira delicada de nos empurrar para frente... para descobrir coisas. Enfim, a coisa do feminino. Depois, soube que ele tinha duas filhas e aí, entendi. (Euzenir Sarno).

Que espécie de ascendência ele detinha sobre membros da Congregação que os impediam de considerar essa decisão como uma provocação? O que o levava a confiar que essa jovem professora fosse corresponder a suas expectativas? Seguramente havia docentes mais antigos e titulados que poderiam ocupar *pro tempore* a cadeira. Uma decisão como essa devia exigir homologação desse colegiado. Como ele conseguia isso?

As iniciativas da Professora Euzenir Sarno, à frente da Cadeira de Patologia Geral e Fisiopatologia confirmou a intuição, o "olhar clínico", enfim o acerto da escolha de Piquet Carneiro:

> Quando assumi a Patologia Geral, isso já era mais para o final do ano, iria começar o curso no ano seguinte, comecei a pensar: como é que vai ser o curso?!... Eu tinha aquela intuição... agudeza... criatividade... minha cabeça fervilhava. E o Professor Piquet "me dando corda". Ele era muito amigo... descobria em mim coisas que eu não sabia... me orientava..., mas não assim de dizer o que eu tinha que fazer. Ele deixava a gente buscar. Era muito estranho, como é que ele conseguia passar uma coisa para gente no ar.
> E eu tive sorte, pois tinha lido algumas coisas de como aprender. Eu me preocupava muito com isso: como é que a pessoa aprende?!... Era contra o método tradicional de ensino... me posicionava quase que por intuição contra a aula teórica e a postura professoral. Achava que essa não era a melhor forma de construir a pessoa. A questão não era de formar um profissional, mas uma pessoa!... A pessoa não pode ser uma coisa de estar ouvindo você falar... e... depois... "botar numa proveta". Comecei a perguntar isso!...
> E em uma conversa com uma amiga, Estela, que atendia a empresas, ela começou a dizer como é que era a dinâmica que ela fazia... dinâmica de grupo... um tipo que estava surgindo no mundo. Comecei a ler sobre "dinâmica de grupo", e outros livros... um alemão... que era "educação pela forma"!... Também sabia que na Biblioteca tinha livros sobre educação... sobre como aprender... como é que a criança aprende!... Tinha o "método Paulo Freire"!... No CPC[63], na Bahia, a gente estudou Paulo Freire a fundo!... Fazíamos aquelas reuniões, e tudo era Paulo Freire... sabíamos todos os livros dele e todo mundo estudava!... Então, eu tive uma influência muito grande de Paulo Freire!... Na Bahia eu tinha muitos livros dele, mas tive que queimar todos, considerados comunistas pela "revolução". Mas, muita coisa ficou em mim... do método...
> Um dia, eu disse para minha amiga:
> — Vou criar um curso... você me ajuda?!...
> Ela disse:
> — Ajudo!... Vamos fazer!...
> Que horas a gente vai fazer o curso?... À noite!... Era a única forma de ter espaço disponível!... Quem serão os monitores?... Precisamos formar monitores para poder aplicar a "dinâmica de grupo"!... Pois teríamos que dividir a turma de 120 alunos em grupos!... O curso era realizado no segundo ano, e teríamos que buscar os monitores do terceiro ano em diante, principalmente os do terceiro ano!... Quem foram?... O Gadelha... Paulo Gadelha... o Geraldo Batista, depois, pesquisador da FIOCRUZ... o Joaquim... que foi do IMS... depois foi para a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ). Formamos os grupos... turmas... e iniciamos o curso às 18 horas, instruções seguidas da dinâmica de grupo: júri – como é que você conduz!... Toda uma técnica!... E a Estela dando aula!... Fazia a gente andar no corredor.... meditar... interagir... vários exercícios!... Passamos os meses de janeiro e fevereiro... nas férias... fazendo o tal curso... para aplicarmos em março... quando começavam as aulas para o segundo ano.
> Quando começou o curso com os alunos de segundo ano, dividimos em grupos e começamos a aplicar as técnicas que havíamos aprendido com Estela!... Dinâmica de grupo... tínhamos seminários, onde todos se reuniam, colocando os alunos monitores para ensinar, pois quem fazia o aluno aprender era o aluno mesmo!... Decidimos não adotar nenhum livro de Patologia!... Nenhum livro serve!... Vamos estudar só por artigos, porque é assim que a gente está se formando no grupinho do Piquet Carneiro!... Passamos a selecionar os artigos, daqueles que a gente conhecia e traduzir alguns, mas muitos ficaram em inglês mesmo!... Entregávamos os artigos para os

[63] CPC: Centro Popular de Cultura. Organização associada à União Nacional dos Estudantes-UNE, criada em 1962 e extinta pelo golpe militar de 1964.

> alunos lerem em uma semana e, na semana seguinte, a gente discutia os artigos em cada grupo. Eram seis grupos, porque nesse primeiro ano, tivemos seis monitores capacitados, incluindo eu. Cada grupo tinha que dizer o que eles aprenderam daquele artigo... o que era a introdução... qual a pergunta... qual era a hipótese... qual o resultado... o que o autor quis dizer. Fazíamos uma análise do artigo, não tínhamos roteiro... cada grupo tinha liberdade de conduzir... pois um artigo é um artigo. Nada de roteiro... a gente tinha uma matéria da Faculdade para ensinar... e era tudo!... Então, a gente foi rompendo com toda aquela tradição de aulas... eram os seminários!... Eu dava aula teórica só para começar o curso!...
> Chegamos à conclusão que precisávamos de quatro horas de monitores com os alunos!... Todos reunidos com os alunos, e esses eram os que falavam!... Depois, ao final, faziam uma avaliação... séria... os alunos avaliavam... se avaliavam... e davam uma nota... muitas vezes... 6... 7... e essa nota era somada com a nota da prova!... Os monitores auxiliavam nessa avaliação... na conclusão... todo mundo leu o artigo?!... Todo mundo foi mudando o conceito de valor!...
> Mantive durante alguns meses... talvez ano... a aula teórica, mas seu conteúdo não era o conteúdo da prova. O conteúdo desta era o dos seminários... e somava a nota da prova com a média do que tinha conseguido nos seminários... isto é, que eles tinham dado nos grupos. Como é que os alunos reagiram?... Havia aqueles que buscavam coisas diferentes... então... viraram monitores!... Tive em um determinado ano 40 monitores!... Quarenta alunos que queriam ser monitores!... Foi crescendo aos poucos... de seis passaram para 12... chegavam na hora... passavam as férias se preparando... sempre comprometidos com o aprendizado... com o aprender, mesmo!... Nada era imposto... nem uma mera forma didática, mas uma maneira de aprender de forma inovadora, aplicar técnicas de avaliação da aprendizagem, de aprender a se colocar no lugar do outro... tudo de um modo muito dinâmico!... Fazíamos uma reunião de avaliação geral e planejamento no final do ano e, dois meses inteiros, janeiro e fevereiro, aprendendo e aperfeiçoando na dinâmica de grupo!... Férias passaram a não existir para nós durante esses anos de aprendizagem!... Para ser monitor tinha que frequentar o curso, tinha que aprender dinâmica de grupo, escolher artigos juntos, traduzir, quando fosse o caso!... Todos empoderados em seu papel, que não era o de professor, mas comprometidos com o aprendizado do outro!... Era muito incrível a história de cada um deles!... Lembro que alguns continuaram sendo monitores até o final do curso... começavam no terceiro ano e seguiam em frente!... Pedro Barbosa... Dora Schorr!... Ficaram anos como monitores!... Os mais antigos auxiliavam os monitores novos!... (Euzenir Sarno).

Essa iniciativa não só angariou adeptos e defensores fervorosos, como detratores que esperavam e conspiravam para algum grave acidente de percurso, que não ocorreu. Mesmos os estudantes que não se sentiam confortáveis nas atividades, não conseguiam dissolver o entusiasmo dos que aderiam. Criou-se, com essa experiência, uma cultura da importância dos monitores, que se estendeu progressivamente para outras disciplinas. Mas não foi um processo sem tensões e conflitos, até se firmar:

> Muitos de meus monitores foram discriminados e até perseguidos em alguns setores. Alguns até negavam que eram monitores, para continuarem participando um pouco na clandestinidade. Eu tive momentos difíceis, que o Professor Piquet me ajudou muito. Na Congregação, onde alguns titulares, que não gostavam da maneira que o Professor Piquet administrava a escola, me viam como adversária, porque me identificavam com ele. Tentavam bombardear meu trabalho na Patologia para atingi-lo e impedir que ele também realizasse algumas coisas. Mas, isso só reforçou nossa parceria.
> Ele sempre entrava em minha sala com livros ou cópias artigos recentes. Fazia questão de me passar, sentava-se e começava a discutir coisas novas, trocar ideias. Eu ficava

> admirada com sua simplicidade e gentileza: o diretor da Faculdade entrando em minha sala com frequência, para conversar e trocar ideias. (Euzenir Sarno).

Alguns outros colaboradores desta pesquisa, que vivenciaram esse momento de mudança na maneira de ensinar implementada por Euzenir, relataram sua percepção. Maria Inez Padula relembrou, também com emoção, sua experiência:

> Logo que iniciei o curso médico houve um estranhamento em mim: entre aquilo que eu achava que iria encontrar e aquilo que efetivamente encontrei. A medicina não podia ser aquilo que estava sendo ensinado na Anatomia: uma "decoreba" sem sentido... aulas que os alunos dormiam... um professor que "falava sem um pulmão" e ninguém entendia nada. Nunca tive crises em Anatômico ou em Laboratório de Fisiologia, como uma colega que "caía em prantos" quando cortavam a cabeça do sapo, e ele saía pulando sem a cabeça. Apesar de me considerar muito sensível, não reagi dessa forma. Aulas com aquela gente toda... cadeiras enfileiradas... um atrás do outro. Mas, refleti. Medicina não podia ser aquilo de decorar nomes de estruturas anatômicas ou de "cortar cabeça de sapo".
> Foi então que, no segundo ano, encontrei a Professora Euzenir Sarno. A primeira coisa que ela fez foi dividir a turma em grupos. Eu pensei:
> — Bom. Coisa interessante!...
> Ela falou:
> — Hoje, vamos... vocês vão ler um texto.
> Não me recordo se havia recebido o texto antes... ou se surgiu naquele momento!...
> — Vamos lá para fora – ela propôs – Vamos lá para o jardim.
> Para o jardim? – Estranhei.
> Aí... havia aquele jardinzinho em frente à Faculdade... Ela então disse:
> — Vamos nos sentar no chão.
> Sentar-nos no chão? Que mulher maluca é essa? Aí... a gente leu o texto... não lembro mais do que se tratava. Mas, certamente, não era uma colocação fria de conceitos de patologia... ou de fisiologia... ou mesmo de fisiopatologia ou anatomia patológica. Era algo para além disso. Algo a mais do que tudo aquilo. Eu fiquei maravilhada!... Pensei:
> — Que mulher é essa?!... Doida. Em uma época da Ditadura?!... (Maria Inez).

Outra colaboradora desta pesquisa, a Professora Rosimeire Teixeira, que fez o curso alguns anos depois de Maria Inez, relatou sua decepção inicial, seguida de um encantamento que ocorreu no segundo ano também:

> As aulas de Anatomia também eram muito ruins. Sem didática... decorar livro!... Lembro que cheguei para as provas finais precisando tirar 10 na prova prática e sete na escrita. Antes disso eu só tirava 4. Eu estudava muito e perguntava a um professor:
> — Mas, como eu só tiro 4?!...
> Aí... o professor disse:
> — Porque é ruim.
> Consegui tirar o 10 e o 7 na prova final. O marcante positivo só ocorreu no segundo ano, na disciplina de Patologia Geral, da Professora Euzenir, com o curso de Fisiopatologia. Era um curso diferenciado, que não tinha aulas. Um curso que a gente fazia em grupo, com monitores. A gente lia... estudava artigos... e discutia no grupo. Completamente diferente daquelas aulas teóricas. Gostei muito do curso e, por isso, fui fazer monitoria. Foi a única monitoria que fiz na Faculdade inteira!... (Rosimeire Teixeira).

A colaboradora desta pesquisa, Rosimeire Teixeira, iniciou seu curso de medicina em 1981, com a disciplina de Patologia Geral e Fisiopatologia, regida por Euzenir, no ano seguinte.

O método de ensino implantado por Euzenir começou em 1973. A aluna encontrou uma experiência já razoavelmente consolidada, o que deve tê-la estimulado a ser monitora e tornar-se uma aluna exigente, como podemos perceber em suas narrativas:

> A Professora Euzenir tinha esse esquema diferenciado de curso. De discussão... tudo a gente discutia. A gente estudava os textos antes, para debater no grupo, e como monitora a gente coordenava a discussão. E... era muito bom, porque foi o primeiro momento que você tinha noção de que estava estudando Medicina. O momento em que você começava a juntar a teoria com a clínica, que a gente começava a entender o quadro da clínica e já perto do período que a gente começaria a fazem enfermaria. Para mim foi bastante interessante. De muito aprendizado!... Mas, nem todo mundo gostava, porque muitos querem a aula tradicional para poder copiar... a aula pronta. Não querem ter trabalho de preparar o artigo... nem de discutir. (Rosimeire Teixeira).

Podemos vislumbrar nessa cadeia de eventos e narrativas o modo singular que o Professor Piquet procurava atingir seus objetivos. Demonstrava sempre ter – ou buscar – uma alternativa viável, quando uma iniciativa não alcançava o objetivo proposto. Não insistia no mesmo caminho, nem ficava aguardando outro momento, embora muitas vezes dava a impressão de teimosia, como foi o caso dos dois concursos de provimento de cátedra na Faculdade Nacional de Medicina. Porém, em todas as suas teses, fez da fisiopatologia sua plataforma de reflexão. A mesma conduta parecia ter quando vislumbrava as potencialidades de seus alunos e pessoas de quem se aproximava.

Emílio Francischetti sinalizou de forma enfática o caminho que ele apontava, mas deixando o aluno realizar suas próprias escolhas:

> O Professor Piquet mostrava uma direção para a gente. Ele fazia questão que, além da prática médica, a gente conhecesse os mecanismos que levavam a doença. Ele nos ensinou que a doença nada mais era que um desvio do mecanismo de auto regulação dos sistemas fisiológicos que, em determinado momento, na tentativa de se ajustar, esse ajuste se desequilibrava, e daí surgia a doença!... Isso se chama fisiopatologia e mecanismos de doenças. Essa era uma das coisas fantástica que ele passava para o pessoal que trabalhava com ele. A outra coisa que ele também fazia questão de mostrar era que a história que o doente contava era insubstituível na realização do diagnóstico. Que era mais importante que o próprio exame físico. Isso, em uma época em que se dava muita importância ao exame físico. Ele estava prevendo que exame físico já estava com os dias praticamente contados!... (Emílio Francischetti).

Moysés Szklo (2005) ampliou essa percepção para uma dimensão social e do progresso científico:

> [...] o Professor tinha clara consciência de que a Medicina tinha que ser baseada no método científico. Assim, anos antes da criação do conceito, hoje popularizado, da chamada “Medicina baseada em evidência”, o Professor Piquet já tinha consciência de que a base da prática clínica era a pesquisa, que ele constantemente estimulava nos seus docentes e alunos. Quando ele me perguntou se eu queria estagiar nos Departamentos de Medicina Preventiva fora do Rio em 1965, ele já intuía que, nesses departamentos, a pesquisa epidemiológica e, por extensão, a pesquisa clínico-epidemiológica começava a florescer.

> O meu retorno após uma ausência de alguns meses em 1965 coincidiu com a criação do Instituto de Medicina Social pelo Prof. Piquet, que naquela época era Diretor da Faculdade de Ciências Médicas. No Instituto, o Professor Piquet claramente via a institucionalização de um veículo para sua visão, que eu chamaria de humanística-científica da Medicina, na qual o cuidado pelo paciente e sua família e a atenção às características da comunidade na qual o paciente está inserido representam estratégia fundamental de integração dos aspectos sociais, familiares, psicológicos e médicos, com a finalidade de se conhecer o paciente de forma global.

Euzenir Sarno descreve as resultantes do incentivo dele em sua área:

> Com o incentivo de Piquet Carneiro, naquele momento de crescimento do curso de Patologia Geral, comecei a inventar pesquisa. Fiz uma parceria com o Professor Jarbas Porto[64], que se tornou meu amigo, começamos a pesquisar Lepra no Ambulatório de Dermatologia. Isso começou a atrair atenção de vários setores, no Brasil e no exterior. Criamos um Laboratório de Pesquisa, que atraiu mais pessoas, inclusive um grupo de americanos da Fundação Rockfeller querendo contribuir para o enfrentamento da doença. Entraram na minha sala, assim:
> — O que você precisa para acabar a Lepra no Brasil?
> Um professor, que era uma pessoa espetacular, de nome Zanvil Cohn[65], o mais prestigiado na Imunologia da época. Ele era o editor da melhor revista sobre Imunologia. Começamos a publicar muito sobre o que fazíamos. Em 1981, publiquei vários artigos no *New England Journal of Medicine*. (Euzenir Sarno).

Como podemos constatar nessa sequência de contribuições de colaboradores dessa pesquisa, o Professor Piquet atuava em um espectro amplo, que abrangia a comunidade e as famílias – como mostra a iniciativa no Morro dos Macacos –, até a Biologia Molecular e Imunologia, distinguindo para unir ensino, extensão e pesquisa. Sua preocupação com a pessoa humana: pessoa na comunidade, pessoa na família, pessoa do doente, pessoa do aluno, pessoa do profissional de saúde, pessoa do professor, distanciando-se da tendência usual de transformá-los em indivíduos ou meros dados estatísticos.

O ano de 1967 encerrou-se como começara, com mais inaugurações que iriam impactar as condições de assistência, ensino e pesquisa no complexo docente-assistencial da UEG, constituído pelo binômio FCM-Hospital de Clínicas Pedro Ernesto. No dia 4 de dezembro de 1967, o Governador Negrão de Lima, como parte das comemorações do aniversário de seu segundo ano de governo, inaugurou os Serviços de Psiquiatria, Ortopedia, Obstetrícia e a Biblioteca Manoel de Abreu, da Faculdade de Ciências Médicas. Os Serviços inaugurados acrescentaram mais 103 leitos ao Hospital de Clínicas, continuando o processo de expansão e consolidação do complexo docente-assistencial da Universidade do Estado da Guanabara. Ao cortar a fita da nova Biblioteca, o Diretor da Faculdade, Professor Américo Piquet Carneiro,

---

[64] Professor Titular de Dermatologia e Sifilografia da FCM, já falecido.

[65] Zanvil Alexander Cohn (1926-1993), médico-pesquisador em Imunologia e editor do *The Journal of Experimental Medicine*, a partir de 1973.

dirigindo-se ao governador e às demais autoridades presentes, pediu apoio para o plano de expansão da Escola, que incluiria novos serviços de ambulatório e pronto-socorro.[66]

O ano em que iniciei meu curso médico na Faculdade de Ciências Médicas foi 1968. O sonho de entrar em uma faculdade de medicina e tornar-me um universitário se realizou. Não vou descrever essa experiência inicial, porque não foi diferente da maioria dos colaboradores desta pesquisa. A mais marcante diferença dessa maioria foi uma greve de estudantes desencadeada logo após o início das aulas. Em minha memória, parecia alguns meses depois, mas verificando o noticiário da época, o movimento ocorreu cerca de duas semanas após o início das aulas. Primeiro, a boa notícia: no dia anterior ao início do movimento liderado pelo CASAF, 20 de março, o *Diário de Notícias* anunciou: "Obras do 'Campus' da UEG se iniciam em julho: 24 bilhões" (OBRAS..., 1968, p. 10). Descreveu resumidamente todo o planejamento e a orçamentação do empreendimento do Estado da Guanabara no terreno liberado, alguns anos antes, pela remoção dos moradores da "Favela do Esqueleto", no bairro do Maracanã.

A notícia negativa foi consequência do movimento iniciado no ano anterior, reivindicando "vestiários adequados" – descrito anteriormente pelo colaborador Ricardo Donato em detalhes – que culminara com um protesto de um grupo de estudantes, cumprindo decisão da assembleia do CASAF, "trocando de roupas no Gabinete do Diretor" (DAFLON, 2017, p. 80). Segundo a imprensa, "a troca de roupas ocorreu nos corredores da escola", pois o "gabinete da direção estaria fechado" (FACULDADE FOI FECHADA..., 1968, p. 10). É imediata a reação do Diretor, e a mesma edição do *Diário de Notícias* que descreveu a ocorrência publicou uma matéria cuja manchete foi: **"**Diretor informa que suspensão é para restaurar disciplina". A nota oficial, encaminhada à imprensa pelo gabinete da reitoria, "foi expedida pelo diretor da Faculdade de Ciências Médicas, professor Piquet Carneiro", na qual estava escrito: "O diretor da Faculdade de Ciências Médicas da UEG resolveu suspender as atividades de ensino desta unidade, a fim de permitir aos alunos o reencontro com a disciplina; o prazo da suspensão só será dilatado caso não se torne suficiente." (DIRETOR..., 1968, p. 10).

Instaurou-se uma Comissão de Inquérito para identificar os culpados, cujo resultado não conseguiu levantar quais os vários alunos que cometeram esse ato disciplinar. Como não foi possível identificar os autores, a decisão foi por uma punição sob forma de "advertência" a todos os alunos matriculados naquele ano na Faculdade de Ciências Médicas.[67]

---

[66] NEGRÃO INAUGURA..., 1967, p. 19.

[67] Durante muitos anos, ouvi e repeti, que essa "advertência" estaria registrada no verso do nosso Diploma de Médico. Sempre tive a impressão ter lido, em algum momento, tal "advertência". No entanto, para esse trabalho,

A morte violenta e trágica do estudante secundarista Edson Luis de Lima Souto, no Restaurante do Calabouço menos de uma semana depois, no dia 28 de março, baleado pela polícia durante um protesto estudantil contra o aumento do preço das refeições e pela melhoria das condições das instalações e de higiene local, desencadeou uma série de ações, a começar pelas 50 mil pessoas que acompanharam o enterro.[68]

A situação de conflitos agravou-se na FCM, na UEG, no Rio de Janeiro e no mundo, em uma espécie de "pandemia de protestos", tendo os estudantes universitários como maior "grupo de risco". Muito já se escreveu sobre esse ano de 1968, com títulos e subtítulos variando do irônico ao trágico.

As tensões continuaram no interior da FCM e em outras instituições, com os órgãos estudantis – muitos deles extintos pela Lei Suplicy – em confronto crescente contra as decisões do governo militar. Américo Piquet Carneiro, com sua serenidade silenciosa, procurava conduzir o destino da escola, buscando o diálogo com a Congregação – majoritariamente hostil ao movimento estudantil – e com as lideranças estudantis, mesmo as mais radicais, em um contexto cada vez mais polarizado. Hoje, distante mais de meio século da cadeia de eventos ocorrida naquele meu primeiro ano de faculdade, tento refletir e compreender – com minhas lembranças, leituras, memórias de amigos e, agora, debruçado no estudo da vida do Professor Américo Piquet Carneiro – o que nos conduz a situações limites, nas quais ninguém sairia ganhando, e alguns perderiam a vida. Seriam as "dores do mundo", de Schopenhauer, ou os "sofrimentos redentores", de Maritain? A única imagem que não sai de minha mente, como um alento de esperança, é a silenciosa gravidade de Piquet Carneiro – de terno e gravata – enfrentando a tempestade.

O segundo semestre iniciou com uma nova greve, desta vez pela mudança do currículo a partir de uma "comissão paritária", que Ricardo Donato discorreu sobre os fundamentos e o trabalho para se chegar a essa proposta. A edição de 13 de setembro do *Diário de Notícias* expôs a gravidade da crise com a manchete: "Ciências Médicas sob ameaça de fechamento". No corpo da matéria, confronta duas alternativas: a Congregação decidiria pelo "fechamento da Escola" e os estudantes "ocupariam a Faculdade", caso aquela decisão viesse a ocorrer (CIÊNCIAS MÉDICAS SOB..., 1968, p. 13).

---

procurei esse registro no diploma e nada encontrei: ou o tempo apagou, ou jamais existiu! Mais um dos "mistérios" ligados ao Professor Américo Piquet Carneiro.

[68] SANTOS, 2015, p. 41.

Tendo em vista a gravidade das ocorrências que teremos desse momento em diante e visando também nossa reflexão sobre o encadeamento de eventos disruptivos, transcrevemos uma curta matéria publicada no Jornal do Brasil em 9 de outubro de 1968, com o título “Reitor impede invasão policial da UEG”:

> Três choques da Polícia Militar tentaram invadir ontem o Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Médicas da UEG, mas a pedido do Reitor João Lira Filho abandonaram o local, depois de terem rasgado alguns cartazes pregados nos muros pelos estudantes.
> Os PMs foram à Faculdade por causa de uma manifestação realizada pelos alunos da escola, reclamando a reforma do currículo médico, com a aceitação de propostas apresentadas pelos seus representantes na comissão paritária.
> A manifestação começou de manhã, tendo os estudantes pichado alguns ônibus e feito comícios-relâmpago na Rua 28 de Setembro, para mostrar a inadequação do sistema de ensino às necessidades do país.
> Poucos minutos depois chegaram os choques da PM, armados com cassetetes e metralhadoras INA. A presença dos policiais criou um ambiente de tensão da escola, desfeito com intervenção do Reitor João Lira Filho e do diretor Américo Piquet Carneiro. Depois de entendimentos com a Secretaria de Segurança, os soldados foram embora. (REITOR..., 1968, p. 12).

Essa ocorrência poderia ser considerada um “evento-sentinela” – como utilizamos a analogia para nomear uma “pandemia de protestos” – do que viria a ocorrer exatamente duas semanas depois, com o assassinato de Luiz Paulo da Cruz Nunes e vários outros estudantes feridos à bala? Assim como nas epidemias, para as quais a detecção de um evento sentinela, o enfrentamento e o isolamento quase sempre evitam sua propagação, isso seria possível nas infestações de natureza ideológica? É possível que Piquet Carneiro acreditasse que sim, pois relatos circularam, após a tragédia, que ele teria tentado no dia anterior, com denodo argumentativo, dissuadir a principal liderança do movimento. E teria proposto a essa liderança tentar reverter, em assembleia, o local do protesto. Ao invés de ocorrer em via pública, que o fizesse na área interna do complexo Faculdade-Hospital, onde a inviolabilidade estaria garantida. Segundo essas mesmas fontes, ele teria dito à liderança que recebera informações de que a repressão desejava dar um tratamento exemplar aos estudantes da FCM. Mas, por quê? Retaliação devido a sua resistência em atender às demandas dos excedentes? As suas ligações com Carlos Lacerda, que caiu em desgraça no regime que ajudara implantar? Poderia, à exaustão, formular outras hipóteses difíceis de serem comprovadas.

Em algum momento desse segundo semestre, silenciosa e reservadamente, Américo Piquet Carneiro entrou para a Diretoria da Associação Brasileira de Escolas Médicas, como 1º Secretário, em uma aposta de ação coletiva para as mudanças necessárias na Educação Médica.

Ainda no mês de outubro, Piquet Carneiro concedeu uma entrevista que foi publicada na *Tribuna Médica*, órgão noticioso da Associação Brasileira de Escolas Médicas, que tinha como editores José Roberto Ferreira e Aloysio Amâncio. O título foi "Por que temos excedentes". Transcrevo algumas de suas frases registradas nesse veículo:

> — Como poderei submeter um doente cardíaco grave, a exames realizados por vinte ou trinta alunos? Seria um atentado à ética e à saúde do mesmo. A solução seria então, aumentar o número de leitos do hospital da Escola.
> — Se os médicos existentes no Brasil estivessem bem distribuídos, seriam suficientes para o atendimento da população; essa má distribuição não ocorreria se no decorrer do curso os médicos recebessem boas noções de Medicina Social e Administração Hospitalar. Em resumo: deve ser ensinado ao médico como clinicar no interior do país.
> — A reformulação do Ensino Médico é urgente, e o próprio sistema de vestibular não é correto, já que no ideal seria a realização de entrevistas em que ficassem comprovadas as aptidões dos candidatos. (POR QUE..., 1968, p. 42).

Nesses curtos fragmentos de entrevista, é possível vislumbrar seu foco na pessoa humana: no doente, com sua segurança e cuidado adequado; no aluno, com sua formação ética e técnica para o exercício de uma nobre profissão; no docente para que tenha condições de exercer seu papel e que possa proporcionar "boas noções de Medicina Social e Administração Hospitalar" no sentido de fomentar e favorecer a interiorização da medicina.

O Dr. Álvaro Pessôa, genro de Piquet Carneiro, marido de sua filha Cecília, e colaborador desta pesquisa, acompanhou, em família, sua posição e empenho no enfrentamento dessa questão dos excedentes no momento mais crítico do problema. Acompanhou, também, alguns de seus movimentos e conversas. E tirou suas conclusões:

> No Governo Costa e Silva, o ministro da Educação queria impor dobrar o número de alunos nas escolas de medicina. Ele reagiu com indignação, dizendo:
> — Mas... ele é um louco! Ele pensa que Medicina é botar o dobro dos alunos aqui dentro? Para fazer propaganda de governo revolucionário?
> Foi para Brasília, procurou deputados e senadores... Senador Mem de Sá... os gaúchos... os nordestinos... ele se ligava com todo mundo, visando reagir... no que ele denominava de "Resistência Democrática"!... Chegou a enviar uma mensagem para o Ministro, de que iria procurar desencadear um movimento para que todos os diretores das Escolas de Medicina "se retirassem", para não deixarem fazer um absurdo desses!...
> O Professor Piquet tinha muito presente, dentro de si, que ele tinha uma missão em relação a luta pela qualidade do ensino médico. Ele tinha isso muito presente. A necessidade de um Hospital ter a capacidade de assimilar uma quantidade de alunos igual à que era compatível. Podia crescer: cresce o Hospital e cresce a Escola!... (Dr. Álvaro Pessôa).

Antes de encerrar o ano letivo, foi promulgada a Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, mais conhecida como Lei da Reforma Universitária. É importante ressaltar que fez parte, desde o início, do Grupo de Trabalho que elaborou o projeto, o Reitor da UEG, João Lyra Filho,

juntamente com: Fernando Bastos de Ávila, Fernando Ribeiro do Val, João Paulo do Reis Velloso, Newton Sucupira, Roque Spencer Maciel de Barros e Valnir Chagas. Posteriormente, juntou-se ao grupo o deputado Haroldo Leon Peres. No decreto presidencial, de 2 de julho de 1968, que constituíra o GT, havia a indicação de representação estudantil, com dois nomes, mas que se recusaram a participar: "A recusa dos estudantes se explica uma vez que o movimento estudantil universitário se transformara no único foco de resistência manifesta ao regime militar. E uma de suas principais bandeiras de mobilização era a reforma universitária." (SAVIANI, 2000, p. 22).

Mas, este ano terminou mal: o espaço CASAF voou aos pedaços, explodindo a madrugada e a esperança de tolerância e democracia, e o Ato Institucional n.º 5 veio para ficar muito tempo!... Ao contrário da postura do regime, uma afirmativa de seu primeiro neto, Cláudio Piquet Pessôa, colaborador desta pesquisa, reforça algo que, mesmo os que conheciam pouco o Professor Piquet, logo percebiam: "Meu avô convivia muito bem com as diferenças".

Apesar de toda violência do regime contra o movimento estudantil, simbolizada nas mortes de Edson Luis e Luiz Paulo, e da prisão em massa, de mais de 700 estudantes, em Ibiúna/SP, durante o XXX Congresso da UNE, no dia 12 de outubro de 1968, o "tiro de misericórdia" no movimento estudantil seria dado no ano seguinte, antes do início do período letivo.

Em 11 de fevereiro de 1969, através do Decreto-Lei 464, o regime implantou a Reforma Universitária em todo o país. E, exatamente quinze dias após, no dia 26 de fevereiro, os tenazes dedos de aço do regime militar amordaçaram não apenas os estudantes, mas todo o sistema de ensino, com o Decreto-Lei 477, cuja ementa estipulava: "Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências". Nas linhas seguintes, a origem e onde estava fundamentada a norma: "O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o parágrafo 1º do Art. 2º do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968" (BRASIL, 1969).

Jane Dutra Sayd, colaboradora desta pesquisa, que iniciou seu curso de medicina na Faculdade de Ciências Médicas nesse ano de 1969, tinha dois amigos já cursando a FCM, Roberto Garcia de Freitas e Marcos Moreira, os quais, por volta de 1967, haviam contribuído para sua escolha pela medicina, mais diretamente pela Ciências Médicas:

> Eu era muito amiga dos dois, mais ligada ao Marcos, ambos alunos da Faculdade de Ciências Médicas. Foi por essa época que ouvi o nome do Professor Piquet, não muitas, mas umas três ou quatro vezes. E sempre em tom de elogio:
> — Ah!... Hoje, vou mais cedo para a Faculdade, porque vai haver um debate... uma aula de Filosofia com o Professor Piquet!...
> Isso, ainda, em 1967 quando cursava o segundo ano do científico. Eu ouvi isso do Roberto, que hoje é um cirurgião muito afinado com a tecnologia, com a precisão do trabalho, dos procedimentos, dos eventos, quase um tecnocrata, mesmo assim, era um "apaixonado" pelo Piquet. E, eu, já naquela época, comecei a arregalar os olhos para essa figura mítica. Não se falava nele de forma exagerada, não. Mas, as três ou quatro referências que eu ouvi sobre o Professor Piquet... que ele ajudava os estudantes, que ele não era um "brucutu", como o Landmann – hoje, eu vejo o Landmann quase como um herói, autocrata sem dúvida, mas um herói maravilhoso também –, que o Piquet era um cavalheiro, e que o Piquet, engraçado, era católico. (Jane Sayd).

Relembrou, também, seu primeiro dia na Ciências Médicas, após atravessar o concorrido exame vestibular:

> Mas, no primeiro dia, em março de 1969, uma quarta-feira de cinzas no país, foi um dos dias mais tristes da minha vida!... Eu estava louca para encontrar uma Universidade, mas quando cheguei, tudo fervendo: ditadura... repressão... "dedo-duro" na Ciências Médicas... Salgado fugido... Luiz Paulo, morto!... Aí... entraram o André Campelo... o Celso "Charuto" e o Mário Dal Poz – André no terceiro ano, Celso e Dal Poz no segundo – e falaram uma série de coisas... fizeram a descrição da situação e foram embora.
> À tarde, o professor Hugo Caire de Castro Farias[69] repetiu metade do que os caras disseram pela manhã. Isso deixou a turma enfurecida: devia ter "polícia" na turma, "dedo-duro" que nunca foi descoberto. Achavam que o Hugo estava reprimindo a gente. Hoje, acho que não. Ele, provavelmente, estava nos alertando. Eu queria conversar mais sobre isso, mas não havia com quem. Minha turma apenas conversava como seria entrar no "Anatômico", se tal matéria tinha apostila, se tinha que copiar as aulas etc. Eu quase me suicidei. Não tinha com quem conversar. Tinha até uns garotos "gente boa" conversando, mas era sobre futebol, mas homens que não ligam para mulher, do tipo que estão na moda, atualmente. Foi terrível para mim, esse primeiro momento. (Jane Sayd).

Como aconteceu com outros ingressantes, a Ciências Médicas de Piquet Carneiro parecia reservar boas surpresas para superar o desalento inicial. E não foi diferente para Jane:

> Cerca de quinze dias depois, fui ter minha primeira aula de Medicina Social, e teve que ser na sala da Secretária do Professor Piquet, que se deslocou para a sala dele. Isso porque a Cadeira de Higiene estava em obras, e o curso tinha que começar. Minha turma foi subdivida em três grupos, cerca de 30 alunos em cada grupo, e meu grupo teve como professor o Moysés Szklo, na sala da secretária do Professor Piquet. Que, já na primeira aula, em cerca de 20 frases e pouco mais de dois minutos, me provou que Medicina Preventiva era tudo nesse mundo. Que a Medicina não era só biológica, que a gente precisava trabalhar com estatística, fazer testes, fazer pesquisa. Então, em pouco mais de duas semanas de aula, eu já me sentia uma epidemióloga!... (Jane Sayd).

---

[69] Hugo Caire de Castro Faria, à época, professor catedrático de Bioquímica da Faculdade de Ciências Médicas.

Aqui também podemos vislumbrar a maneira singular do Professor Piquet implementar as mudanças que considerava necessárias: através de seus epígonos, por mais jovem e inexperientes que fossem. Ele estimulava o aprender a fazer diferente. Abria portas de outras instituições, inclusive em outro país, para o aprimoramento. Moysés Szklo já passara pela Escola Paulista de Medicina e pela Faculdade de Medicina da USP, em Ribeirão Preto. Em uma escola que praticamente não havia pesquisa, esse duplo percurso fez diferença:

> O Moysés Szklo nos propôs uma pesquisa, que foi feita. Acho que foi o primeiro caso de "estudo caso-controle" no país! O Moysés, também, nos convidou para irmos ao cinema ver o filme "Rocco e seus irmãos" com ele, porque sua esposa não aguentava mais ver o filme, que já tinha assistido várias vezes, e não queria ir sozinho. Então, nos arrastou. O filme era lindo. Eu ainda não tinha visto o neorrealismo italiano... nem um professor que levasse a gente ao cinema e nem quem dissesse tanta coisa inteligente de uma só vez.
> O Professor Piquet apareceu uma ou outra vez, falando algo sobre a qualidade do Ensino Médico, sobre pesquisa, mas no primeiro e segundo ano pouco contato tive com ele. (Jane Sayd).

Como deve se comportar uma escola silenciada? Como identificar se o "cale-se" imposto pelo regime está realmente funcionando? E quando essa escola é governada por um diretor previamente "silencioso e reservado"? Como saber se ele estava cumprindo o Decreto-lei 477/69 ou se estava lutando à sombra daqueles "anos de chumbo", como um Leônidas moderno? Uma das consequências psicobiológicas da depressão é o silêncio, caracterizado pelo mutismo e perda da vontade de agir e responder a estímulos. O reservado silêncio de Américo Piquet Carneiro nada tinha a ver com depressão. Esse ano, sombrio para tantos, talvez tenha sido aquele de maior expressão de seu dinamismo, ao completar seus dez primeiros anos na Faculdade de Ciências Médicas.

Não apenas contribuiu para consolidar na UEG os novos cursos da área da saúde – Ciências Biológicas, Enfermagem, Odontologia –, como tornou a criação do Instituto de Medicina Social um processo irreversível. Utilizando as próprias diretrizes da Reforma Universitária que, em nome da racionalidade, extinguiu as cátedras e estimulou a criação de Institutos, que pudessem atender a vários cursos da mesma área ou até de outras unidades setoriais. Consolidou, também, o Ambulatório de Medicina Integral em uma exitosa parceria com o Diretor do HCPE, Professor Jayme Landmann.

A aula inaugural do início do ano letivo de 1970 – *aula magna* – dos cursos da Universidade do Estado da Guanabara foi proferida pelo Professor Américo Piquet Carneiro, com a presença do Governador Negrão de Lima e, pelo menos, três de seus secretários, do Reitor João Lyra Filho e demais autoridades da Universidade, com o tema: "Medicina e

sociedade". O diário *Correio da Manhã*, do dia seguinte, publicou extensa matéria sobre o conteúdo da aula, cujos pontos principais consideramos pertinente destacar:

> [...] o professor Américo Piquet Carneiro afirmou que "há uma relativa urgência na reformulação das responsabilidades sociais das nossas escolas médicas", salientando "que a excessiva expansão de escolas com pouco fundamento técnico e carência de professores qualificados, especialmente no setor das ciências básicas, faz com que as características científicas e práticas da profissão se deteriorem muito". (NEGRÃO PRESIDE..., 1970, p. 9).

Discorrendo sobre as populações desfavorecidas e as comunidades, ficou assim registrado na matéria:

> Não se pode afirmar que a comunidade do morro, ou da favela, tenha hábitos muito uniformes e haja grande coerência interna no modo de viver. Mas o fato de se considerar unida pela mesma condição de incapacidade econômica gera certa solidariedade que, se não é perfeita do ponto de vista interno, pelo menos se manifesta claramente quando apreciada de fora.
> Disse o professor Américo que "para nós, que não desejamos incidir nos erros cometidos pelos países mais adiantados do mundo, a única saída é projetarmos para o Brasil uma sociedade com base na liberdade e autonomia da pessoa humana, organizada em bases comunitárias e de autogoverno." (NEGRÃO PRESIDE..., 1970, p. 9).

Ao fim de sua exposição chegou a propor a transformação do Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas[70] em Hospital Comunitário de Vila Isabel. Muitos outros pontos de sua preleção que, em última instância, aponta para a necessidade de um Sistema Único de Saúde, e de lutar pelo "ideal histórico" da máxima valorização do "bem comum".

E para ficar transparente que Américo Piquet Carneiro não se recolheu – e encolheu – dentro da UEG, dedicando-se apenas ao trabalho interno, falemos de sua atuação militante na Associação Brasileira de Escolas Médicas, onde fazia parte da diretoria, como 1º Secretário, desde o aniversário de seis anos da ABEM, em 21 de agosto de 1968.

Desde seu primeiro aniversário, a ABEM realiza uma "Reunião Anual de Escolas Médicas" que, a partir de meados dos anos de 1970 – mantendo a mesma sigla –, foi rebatizada de Associação Brasileira de Educação Médica, e a "Reunião Anual" passou a ser denominada Congresso Brasileiro de Educação Médica (COBEM), continuando a numeração em série. Desde o primeiro, este evento anual, escolhe um tema central de impacto nacional. Na VI Reunião Anual em que sua diretoria foi eleita, ocorrida entre 18 e 21 de agosto de 1968, em

---

[70] O atual Hospital Universitário Pedro Ernesto, desde o lançamento de sua "pedra fundamental" em 1934, teve mais do dobro de nomes mudados que a UERJ: só para lembrar alguns: Hospital Central (1934-36); Hospital Pedro Ernesto (1936-38); Instituto Médico-Cirúrgico (1938-1944); Hospital Dr. Pedro Ernesto (1944-1950); Hospital Geral Pedro Ernesto (1950-1961); Hospital de Clinicas Pedro Ernesto (1961-1969); Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas (1969-197?) e, finalmente, HUPE.

Fortaleza/CE – uma oportunidade, também, para rever seu estado natal –, o tema central foi: "Integração do ensino das Ciências Básicas de Saúde e sua integração profissional".

A VII Reunião Anual da ABEM ocorreu em Niterói/RJ entre os dias 23 e 26 de agosto de 1969. O tema central foi: "A formação do profissional de saúde frente a realidade socioeconômica no Brasil". O Professor Nelson Moraes, na ocasião representando a Fundação Serviço Especial de Saúde Pública – futuramente, seria o primeiro diretor do Instituto de Medicina Social –, foi o conferencista na abertura do evento. Essa foi a primeira reunião após a Reforma Universitária de 1968, e foi histórica por debater as minutas do "currículo mínimo" e do "internato obrigatório".

Nos 30 primeiros anos da ABEM, suas reuniões anuais/congressos reuniam, no máximo, algumas centenas de participantes, em geral, dirigentes e professores com maior interesse em educação médica. A presença de alunos podia ser contada nos dedos de uma mão – talvez de duas –, ao contrário do que passou a ocorrer a partir dos anos 1990 e, especialmente, no século atual. As atividades do evento eram quase sempre em grupos de trabalho. Nessa VII reunião, foram constituídos oito grupos de trabalho, com média de treze pessoas em cada grupo. O Professor Piquet fez parte do Grupo n.º 7, com treze participantes, entre eles identifico um aluno da Faculdade de Medicina da UFRJ, Alexandre Kalache[71], que muito depois veio a ser o responsável pelas questões do envelhecimento humano, durante mais de 20 anos, na Organização Mundial de Saúde (OMS), em Genebra.

Em quase todos os grupos identifiquei alguém da Faculdade de Ciências Médicas: Ítalo Suassuna, no Grupo n.º 1, Professor Catedrático de Microbiologia e Imunologia da FCM; Mário Roberto Dal Poz, no Grupo n.º 2, estudante à época, meu colega de turma, atualmente Professor Titular e pesquisador do IMS (UERJ); Aloysio Amâncio, no Grupo n.º 5, Livre-Docente e primeiro assistente da 4ª Clínica Médica, da FCM, do Professor Jayme Landmann; Paulo Dias da Costa, no Grupo n.º 6, assistente de uma das Clínicas Médicas da FCM, mais tarde, Professor Titular; Américo Piquet Carneiro, já citado, Grupo n.º 7; Aloysio de Paula, Grupo n.º 8, Catedrático de Pneumologia e Tisiologia da FCM, figura central por ter conduzido a transformação da antiga Disciplina de Higiene para Disciplina de Medicina Social e Administração Hospitalar, verdadeiros embriões do Instituto de Medicina Social da UERJ.

---

[71] Nessa ocasião, o estudante Alexandre Kalache, fundador e primeiro presidente da AEMEG (Associação dos Estudantes de Medicina do Estado da Guanabara), passou a ter um papel essencial em garantir encontros dos estudantes nas históricas "Semanas de Debates Científicos dos Estudantes de Medicina", uma vez que o DL 477/69, interditava qualquer outro tipo de reunião,

Outro aspecto relevante dessa reunião foi a grande presença de pessoas que, nos anos subsequentes e até um pouco mais tarde, vieram a ser protagonistas na criação, implantação e consolidação do Sistema Único de Saúde. A começar por Antônio Sérgio da Silva Arouca, que foi o relator do Grupo n.º 1, na época, com menos de três anos de formado, pela USP de Ribeirão Preto/SP. Mas, também, Aloysio de Salles Fonseca, principal idealizador das Ações Integradas da Saúde (AIS), ainda no período autoritário, mas que se tornou a primeira plataforma para implementação do SUS. Walter de Moura Cantídio, mais tarde, presidente da ABEM, e que deu seu nome ao Hospital Universitário da Universidade Federal do Ceará. Benedictus Philadelpho de Siqueira, responsável pela primeira reforma do ensino médico na UFMG e pela implantação exitosa do "Internato Rural", na mesma escola, que funciona até hoje; também, presidente da ABEM, em fins dos anos 1980 e início dos anos 1990. Guilherme Rodrigues da Silva, da FM-USP, um dos ícones do ensino em saúde pública do país. José da Silva Guedes, da Faculdade de Medicina, da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, ex-secretário de saúde do Estado de São Paulo e um dos mais próximos auxiliares de Adib Janete no Ministério da Saúde. Além desses, os internacionais Amador Neghme[72] (1912-1987) e Mário de Magalhães Chaves, de importância inestimável na formulação das políticas de formação de recursos humanos para a saúde na Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) e em outras entidades e instituições.

Nessa VI Reunião, um dos pontos mais debatidos foi o Parecer n.º 506/69, do Conselho Federal de Educação, aprovado na Sessão de 11 de julho de 1969, que estabelecera os princípios e as bases para a implantação do "Currículo Mínimo" do Curso de Medicina. Acompanhava esse parecer, para ser mais intensamente debatido, a minuta de Resolução do CFE. Na elaboração do Parecer, a comissão foi presidida por Henrique Dodsworth (1895-1975), político, professor, médico e advogado, que foi interventor do Distrito Federal durante todo o Estado Novo. O relator foi Roberto Figueira Santos, professor e médico baiano, na ocasião, também, presidente da ABEM. Fizeram parte da comissão, Mariano da Rocha, médico e professor, idealizador, fundador e primeiro reitor da Universidade Federal de Santa Maria/RS; Raymundo Moniz Aragão, ex-reitor da UFRJ e ex-ministro da Educação de Castelo Branco e Rubens Maciel, médico e professor da UFRGS, na ocasião, também Presidente da Federação Panamericana de Associações de Faculdades e Escolas de Medicina (FEPAFEM), e presidente da ABEM, na gestão seguinte. Na formulação da minuta de resolução do currículo mínimo, Newton Sucupira assumiu a presidência, Roberto Figueira Santos continuou relator, Henrique

[72] Parasitologista e educador chileno, dirigiu a Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) de 1968 a 1976. Em função da BIREME se localizar na Escola Paulista de Medicina, recebeu desta o título de *Doutor Honoris Causa*.

Dodsworth e Raymundo Muniz Aragão permaneceram como membros, e os dois outros citados acima, foram substituídos por Clóvis Salgado, médico e ex-ministro da Educação e Cultura do governo de Juscelino Kubitschek e o advogado e intelectual Celso Kelly.[73]

Esse detalhamento é significativo para mostrar a origem dos documentos debatidos e apontar a participação do professor Américo Piquet Carneiro em todos os momentos do evento, acompanhado por pessoas de sua Faculdade, as quais eram muito ligadas a ele, como os professores Paulo Dias da Costa e Aloysio de Paula. Além disso, o fato de ter, como reitor da UEG, um dos componentes do Grupo de Trabalho que formulou o projeto de Reforma Universitária, condições essas que, sem dúvida, facilitaram a implementação do currículo mínimo e do internato rotatório obrigatório, como veremos na reunião da ABEM do ano seguinte.

A VIII Reunião Anual da ABEM ocorreu entre os dias 3 e 6 de setembro de 1970, em Brasília/DF. Realizou-se com apoio da UnB, através de sua Faculdade de Ciências da Saúde. O tema central foi: "O planejamento do ensino médico". Contou com a presença de cerca de 150 educadores médicos, e presença e participação de algumas autoridades, como o então ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho, que proferiu a conferência: "O curso médico e o planejamento da educação"; o Diretor do Departamento de Assuntos Universitário do MEC, Newton Sucupira, que proferiu a conferência: "A educação médica no contexto da Reforma Universitária". É importante ressaltar que o então presidente da ABEM, Professor Roberto Figueira Santos – que encerrou sua gestão nesse encontro, sendo substituído pelo Professor Rubens Maciel –, encontrava-se, também, na condição de novo Reitor da Universidade Federal da Bahia. Não encontrei o nome do Professor Américo Piquet Carneiro entre os participantes. A Faculdade de Ciências Médicas da UEG esteve representada pelos professores Roberto Alcântara Gomes (que, mais tarde, deu seu nome ao Instituto de Biologia (IBRAG-UERJ), Moysés Szklo e Eugênio Davidovich.

Ocorreram três seminários prévios a esta Reunião Anual, entre 31 de agosto e 2 de setembro, um deles – Seminário de Avaliação do Processo Educacional – coordenado por uma conferencista internacional, Dra. Christine McGuire, do Centro de Estudos de Educação Médica, da Universidade Illinois. Entre os 14 participantes, dois eram da FCM: Moysés Szklo e Roberto Alcântara Gomes. Rubens Maciel, eleito presidente da ABEM nessa Reunião, também participara, assim como o estudante da UFRJ, Alexandre Kalache.

---

[73] REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOLAS MÉDICAS, 1969.

Apesar da ausência física do Professor Américo Piquet Carneiro, seu nome será lembrado na apresentação de um trabalho de enorme relevância, naquela ocasião. Com o título "Internato e residência: o papel do treinamento graduado na racionalização da assistência médica", os autores Aloysio de Paula e de Eugênio Davidovich iniciam com uma dedicatória: "Esse trabalho é dedicado ao Prof. Américo Piquet Carneiro, cuja coragem moral e sensibilidade para o progresso permitiram imensa mudança de mentalidade no ensino médico".

Penso ser necessário transcrever alguns trechos desse trabalho, publicado nos Anais da VIII Reunião Anual, da página 199 a 216, pois deixa transparecer tanto o que contém a dedicatória como a efetiva liderança conectiva do Professor Américo Piquet Carneiro. Começando pela introdução:

> O objetivo deste trabalho é colocar à disposição dos profissionais, interessados no ensino médico e assistência, os resultados da experiência dos autores na implantação de um programa de internato e residência no Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara. Desde 1964, acompanhamos os esforços de diretores da Faculdade de Medicina e de Hospitais, ligados ou não a escolas médicas, para desenvolver programas de internato e residência. A comparação dos resultados revelou que tivemos sucesso onde outros falharam. Nossa intenção é descrever os passos que trilhamos e discutir alguns pontos que parecem ter contribuído para o êxito de nossa experiência. (PAULA; DAVIDOVICH, 1970, p. 199).

O trabalho foi distribuído nas seguintes seções, após a "Introdução": binômio internato-residência"; "Internato: o internato é a base da residência"; "Residência: residência como pós-graduação"; "Os médicos: a supervisão do internato e da residência"; "O hospital: requisitos mínimos"; "Economia médica: aspectos econômicos de racionalização da assistência médica"; "Obrigatoriedade do internato". Por último, encerrou o trabalho com um "Resumo" de cerca de quinze linhas.

Na seção "Obrigatoriedade do internato", o documento ressalta:

> Um dos maiores problemas – senão o maior – para o desenvolvimento do Internato e da Residência é a ilusão por parte das Faculdades de Medicina de que seus alunos fazem o Internato no último ano de graduação. Não é suficiente denominar os doutorandos de internos. É preciso responder afirmativamente às seguintes perguntas:
> 1) Os internos dedicam-se exclusivamente ao seu programa de treinamento?
> 2) Os internos são responsáveis diretos por um número mínimo de 10 pacientes?
> 3) Os internos moram (como os residentes) em acomodações no Hospital ou anexos?
> 4) Os internos recebem uma remuneração adequada as suas necessidades mínimas, como os residentes?
> 5) Os internos assistem às autópsias de seus pacientes?
> 6) O Hospital dispõe de uma biblioteca de livros textos e revistas médicas nacionais e estrangeiras atualizada?
> 7) Os resultados dos exames de rotina são colocados nas papeletas dos doentes, antes de 24 horas após o pedido?

> 8) O Hospital dispõe de um arquivo central com um número único para cada paciente?
> 9) O Hospital ou a Faculdade avaliam a concordância de diagnóstico de admissão e alta, pré e pós-operatório, índices de morbidade, permanência hospitalar e mortalidade de seus serviços?
> 10) O Hospital ou a Faculdade provêm assistência e supervisão para os internos e para os residentes durante as 24 horas?
> 11) Os plantões de internos ocorrem de 4 em 4 dias ou com maior frequência? (PAULA; DAVIDOVICH, 1970, p. 213).

Em seguida Paula e Davidovich (1970, p. 213) arrematam: "Se as respostas a esses itens são negativas, a Faculdade não tem ainda internos".

Essa longa transcrição serve para afirmar o que a dedicatória insinua, que o Professor Américo Piquet Carneiro, utilizando, mais uma vez, os ensinamentos de Jacques Maritain e sua metodologia do "distinguir para unir", implantou um modelo de Internato e Residência Médica, inovador e interdependente, antecipando em vários anos a regulamentação federal de ambos. É evidente que contou com colaboradores determinados. Para nomear apenas alguns: o próprio Eugênio Davidovich, Aloysio de Paula, Emílio Francischetti, Carlos Alberto Chastinet, Fernão Poggy da Costa Pinto, Moysés Szklo (o primeiro residente), Virgílio Pinho da Cruz, Jayme Landmann e Aloysio Amâncio. Sem medo de errar: se havia, na época, uma escola médica que garantia a "terminalidade do curso médico" – uma questão que foi debatida em quase todos os encontros de educação médica por mais de 30 anos –, essa escola era a Faculdade de Ciências Médicas, da UEG. Pelo menos, para os que escolhiam fazer o Internato, antes da obrigatoriedade, que eram cerca de 90% dos sextanistas da Ciências Médicas.[74]

Neste ano de 1970, um ingressante no curso de medicina, colaborador desta pesquisa, Michael Deveza, relembra seu primeiro dia na Faculdade de Ciências Médicas:

> O meu contato com o Piquet foi no primeiro dia que eu cheguei aqui na Faculdade de Ciências Médicas. para me inscrever, porque a gente tinha que se inscrever na secretaria, fazer a matrícula. A gente recebia um número, mil e alguma coisa. Lembro bem, porque meu colega de turma, José Augusto Quadra – o "Quadrinha" – perguntou qual era o meu número e, quando eu falei, ele disse que estava à minha frente.
> Pouco depois, passou um senhor, e me interrogou:
> — Você?!... Quem é?....
> Respondi:
> — Estou me matriculando!...
> Ele disse:
> — Ah... Você mesmo... Venha comigo... entra aqui!...

[74] O nível de exigência para o internato, descrito no trabalho apresentado, desde a criação de uma bolsa para o interno em 1964 ou 1965, onde era obrigatório o cumprimento das rígidas regras. Caso não as cumprissem, a bolsa era imediatamente suspensa e o estudante passava para a condição de estagiário (antes da implantação do "internato obrigatório"). Cumprir o internato integralmente, com desempenho suficiente, era o principal requisito para ter acesso à Residência Médica no Hospital de Clínicas. Tornava-se, na prática, quase impossível alguém conseguir uma vaga de Residência Médica no Hospital da FCM sem passar pelo internato. Mesmo tendo realizado internato em outra instituição, o estudante só teria acesso se nenhum egresso do internato local se interessasse pela vaga.

> E me introduziu em uma reunião em que estavam discutindo o currículo da Faculdade. E foi a primeira reunião de revisão de currículo de minha vida!... Não tenho a mínima ideia porque o Prof. Piquet me arrastou para essa reunião. Lembro que, em algum momento, o Professor Piquet falou:
> — Com a palavra um aluno que está começando agora...
> Eu disse alguma coisa, da qual não lembro nada. Eu não tinha a mínima ideia do que dizer, mas depois, quando terminou, ele me disse:
> — Você vai para minha Clínica, não?!...
> Aquilo ficou na minha cabeça... eu ainda iria começar o primeiro ano, mas só aquela imagem daquela pessoa – uma pessoa sensacional –, que cativava a gente pela sua simplicidade. Naquele momento, ele transparecia querer efetivamente a minha ajuda!... Mas... eu não podia dar ajuda nenhuma... não havia tido uma aula sequer!... (Michael Deveza).

Michael Deveza descreveu o conflito que sua escolha pela Clínica do Professor Piquet, ao término do segundo ano da Faculdade, gerara em sua casa:

> Eu fui para a Clínica do Professor Piquet no terceiro ano, sob protestos veementes da minha mãe, porque a mãe dela, minha avó Sonia, que morreu quando eu tinha cinco meses de idade – acho, eu havia nascido em março e ela morreu em setembro –, de câncer de mama e quem ficou cuidando dela foi o Professor Jayme Landmann. Naquela época, não havia grandes recursos terapêuticos, e o Landmann, que era aparentado de meu avô, ficou praticamente 15 dias e 15 noites cuidando dela!...
> Então, quando eu escolhi Piquet, foi uma coisa horrorosa em casa!... Eles idolatravam o Landmann!... Minha mãe cobrava:
> — Porque você tinha que ir para o Landmann!... Porque era um clínico dedicado... um médico sensacional!...
> O Landmann que eu conheci é um pouco diferente do que as pessoas falam!... Embora que, quando ele queria me sacanear, ele falava na frente de todo mundo que eu era parente dele. Dizia na frente de meus colegas, que reagiam:
> — O quê?!... Você?!... Parente do Landmann?
> Quando ele não queria "me dar bola", ele não dizia nada. Não me dava nenhuma atenção. (Michael Deveza).

Deveza lembra como o desconforto criado em família foi superado:

> Quando comecei na Clínica, no terceiro ano, ele me reconheceu, embora não tivesse muito contato com ele. Lembro que minha mãe estava com alguns problemas de saúde, então, marquei uma consulta para ela no consultório dele em Copacabana, na Avenida Princesa Isabel. Lembro que fui lá com ela. Ele me atendeu super bem!... Atendeu minha mãe, e ainda não cobrou nada. Minha mãe ficou maravilhada!...
> Ele a ajudou muito, ela melhorou e passou a ir sozinha ao seu consultório!... Ele tratou dela um bom tempo. Acho que sem querer, foi uma maneira de mostrar para minha mãe quem era o professor que eu havia escolhido.
> Não sei por que ele gostava de mim. Talvez, por ter aceitado entrar naquela reunião, sem saber de nada!... (Michael Deveza).

Em setembro de 1970, o Reitor João Lyra Filho, constituiu uma comissão para estabelecer os regramentos de funcionamento do Centro Biomédico, previsto na nova estrutura da Universidade. Preside a Comissão o Professor Américo Piquet Carneiro, com os seguintes

componentes: Paulo de Carvalho, Roberto Alcântara Gomes, Nilza Medeiros e Oswaldo Correia de Araújo.[75]

Em 19 de março de 1971, com a nova estrutura da UEG constituída, Américo Piquet Carneiro tomou posse como primeiro Diretor do Centro Biomédico, enquanto Caio Tácito assumiu a Direção do Centro de Ciências Sociais, Arthur Greenhalg assumiu o Centro de Tecnologia e Ciências, e Arnaldo Niskier, o de Educação e Humanidade.

José Carvalho de Noronha, egresso da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que havia sido militante no movimento estudantil, filho de pais nordestinos, foi um dos colaboradores desta pesquisa. Seu pai era Engenheiro Civil, professor universitário na Universidade do Brasil, Escola Técnica do Exército e Engenharia, da PUC-Rio. Estudou no Colégio São Bento, descrevendo momentos interessantes de sua infância e adolescência. Um tio materno, médico ortopedista, havia sido professor na Faculdade de Ciências Médicas, assistente do catedrático e um dos fundadores da escola, Achilles Ribeiro de Araújo. Sua vida profissional inicial teve algumas mudanças bruscas: inicialmente, dedicou-se à terapia intensiva, ainda em seus primórdios no Brasil, e à medicina clínica de pré e pós-operatório de cirurgiões consagrados. Em seguida, desistiu desse percurso para uma rápida incursão pela pesquisa básica de bancada – fisiologia renal –, para, finalmente, decidir pela saúde pública, indo para a Inglaterra, onde especializou-se nessa área. Voltando para o Brasil, engajou-se no projeto do Instituto de Medicina Social, ainda em sua fase de consolidação, descrevendo essa experiência que o levou a um contato significativo com o Professor Américo Piquet Carneiro:

> No IMS eu conheci a Nina Pereira Nunes, "que se apaixonou" por mim!... Como eu, a Nina gostava de medicina, de política de saúde. Eu gostava de aprender medicina, de conhecer, do prazer da medicina e, mesmo com a rejeição que tivera, o gosto pela medicina, pelo hospital, ficara entranhado em mim. Nina também nutria uma coisa com a medicina e, na época, já estava começando algo que iria resultar nos "cuidados primários de saúde", que abria uma perspectiva política de engajamento, e como eu, tinha o desejo de fazer algo para o povo, comecei a estudar e trabalhar no embrião da "atenção primária de saúde": "médicos de pés descalços", da China, e os feldshers, lá da Alemanha.
> Eu trazia comigo as críticas que fazíamos na Santa Casa, desde o tempo de estudante, sobre aqueles doentes que ficavam por longo tempo no Hospital, cativos e dependentes: isso não é medicina que atende à necessidade do povo brasileiro. Isso tudo é importante, pois vai dar em meu encontro com Piquet Carneiro: a ideia de fazer uma medicina para o povo, uma medicina que atenda às necessidades da população, de preparar o estudante de medicina para os desafios daquilo que é o cotidiano na vida dele, de reverter a tendência à superespecialização, por exemplo. Enfim, de garantir um atendimento integral para um ser biopsicossocial. Então, isso vinha ao encontro, já como perspectivas de soluções, das críticas que fazíamos no movimento estudantil,

[75] VIEIRA DE MELO..., 1970, p. 11.

> no Centro Acadêmico, na Santa Casa. Esses componentes são importantes para as formulações que irão emergir de um Instituto de Medicina Social ainda em formação. (José Noronha).

A aproximação de José Carvalho de Noronha com a professora Nina Vivina Pereira Nunes, a mais entusiasta seguidora das ideias de Medicina Social do Professor Piquet, filha de seu colega de turma, Adão Pereira Nunes, contribuiu muito para sua aproximação com o Professor Piquet.[76]

> O Reinaldo Guimarães tentava capturar-me para a Epidemiologia: eu me tornaria um epidemiologista. O Hesio tinha aquele interesse pelas Ciências Sociais, aquela coisa de Foucault, de Juan Cesar Garcia. Eu não gostava muito disso, não. A Nina gostava era de Posto de Saúde, de medicina popular, de uma medicina simplificada. Então, eu me situava entre o Reinaldo e a Nina. E a Nina era "apaixonada" pelo Piquet.
> Assim, começou aquela ideia de Medicina Integral do Piquet. "O Professor Piquet..." O Piquet era católico, minha família era católica. Ele era médico de Dom Eugênio Salles, que era amigo de minha irmã, que trabalhava com ele, o Cardeal. Então, havia uma relação ali, que não era direta, mas indireta, de familiaridade, o Piquet conhecia minha irmã – não convivia com ela, pois ele era muito reservado. Mas, era o médico do Cardeal, de quem minha irmã era "o braço direito". Minha irmã, Maria Cristina, trabalhava com Dom Eugênio desde a Bahia. Com essa ligação, comecei a me envolver com a Pastoral da Favela, onde minha irmã desenvolvia uma ação social da igreja. Foi por essa época que ocorreu meu reencontro com Lúcia Souto e nós decidimos que iríamos organizar o povo para a Revolução e criar um partido político de massas. Ela e eu, tínhamos abandonado o PCdoB.
> Estávamos em 1974, eu tinha conseguido um dinheiro na FINEP e já com aquela ideia de medicina integral, desenhamos um projeto. O Pantoja assumiu a Secretaria de Saúde, então, fizemos um Convênio, e assumimos o Posto de Saúde de Austin, em Nova Iguaçu. Foi aí que nasceu o Projeto Austin. Eu precisava levar médico residente para lá e foi assim que eu conheci o Ricardo Donato, que já estava engajado com a ideia de Medicina Integral no Ambulatório do Hospital Pedro Ernesto. E o Piquet:
> — Não, Noronha!... Nós não temos que tratar só o doente no leito, não!... O doente tem que ser tratado do jeito que ele é, e o estudante tem que aprender a tratá-lo, assim. Eu quero fazer um grande Ambulatório. Um grande Ambulatório!... Vamos reformar o ensino, não tem que ensinar só no Hospital, não. (José Noronha).

É provável que desde a criação do Ambulatório de Medicina Integral na segunda metade dos anos de 1960, o Professor Piquet já acalentasse a ideia de um grande prédio de ambulatório de ensino, para tornar o HUPE um hospital de ensino mais completo, inclusive retirando as salas de aula e de professores do corpo do Hospital para o prédio ambulatorial. Essa conversa com José Noronha ocorreu mais de dez anos após a criação do Ambulatório de Medicina Integral.

> E o Piquet insistia nessa tecla. Então, eu queria levar o residente para Austin, para encontrar o povo. Eu não queria "médico de pés descalços" em Austin, não. Precisava

---

[76] Este é um dos exemplos de inesperado que emerge na história oral: quando decidi por incluir o Professor José Noronha na rede acadêmica, imaginava que sua aproximação do Professor Piquet tivesse uma relação mais direta com o fato de sua irmã ser assessora do Cardeal Dom Eugênio Sales, a quem ele se referiu, mas minimizou essa influência.

> criar um Programa de Residência Médica, foi daí que surgiu o meu "casamento" com Ricardo Donato. E, começamos a montar juntos o Programa de Residência em Medicina Integral no Hospital Pedro Ernesto, em que o Residente faria rodízio em Austin. Eu me casei com Lúcia Souto e fomos morar em Nova Iguaçu, no "Ponto Chique", atrás do Hospital da Posse.
> Três vezes por semana eu descia para a UERJ, e o resto da semana ficava em Nova Iguaçu, visitando comunidades e começamos a nos relacionar com a "Caritas Diocesana", com Dom Adriano Hipólito. Em Austin, voltei a ser Clínico Geral. Éramos dois clínicos, eu e o Péricles, a Socorrinho fazia Pediatria e tinha o Zé Rezende, dentista. Havia também um Ginecologista que ia lá três vezes por semana. A Obstetrícia era comigo, o pré-natal, era comigo. Eu passei 4 ou 5 anos na Maternidade-Escola da UFRJ, e estava bem preparado.
> Com o Landmann na Direção do Hospital Pedro Ernesto, querendo ampliar o ambulatório e levar um Posto de Urgência do INAMPS para o Hospital, com o Nildo Aguiar na Superintendência do INAMPS e Nina amiga de ambos, o cenário se apresentava bastante favorável. O Landmann disponibilizou um prédio que seria um vestiário para virar o Ambulatório do Hospital. Eu sentei-me com o Ricardo Donato e começamos a fazer o planejamento: aqui vai ser só Medicina Integral, e alocamos 15 salas para a Medicina Integral, depois, o restante vai para as Especialidades. Existe um trabalho meu com o Donato, que publicamos sobre o assunto. (José Noronha).

Em 1974, com a assinatura do denominado Convênio MEC/MPAS, onde o Professor Jayme Landmann foi um dos principais idealizadores dessa primeira política pública para Hospitais de Ensino, um pequeno edifício ainda em fase de acabamento, para ser um vestiário, foi adaptado para ser o ambulatório geral do Hospital.[77]

> Nessa época, também chegaram no Instituto de Medicina Social, dois refugiados da ditadura Argentina: o Adolpho Chorny, especialista em "programação de saúde", e o Mario Testa, em políticas públicas de saúde. Pronto: eu desisti do "barco epidemiológico" do Reinaldo e embarquei na "trip" da Nina!... Entrei para o Planejamento, tanto o planejamento macro, na linha do Mario Testa, planejamento governamental, sistemas de saúde, pois tinha estudado na Inglaterra o modelo do sistema de saúde inglês e começara a estudar o modelo chinês. Enfim, engajei com Mario Testa na coisa da macro política de saúde e com o Chorny, trabalhava com programação, com o micro, também.
> Fiquei no Planejamento e a Nina, também. Nina, tinha se aproximado de um casal argentino, Leopoldo Alperin, casado com Célia – esta abrira uma sorveteria no Leblon –, Leopoldo trabalhava com coisas mais concretas, avaliação de serviços, por exemplo. Então, era uma grande oportunidade de criar um experimento novo, em um novo espaço físico, criar um experimento do ponto de vista da formação médica de uma maneira mais integrada. O Ricardo Donato apaixonado pela ideia, o Chico Barbosa também estava encostando-se ali e o Michael Deveza já engajado, também. Então, esses encontros foram acontecendo, e o Piquet era um apaixonado! Uma figura apaixonante! Primeiro, porque era um Clínico com paixão! Paixão pela Medicina, por exercer a Medicina! Por seu envolvimento na criação do IMS – que me precedeu, pois eu ainda não estava lá –, com Nina Pereira Nunes, Hesio Cordeiro, Moysés Szklo e João Regazzi.
> Do Piquet, médico, eu sabia mais pela minha irmã, da relação dele com Dom Eugenio, que era seu cliente. As minhas conversas com o Piquet giravam em torno dos sonhos dele: de uma formação médica integral. Então, quando a gente praticamente mudou lá para o Hospital, para a Medicina Integral, o Piquet veio com o sonho de pegar o estacionamento em frente ao prédio da Radiologia e construir um grande

[77] Antes não havia atendimento ambulatorial para segurados do INSS. O Convênio era apenas para internações. Com a assinatura do novo convênio, por isto, também denominado de "Convênio Global", o atendimento ambulatorial cresceu exponencialmente.

> Ambulatório. Não me lembro quem era o Reitor à época – o Donato deve se lembrar –, então, conseguimos com o Escritório de Arquitetura da Reitoria elaborar o Projeto de um grande Serviço Ambulatorial. Tudo estimulado pelo Piquet.
> Mesmo antes de Austin, por iniciativa do Piquet e Nina, a gente começou a trabalhar no Centro de Saúde Maria Augusta Estrella, em Vila Isabel. Essa foi uma primeira tentativa, mas vigorou por pouco tempo.
> Enfim, a Residência Médica nasceu junto com o reordenamento da Medicina Integral. Foi um processo virtuoso, pois Ricardo Donato e eu conseguimos uma verdadeira confluência entre o Landmann e o Piquet, à época, as duas maiores lideranças da Faculdade de Ciências Médicas e do Hospital Pedro Ernesto. Lideranças fortes, mas com estilos muito diferentes. Compatibilizar a compulsão realizadora do Landmann com a serenidade compassiva do Piquet foi uma grande conquista e aprendizado para nós, pois conseguimos transitar tranquilamente entre um e o outro. (José Noronha).

Esta iniciativa pioneira do Posto de Austin, em Nova Iguaçu, foi um dos mais férteis embriões da Medicina de Família que viria a florescer mais de 15 anos depois. Ricardo Donato, egresso da Clínica do Professor Jayme Landmann (4ª Cadeira de Clínica Médica) tornou-se a principal liderança no desenvolvimento da Medicina Integral e Medicina de Família, legados do Professor Piquet Carneiro.

> A minha proximidade com o Piquet e com o Landmann teve uma contribuição essencial da Nina. Embora sua "alma" fosse Piquet Carneiro, ela se dava muito bem com o Landmann. Com isso, o Landmann "me pegava" pela questão da macro e da micropolítica de saúde, pela questão do planejamento de saúde. Chegamos a publicar trabalhos juntos sobre esse assunto. Enquanto o Piquet "me pegava" pela questão da formação de um médico mais integral, mais preparado para resolver os problemas de saúde de nosso povo. Só fiquei sabendo agora, que o Piquet e o Adão Pereira Nunes – pai da Nina – formaram na mesma turma da Faculdade Nacional de Medicina e que eram muito amigos, embora ideologicamente muito distanciados. Então, a história da Nina com o Piquet vem daí, e o Instituto de Medicina Social pode ter sido concebido politicamente por causa disso. A Nina, também, era "apaixonada" pelo Emílio Francischetti, um dos "filhos" que o Piquet "plantou" por aí!
> É interessante como o Piquet não se incomodava com a opção ideológica das pessoas. O Adão, que fora Deputado Federal, foi cassado logo no início do golpe militar de 64, era um atuante político de esquerda. O Piquet tinha, também, muitos amigos conservadores, alguns deles bem à direita. Mas, ele não se incomodava com isso. Ele tinha um projeto progressista, que conseguia fazer com que todos se interessassem por ele. Então, o meu encontro com Piquet foi isso: de uma admiração quase engraçada. Um homem de tanto prestígio e, ao mesmo tempo, uma figura tão modesta! O privilégio que tive em aprender com esse convívio: sua visão da humanidade da medicina, da boa medicina, que é científica, que é cuidado, que é espiritual, que é pedagógica. Enfim, uma ideia-força de que é possível mudar o ensino médico. Essa ambição e esse sentimento do Piquet eram completamente contra hegemônico à ideia crescente de produtividade, de ganhar dinheiro, das escolhas da área onde se pode faturar mais etc. O Piquet era a mais completa antítese dessa coisa! (José Noronha).

Essa experiência de vida que José Noronha apresenta e seu reconhecimento do quanto aprendeu com esse convívio, ao mesmo tempo em que não tinha conhecimento do parentesco de Nina com o colega de turma do Professor Piquet, indica o tanto que a própria Nina também foi influenciada pelo mestre, que José Noronha tão bem descreveu:

> Nos últimos anos, tem surgido um movimento ligado a mudanças na educação médica, a partir da formação de médicos de família, que se aproxima desse ideário do Piquet. Não faz muito tempo que esse movimento ganhou densidade, talvez uns 4 ou 5 anos – a Maria Inez tem culpa nisso –, formando médicos que tem compromisso com o povo, que desejam mudar a medicina e o mundo. Mas, isso é um fenômeno recente e, eu acho, que a inspiração disso é o Piquet, que é, sem dúvida, o patriarca desse movimento. (José Noronha).

Maria Inez, também colaboradora dessa pesquisa, descreveu sua experiência com médica residente de Medicina Integral, e relatou o período que frequentou o Posto de Saúde, em Austin, distrito de Nova Iguaçu:

> Quando conclui a graduação não tive dúvida em optar pelo Programa de Residência Médica em Medicina Integral. Um Programa ainda novo, procurando se consolidar. Havia, também, no âmbito do Instituto de Medicina Social, o Programa de Residência Médica em Medicina Preventiva e Social, um pouco mais antigo. Eu havia observado, durante o internato, o Professor Ricardo Donato atendendo no Ambulatório. Aquilo me impressionou!... Pensei:
> — Quero ser uma médica como esse cidadão aí!...
> Ele era também o Coordenador do Programa de Residência em Medicina Integral. Também havia sido o Paraninfo da minha turma e padrinho de meu casamento com meu colega de turma, Kleber Anderson. Ricardo Donato não era uma figura com quem, até então, eu tivesse maior proximidade. Ele tinha proximidade com minha turma. Kleber já tinha uma visão mais cirúrgica, embora fizesse parte dos "Sete Samurais", também. (Maria Inez).

Maria Inez, egressa da 4ª Cadeira de Clínica Médica, do Professor Jayme Landmann, escolheu a residência médica em Medicina Integral, o que não era muito comum entre egressos dessa Cadeira, que tendiam a valorizar mais as especializações, em especial a Nefrologia. Seguiu os passos de Ricardo Donato, ao ponto de se casarem mais tarde:

> Havia quatro vagas para a Residência em Medicina Integral. Entraram Maurício Elias, Maria Luiza, Toni (Antônio Cesar Pereira Velho) e eu. Além de Ricardo, passei a ter contato mais próximo com Michael Deveza e com o Chico Barbosa, também preceptores de Medicina Integral. E passei a participar das conversas que eu entendia... tentava entender... afinal, o que é Medicina Integral?!... Acho eles também não entendiam direito, por isso, atraíram para as discussões semanais, uma socióloga, Madel Luz, professora-pesquisadora do Instituto de Medicina Social, e uma psicóloga, Helena Milman (Lule), professora do Instituto de Psicologia da UERJ. Eu achava aquilo fascinante porque identificava muito com as coisas que eu pensava que a medicina, que a prática médica devia ser, do que todos os contatos que eu tivera, até então!... Foi muito bom. Aprendi muito!... Todas essas pessoas e momentos foram muito importantes na minha formação!...
> Uma das experiências mais inovadoras e gratificantes que tivemos durante a Residência Médica foi o Projeto Austin. Austin era um Distrito do Município de Nova Iguaçu... um local de muita pobreza e tristemente famoso por ser local de "desova" de cadáveres, que "grupos de extermínio" utilizavam!...
> Apesar disso, o Centro de Saúde era muito bem estruturado!... Todo de tijolinho... bem arrumadinho... com salas aconchegantes!... Foi a minha primeira experiência com saúde escolar!... Fazer horta!... Trabalhar com agente de saúde – não era agente comunitário, que ainda não existia com esse nome –, eram as parteiras que faziam esse papel... de visita domiciliar... de orientar para aplicação de insulina no domicílio!... Acho que a minha visão de medicina... de prática médica..., daquilo que

> a gente denomina, hoje, de medicina de família e comunidade... de estratégia de saúde da família..., veio dessa experiência!... Havia tudo ali, para uma boa formação!... A única diferença era que ao invés de ter um preceptor "médico de família", tinha um Pediatra... um Clínico Geral e... até... um Dentista!... Respectivamente, a Socorrinho, o Péricles e o "maluco" do Zé Rezende!... Uma turma do Bem!... Mas, todos com o olhar muito qualificado para o ser humano!...
> Não me recordo como esse Projeto surgiu, sei que não participei de sua formulação. Acho que era um Projeto da Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu, mas não tenho certeza. Sei que era um Convênio, que tinha uma forma de pagamento ao pessoal que ali trabalhava, para que pudesse existir!... Havia uma certa facilidade de condução, uma Kombi nos levava, embora muitas vezes a gente tivesse que ir de trem!... Era muito trabalhoso!... Lembro que no início a gente tinha que ir todos os dias, mas depois ficou muito pesado, e passamos a ir três vezes por semana!... Não me recordo bem desses detalhes!... (Maria Inez).

Os pioneirismos do Projeto Austin e da Residência em Medicina Integral contribuíram, sem dúvida, para Maria Inez Padula tornar-se uma referência em Medicina de Família a partir da segunda metade dos anos de 1990. Nos últimos dez ou doze anos tem coordenado o maior programa de Residência em Medicina de Família no país.

> As atividades teóricas eram realizadas no Instituto de Medicina Social. Tive professores de alta qualidade: Hesio Cordeiro... Zé Noronha... Regazzi... Reinaldo Guimarães... Ricardo Tavares... Adolph Chorny!... Eu tinha a obrigação de tentar ser uma boa aluna. Eram muito bons!... A visão de Epidemiologia que eu tive... tanto pelo Reinaldo... como pelo Noronha... como pelo próprio Ricardo Donato, que tem uma visão muito sofisticada da Epidemiologia. Naquela época, quando as coisas eram ainda muito "quadradas" do ponto de vista da aplicabilidade do conhecimento. Era coisa muito instrumental!... Acho que essas pessoas me trouxeram uma coisa para além do instrumental. Somado a isso, havia as discussões que a gente tinha lá na Medicina Integral, que foi conformando em mim uma ideia, uma visão de medicina como um trabalho político-social. Evidente que através da prática médica.
> Nessas discussões na Medicina Integral começaram a surgir referências ao Professor Piquet. Conceitos como Medicina de Família, e Ricardo traz a vivência dele com o Professor Piquet nesses encontros, acho que, da própria ABEM. Lembro que ele falava que o Professor Piquet tinha escrito algo sobre o "médico de família" e, então, eu começo a ler o Professor Piquet através dos olhos do Ricardo Donato, já antevendo a necessidade de constituir uma especialidade.
> Nesse momento havia um debate quase nacional sobre a questão Medicina Preventiva e Social versus Medicina Geral e Comunitária!... O que é uma e o que é a outra?!... Há mesmo justificativa para dois programas de Residência Médica?!... E a Medicina de Família o que é isso e como se insere nesse debate?!...
> Então, eu começo a me aproximar mais da visão do Professor Piquet... mais de perto. Independente de não ter mantido, até aquele momento, um contato com ele, todas as referências ao seu nome foram sempre muito positivas. Apontavam para uma figura de respeito e uma liderança inovadora. Acompanhei, durante a graduação, a criação do Instituto de Medicina Social a partir da Disciplina de Higiene da Faculdade de Ciências Médicas. E o Professor Piquet foi sempre considerado o grande arquiteto desse empreendimento. (Maria Inez).

Nos dias 11 e 12 de maio de 1973, realizou-se em Petrópolis/RJ, um Seminário sobre "A formação do médico de família", patrocinado pela Organização Mundial de Saúde e organizado pela ABEM e Faculdade de Medicina de Petrópolis. Trinta e quatro pessoas foram

convidadas a participarem dos trabalhos em grupo e outras 46 pessoas participaram como observadores.

Esse foi um Seminário pioneiro, ao introduzir a discussão na região. Duas palestras serviram de partida para os debates em grupo. A do Professor Amador Neghme, então Diretor da BIREME, com o título: "A formação do médico de família: um enfoque geral e preliminar". Discorreu sobre o crescente interesse dos países desenvolvidos sobre o tema, informou que os Estados Unidos, naquela ocasião já havia reconhecido e criado sua vigésima especialidade médica: *a medicina familiar*. A segunda palestra foi ministrada pelo Professor Aloysio de Paula, com o tema: "O médico de família: ontem e hoje". Esse seminário passou a ser mencionado mais por sua condição pioneira que pelo seu alcance naquela conjuntura. O pequeno fascículo[78] que sintetizou o evento tornou-se uma referência nos debates e trabalhos produzidos, especialmente a partir da expansão da denominada medicina geral e comunitária, que foi o movimento embrionário da Medicina de Família.

Na edição de domingo do *Jornal do Brasil*, de 17 de fevereiro de 1974, na página 24 do 1º Caderno, ocupando praticamente toda a página, foi publicado um texto tendo como autor, Américo Piquet Carneiro. O título e os contextos em que foi publicado são bastante sugestivos.

O título: "Uma política de saúde para o Brasil". Assinado pelo "Dr. Américo Piquet Carneiro", identificado como, "Professor da Faculdade de Ciências Médicas da UEG". Os contextos: 1) internacional – 2º choque da alta do petróleo, majorado até 400% entre setembro de 1973 e março de 1974, com crise mundial; 2) sanitário – desde 1971, um surto de meningite meningocócica, iniciado em Santo Amaro/SP, começou a se expandir para comunidade pobres, mas a forte censura à imprensa impediu a divulgação, mesmo quando atingiu níveis de epidemia, terminando por "explodir" no segundo semestre de 1974; 3) político – esse texto/proposta foi publicado menos de um mês antes da posse do General Ernesto Geisel, sucedendo ao General Emílio Garrastazu Médici.

Não sabemos se ele detinha alguma esperança de que sua iniciativa solitária poderia ter algum eco no novo governo. Não podemos mesmo afirmar que tal iniciativa foi calcada no conhecimento dos subterrâneos do surto epidêmico de meningite e no agravamento da desigualdade social em função da crise econômica. Mas, um documento tão bem trabalhado, com uma introdução bastante crítica ao modelo de condução política do governo. Com tópicos

[78] ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA, 1973. Realizado em Petrópolis nos dias 11 e 12 de maio daquele ano, o evento foi organizado pela ABEM e pela Faculdade de Medicina de Petrópolis, e contou com patrocínio da Organização Mundial de Saúde.

que partiram de diagnóstico da "situação da saúde pública", detalhou os organismos encarregados de cuidar da saúde, com suas especificidades, propôs "um plano geral de saúde para o Brasil" e, encerrou, com uma detalhada proposição de um "organograma ideal" para a gestão da saúde, começando por instâncias colegiadas em todos os níveis de poder confederativo e das federações, inclusive com uma proposição de financiamento inédita ao transformar/criar o que nominou primeiro pela sigla: BNHS (Banco Nacional da Habitação e Saúde).

No longo e bem elaborado texto, não faltaram referências a experiências exitosas em outros países, valorização de aspectos positivos existentes no país, como também não faltou referência ao "Mestre Jacques Maritain", no penúltimo parágrafo de texto, antes do "organograma ideal" para executar sua proposta de "uma política de saúde para o Brasil". Transcrevo o último parágrafo, antes do "organograma", que sinaliza para os fundamentos de suas convicções e sua concepção de "bem comum":

> Este é o sentido do bem comum que difere totalmente da estatização do tipo socialista. Não se trata de estatizar ou socializar a Medicina, mas de adaptá-la, no seu próprio interesse ético, ao modelo de assistência médica que convém ao país. Os que confundem democratização da Medicina com estatização ou socialização, são ignorantes ou estão de má-fé. (CARNEIRO, 1974, p. 24).

Coincidência ou não, muitos dos pontos apresentados nessa proposta estiveram presentes na Lei nº 6229, de 17 de julho de 1975 – exatos 17 meses depois – que "dispõe sobre a organização do Sistema Nacional de Saúde", lei essa que só será revogada pouco mais de 15 anos depois, em 19 de setembro de 1990, pela Lei Nº 8080, lei do SUS. No dia 1º de julho de 1974, assumiu o recém-criado Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), o então presidente do BNH no governo Castelo Branco, o advogado Luiz Gonzaga do Nascimento e Silva (1915-2003). A primeira política pública para os Hospitais de Ensino foi o Convênio MEC/MPAS, em que o Hospital Pedro Ernesto foi um dos pioneiros em assinar essa parceria, além do fato de Jayme Landmann ter sido, sem dúvida, o mais importante ideólogo dessa política para os Hospitais de Ensino.

O que me induz a admitir que Américo Piquet Carneiro tenha influenciado – mesmo que indiretamente – não apenas a conduta e visão do Ministro do MPAS, mas os próprios termos que constam na Lei 6229/75, especialmente acerca das responsabilidades desse novo ministério no tocante à saúde, uma vez que era, sem dúvida, o que detinha o maior volume orçamentário para área. No inciso II do artigo primeiro, que trata das responsabilidades do MPAS, das seis *alíneas*, apenas uma não contém o termo "pessoas".

> a) Elaborar planos de prestação de serviços de saúde às pessoas;
> b) Coordenar, em âmbito nacional, o subsistema de prestação de serviços de saúde às pessoas;
> c) Credenciar, para integrarem o subsistema público, instituições de finalidade não lucrativa que prestem serviços de saúde às pessoas;
> d) Prestar diretamente serviços de saúde às pessoas, ou contratá-los com entidades de fins lucrativos ou não, sujeitando-as a fiscalização permanente;
> e) Experimentar novos métodos terapêuticos e novas modalidades de prestação de assistência, avaliando sua melhor adequação às necessidades do País;
> f) Fixar, em colaboração com o Ministério da Saúde, normas e padrões para prestação de serviços de saúde a pessoas, a serem observados pelas entidades vinculadas ao Sistema. (BRASIL, 1975).

O tratamento individualizado que se espera – ou que estamos acostumados – de um órgão previdenciário é o de segurados e dependentes, trabalhadores e aposentados. Quando muito, usuários do sistema previdenciário. Chamar de "pessoas", assim de forma indiscriminada, e repetitiva, não costuma ser muito usual na administração pública, especialmente em documentos que tendem a ser tão formais. Mais instigante ainda foi a lei emergir durante um regime fechado, impessoal, acostumado a dividir a população em "apoiadores da revolução de 64" e "comunistas". Alguém que contextualizasse melhor o alcance dessa Lei e seus desdobramentos, poderia argumentar: com essa lei, o MPAS assumiu novas responsabilidades, entre elas de gerir o "Plano de Pronta Ação", que garantia a qualquer pessoa, independentemente de ser segurado ou dependente, ou mesmo não estar portando nenhum documento, ser atendido, em caso de urgência, em qualquer unidade de saúde, própria ou não do MPAS, pública ou privada, conveniada ou não. De qualquer maneira, justiça seja feita, foi um pequeno salto de respeito ao bem comum e à pessoa humana.

Embora o professor Piquet estivesse envolvido com esses projetos de maior alcance social – Instituto de Medicina Social e Medicina Integral, e até mesmo propondo "uma política de saúde para o Brasil", além de ter começado a explicitar suas preocupações com o rápido envelhecimento populacional no país – em momento algum, ele negligenciou as ciências básicas, a pesquisa e pós-graduação.

Seu afilhado de batismo e sobrinho-neto de sua esposa, Ofélia, Joaquim Coutinho, colaborador deste trabalho pela rede familiar, um dos líderes do Serviço de Cirurgia Cardíaca do HUPE, descreveu, com bom humor, porque escolhera a UFRJ para sua graduação em medicina e comentou uma proposta de seu padrinho que o assustara:

> No exame vestibular, fui aprovado tanto para a UFRJ, como para a UERJ. E minha decisão pela UFRJ eu devo ao tio Américo, pois pensei:
> — Seu eu escolher a UERJ, ele vai me pegar para estudar o dia inteiro!...
> Isso gerou uma discussão com meu pai, que não concordou com minha escolha:

> — Mas... com o Américo como Diretor?!...
> Então, eu respondi:
> — Mas, é exatamente por causa disso que estou indo para o Fundão!...
> Tio Américo em momento algum comentou sobre minha opção, e quando lhe falei que tinha gostado muito de Fisiologia Cardíaca, ele arranjou um estágio para mim na Enfermaria do Nelson Botelho Reis, na Santa Casa. Que foi muito bom!...
> Quando eu estava no segundo ano da Faculdade, tio Américo apareceu lá em casa, com uma pilha de livros, quase da minha altura, dizendo que iria criar o primeiro "Clube do Tecido Conjuntivo da América Latina". Disse que contava comigo para recrutar uns três ou quatro colegas para fazermos parte do Clube, para estudarmos mais a fundo o tecido conjuntivo, devido sua importância em muitas doenças. Eu me assustei só com o tamanho dos livros!... Ele criou o clube, mas sem a minha participação. (Joaquim Coutinho).

O ex-diretor do Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes e atual Diretor do Centro Biomédico da UERJ, o professor/pesquisador José Jorge Carvalho nos apresentou sua experiência, que ocorreu pouco depois de ser contratado como professor da Faculdade de Ciências Médicas, para o Curso de Ciências Biológicas, modalidade Biomédica, quando participou do Clube do Tecido Conjuntivo:

> O Gerson Cotta Pereira era o professor titular da disciplina de Histologia e Embriologia da Faculdade de Ciências Médicas, mas também era professor da mesma área na UFRJ, e foi meu orientador no Mestrado lá na UFRJ. O Gerson formou-se em medicina, porém nunca exerceu a função de médico, pois seu interesse sempre foi a pesquisa. Ele foi um grande pesquisador!... Seu interesse maior na Histologia era o "tecido conjuntivo", o qual era seu foco na pesquisa.
> O Professor Américo Piquet Carneiro sabedor desse interesse e dedicação do Gerson à pesquisa, em particular na área do tecido conjuntivo, propôs uma aliança, e juntos criaram na própria Disciplina de Histologia e Embriologia um grupo interessado no estudo do tecido conjuntivo, que denominaram "Clube do Tecido Conjuntivo".
> Os membros do clube eram o Professor Piquet Carneiro, o Professor Gerson Cotta Pereira, o Professor William Mello Kattembach, eu – que já estava como professor-auxiliar da Disciplina – e a Professora Marlene Benchimol, acho, que depois foi para a UFRJ quando se casou com o Vanderlei de Souza. Acho que o Luiz Christóvão, atual Diretor da Policlínica Piquet Carneiro, também participou, como estudante. Ele era monitor de Histologia e, também, se interessou muito cedo pela pesquisa, nunca se interessou pela Clínica, embora tenha se enveredado durante algum tempo na área de Patologia Clínica. Mas, seu interesse maior sempre foi a Pesquisa. (Jorge Carvalho).

O empenho em criar esse Clube, faltando menos de três ou quatro anos para sua aposentadoria compulsória é sempre surpreendente. É como se estivesse esperando que alguém encampasse esse projeto e fosse em frente, descobrindo novos conceitos conectivos e procurando, com múltiplas parcerias, desvendar um pouco do muito que desconhecemos do tecido conjuntivo ou conectivo.

> As reuniões do Clube eram muito interessantes, ocorria em um dia fixo, sempre muito cedo, e tinha um café da manhã com direito a torradinhas e bolo. Era o próprio Gerson que providenciava esse café da manhã, e parecia ter uma ótima relação com o Professor Piquet. Acho que ele se sentia muito prestigiado pelo interesse e pela

> presença do Professor Américo Piquet Carneiro. Embora o Gerson tivesse um comportamento muito centralizador, não me recordo de nenhuma dificuldade entre eles, tanto que nossas reuniões começavam muito cedo, devido as atribuições do Professor Piquet no Hospital e na Faculdade. Sabíamos que ele era um médico muito respeitado e admirado, tinha sido Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, e a gente o via com grande admiração, por sua projeção na medicina do Rio de Janeiro, e mais ainda pelo interesse que ele demonstrava pelo nosso trabalho e por nossas pesquisas.
> Nessa época, eu já estava no Mestrado na UFRJ, sob orientação do Professor Gerson, e apresentava o que eu estava pesquisando e desenvolvendo, e ele estimulava muito nossas apresentações, especialmente aquilo que estávamos fazendo relacionados ao tecido conjuntivo, como era o caso da minha pesquisa de mestrado. Era muito estimulante para nós a presença e participação do Professor Piquet!... Ele trazia muito de sua experiência na Clínica, que era sua atividade predominante, e embora se mostrasse encantado com a atividade de pesquisa, estimulando-nos o tempo todo, ele ouvia muito mais que falava. Mas, não deixava de emitir suas opiniões e as excelentes recomendações para nós, jovens professores e pesquisadores. As reuniões duravam de uma hora e meia a duas horas, sempre em um dia fixo na semana, e o clube funcionou durante cerca de dois anos. Havia um registro em livro, tipo ata, mas não vi mais esse livro aqui no Instituto. É possível que tenha ficado com Gerson quando ele se aposentou. Como, infelizmente, ele faleceu, não temos como saber onde estão essas anotações, qual o destino desse material. (Jorge Carvalho).

Euzenir Sarno chegou a frequentar as reuniões do Clube e nos trouxe sua experiência:

> Quando o Professor Piquet Carneiro, junto com o Gerson Cotta Pereira, implantou o Clube do Tecido Conjuntivo, na Disciplina de Histologia e Embriologia, participei de muitas reuniões. Também queria aprender com eles: Doença do Colágeno, Imunologia do tecido conjuntivo, as pesquisas que estavam realizando!...
> Era um encontro sempre muito interessante. Eu já estava estudando Biologia Molecular por indução do Professor Piquet e me sentia muito à vontade naquelas reuniões. O Professor Piquet sempre incentivando todo mundo. Eu participava de uma forma muito reservada. Como ele, eu também não gostava de aparecer. Mas, posso afirmar com toda a franqueza: se não fosse ele, eu não faria o que fiz. Minha carreira seria totalmente diferente!... (Euzenir Sarno).

No dia 18 de outubro de 1976, dia de São Lucas, que é o "Dia do Médico", Américo Piquet Carneiro fez uma palestra em homenagem a esse dia no Hospital do Andaraí. Como em outras palestras em que parecia dar uma atenção especial, ao escrever o texto antes, ele enumerou todos os parágrafos do documento, dividindo-o e seções.[79] Transcrevo a introdução, pois era muito raro ele falar de si mesmo e de sua trajetória profissional, e nessa palestra ele fala, inclusive de amigos:

> Fiquei muito honrado com o convite que foi feito pelo Dr. Fernando Lessa para falar aos médicos do Hospital do Andaraí, no dia do médico. Não me sinto em um Hospital do INPS. Ao contrário, estou bem à vontade, pois, também trabalhei durante muitos anos no antigo Hospital do IAPETEC, desde 1949 quando era diretor o meu saudoso amigo Oswaldo Correia de Araújo. Durante mais de dez anos dirigi o serviço de Clínica Médica, o que muito ajudou a preparar-me para a carreira de professor. E ali também dei os meus primeiros cursos de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas. Sempre fui a favor da ideia de que os hospitais do INPS devem ser também

[79] Texto impresso gentilmente cedido por seu genro, Dr. Álvaro Pessôa, composto de 15 páginas e 85 parágrafos numerados a partir dessa introdução.

> hospitais de ensino. Defendi esta tese, certa vez, no Hospital da Lagoa e enviei àquele hospital alunos de nossa escola para ali fazerem i internato. Suponho que isso aconteceu pela primeira vez, em uma escola de Medicina no Rio. Estou aqui como na minha casa e muito honrado pelo convite, embora, um pouco receoso da tarefa de falar a um grupo de médicos de grande experiência e capacidade e de não ter nada de novo a dizer a tão seleta assembleia. (CARNEIRO, 1976, p. 1)

A primeira seção tem como título: "O médico e a sua missão". Estende-se do parágrafo 2 ao 23. Cabe destacar três parágrafos, como elementos que colaboram com nossa reflexão sobre sua forma de compreender a medicina e a educação médico, e onde ele foi buscar essas concepções:

> 4. Foi São Tomás de Aquino quem disse que "a pessoa é o que há de mais nobre, de mais perfeito em toda a natureza" (J. Maritain – A defesa da pessoa humana, pag.31).
> 5. A noção de pessoa foi desenvolvida pelo filósofo Jacques Maritain em precioso livrinho com o título "La personne et le bien commun" e numa conferência publicada em tradução espanhola em um livro "La defensa de la persona humana", conferência em que estuda as relações da pessoa humana com a medicina.
> 6. É muito importante, desde logo, distinguir indivíduo de pessoa. Pela nossa individualidade temos muita coisa em comum com os outros homens. Como pessoa nos distinguimos imediatamente uns dos outros. Dizemos que temos a nossa personalidade. Pode ser bem ou mal estruturada, mas é o que nos caracteriza. (CARNEIRO, 1976, p. 2).

A segunda seção, cujo título é "O médico como pessoa", encontra-se do parágrafo nº 24 ao de nº 30. Transcrevo esse último:

> 30. As exigências da ética médica aumentam muito numa época de grande liberalidade de costumes e de dificuldades financeiras. A manutenção de um bom comportamento profissional nos obriga a um contínuo exame de consciência. Não é outra a razão pela qual temos que apelar frequentemente para as nossas raízes espirituais e recordar no silêncio e no íntimo do coração os princípios que veem da nossa infância e os juramentos que fizemos ao assumirmos a nossa profissão. (CARNEIRO, 1976, p. 7).

A terceira seção tem como título "A pessoa do doente". São parágrafos um pouco mais longos, que tem início no de nº 31 e termina no nº 34. Transcrevo o primeiro:

> 31. O segundo tema desta palestra refere-se à pessoa do doente. Desejo antes de tudo referir-me ao paciente em geral e depois aos pacientes atendidos nos serviços públicos. Afinal é tendo em vista os cuidados com a pessoa doente que existe toda organização e todo o trabalho médico. Por outro lado, por mais desvalido e miserável que seja um ser humano, da criança ao velho, todos desejam e merecem cuidados e atenções especiais. (CARNEIRO, 1976, p.7).

A quarta seção, com um longo título: "A dignidade da pessoa do doente e da pessoa do médico". Compreende do parágrafo de nº 35 ao de nº 41. Destaco o de nº 39: "O que verificamos é que os médicos, mesmo nos países mais adiantados não estavam sendo preparados para o tipo

de medicina adequada às necessidades de saúde das populações menos favorecidas." (CARNEIRO, 1976, p. 10).

A quinta e última seção é a mais longa e inicia no parágrafo de nº 42 até o último, o de nº 65. Tem como título: "Uma nova perspectiva". Por se tratar de uma seção muito propositiva e permitir-nos vislumbrar uma parte de suas iniciativas, raramente enunciadas por ele mesmo, penso estar justificada a transcrição de quatro parágrafos:

> 42. Esta reforma deve ser obtida com a introdução de dois novos conceitos na preparação do médico: o da medicina social e o da medicina familiar.
> 43. Não se trata de incluir mais duas disciplinas no já sobrecarregado currículo médico, porém de dar aos estudantes uma perspectiva diferente dos problemas, incluindo na sua formação velhos conceitos há muito tempo abandonados. A medicina social deve ser a nota dominante desta nova perspectiva do ensino médico. Os métodos tradicionais de ensino não preparavam a juventude para as tarefas sociais que até agora estavam fora de suas cogitações.
> [...] 62. Em maio último estava no Rio, durante alguns dias o Dr. Kenneth Penrod, vice reitor para assuntos médicos da universidade da Flórida à qual estão ligadas sete escolas de medicina. Segundo ele nos expôs na Faculdade de Ciências Médicas já existe oficializado pelo Governo dos EE.UU. um programa de residência de três anos para formação e treinamento de médicos de família. O Dr. Penrod que é pessoa ligada à nossa faculdade já há mais de 10 anos nos enviou o programa de residência que fica à disposição, a qualquer momento, dos dirigentes deste hospital ou das autoridades do INPS.
> 63. Vê, portanto, que o nosso velho sonho da organização do Instituto de Medicina Social da Faculdade de Ciências Médicas não foi sem fundamento e é tanto mais justificado quanto mais o nosso país precisa da ajuda dos médicos para resolver os problemas básicos de suas populações urbanas e rurais. (CARNEIRO, 1976, p. 11-13).

Quase todos os colaboradores dessa nossa pesquisa falaram do educador, do médico, do humanista. Quase todos tinham conhecimento de sua religiosidade. Assim como sabiam que ele era infenso a proselitismos religiosos ou comentar sua participação em eventos religiosos. Ter sido médico assistente de alguns papas, quando vieram ao Brasil, só ficamos sabendo por familiares e fotos de sua presença em atividades oficiais do sumo pontífice. Por isso, li com uma certa surpresa o final de sua palestra, onde deixa transparecer, com muita ênfase, esse lado religioso, mesmo reconhecendo que o dia comemorado favorecia isto:

> O padroeiro dos médicos que é São Lucas, o grande evangelista, que era judeu, grego de nascimento, médico e pintor, que não conheceu o Cristo, pois foi convertido por São Paulo, que também não convivera pessoalmente com o Cristo, resolveu informar-se minuciosamente da vida de Cristo e dos apóstolos e de Nossa Senhora, passando por todos os locais onde tinham vivido. Pode assim escrever, além do seu evangelho, um notável livro que se chama Atos dos Apóstolos em que descreve os primeiros anos da Igreja de Cristo.
> Possa esse grande padroeiro dos médicos inspirar todos os nossos colegas para que exerçam a sua verdadeira missão, quase apostólica, de transformar o mundo de sofrimento e miséria que nos cerca, em um mundo de paz e felicidade que sejamos para todos os brasileiros. (CARNEIRO, 1976, p. 16).

Esses recortes de sua palestra permitem-nos captar no médico, o educador, no educador, o médico e, em ambos, o humanista integral. Humanista este que, a partir da sabedoria de seus mentores filosóficos – Tomás de Aquino e Jacques Maritain –, exercita o método "distinguir para unir": valorizando trajetórias, apontando caminhos e descortinando o horizonte do seu "ideal histórico". Do exercício pleno e ético do "bem comum temporal": Educação e Saúde, para que a "pessoa humana" tenha sempre sua dignidade respeitada, independentemente de suas condições sociais ou de qualquer outro critério hierarquizante dessa sociedade individualista e negligente.

No parágrafo nº 63 de sua palestra ele faz referências ao Instituto de Medicina Social, que nasceu de uma disciplina da Faculdade, e sua intenção seria de que ele permanecesse muito próximo da FCM, mas aos poucos o IMS foi ganhando fôlego para se distanciar da FCM e transformar num grande núcleo de produção científica e de pós-graduação. Jane Sayd, que estava começando seu Programa de Residência Médica em Medicina Social em 1976, relatou ter percebido o momento em que isso acontecera e sua interpretação dos sentimentos do Professor Piquet:

> Então, eu fui fazer Medicina Social e notei que o Professor Piquet estava desgostoso com o afastamento do Instituto de Medicina Social da Faculdade de Ciências Médicas, pois seu grande sonho era o Ensino Médico, onde o ensino da medicina social era essencial para o seu ideário da formação médica. Acho que ele ficou um pouco magoado com esse distanciamento do Instituo de Medicina Social, acho que ele procurava um jeito de mantê-lo mais próximo da Faculdade de Ciências Médicas, mas o IMS partiu em seu "voo solo", talvez como estratégia de sobrevivência, mesmo!... (Jane Sayd).

Jane fala de sua experiência de qualificação acadêmica no próprio IMS e seus contatos formais e informais com o Professor Piquet:

> Quando comecei o Mestrado em Medicina Social, a escolha do tema de minha dissertação estava relacionada com preocupações que trazia desde o tempo de estudante e de minhas atividades na monitoria: meu interesse pela pessoa do médico. Que categoria estranha é essa?!... Que acha que é um profissional liberal, mas sabe que não o é mais. Que engana, mente, diz que trabalha 80 horas ou mais, mas que descumpre horário em quase todos os locais de trabalho?!... Onde muitos não têm nenhuma consideração pelo sofrimento dos pacientes.
> Uma experiência de desumanidade me marcara muito ainda no tempo de estudante, quando fiz estágio em uma conhecida Maternidade, onde assisti cenas horríveis!... Dei uns 8 ou 9 plantões e abandonei o estágio. Então, minha dissertação foi sobre o "mercado de trabalho médico", bem seco e direto: quantas horas trabalha?!... Onde trabalha?!... Depois, procurava superpor, o que quase sempre era impossível!... Às vezes, conseguia chegar a 70... 80 horas reais!...
> Encerrada a dissertação, eu convidei o Professor Piquet para a "banca!..." Entreguei a dissertação para ele, para o Aloysio de Paula e para o Rodolpho Rocco, da Faculdade de Medicina da UFRJ. Um colega mais experiente, falou:

> — Essa banca que você escolheu é um horror de dura!...
> Fiquei preocupada, pois a havia escolhido junto com meu colega Antônio Augusto Quadra, no entusiasmo da admiração. Tentou ainda me alertar que eram professores de uma época já ultrapassada, mas contra argumentei que talvez apenas um deles o fosse!... E não era o Professor Piquet!... Enfim, chegou o dia da apresentação e defesa, e o Professor Piquet foi o primeiro a falar, e faz um elogio que me deixou muda, desconcertada, com vontade de "correr para o banheiro":
> — E foi para ler essa tese que eu fundei o Instituto de Medicina Social. Um trabalho bem feito, perfeito, sobre a realidade que nos cerca, que é muito útil e importante.
> E continuou discorrendo sobre minha pesquisa de tal forma que quase não consegui argumentar: "Professor, sua generosidade..." Então, quando chegou a vez do Professor Aloysio de Paula, este disse que eu "parecia uma alemãzinha"... que era "a rainha do método"!... E, eu, naquela insegurança que se tem quando jovem, com aquela novidade que representava a Medicina Social, onde ninguém tinha segurança de coisa nenhuma naquele grupo inicial do qual eu fazia parte, ainda mais sendo a "caçula"!...
> O Professor Rocco ressaltou, criticando que eu citara pouco o Sindicato dos Médicos, que financiara a Pesquisa, e que isto seria muito importante. Argumentei mostrando minha preocupação sobre o momento em que vivíamos, 1980, ainda em plena ditadura, e nos riscos que implicaria agradecimentos muito explícitos ao Sindicato, para a aprovação e divulgação da dissertação no interior de uma Universidade sob vigilância do regime militar.
> Enfim, fiquei agradecida e ainda mais reverente ao Professor Piquet, que já estava aposentado, com mais de 70 anos de idade, e entrara no que chamamos de "expulsória", mas acho que continuava como "Professor Emérito".
> O Professor Piquet tinha uma sala destinada a ele no Instituto de Medicina Social, como uma justa homenagem pelo seu papel na sua fundação, mas ele não a utilizava muito... às vezes, aparecia por lá e a gente conversava, tomava café... eu ficava sempre muito intimidada na presença dele, mas ele me tratava com muita consideração, quase como se eu fosse um "par" dele, mas eu me sentia quase como uma "neta", pois o considerava alguém muito especial!... (Jane Sayd).

Todos esses aspectos que Jane expõe, em que ela interpreta algum tipo de insatisfação ou injustiça para com ele, merecem alguns comentários. Eu nunca soube que ele tenha se queixado com alguém sobre isso. É bem provável que nenhum de seus grandes legados tenha seguido rigorosamente o caminho que ele imaginara, quando de sua definição. Quase todos afastaram de suas expectativas iniciais, alguns, de forma mais radical, como Jane reconhece no caso do IMS, até mesmo em diametral posição em relação ao seu perfil ideológico.[80] Mas, que eu saiba, ele jamais se queixou disso. Penso que isso está diretamente ligado à sua concepção de educação fundamentada nos conceitos de Jacques Maritain: uma sustentação conectiva para que a pessoa desenvolva plenamente suas potencialidades, para que se torne o que já é, em potencial ou em espírito. Se isso vale para qualquer pessoa humana, ele, provavelmente, percebia como válida também para organizações formadas por pessoas humanas.

> Algum tempo depois, ele passou a me convidar para acompanhá-lo em alguns encontros, especialmente ao gabinete do Raphael de Almeida Magalhães, quando este

[80] Jane Dutra Sayd, defendeu sua tese de doutorado, alguns anos após a morte do Professor Américo Piquet Carneiro, que foi transformada em um livro pela Editora da UERJ, com o título: "Mediar, medicar, remediar: aspectos da terapêutica na medicina ocidental". Em sua dedicatória do livro, consta: "Esse trabalho é dedicado à memória do Professor Américo Piquet Carneiro." (SAYD, 1998, p. 5).

> se tornou Secretário Estadual de Educação, no governo do Moreira Franco, onde estive algumas vezes com ele, que buscava apoio para a criação da Universidade da Terceira Idade. Parecia que o Raphael não queria dar, por não acreditar na UERJ, chegou mesmo a insinuar que esta não era uma Universidade, mas um mero "estacionamento", o que me magoou e me fez descobrir que meu vínculo com a UERJ era mais profundo do que eu imaginava.
> O Professor Ivo Barbieri era o Reitor da UERJ nessa época, em que eu ficava desconcertada com os gestos cavalheirescos do Professor Piquet que, ao acompanha-lo, não me permitia sair do carro sem que ele abrisse a porta e, em seguida, me apoiar pelo cotovelo para atravessar a rua, após entregar as chaves ao manobrista. Acho que eu me sentia cortejada como poucas vezes fui em minha vida. Nunca soube por que ele tinha tanta consideração por mim!... (Jane Sayd).

Em março 1978, em Campinas/SP, em um Seminário Internacional, organizado pela ABEM e Fundação Kellogg, com apoio da Organização Pan Americana de Saúde e da própria UNICAMP, sede do evento, Américo Piquet Carneiro fez uma palestra com o título: "A Medicina de Família", que foi publicada na íntegra em um dos primeiros números da recém criada *Revista Brasileira de Educação Médica*, nesse mesmo ano. Foi uma palestra longa, onde inicialmente ele apresentou o "estado da arte" da medicina de família no mundo, sua história, seus fundamentos e apontou rumos. Essa foi uma palestra histórica e, num certo sentido, pioneira. Ocorreu, aproximadamente seis meses antes da Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, que ocorreu, em Alma-Ata, no Cazaquistão, na antiga União Soviética, promovida pela Organização Mundial da Saúde. Muitos dos conceitos e diretrizes trabalhadas nesse evento, de onde emergiu a "Declaração de Alma-Ata sobre Cuidados Primários de Saúde", Piquet Carneiro antecipou com quase seis meses de antecedência. A utopia que percorreu o mundo, de que essa estratégia de implantação sistêmica dos cuidados primários de saúde recebeu um bordão que foi chamado: "Saúde para Todos no Ano 2000", que recebeu a sigla: "spt2000".

Próximo ao final de sua palestra, Américo Piquet Carneiro demonstrou todo seu otimismo em relação à educação médica:

> Acreditamos, portanto, que o ensino da medicina no Brasil já está bastante amadurecido para assimilar os fundamentos da medicina de família e a por em prática. De outro lado as estruturas institucionais de assistência médica do país já adquiriram bastante experiência para perceberem que a formação do médico de família é, também, um assunto que lhes diz respeito. (CARNEIRO, 1978, p. 47).

Mais uma vez ele procurou concluir seu trabalho citando seu filósofo predileto, Jacques Maritain, tentando reforçar na mente dos educadores e médicos a fé e a esperança de que

podemos transformar nossos valores e construir um mundo melhor. Utopia? Seu filósofo denominou isso de "ideal histórico concreto", e distinguiu os dois termos.[81]

Para que o médico de família cumpra sua missão histórica faz-se necessário que as instituições de ensino, os organismos de saúde e as entidades profissionais assimilem integralmente seus fundamentos. É exatamente essa "filosofia de assimilação" que Piquet Carneiro procurou nos trazer de Maritain:

> Os séculos passados assistiram a uma realização dos princípios personalistas que, neste terreno, são indispensáveis. Refiro-me ao caráter pessoal da relação médico-paciente, a esse caráter pessoal em que tão justamente insistiu Duhamel. A medicina era, então, uma profissão liberal por excelência e o médico era médico de uma família que o escolhia livremente, e acima de tudo, seu amigo e conselheiro. Porém não esqueçamos que este bem foi pago, – sobretudo no século XIX, na época do liberalismo burguês a um preço muito alto: refiro-me ao esquecimento e ao desconhecimento do outro aspecto do problema, o aspecto do bem comum, o aspecto comunitário. Este meu ponto de vista tem dois aspectos: por parte do médico, o mal estruturado estado da profissão médica, entregue a um individualismo sem a regulação superior do bem-comum; por parte do enfermo, o fato de que somente alguns gozavam normalmente do privilégio de ter um médico da sua escolha; a metade da população, pelo menos, não possuía recursos para isso. Sem dúvida, esta deficiência em parte, foi resolvida, porém começou um processo cego de compensação pelo estatismo a que acabo de aludir. Temos portanto, de buscar uma realização nova – uma realização de tipo essencialmente diferente dos princípios personalistas e comunitários que dominam o problema do alto. Convém observar, antes de tudo – digo, com reserva, porque estou pisando num terreno em que não tenho competência profissional – que a noção de organização e de racionalização da profissão médica é completamente diferente da de estatização. E, em segundo lugar, convém observar, sobretudo, se os fatos relacionados com o problema são como indiquei, não seria questão de conciliar a livre escolha (porque até certo ponto a livre escolha parece incluída no personalismo de que falamos) com a gratuidade da assistência que parece corresponder ao interesse do bem-comum? (MARITAIN, 1949 *apud* CARNEIRO, 1978, p. 48).

Esta citação, em parágrafo único, reforçou em nós sua convicção de que a educação médica adequada e comprometida em contribuir para a solução das iniquidades sociais, tornou desnecessário – e seria até prejudicial – todo processo de estatização da assistência à saúde. Muitos diriam que essa é uma oposição ingênua e idealista, que não alcançaria nenhum resultado no tipo de sociedade que vivemos. Mas é preciso acompanhar toda a trajetória de Américo Piquet Carneiro, antes mesmo de se dedicar mais à educação médica, quando se envolveu com modalidades de ação social afastada da educação médica. Como o "Cooperativismo" e a "Liga Brasileira de Assistência", por exemplo. Por outro lado, sua compreensão com suas leituras de "O homem e o Estado", de Maritain, que o Estado brasileiro em nenhum momento se mostrou zeloso com a gestão do "bem-comum temporal", permitiu-

[81] "Pensamos, todavia, que a noção de ideal histórico concreto e um justo uso dessa noção permitiriam a uma filosofia cristã da cultura preparar realizações temporais futuras sem precisar passar por uma tal fase, nem recorrer a qualquer utopia". (MARITAIN, 2018, p. 136).

lhe sonhar e buscar alternativas aos modelos vigentes no mundo moderno. Seria sua inabalável crença no "ideal histórico de uma nova cristandade", de Jacques Maritain?

As percepções de que Américo Piquet Carneiro foi sempre um "sonhador", um "visionário" e, até mesmo, "um santo sem batina", muitas vezes com conotações pejorativas, recebeu uma ironia ferina de uma colaboradora desta pesquisa, Jane Sayd: [82]

> Relembro minhas idas ao Centro Biomédico e à Faculdade de Ciências Médicas, acho até que eu era mais prestigiada porque as pessoas sabiam de minha ligação com o Professor Piquet. Por isso, me chamavam para discutir sobre melhorias na formação dos docentes. Lembro da gestão do Professor Homero Salazar na direção da Faculdade, uma vez em que fui chamada, estava lá o Francischetti, também. Chego um pouco antes, e escuto as conversas:
> — Não!... O Piquet é uma pessoa ótima, ninguém pode questionar o Piquet. Mas, ele é um sonhador, não é?!... Um sonhador!..."
> Eu olhava em volta, calada, pensava nas coisas que ele idealizou e buscou concretizar, e quase reagi, gritando:
> — Só se for um sonhador em 3D!... Olhem para esse Prédio!... Não se chama Américo Piquet Carneiro por acaso!... Ele foi o grande batalhador para trazer o Hospital Pedro Ernesto para a UERJ para a UEG!... Foi um grande batalhador pelo Instituto de Biologia!... Para o Instituto de Medicina Social!... Pelo NAI!... pela UNATI!... Pelo Ambulatório de Medicina Integral!... O AMI... o AMI!... O homem me traz o "Hospital-Escola de Flexner em 1910" para a UEG, e junto, já está trazendo a Integração Docente-Assistencial!... Que sonhador é esse?!... Tudo que ele batalha dá certo!... Que sonhador é esse?!... Só se for um 'sonhador em 3D'!...
> E começava a rir sozinha ali, na sala de espera, enquanto aguardava a reunião. (Jane Sayd).

Em 1980, provavelmente seis meses após sua aposentadoria compulsória, por ter alcançado a idade-limite à época, em 8 de setembro de 1979, ao completar 70 anos de idade, proferiu mais uma aula inaugural na UERJ. O tema foi: "Atualidade do envelhecimento dos povos".[83] Não sabemos se já se encontrava na condição de "professor emérito" da UERJ. Provavelmente, ainda não, pois isso passa por várias instâncias na Universidade, até ser aprovado por um ou mais conselho superior e homologado pelo Reitor. Seis meses costuma ser um tempo curto, mesmo para alguém tão consagrado dentro da Instituição.

Como em outras palestras em que conseguimos cópias escritas, essa também se encontra com os parágrafos numerados em sequência, em um total de 87 parágrafos, seguido de uma lista de 25 referências bibliográficas. Desde então, a questão do envelhecimento populacional e da saúde do idoso será sua grande bandeira de luta no interior da Universidade.

---

[82] TÁVOLA, 1993, n. p.

[83] Texto gentilmente cedido por seu genro, Dr. Álvaro Pessôa, encontrado entre os papéis de seu escritório. Consta apenas a autoria e a data, não consta o dia e o local da palestra.

CAPÍTULO VI:

UMA PEDAGOGIA PELO EXEMPLO

> "O caminho que o professor escolheu para aprender foi ensinar. No ato do ensino ele se defronta com as verdadeiras dificuldades, obstáculos reais, concretos, que precisa superar. Nessa situação ele aprende".
>
> *(Álvaro Vieira Pinto)*

Seus últimos anos de vida foram de renhida batalha no interior da UERJ – começando pelo Hospital Universitário Pedro Ernesto – pela implantação de estruturas que estudassem, pesquisassem, praticassem e aplicassem conhecimentos e tecnologias para desenvolver e atender necessidades da pessoa idosa.

Ver, e conviver, com aquele velhinho, cada vez mais encurvado pelo peso dos anos, aproximando de sua nona década de vida, circulando nos impessoais e frios corredores de repartições públicas, com uma coragem e determinação de fazer inveja a qualquer robusto jovem, foi um dos maiores privilégios que tive em minha vida.

É bom lembrar que nessa época, anos 80, não havia "Estatuto do Idoso" – que só foi estabelecido bem mais tarde, após sua morte – e nenhuma preocupação institucional com acessibilidade. Um idoso, subindo com dificuldades, uma escadaria de Universidade, por exemplo, acarretava comentários, como: "O que esse velho veio fazer aqui? Universidade não é lugar para velho!..."

O documento[84], "Atualidade do envelhecimento dos povos", certamente o resultado de muitos anos reflexão, vindo a ser o fundamento da cruzada a que se propôs nos 13 anos seguintes. É uma cuidadosa análise sociológica, antropológica, sanitária, demográfica e política do envelhecimento no mundo e os riscos que isso representa para o mundo e o nosso país. Quanto aos idosos da época, eles já estavam pagando por isso!... Vou transcrever apenas o último parágrafo pelo caráter propositivo que contém:

> O envelhecimento populacional será, seguramente, um dos maiores problemas sociais a se enfrentar, em futuro próximo, em todo o mundo. É urgente, portanto, que os governos e as universidades comecem a dar atenção a essa questão, organizando centros ou institutos para o estudo dos aspectos biológicos e sociais do envelhecimento e elaborando programas para recuperação e utilização da imensa força de trabalho que representa uma grande percentagem de pessoas que se aposentam cedo, ainda com muito vigor físico e intelectual que o país não pode desprezar. (CARNEIRO, 1980, p. 22).

---

[84] Documento gentilmente fornecido pelo Dr. Álvaro Pessôa, com 25 páginas no total, sendo três de referências. Como em outros documentos de autoria do Professor Américo Piquet Carneiro, os parágrafos estão numerados, de 1 a 87, ocupando 22 páginas.

Depois de Américo Piquet Carneiro tornar-se “Professor Emérito”, sem os encargos formais de um docente com obrigações curriculares, pelo menos quatro projetos ele desenvolveu e buscou, com a determinação citada acima, fazer chegar a bom termo. Dois deles, podemos afirmar que finalizou em vida. Os outros dois, foram formalizados após sua morte, mas ninguém pode desvinculá-lo de suas origens, até porque um deles leva seu nome e o outro ninguém pode falar de suas origens sem se lembrar dele. São eles, respectivamente:

O primeiro, mantendo o que sempre realizou como professor, reuniões com grupo de alunos de medicina para discutir textos, casos clínicos e fomentar o estudo da medicina para além da sala de aula e das enfermarias. Apresentaremos as experiências de dois de seus alunos de um dos grupos, que se matricularam na FCM em 1981 e se formaram em 1986, sendo um deles o atual Diretor da FCM.

O segundo projeto foi implantar o Núcleo de Atenção ao Idoso, no âmbito do Hospital Universitário Pedro Ernesto, que ele conseguiu finalizar sua implantação em 1990, próximo a completar 81 anos de idade, tornando-se seu primeiro coordenador, função que tive a honra e o privilégio de assumir – sem substituí-lo, é claro – após seu desaparecimento.

O terceiro projeto acalentado era prover a Faculdade de Medicina e demais unidades acadêmicas da área da saúde de um grande ambulatório. Inicialmente lutou para conseguir meios e recursos para construir um prédio de 12 andares na área de estacionamento do HUPE, na frente do Centro Radiológico. Depois sonhou e lutou por uma parceria com o antigo Posto de Assistência Médica do antigo INAMPS, localizado à Avenida Marechal Rondon, para que se transformasse em um Ambulatório de Ensino. Não o conseguiu em vida, mas deixou tantos epígonos e admiradores, que foram muito além da parceria, com a cessão do Ministério da Saúde para a Universidade, do antigo PAM São Francisco Xavier, situado à Avenida Marechal Rondon, nas proximidades da UERJ, que foi rebatizado de Policlínica Piquet Carneiro, ou carinhosamente, de PPC como é tratada na intimidade. Uma justa homenagem a quem idealizou e criou as condições que viabilizaram tal projeto, mesmo após sua morte.

O quarto e último grande projeto, para o qual já havia plantado uma semente no HUPE – segundo projeto, desta sequência –, e que foi o verdadeiro embrião do quarto: a Universidade Aberta da Terceira Idade/UnATI, no âmbito de toda UERJ, pioneira no Brasil, nesse formato de “Micro Universidade Temática”, da qual tive a honra de ser o primeiro coordenador da área de extensão. Sua implantação formal ocorreu somente após sua morte, atos universitários conquistados por um de seus epígonos: o Professor Renato Peixoto Veras, do Instituto de Medicina Social da UERJ.

Em relação ao primeiro projeto, dois dos colaboradores desta pesquisa que, na época, eram alunos do quarto ano de medicina nos apresentaram suas experiências das atividades programadas e desenvolvidas pelo Professor Emérito, Américo Piquet Carneiro.

O primeiro, Mario Fritsch Toros Neves, é atualmente o Diretor da Faculdade de Ciências Médicas, cargo para o qual foi eleito por docentes, servidores e alunos, atualmente em sua segunda gestão (foi reeleito em 2018), que descreveu as atividades em grupo, coordenadas pelo Professor Piquet:

> O contato com o Professor Piquet ocorreu justamente no ano seguinte, no quarto ano da Faculdade. A gente o conhecia de vista, e sabia que ele era uma grande referência lá. Quando iniciamos o quarto ano na Clínica Médica, ele pegou um grupo de alunos interessados de minha turma, um grupo de dez alunos, para discutir as Doenças do Colágeno, como se chamavam, à época.
> A gente se reunia naquela sala em frente a Secretaria do Francischetti, tipo um "clube de revistas", toda semana, num horário à tarde. O quarto ano é sempre um pouco mais flexível em relação a horários, e ele marcava com a gente em um horário fixo, para discutir artigos científicos. Discutíamos sobre Lupus, uma doença da qual se falava muito à época, embora não com as características de hoje. Outra, que me lembro, era Gota, em que começava a discutir desde a parte básica do processo inflamatório até as manifestações clínicas. E era uma atividade que a gente gostava muito, tanto que era uma atividade opcional, somente para pessoas interessadas, e a gente não faltava, uma vez sequer. (Mário Fritsch).

Não sabemos quantos grupos ele formou durante seus mais de 10 anos de professor emérito. Sua postura reservada e o caráter voluntário e pessoal da constituição e condução dos grupos, somente permitiria identificá-los fortuitamente. E foi o que aconteceu com ambos os colaboradores, Mário Fritsch e Rosimeire Teixeira. Conversando sobre meu interesse em estudar sua vida, ambos, em momentos diferentes, narraram a experiência que ficou registrada em minha memória, até iniciar essa pesquisa e incluí-los na rede acadêmica. Chamou nossa atenção depois de quase 30 anos de suas últimas teses, doenças autoimunes, fisiopatologia e processos inflamatórios continuarem no mesmo foco de importância e os estudantes gostarem tanto da experiência.

> O que chamava muita atenção para a gente, era justamente o interesse que ele tinha nisso, porque ele não tinha nenhuma obrigação, nenhuma exigência institucional para ficar com a gente. Partiu dele mesmo a iniciativa de procurar os alunos interessados, parecia gostar desse contato com pessoas mais jovens, alunos, para poder estimular a estudar, fazer a gente estudar!... Isso foi em 1984, e a gente sabia que ele não tinha nenhum cargo oficial na Faculdade, mas como aluno a gente não se incomodava, isso não fazia a mínima diferença para nós!
> O grupo era muito assíduo, era eu, a Lúcia, que hoje é minha esposa, a Sandra e Marcelo, que depois foram fazer Pediatria, a Stella, enfim, um grupo de 8 a 10 alunos, que era o nosso grupo mesmo, em que a gente estava muito ligados.
> O que mais chamava a nossa atenção na postura do Professor Piquet era o caráter desproporcional dessa atenção que ele nos dava. Nós sabíamos que ele era uma pessoa muito importante, uma pessoa que todo mundo respeitava, alguém de grande

> referência e influência e, ao mesmo tempo, uma pessoa simples, com essa vontade de querer ficar com a gente... e nós éramos apenas alunos, que estavam de passagem ali, mas a gente percebia um certo brilho nos olhos dele quando ele estava com a gente. Um interesse, assim, totalmente incondicional por parte dele. A gente não percebia nenhum outro interesse oculto por trás, parecia ser uma coisa tão natural nele, tão espontânea, que não havia nenhuma margem para pensar em algum interesse por trás de sua iniciativa. Isto certamente me influenciou e continua influenciando até hoje!... (Mário Fritsch).

Nossa outra colaboradora dessa pesquisa, Rosimeire Teixeira, colega de turma do Mário Fritsch, é atualmente Professora/pesquisadora do Departamento de Medicina Integral, Familiar e Comunitária da Faculdade de Ciências Médicas. Relembrou com carinho e gratidão sua experiência no grupo e fez comparações com outros professores:

> A gente se reunia em um dia fixo da semana, à tarde. Foi o Professor Américo Piquet que primeiro apresentou a Medicina de Família. Lembro que a gente leu um artigo sobre Medicina de Família. Eu nunca tinha lido nada igual!...
> Não me recordo como fui parar no grupo, nem como a organização do grupo começou. Provavelmente, cheguei ao grupo por algum contato que mantinha com as pessoas. Mas, participei das reuniões o tempo todo. Lembro da Lúcia, do Mário... lembro de Stella... de Rita... lembro da Rosângela... lembro da Denise – que depois fez Dermatologia –, acho que o Paulão... que fez Pediatria... Rosa, também... acho que Luiz Paulo, também. Não passavam de dez pessoas. Acho que o Professor Piquet já estava aposentado, não tinha nenhuma obrigação institucional de estar ali com a gente. Ele era uma pessoa sempre muito doce, sempre muito receptiva. A sensação que dava é que ele queria tanto ficar próximo do aluno, queria tanto continuar estudando e aprendendo, ensinando o que sabia... que ele estava sempre disponível para a gente!... (Rosimeire Teixeira).

"[...] queria tanto continuar estudando e aprendendo..." O que leva uma pessoa quase octogenária a querer isso?!... E... mais, juntar-se a um grupo de jovens para tal? Que lições podemos extrair desse comportamento?!...

> O Professor Piquet fazia com que a gente escolhesse o assunto que queria discutir, por isso que às vezes tenho a sensação que esse grupo se reunia no quinto ano e não no quarto ano, porque eu escolhi falar de "cetoacidose diabética", e foi no quinto ano que passei pelo CTI e vi paciente com esse quadro. Nunca tinha passado pela minha cabeça fazer Endocrinologia. Acho que a Endocrinologia começou aí!... No CTI, tirando paciente de cetoacidose... de coma diabético... e com o Professor Piquet, porque no dia que fiz a apresentação de cetoacidose, eu lembro bem daquela carinha dele... muito educada... falando:
> — Muito bem, minha filha... foi muito bom!..."
> Ele me pareceu muito sincero, ao dizer isso. Impressionante como essas coisas marcam!... Lembro do semblante dele... todo feliz... porque eu tinha feito uma apresentação muito boa. E eu fiquei muito feliz, também. Nem todo professor consegue fazer a gente se sentir bem... que valeu a pena você estar ali estudando. A maioria tenta te menosprezar, te "puxar o tapete". Isso para mim foi marcante. Muito marcante: receber elogio do Professor Américo Piquet!... Acho que ele foi um dos responsáveis em me estimular na ideia de fazer Endocrinologia.
> Além do grupo funcionar em dia fixo no Hospital, ele ainda convidava a gente para se reunir em seu Consultório. A gente levava artigo para discutir. E fomos muitas vezes em seu Consultório na Avenida Princesa Isabel, no Leme. Era quando ele oferecia um banquete para gente: tinha tortas... tinha empadão... tinha pastel... uma

> mesa enorme de comidas. Eu ficava com vergonha. Então, era assim... sempre muito gentil... sempre te estimulando a estudar mais... a fazer melhor... jamais te criticando... te jogando pra baixo... sempre te apoiando... te incentivando!...
> Em relação a mim, só lembro de elogios, o que, provavelmente, ele fazia a mesma coisa com todo mundo. Porque ele estava ali... estimulando a aprender. Acho que já cansei de contar isso para muita gente: o que é um verdadeiro professor!... O que é mais frequente na Faculdade?!... O que a gente está mais acostumado?!... De te questionar... te botar para baixo... que fala que você está sempre errado. Lembro de um desses que me marcou negativamente. Foi na Clínica Médica, um desses professores que querem "puxar teu tapete", ao perceber que você não sabe uma determinada parte do tema, fica preso naquele canto para marcar que você não sabe. Alguns pareciam sentir um certo prazer em ver o aluno sair chorando... humilhado e assustado. Um desses professores pediu para eu formar um cacifo[85] no paciente, aí eu botei meu dedo na gordurinha da perna do paciente ao invés do local adequado, ele fez um escândalo!... Já havia feito um escândalo quando comecei a apresentar a anamnese, falando que estava errada. Eu disse:
> — Tá errado não!... O senhor não me deixou terminar de falar?!...
> Ele só dava nota de 4 pra baixo. Para mim deu 8... não deu 4, porque eu o enfrentei!... Ele se aproveitava da insegurança das pessoas. (Rosimeire Teixeira).

Mário Fritsch relata também sua experiência da atividade em grupo se estender para o consultório dele, depois, quando já estava no internato:

> Ainda durante nosso internato, em 1986, o Professor Piquet nos levou para o consultório dele na Princesa Isabel, em Copacabana. Éramos um grupo de alunos, e ele nos orientava como fazer eletrocardiograma.
> — Vamos fazer "eletro"[86]. – Ele dizia.
> E fazíamos na gente, mesmo. Um dia em que fez meu eletrocardiograma, chamou a atenção para minha frequência cardíaca mais baixa e que eu tinha uma onda T apiculada. Na época eu era um atleta... jogava muito vôlei de praia. Ele disse:
> — Ih!... Você tem uma onda T apiculada.
> Começou a discutir com a gente as causas de onda T apiculada... e tal. Era assim, ele gostava de jogar algumas coisas para a gente, para estimular algumas curiosidades e motivar nosso aprendizado.
> Nesse grupo, alguns daqueles alunos do quarto ano já tinham saído, mas tinham vindo outros. Lembro que, além de Lúcia e eu, tinha a Rosimeire Teixeira, a Stella, a Rita de Cássia, que depois trabalhou com Andréa no "Projeto Rio de Janeiro[87]", do Professor Ayrton Brandão. Foi uma experiência de muito aprendizado no consultório dele. (Mário Fritsch).

Um aspecto interessante e ilustrativo da magia dos encontros – o que para muitos pode representar mera coincidência – foi o fato de Mário Fritsch, que atualmente está "sentado na cadeira" que foi de Américo Piquet Carneiro por 7 anos, ter tido algum tipo de participação em todos esses quatro projetos. Vejamos como ele descreveu isso que só fiz a conexão agora, ao

---

[85] Sinal de edema (inchaço) caracterizado por depressão que se produz na pele "quando se comprime a parte edemaciada contra um plano ósseo resistente, como tíbia, a protuberância dos maléolos, o dorso dos pés etc." (VIEIRA ROMEIRO, 1980, p. 44).

[86] Forma reduzida e coloquial entre profissionais de saúde para designar exame de eletrocardiografia ou o próprio registro em papel ou monitor.

[87] Projeto de Pesquisa, desenvolvido no Município do Rio de Janeiro, com o estudo de hipertensão arterial e fatores de riscos cardiovasculares no segmento mais jovem da população (incialmente, crianças e adolescentes, depois, adultos jovens), conduzido pela professora/pesquisadora Andrea Brandão da Cardiologia da FCM/HUPE e idealizado por seu pai, o Professor Aposentado da FCM, Ayrton Brandão.

aproximar esses projetos. Vamos seguir a ordem apresentada aqui, começando pelo Núcleo de Atenção ao Idoso/NAI, do HUPE:

> Então, eu vi o nascimento do NAI, do Núcleo de Atenção ao Idoso. Ele procurou formar uma equipe com dois médicos, uma nutricionista, uma fisioterapeuta, uma psicóloga... ele já sabia da importância do trabalho multidisciplinar. Acompanhei essa montagem muito de perto, pois, Lúcia, minha esposa, foi a primeira médica que ele chamou, junto com Paulo Henrique, que foi o outro médico. Chamou também a Marcia, nutricionista, hoje, esposa do Mandarim. A Psicóloga foi a Carla e a enfermeira foi a Célia Caldas, hoje, professora da Faculdade de Enfermagem. Enfim, formou uma equipe multiprofissional que se ajudava. (Mário Fritsch).

Seguimos com o relato de sua experiência junto ao Professor Piquet, com seu projeto de um grande ambulatório para o ensino:

> O Professor Piquet passou a convidar a gente também para outras coisas. Por exemplo, lembro de ter nos levados ao PAM Marechal Rondon – atual Policlínica Piquet Carneiro –, falou para a gente:
> — Vamos lá... conhecer.
> Ele já vislumbrava como um espaço importante para a Universidade. Acho que isso foi em 1985 ou 1986, não foi na época do grupo de discussões, não. Fomos com ele... conhecemos o PAM e ficamos muito impressionados, pois havia um enorme movimento de atendimento pela manhã. Ele dizia:
> — Isso aqui é o maior Posto de Assistência Médica da América Latina e, para a Universidade, é importantíssimo!
> Penso que, entre os muitos momentos significativos de minha convivência com o Professor Piquet, o mais significativo de todos foi quando ele nos levou ao PAM São Francisco Xavier, em Marechal Rondon, que hoje é a Policlínica que leva seu nome. Mais uma vez, ele não tinha obrigação nenhuma de levar alunos àquele local. Qual a importância?!... (Mário Fritsch).

É difícil essa pergunta não passar pela nossa mente: será que ele tinha algum tipo de intuição que algum dos alunos que ele levou para conhecer essa unidade de saúde, viria a ocupar uma posição que pudesse tomar decisões para ampliar o ensino no ambulatório?!... Será que passava por sua cabeça que algum desses alunos estaria ocupando o mesmo cargo que ele havia ocupado?!... Mário Fritsch, continuou:

> Mas, a gente percebia que ele queria nos motivar para que enxergássemos mais para frente, e com isso conseguir que os jovens, de alguma forma, dessem mais força para ele conseguir seu objetivo, que a gente pudesse ajudar, divulgar, capilarizar e mostrar a importância e o tamanho daquele projeto. Porque, certamente, ele sabia das enormes dificuldades, como até hoje ainda existem, mas ele não desistiu!... A gente ficava com a impressão de que, quando ele estava determinado para alguma coisa, ele sabia que iria ter dificuldades, mas ficava sentado lá, deixavam as pessoas passarem, mas ficava até conseguir!... Não batia na mesa, não gritava com ninguém... podia esperar um mês... dois meses... um ano... dois anos, mas acabaria acontecendo! (Mário Fritsch).

Por fim, suas lembranças em relação ao último projeto – a Universidade Aberta da Terceira Idade:

> Depois, nos levou ao Campus Negrão de Lima para nos mostrar o espaço físico destinado à UNATI, mas isso foi bem depois. Foi depois de termos terminado a Residência Médica.
> Procurava com isso nos apontar sobre a importância de estudar o envelhecimento. Uma das frases que eu ouvi dele, mais de uma vez, foi:
> — O mundo não está preparado para as pessoas idosas, para o envelhecimento que está ocorrendo!...
> Falava que o mundo não estava preparado, com certeza o Brasil e, certamente, a própria Universidade também, não estavam preparados para dar conta do envelhecimento populacional, para cuidar das pessoas idosas. Acho que ele estava se sentindo mais idoso, mais frágil, e talvez recebendo menos atenção, com menos acessibilidades para algumas coisas, por isso parecia insistir mais nessas questões, como se tivesse uma certa pressa. (Mário Fritsch).

Michael Deveza, um dos pioneiros do processo de reordenamento do Ambulatório de Medicina Integral, em 1976-1978, e que muito contribuiu para a criação das disciplinas de medicina integral na FCM e, mais tarde, na criação do Departamento de Medicina Integral Familiar e Comunitária, é um dos colaboradores dessa pesquisa. O DMIF foi o primeiro departamento acadêmico de Medicina de Família do país. Deveza foi Diretor do Departamento de Administração do HUPE, de 1988 a 1992, quando o Professor Piquet iniciou sua cruzada para a criação do Núcleo de Atenção ao Idoso. Deveza revelou-nos suas lembranças em detalhes:

> Eu estava no Gabinete da Administração, havíamos ganhado as eleições do HUPE, e o Ricardo Donato era o Diretor Geral. Em janeiro de 1988, assumimos a direção e eu fui ser chefe do Departamento de Administração. Lembro que um dia – não sei com exatidão a época – o Professor Piquet me encontrou na entrada do Gabinete e me perguntou, parecendo surpreso:
> — Você?!... Agora é Diretor aqui, não é?!...
> Respondi:
> — Sim, Senhor!... Pois, não?!... A que devo a honra?!...
> Ele falou:
> — Eu queria saber que horas você costuma almoçar?!...
> Eu falei:
> — Não... não sei o quê...
> Ele falou:
> — Em algum momento você tem que almoçar!... – Prescrevendo: não pode ficar aí sem comer.
> Foi um pouco isso que ele estava tentando dizer. Então, ele propôs nos encontrarmos em uma quarta-feira, ao meio dia, para almoçar. Aí, na quarta-feira, ao meio dia, do tal dia que ele marcou... ele me pegou:
> — Vamos a algum lugar... vamos a um lugar aí!... Você come qualquer coisa... tudo?!...
> Eu falei:
> — Professor, eu não estou entendendo...
> Então, ele disse:
> — Não precisa.
> Aí... chegamos no estacionamento do Hospital, que era uma confusão, carros pra tudo quanto é lado. Carro na frente do outro... acho que ele tinha Dodge Dart. Era um carro grande. Eu lembro que ele empurrou... os outros carros... eu tentava ajudá-lo, mas ele reagiu:
> — Não precisa!...

> Ele empurrou os carros. Me enfiou dentro daquele carro... e nós fomos em um "restaurante de massas" em frente ao Colégio Militar. Falou:
> — Eu sempre comi massas...
> Falei:
> — Como... qualquer coisa, mas, não estou entendendo...
> Ele repetiu:
> — Não precisa entender!...
> Aí... sentou-se comigo... perguntou tudo da minha vida. Como é que eu estava. Como eu estava me sentindo. Como estava minha mãe. Como é que estava isso... como é que estava aquilo!...
> Ah!... Um pouco antes desse almoço – só para a gente entender como é que foi a estratégia dele –, acho que o Renato Veras... não sei se ele estava junto... acho que estava, também!... Bem, uma ou. duas semanas antes dele me convidar para almoçar, ele foi falar na Direção do HUPE sobre um "Núcleo de Atenção ao Idoso". Eu me lembro das palavras dele, que foram as seguintes:
> — Nós temos que ter muita segurança ao fazer isso.
> Porque eu achava a ideia boa... porque ele me conhecia... eu era a pessoa que ele conhecia... no Departamento. Ele não tinha muito contato com Maria Helena[88]... provavelmente. Aí... eu sei que ele foi falar comigo... é... acreditando que eu podia resolver alguma coisa... coitado... não sabia de nada!... Mas, achei ótima a ideia do Núcleo de Atenção ao Idoso. Lembro que ele falou algo mais ou menos assim:
> — Para criar isso, a gente não pode fazer uma coisa de qualquer jeito e deixar pra lá!... Porque a gente quando cria uma expectativa... se a gente não estabelece um cronograma e realiza o que foi comprometido, a gente gera muita frustração.
> Foi isso mesmo que ele falou. E... aí... falei que ia ver, não é?!... Cheguei a falar com Ricardo... falei com outras pessoas... não lembro com quem mais eu falei!... Eu sei que ficou meio assim, não é?!... Na verdade, não fiquei tão antenado, não. Então acho que ele usou esse "plano B", de me levar para almoçar. Perguntou tudo sobre minha mãe e não falou uma palavra sequer sobre o tal "Núcleo de Atenção ao Idoso". Nada!... (Michael Deveza).

Essa habilidade de conseguir que as pessoas assumissem um protagonismo em seus projetos, sem ter que pedir ou pressioná-las, é raramente vista na administração pública. Uma forma sutil de fazer com que tais pessoas sentissem que desempenhavam um papel importante no desenvolvimento de um projeto que ninguém negaria a relevância.

> Quando tive uma brecha – a gente já estava voltando para o Hospital –, e como ele havia perguntado tudo da minha vida, resolvi me aconselhar com ele e perguntei o que ele achava, se ele tinha alguma informação do meu trabalho no Departamento, se ele achava que tinha alguma coisa errada que eu estivesse fazendo, algo assim: tipo conselho de pai pra filho, não é?!...
> Ele disse:
> — Meu filho... olha só... Você acredita no que você está fazendo?!...
> Respondi:
> — Acredito!...
> Então, ele disse:
> — Então, está tudo bem!... Tchau!...
> Me deixou no Hospital e foi embora. Eu entrei no Hospital, fui direto para o Gabinete do Donato, e falei:
> — Donato, a gente tem que criar o NAI.
> O Ricardo fez uma cara de não estar entendendo nada, e indagou, surpreso:

[88] Maria Helena Ruzany, professora da FCM, médica pediatra, fundadora e coordenadora do Núcleo de Estudos de Saúde do Adolescente/NESA, no HUPE. Era Diretora do Departamento de Serviços Técnicos e Médicos Gerais do HUPE, quando foi convidada para uma consultoria prolongada em Washington/DC, nos Estados Unidos, saindo da Direção. Então, assumi o DSTMG, em seu lugar.

> — Por quê?!... Ficou maluco?!... falando esses negócios pra mim assim, de repente?!...
> Eu falei:
> — Não!... Nós temos. Nós temos que criar o NAI. Eu conversei muito com o Professor Piquet...
> Mentira! Ele sequer tocou no assunto!... Mas... aquela coisa... assim... dele... aquela... mensagem que ele passou... de cuidado, não é?!... Porque éramos sensíveis a isto. Talvez, ele tenha nos procurado por causa disso. Ele conhecia um pouco a nossa forma de trabalhar. Essa coisa do cuidado. Porque o Núcleo de Atenção ao Idoso partiu disso... dessa coisa do Piquet, de ser um cuidador... de ser uma pessoa do cuidado. Um sujeito que falava da "medicina de família" muito antes da gente saber o que era medicina de família... falava da 'saúde preventiva´, enfim... Ele era uma pessoa extraordinária!... (Michael Deveza).

Ricardo Donato, o então, Diretor Geral do HUPE, também colaborador desta pesquisa, relembrou a cruzada do Professor Piquet e as "pressões" que recebera para conseguir uma das coisas mais difíceis em um Hospital de Ensino: espaço físico. Com bom humor, expôs sua experiência:

> Outra iniciativa importante que o Professor Piquet Carneiro desenvolveu em nossa gestão, relaciona-se à criação do Núcleo de Atenção ao Idoso/NAI, que foi o embrião de antigo sonho dele: a implantação de uma Universidade da Terceira Idade na UERJ. Lembro da época em que eu estava mais próximo do Instituto de Medicina Social... quando ministrei algumas disciplinas, junto com o Hésio, para o Curso de Mestrado, por um curto período. O Professor Piquet ia muito lá, e levava material, falando sobre a Imunologia... a importância da Imunologia para a saúde... para as mudanças no campo da saúde... principalmente a partir do envelhecimento da população!... Levava artigos... andava com livros... levava livros... falava sobre a "imunologia do envelhecimento".
> Dizia:
> — Leia isso aqui... que é muito importante.
> Então... ele vinha com essas proposições... e quando a gente estava na Direção... ele veio com proposta de criar um Núcleo de Atenção ao Idoso... na perspectiva de, depois, ampliar para a Universidade... Não tínhamos espaço no Hospital e no ambulatório... A gente dizia que assim que conseguisse encontrar um espaço... seria para esse Núcleo. Mas... ele ia... constantemente... lá na Direção... cobrar da gente...
> — Vem cá?!... Vai sair isso, ou não vai?!... Vocês vão topar ou não vão topar essa história?!...
> Sempre com todo o carinho dele... com toda educação... com toda a elegância que lhe era peculiar.
> — Não esqueçam!... Não podemos deixar isso passar?!... Olha!... e tal!... – Dizia, quando se encontrava com a gente.
> Lembro bem que o Hésio estava na presidência do INAMPS... e um dia em um encontro, ele falou:
> — Olha!... O Professor Piquet está querendo criar um núcleo para atender o idoso. Vocês têm que ver o espaço para o Professor implantar o NAI.
> Então... houve... toda essa iniciativa... essa proposição... essa coisa propositiva do Professor Piquet. Foi lá... batalhou... até a gente conseguir o espaço... até a gente conseguir ajeitar as coisas para ter o NAI. Que, inicialmente, foi onde era a Urgência Cardiológica, depois conseguimos o bom espaço que era ocupado pelo Serviço de Assistência Médica ao Servidor/SAMES, que foi transferido para o Campus Negrão de Lima. Ele havia começado a batalhar por esse espaço e por constituir uma equipe desde que assumimos a Direção, em 1988. E lutou até conseguir.
> Depois veio o grande projeto da Universidade da Terceira Idade... que ele estruturou... organizou... e procurou levar adiante. Quando ele morreu... entrou o Renato Veras... e deu prosseguimento... na UNATI... (Ricardo Donato).

Maria Inez, colaboradora dessa pesquisa, professora do DMIF e uma das grandes inovadoras na formação de médicos de família no país, e que, à época, se engajou tanto no processo de criação do NAI, como chegou a ser médica assistente de idosos nesse núcleo, comentou sua participação:

> Acho que o contato mais direto com o Professor Piquet ocorreu quando eu já estava com cerca de dez anos de formada. O Ricardo Donato era o Diretor Geral do Hospital Universitário Pedro Ernesto, não me recordo dos detalhes, mas foi quando o Professor Piquet veio com a ideia de criar um Núcleo de Atenção ao Idoso no Hospital. Lembro-me dele apresentando o projeto. Não sei se para a Medicina Integral ou para Ricardo, Diretor do Hospital. Quando vi a apresentação, lembro que reagi, de forma intensa, comigo mesma:
> – Caramba!... Que coisa legal!... Eu gosto de atender idoso. Quero fazer parte dessa história!...
> Foi, então, que o Professor Piquet me convidou para constituir o grupo primeiro do Núcleo de Atenção ao Idoso, que já era, dentro de sua cabeça inovadora, um Núcleo Multidisciplinar. Já tinha Nutricionista... Psicólogo... Enfermeiro... Clínico... Acho que o Jaime[89] já fazia parte, como psicólogo. O Jaime colaborava com a Direção do Hospital na questão dos Recursos Humanos.
> Podemos ver nesse convite sua habilidade em atrair pessoas que fazem diferença em propostas inovadoras. Que conectividade é essa que o aproxima de pessoas capazes de contribuir com seus projetos?!... Seria apenas a relevância do projeto? Creio ser algo que vai além da relevância. Talvez o sentimento que passa, sem proselitismo, sem discursos com definições prévias. Como se fosse um acordo tácito envolvendo noções implícitas de pessoa humana, bem comum e ideal histórico concreto!... Seria isso possível?!...
> Comecei então a trabalhar com o Professor Piquet, participando de suas reuniões de equipe, ele pontuando as coisas que achava importante no trabalho, na conformação do trabalho. Foi o meu primeiro contato mais direto com uma pessoa extremamente especial. Em algum momento da implantação do NAI, ele explicita seu sonho de uma Universidade da Terceira Idade. Eu pensei:
> – Cara!... Como é que pode?!...
> Porque aí... ele já estava mais idoso... com mais limitações..., mas para mim, que era muito mais nova que ele... comecei a admirar mais ainda a determinação daquela pessoa. Não digo, obsessão, porque não era a maneira dele enfrentar as coisas. Mas... a determinação dele... de procurar o espaço:
> – Vamos visitar o espaço?!...
> Então, a gente se sentava, naquelas salas vazias lá da UNATI... com a ideia dele de trabalhar a Universidade Aberta... o espaço da terceira idade! (Maria Inez).

No terceiro grande projeto dessa fase de "Professor Emérito", de uma forma quase casual, eu fui envolvido em seus primórdios. Mas, antes, quando cumpria meu programa de Residência Médica em sua 3ª Clínica Médica, por volta de 1974 ou 1975, lembro vagamente de ouvi-lo mencionar acerca da Universidade George Washington, acho, onde as salas dos professores regentes das cadeiras clínicas não se situavam no corpo do Hospital Universitário

---

[89] Jaime Lisandro Pacheco, Psicólogo de formação que, juntamente com outra psicóloga, Carla Alves, compôs a equipe inicial do Núcleo de Atenção ao Idoso, onde também desenvolveu sua pesquisa de mestrado: "Velhice e dignidade: construção coletiva do entendimento de dignidade por um grupo de trabalhadores do Núcleo de Atenção do Idoso do HUPE", com a qual obteve o título de Mestre em Educação.

– como era o caso no HUPE –, mas no prédio dos ambulatórios, que dizia possuir 12 pavimentos, acho.

Mas, o mais concreto mesmo ocorreu após minha posse no cargo de Secretário de Planejamento da Superintendência Regional do INAMPS, do Rio de Janeiro, em junho de 1986. Não tenho certeza se ocorreu ainda no segundo semestre de 1986 ou no primeiro semestre de 1987. Um determinado dia, recebi um telefonema da Presidência do INAMPS, do Chefe de Gabinete, Dr. José Carvalho de Noronha, incumbindo-me de acompanhar o Professor Américo Piquet Carneiro em uma reunião – agendada previamente pelo Presidente do INAMPS, Dr. Hesio Cordeiro – com o Diretor do PAM São Francisco Xavier, na Avenida Marechal Rondon.

Encontrei-me com o Professor Piquet na entrada do PAM, próximo às escadas rolantes, sendo muito bem recebidos pelo Diretor da Unidade. Não me recordo dos detalhes da conversa, que durou por volta de uma hora. Lembro apenas do Professor Piquet falar da importância de o ensino médico passar em grande parte para o ambulatório. Acho que por arrogância de um jovem, talvez travestido de tecnocrata, ou por preconceito em relação àquele professor idoso, aposentado havia alguns anos, ficar se preocupando com questões que já eram de nossa alçada. O certo é, que algo de negativo no meu caráter, bloqueou minha atenção ou minha memória. De qualquer forma, como transmiti uma ordem da Presidência, o Diretor do PAM deve ter facilitado todo acesso ao Professor Piquet na unidade, como mostra o relato de aluno dele, nessa pesquisa.

Ricardo Donato, relembrou o esforço e a determinação do Professor Piquet em conseguir meios e recursos para esse grande edifício de ambulatório a ser construído na área de estacionamento do Hospital, que incluía vagas de estacionamento no prédio:

> O Professor Piquet Carneiro acalentava, talvez desde os primórdios da Medicina Integral, o sonho da construção de um grande prédio de Ambulatório, ao lado do Hospital, com um número grande de consultórios, com salas de aula, com gabinetes de professores titulares e salas de professores – que sairiam do corpo do Hospital para localizar-se nesse novo edifício – e com um grande auditório no último pavimento, adequado a eventos e grandes conferências.
> Ele entendia que o ambulatório existente no Hospital era muito fragmentado, disperso, sem organicidade adequada para um bom ensino... enfim... muito pulverizado. Por outro lado, as salas e os gabinetes, de professores, no corpo do Hospital, além de ocuparem espaços físicos em áreas que poderiam ser utilizadas dia e noite, reforçavam um modelo de ensino centrado no paciente internado. (Ricardo Donato).

Essa característica do Professor Piquet de agir com paciência, com argumentos consistentes, convencendo as pessoas com sua humilde persistência, faziam as portas se abrirem e criava uma rede de apoiadores, muitos quase anônimos, mas todos com uma espécie de sentimento de pertencimento ao projeto.

> Portanto, o ideal seria que tivesse um Ambulatório Central, que pudesse acolher todos os serviços, e que garantisse organicidade às atividades docente-assistenciais. Não sei os detalhes, mas sei que ele tomou conhecimento de uma grande dívida fiscal que a Companhia Siderúrgica Nacional/CSN – à época, uma Empresa Estatal Federal – tinha para com o governo do Estado do Rio de Janeiro e articulou tanto no governo do Estado como na Diretoria da Estatal a possibilidade de amortizar essa dívida com a construção desse prédio. Para tanto, a CSN utilizaria a expertise de uma de suas filiadas – a Fábrica de Estruturas Metálicas/FEM – que se encarregaria da construção do Ambulatório Central.
> O processo caminhou até às vésperas da data da assinatura do termo de contrato, quando mudanças na diretoria da CSN adiou a assinatura. A descontinuidade administrativa, a falta de transparência e... mais tarde... a privatização da CSN, sepultou definitivamente uma das grandes idealizações do Professor Piquet Carneiro. (Ricardo Donato).

José Noronha, que chegou a conseguir junto ao Escritório de Arquitetura da Reitoria da UERJ a elaboração desse Projeto do grande edifício de ambulatórios, "sonho acalentado" anos a fio pelo Professor Piquet, tentou dissuadi-lo mais tarde e foi um dos grandes protagonistas na criação da Policlínica Piquet Carneiro. José Noronha havia sido Secretário de Saúde do Estado no governo Moreira Franco, na época em que quase transformou-se a dívida da CSN nesse prédio de Ambulatório. Por ter participado desse governo, certamente sabia das limitações do mesmo em dar consequência a este empreendimento. Por isso, atuou junto com seu amigo, Nildo Aguiar, que fora Superintendente Regional do INAMPS no Rio de Janeiro, ainda no final do regime militar. Em meados dos anos de 1990, assumiu o cargo de Diretor do Núcleo do Ministério da Saúde no Estado do Rio de Janeiro/NERJ, e tinha poder de decisão para dar consequência à cessão do antigo PAM São Francisco Xavier para a UERJ, assim descrito por José Noronha, colaborador dessa pesquisa:

> E foi exatamente com ele, Nildo Aguiar, que anos depois conspiramos a cessão do, então, PAM São Francisco Xavier, em Marechal Rondon, para a UERJ, visando, entre outras coisas, atender o sonho do Piquet. Eu dizia ao Piquet que seu sonho de um grande Ambulatório a ser construído no estacionamento do Hospital Pedro Ernesto, não iria acontecer! Por isso, também decidimos que, ao ser realizada a transferência, o PAM São Francisco Xavier passaria a se chamar Policlínica Piquet Carneiro. O Nildo Aguiar desempenhou um papel importantíssimo nesse desfecho e nessa homenagem! (José Noronha).

O último grande Projeto – ou Sonho – dessa fase emérita começou a ser explicitado no final dos anos de 1970, mas é possível que tenha iniciado antes, talvez, em fins dos anos de 1960, com sua mãe, com mais de 90 anos e muitos de seus pacientes de consultório, como o advogado Sobral Pinto e, talvez, Alceu de Amoroso Lima, entre outros, acompanhando o desenvolvimento de suas fragilidades e da própria. Do primeiro, Sobral Pinto, obtivemos um relato sobre o Professor Piquet, que mostra, o que para muitos poderia representar uma atitude ingênua e até mesmo um pouco leviana pela temeridade, mas que mostrava a fé e confiança que

ele tinha na juventude, especialmente naquela em que acompanhara o crescimento. Trata de seu afilhado Joaquim Coutinho que, na época, estudante do quarto ou quinto ano de medicina da UFRJ, estagiava no Serviço de Cirurgia Cardíaca do HUPE. Contou-nos o seguinte episódio:

> O Sobral Pinto estava internado na Casa de Saúde São José, provavelmente devido a uma arritmia cardíaca. Tio Américo, um médico de muita gente famosa, como a Condessa Pereira Carneiro, me pediu para visitar o Sobral Pinto, na Casa de Saúde São José, pois queria minha opinião se "devia botar marca-passo". Eu, ainda um estudante, reagi:
> — Tio Américo?!... Oh!... Tio Américo... – Tentando fazê-lo se lembrar que eu ainda era estudante.
> Mas sei que ele tentava com isso estimular a gente... mostrar que confiava na gente!... Não era nada ingênuo... era respeito, mesmo... de quem quer passar a ideia de que confia na nossa formação, no que a gente está estudando e fazendo no estágio. (Joaquim Coutinho).

Não sei se ele chegou a ser médico de Alceu de Amoroso Lima, que se conheciam desde fins dos anos de 1920 e início dos anos de 1930, a quem o Cardeal Dom Sebastião Leme impôs o nome do estudante de medicina, Américo Piquet Carneiro, para assumir a recém-criada Juventude Universitária Católica. É provável que o Dr. Alceu desejasse outro nome – naquela época de seu conservadorismo mais radical – que fosse o de alguém mais agressivamente anticomunista. Por isso, procurei nos quatro ou cinco livros de Alceu Amoroso Lima que possuo, alguma referência ao jovem, ao adulto e mesmo ao idoso Américo, e nada encontrei. A única referência que encontrei foi em uma crônica, publicada em sua coluna no Jornal do Brasil, que me permitiu levantar essa hipótese. A crônica, com o título "Um conselho", sugere ser um agradecimento laudatório a dois médicos paulistas que operaram e cuidaram de alguém de suas relações de uma forma tão segura e humana que lhe fez lembrar de:

> Meu amigo Américo Piquet Carneiro, que pertence igualmente a essa categoria de médicos, há muito que sustenta a tese, e não certamente é o único, da humanização da medicina, da medicina como uma arte e uma ciência globais, do homem todo. Não só do doente como um todo, mas do médico, igualmente como um todo". (UM CONSELHO, 1967, p. 6).

É possível que minha inferência seja exagerada, pois Amoroso Lima poderia ter essas informações sobre Piquet Carneiro por outros meios que não o de frequentar seu consultório, uma vez, muitos amigos em comum foram pacientes do Professor Piquet. Mas, achei que valia a pena aventar essa hipótese.

Ah!... para que ninguém fique frustrado pelo fato de não informar qual foi o "conselho" que deu título à crônica, o autor sugere que quem for sofrer uma fratura de crânio, que "é preferível que isso aconteça nas imediações de Campinas/SP, para poder ser atendido por esses dois médicos".

Mesmo considerando que ele estivesse amadurecendo essa ideia durante muito tempo, até antes dos anos de 1960 com seus interesses e estudos, quase obsessivos, sobre o tecido conjuntivo (ou conectivo). Afinal, o tecido conectivo/conjuntivo que é, fundamentalmente, o tecido de sustentação de nosso corpo e de nossos órgãos, com o envelhecimento é o que mais rapidamente abandona "a nossa sustentação"!... Com a desidratação das cartilagens, o "endurecimento" das artérias, a fragilização de nossos músculos e de nossa pele, em que esta passa a denunciar, muitas vezes de forma cruel, a nossa idade!...

Mas, o certo é que Américo Piquet Carneiro partiu efetiva e corajosamente para sua "cruzada" de criação da Universidade da Terceira Idade, após a criação e consolidação do Núcleo de Atenção ao Idoso no interior do HUPE. Isso ocorreu em 1990. Isso tendo completado ou próximo a completar seus 81 anos de idade.

Relembro que eu havia retornado de Brasília, onde permanecera pouco mais de dois anos, quando realizara uma consultoria sobre Hospitais de Ensino, pela Organização Pan-Americana de Saúde/OPAS na Secretaria de Educação Superior do MEC, mais precisamente na Divisão de Hospitais de Ensino e Residência Médica/DHERM. Lembro de ter visto o Professor Piquet com uma espécie de caderno e algumas cópias xerográficas nas mãos e de ouvir parte de sua conversa com Emílio Francischetti e outras pessoas, acerca de um "projeto de pesquisa sobre envelhecimento" que passava por exames ultrassonográficos de artérias carótidas. Não posso dizer que tenha ficado surpreso com aquele velhinho querendo realizar pesquisas que costumam se prolongar por um bom tempo, porque havia acompanhado parte de seu esforço para implantar o NAI, quando ocupei cargo na gestão do Ricardo Donato no HUPE, entre janeiro de 1989 a maio de 1990, ocasião em que me desloquei para Brasília. Eu havia começado um estágio de atualização em Clínica Médica, onde o meu preceptor – colaborador dessa pesquisa é o atual Diretor da FCM, Mário Fritsch – havia sido meu aluno, de Psicologia Médica, no seu terceiro ano de medicina, em 1983.

Pelas mãos do Professor Emílio Francischetti, que sugeriu meu nome para fazer parte do grupo que o Professor Piquet havia organizado para a criação e consolidação da Universidade da Terceira Idade, eu me engajei na proposta e fui aprender a cuidar de idosos com a equipe multiprofissional do Núcleo de Atenção ao Idoso. Foi uma experiência muito gratificante!

Eu já conhecia algumas das pessoas que atuavam no NAI, como Luciana Motta, Maria Inez, Célia Caldas, Chico Oliveira, Antônio Carlos Bertholasce, Jaime Lisandro Pacheco e o neurologista Carlos dos Santos Faria. Não conhecia o médico Paulo Henrique, a psicóloga Carla

Alves, a fisioterapeuta Ísis e a nutricionista Hedy Matheus. Posso ter esquecido alguém. Parte dessa história encontra-se distribuída nas seções e capítulos anteriores. Entretanto, a riqueza das lembranças pela quantidade de fatos ocorridos em um tempo relativamente curto: entre o início mais intenso de sua cruzada pela Universidade da Terceira Idade e sua morte, o tempo foi pouco superior a um ano.

Maria Inez, que desde o início de 1992 ocupava um cargo de assessoria na Vice-Reitoria da UERJ, ao mesmo tempo que iniciara seu curso de mestrado em Medicina Social, no IMS, relembrou com emoção as vezes em que o Professor Piquet comparecera à vice-reitoria:

> A história com o Professor Piquet que mais me marcou ocorreu quando eu trabalhava na Vice-Reitoria da UERJ. O Vice-Reitor era o professor de engenharia, José Assed. Hésio Cordeiro era o Reitor. Na época eu estava fazendo o Mestrado no IMS. Eu vivia num conflito permanente: eu ocupava um cargo comissionado – assessoria do Vice-Reitor –, fazia o Mestrado no IMS e tinha obrigações tanto na Medicina Integral como no Núcleo de Atenção ao Idoso, pois dividira minha carga horária com esse, antes de assumir o cargo na vice-reitoria. Eu sempre fui um pouco "workaholic"!...
> O meu grande dilema seria para onde iria depois. Mas, de qualquer maneira eu estava um pouco afastada das atividades que tinham a ver com a construção da UNATI. Eu havia iniciado no âmbito da UNATI alguns movimentos ligados à pesquisa, à sua construção e consolidação... aos espaços da UNATI. Mas, me afastara fisicamente. E o Professor Piquet começou a ir com muita frequência à Vice-Reitoria. Eu me perguntava:
> — Engraçado!... O que o Professor Piquet está fazendo aqui?!...
> Ele aparecia, levava caneta para mim... levava canetas para todo mundo. Ele chegava, sempre de terno, com aquela maletinha dele. Eu falava:
> — Oi, Professor!... O que o senhor está fazendo aqui?!... Vamos nos sentar... e conversar.
> Eu não entendia direito os motivos que o levavam tanto ali.
> Um determinado dia, ele apareceu, trouxe um livro de presente para mim, acho que um livro de atualização clínica, traduzido para o português, não me recordo bem. Nesse dia, ele falou:
> — Minha filha, posso conversar com você?!...
> Respondi:
> — Claro, Professor, que pode. O senhor quer sair?!...
> Ele falou, assim:
> — Não. Não precisa. Aí... havia uma mesa, redonda, em frente à janela que abria para o largo espaço do estacionamento, e ele disse:
> — Vamos nos sentar aqui?!...
> Eu disse:
> — Vamos, Professor.
> Sentamos... ele olhava pela janela... com aquele jeito dele... começou a olhar mais distante da janela... e falou... assim:
> — E... Vila Isabel?!... Olhando isso aqui... me traz muitas memórias...
> Falei:
> — É... Professor?!...
> Ele falou:
> — É... porque Vila Isabel era um lugar de vilas... lugar de fazendas...
> Aí... começou a me contar histórias de Vila Isabel. Não me recordo mais... se da família dele... mas, ele tinha uma proximidade maior... talvez até pela Faculdade. Não me lembro... não sei... Ele falou:
> — É... pois é, minha filha... aí... as coisas mudam... agora tem a UERJ... agora tem a UNATI... e a UNATI está precisando de pessoas!...
> Falei:

> — Eu sei, Professor. Claro... também concordo com o senhor!...
> Ele falou:
> — Não!... Pessoas como você.
> Assustei-me:
> — Como eu?!...
> Ele disse:
> — É!... Você tem que Coordenar a UNATI!...
> Falei:
> — Professor?!... Eu não estou podendo...
> E... aí... ele fez um olhar para mim... que eu nunca irei esquecer!... Um olhar bem fundo... assim... com aquele olho azul dele. Como se me dissesse:
> — Eu não vou te pedir... Eu vou te falar... Mas... isso é importante!...
> Aí... eu falei... assim:
> — Mas... Professor Piquet... como é que eu vou dizer não para o senhor. Estou no Mestrado. Estou aqui. Eu estou ainda... dividida...
> Ele disse, assim:
> — Ah!... Minha filha... Pensa... pensa!... É importante!...
> Sem alterar o tom de voz. Sem falar que eu era a pessoa mais importante do mundo. Sem nada disso... Como se dissesse, assim:
> — Todo mundo tem um lugar!... Pelas suas características...
> Não foi, assim, você é linda... maravilhosa!... Não foi... nada disso. Mas, foi uma conversa profunda. Curta e profunda. Então, falei... assim:
> — Professor, eu vou pensar..., mas, acho que não vou poder dizer sim ao senhor. É uma dor!... Mas... acho que não vou poder dizer sim para o senhor...
> Aí... ele pegou sua maletinha... e foi embora. Acho que esse foi nosso último encontro que ficou marcado. (Maria Inez).

Maria Inez narrou esse episódio com muita emoção, com muita dificuldade em conter as lágrimas. É um escancarado exemplo da dificuldade das pessoas em negar algo ao Professor Piquet. Sua humildade, bondade, generosidade para com todas as pessoas desarmavam quase todos com quem conversava. Mesmo com a emoção transbordando, Maria Inez teve *insights* significativos sobre a forma de agir do Professor Piquet, como podemos perceber:

> Lembro do Professor Piquet insistir na importância da Pesquisa sobre o envelhecimento. Todos os fundamentos da UNATI surgiram das ideias dele. A forma da UNATI se organizar: Núcleo de Ensino... Núcleo de Extensão... Núcleo de Pesquisa... tudo teve como base sua visão de organização. Mas, o que mais me impressiona em seus movimentos... o mais engraçado... eu acho que o Professor Piquet não aparecia tanto!... Não sei como ele conseguia transformar as pessoas sem aparecer tanto. Ele aparecia mais, acho, valorizando mais o trabalho da gente do que o dele. Isso é impressionante e extraordinário!... Não acho que isso fosse uma estratégia de ação, pois para mim, estratégia é uma coisa racional... acho que isso era dele. Era uma qualidade humana dele. Uma habilidade humana que ele possuía. Acho que não era uma coisa estrategicamente pensada. Mas, ele tinha uma maneira espontânea de aglutinar reforços para atingir os objetivos... uma maneira de valorizar o outro... de dar suporte a esse outro!... Acho que todo mundo que trabalhava com o Professor Piquet sentia que era importante. Ele valorizava a expertise das pessoas. Valorizava o trabalho em equipe. Penso que ele prestava atenção nas pessoas e vislumbrava suas qualidades. O Professor Piquet não ocupava os espaços... ele fazia com que as pessoas que trabalhavam com ele ocupassem os espaços. (Maria Inez).

Luciana Branco Motta rememorou seus primeiros contatos com o projeto da Universidade da Terceira Idade e seu engajamento no Projeto do Professor Piquet:

> Na época em que fazia a Residência em Clínica Médica, no Serviço do Professor Francischetti, acho que já estava no R2, o Sérgio Nascimento, cardiologista, e um dos professores da Enfermaria, chegou para mim e falou:
> — Luciana, eu tenho um amigo que é ultrassonografista, e ele está precisando de gente para ele ensinar a fazer ultrassom.
> Eu falei:
> — E os radiologistas?!...
> — Ele não gosta de radiologistas, porque radiologista não sabe Semiologia, não sabe examinar doente, e não vê direito... Ele precisa de alguém de Clínica Médica, para treinar!...
> Fui aprender e trabalhar com ele, Marco Aurélio Moura, já falecido, mas com quem trabalhei 17 anos de minha vida. Aprendi muito, pois ensinava tudo para a gente, treinou a gente alguns anos e, ainda exigiu que a gente fizesse a prova do Colégio Brasileiro de Radiologia, em Ultrassom. Eu tenho título de Especialista em Ultrassom pelo CBR. (Luciana Motta).

A ultrassonografia nessa época, fins de 1980, era ainda uma novidade relativa aqui no Brasil. Apenas radiologistas e obstetras operavam esses aparelhos com mais desenvoltura. Uma oportunidade dessa oferecida a um clínico, era algo muito incomum. E foi exatamente essa situação incomum que aproximou Luciana Motta de Américo Piquet Carneiro, levando-a a trabalhar no Núcleo de Atenção ao Idoso, onde permanece até os dias atuais.

> Quando concluí a Residência Médica, acho que fiquei cerca de dois meses fora do HUPE, pois logo, eu e, praticamente, todos meus colegas que havia concluído a residência de clínica médica foram contratados para serem o segundo clínico do Plantão Geral do HUPE. Na verdade, era por bolsa de TPB (Treinamento Profissional Bolsista). Como a Bolsa era para cumprir 40 horas, e o plantão era de 24 horas, passei a atuar nas Enfermarias 11 e 12 do Francischetti. Quando Regina Lucchese, professora de semiologia e propedêutica pediu licença sem vencimentos, fui convidada para ser professora-substituta.
> Lembro que o Professor Piquet aparecia na Clínica, às vezes, e falava de envelhecimento, isso por volta de 89... 90. Um dia o Francischetti me chamou para conversar com o Professor Piquet. Ele queria fazer pesquisa e medir o espessamento das carótidas com o Ultrassom, e queria que eu desse as especificações de aparelho de Ultrassom que fizesse isso com qualidade. Cabe lembrar que, naquela época, fins dos anos 80 ou início dos anos 90, o ultrassom ainda era uma coisa relativamente nova.
> O Francischetti me chamou para eu explicar o tipo de sonda... que teria que ser. Sonda superficial... tem que ser 7,5... 10 mhz... para poder pegar imagem bem superficial, enfim, esses detalhes. Aí... nós conversamos... começamos a conversar sobre isso... ele me chamou para o grupo... para as reuniões da quarta-feira... que tinha o Paulo Henrique... Lúcia Lutz... Célia... não sei se o Jaime... Ísis... um grupo que se encontrava às quartas-feiras na sala de plantão. Depois passamos para as salas sem divisórias no espaço da UNATI.
> Isso acho que foi por volta de 90...91... Com certeza, posso dizer que em 91 o espaço físico Da UNATI já estava delimitado. E... ele já estava montando um Centro de Pesquisa. O que hoje é ambulatório... aqueles boxes do ambulatório... era para fazer eletrocardiograma... outro, para função respiratória... era uma estrutura completamente diferente da atual. A gente depois redistribuiu o espaço... duas salas de aula... Não era para ser apenas um Centro de Convivência de Idoso.

> Lembro que em 91, eu já trabalhava na Geriatria e ia com o Professor Piquet ao IGG[90], para ver o espaço. Ele me levava muito para ver essas coisas... conversava com fulano... com beltrano... Enfim, ele me carregava para essas coisas.
> A conversa com ele era sempre muito interessante. Primeiro, ele era uma pessoa com uma cultura enorme... imensa!... Segundo, muito atualizado do ponto de vista técnico. Conversava sobre Ressonância Magnética... uma coisa que ainda estava chegando ao Brasil. E ele já trabalhava com essa concepção de imagem... de investigação, uma coisa completamente "up to date". Sempre muito atualizado... e a gente conversava... aqui no 10º andar... onde tem uns computadores que ninguém mais está usando. Havia um varandão e ele ia me mostrando as modificações na cidade... falando da infância... de sua adolescência... e como hoje a cidade está diferente. Lembrou das obras do Aterro... e como tudo havia mudado. Era muito interessante conversar com ele..., no varandão do 10º andar. Saía da Geriatria para falar de desenvolvimento... enfim, te levava para onde ele queria. Mas, eu me sentia muito bem, conversando com ele. Ele era um exemplo... um exemplo do bem. Um exemplo daquilo que você gostaria de ser... em algum momento. Alguém que te conduz...
> Lembro de quando a esposa dele, Dona Ofélia, faleceu. Célia... eu... Jaime fomos até a casa dele... visitá-lo. Na época... a gente ainda funcionava ali... onde hoje é o NIR[91]. Lembro que ele fez uma reunião com a gente, e disse que a gente tinha que traçar um plano... para a Geriatria... que a gente já sabia atender muito bem, mas que tínhamos que produzir, pois a gente não produzia nada do ponto de vista acadêmico: puxou nossa orelha, naquele momento:
> — Olha, vocês têm que mudar. Assistência... vocês sabem fazer... vocês têm que mostrar o que sabem fazer.
> Eu insisto com a equipe até hoje, lembrando essa reunião. E, que foi a última vez que ele apareceu. Logo depois ele faleceu. (Luciana Motta).

Jane Sayd recordou com bom humor os contatos com o Professor Piquet, ocorridos no último ano de sua vida:

> Outro momento que me marcou muito, ocorreu no ano de 1992, acho que por volta de junho, pois a temperatura estava relativamente baixa, quando o Professor Piquet convidou a mim e à Nilcéa para almoçar uma pizza no Restaurante La Mole, da Tijuca. A Nilcéa ocupava algum cargo na Reitoria, acho que no Planejamento da UERJ. E fomos com ele, ocorrendo o mesmo ritual: ele conseguindo abrir a porta do carro para mim e para a Nilcéa ao mesmo tempo. Atravessamos a rua com ele nos conduzindo pelo cotovelo e entramos no Restaurante com o maitre fazendo toda a deferência na acolhida.
> Eu já me sentia "nas nuvens" com aquele cavalheiro maravilhoso, ao nos sentarmos em uma mesa que o maitre nos conduzira, para logo ele dizer candidamente, mas com serena seriedade:
> — Nilcéa... eu trouxe vocês aqui porque eu preciso muito da ajuda de vocês duas... cada uma no seu lugar... O meu tempo de Professor Emérito está acabando... A Bolsa vai acabar!... Meu contrato vai terminar. E eu queria ver se conseguia ver a UNATI inaugurada antes disso.
> Acho que ele estava querendo dizer que estava se sentindo fraco... que não tinha mais muito tempo de vida... que tinha pressa para inaugurar a UNATI. Não tenho certeza disso, mas parecia. Reagi:
> — Mas, o que eu posso fazer?!...
> Ele falou:

---

[90] Instituto de Geriatria e Gerontologia Miguel Pedro, da Prefeitura do Rio de Janeiro, localizado em um prédio muito antigo no alto de uma ladeira perto do HUPE, especialmente próximo do Pavilhão Floriano Stoffel, onde se localizam os ambulatórios do Núcleo de Estudos em Saúde do Adolescente/NESA

[91] NIR: Núcleo Interno de Regulação – Estrutura interna do Hospital conectada permanentemente com a Regulação das Secretarias Estadual e Municipal de Saúde, com a finalidade de regular a ocupação dos leitos hospitalares, para serem ocupados para quem mais necessita daquele perfil de leito específico.

> — Você pode... você se reúne com o Centro Biomédico!...
> Bem, isso eu poderia: reivindicar apoio do Centro Biomédico, eu faria e fiz. Nilcéa, sem dúvida, tinha mais poder, e usou: a UNATI foi efetivamente inaugurada por volta de agosto, acho, de 1992. Não tenho certeza, sei das dificuldades para isso ocorrer, mas acompanhei de perto sua luta, dedicação e empenho para que acontecesse. (Jane Sayd).

Renato Peixoto Veras formou-se em medicina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi fazer sua Residência Médica em Psiquiatria na UERJ, mas ao final da Residência Médica, após um estágio no ainda infante Instituto de Medicina Social, foi apenas uma questão de tempo se definir pela Saúde Pública. Atualmente é Professor Titular do Instituto de Medicina Social e Diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ, a UnATI, desde sua implantação definitiva, em 1993. É um dos colaboradores desta pesquisa e, apesar de seu contato de curta duração com o Professor Piquet, considerou um privilégio ter levado adiante um dos mais acalentados sonhos do Mestre:

> Eu fiz meu mestrado no IMS no final dos anos de 1970, e apresentei minha dissertação em 1982, tendo Hesio Cordeiro como orientador. Fiz sobre educação médica, uma pesquisa sobre a ABEM. Nesse mesmo ano de 1982, entrei para o quadro de docentes do IMS.
> Lembro que uma vez, algum tempo depois, no IMS, encontrei com o Professor Piquet e ele me falou algo que me surpreendeu. Ele disse:
> — Renato, olha, você tem um grande futuro pela frente, mas você precisa conseguir uma sólida formação teórica. Nesse momento conturbado do país, é melhor você ir para o exterior. Eu tenho um grande amigo em Baltimore... e a gente pode lhe conseguir uma bolsa...
> Aí... eu falei:
> — Professor, e... eu tenho um grande amigo, que se formou na mesma Faculdade que eu... o Alexandre Kalache – o Kalache, que está na Inglaterra. Será que não é melhor?!...
> Ele falou:
> — Pouco importa. Vá, então, para a Inglaterra e a gente consegue uma bolsa para você.
> O Professor Piquet era muito influente na CAPES. Quando fui fazer a solicitação, além das recomendações do Professor Piquet, tinha do Sérgio Arouca, do próprio Hésio, e até do Bispo... não precisava de tudo isso, para conseguir uma mera bolsa de pós-graduação.
> Lembro que quando eu estava perto de ir para a Inglaterra, o Professor Piquet me orientou:
> — Estude qualquer coisa, menos Pediatria... porque as crianças vão diminuir... Geriatria é o que é... que é mais importante.
> Na Inglaterra, tive que fazer um outro Mestrado, para depois fazer o Doutorado. Foi um tempo muito duro, eu já estava casado com Cláudia Travassos, desde o tempo de estudante e com duas filhas pequenas. Minha orientadora na Inglaterra foi Elaine Murphy, uma psicogeriatra, que atualmente faz parte do Parlamento Inglês, pelo Partido Trabalhista.
> Retornei para o Brasil, o Ivo Barbieri estava terminando sua gestão como reitor e o Hésio Cordeiro estava assumindo a nova gestão. (Renato Veras).

A proximidade ostensiva de Renato Veras com o Reitor Hésio Cordeiro, provocou algum desconforto em algumas das pessoas que orbitavam em torno do Professor Piquet, já

com a saúde abalada. Algumas dessas pessoas criticaram com veemência a postura mais agressiva do Renato Veras, tentando queimar etapas para a aprovação da criação da UNATI. Contudo, como era de seu estilo, o Professor Piquet jamais teceu críticas a Renato Veras, que eu tenha conhecimento. Renato percebeu esse desconforto e reconheceu isso, como insinua ao final de sua entrevista. Mas, seu reconhecimento do protagonismo do Professor Piquet na gênese da UNATI é inquestionável.

> O que mais me marcou no Professor Piquet era a forma... o conhecimento que ele tinha... uma sabedoria e uma capacidade que... onde ele botava a mão... as coisas aconteciam... uma espécie de "Midas" da Universidade. O período que eu tive com ele não foi muito longo, não.
> Eu sei que ele era muito ligado ao Arcebispo, Dom Eugênio Sales... eu acho. E, uma vez ele falou de um Seminário no Sumaré... e me convidou. Eu aceitei de imediato. A gente dormia lá... era tudo muito simples e sóbrio... havia outros rapazes... a comida era uma delícia... o vinho que o Bispo ofereceu... Acho que eu me comportei muito bem, porque as pessoas gostaram de mim. Acho que eu tenho habilidade de saber qual é o meu espaço. E eu acho que isso aconteceu com o Professor Piquet. O Professor Piquet apostou em mim!... Apostou pesado!... Muitas outras pessoas apostaram em mim, também. O Professor Piquet... foi uma delas... que jogou pesado, mesmo!... Essa coisa da ida pra Inglaterra. Depois, tive nos Estados Unidos, com Moysés Szklo...
> Lembro que em um determinado momento da criação da UNATI, havia um certo mal-estar... depois o Hospital..., mas, foi passando... O professor morreu no fim de 1992... a UNATI foi criada no ano seguinte. Ele não a viu pronta, mas o "toque de Midas" foi dele! (Renato Veras).

Na primeira frase da epígrafe deste capítulo, os dois substantivos – caminho e professor – e o três verbos – escolher, aprender, ensinar – foram muito utilizados ao longo desse trabalho, nos variados formatos, singular e plural, masculino e feminino e, no caso dos verbos, também, variadas conjugações.

O caminho que escolhemos para essa pesquisa, a história oral de vida e, por limitações temporais, a história oral híbrida, permitiu-nos um contato com parte significativa da vida do querido e saudoso Professor Américo Piquet Carneiro. Permitiu-nos, também, conhecer um pouco mais seus ex-alunos, hoje, as professoras e os professores que conviveram com ele, assim como alguns de seus familiares.

Quanto à modalidade de pedagogia que deu título a esse capítulo, seu mais antigo aluno das redes que fazem parte dessa pesquisa, Emílio Antônio Francischetti, foi categórico em sua frase de tom vital: "Ele foi um exemplo! Que os jovens médicos aprendam a admirá-lo!". O termo "exemplo" foi referido ao Professor Piquet por muitos outros colaboradores e ousaria dizer que, implicitamente, ele esteve presente em todas as entrevistas.

Ao destacar alguns termos, por ele utilizados quase durante toda sua vida acadêmica, que buscavam mostrar uma direção para o aluno seguir ou estudar, como o *tecido conjuntivo*

ou conectivo, fisiopatologia, sustentação, etiologia múltipla, agressão parenquimatosa, reação mesenquimatosa, processos inflamatórios, processos difusos, entre outros, somos tentados a ir além de seus sentidos denotativos.

Foi o que procuramos fazer com o termo "conectivo", o sinônimo conjuntivo do tecido, em seu sentido denotativo. Em seu sentido mais amplamente conotativo utilizamos esse termo para identificar o tipo de liderança exercida por ele: a "liderança conectiva", modalidade estudada pela socióloga organizacional e pesquisadora Jean Lipman-Blumen e apresentada em seu livro com este título. Logo no prefácio de seu livro, ela procura mostrar que essa modalidade segue uma direção bem diferentes das três direções utilizadas pela grande maioria dos livros sobre liderança, que costumam se situarem: "a) a direção antiga e impulsionada pelo poder; b) a direção manipuladora e maquiavélica e, mais recentemente, c) a direção colaboradora do 'empowering', do bom-moço." (LIPMAN-BLUMEN, 1999, p. IX). Mas ela mesmo reconhece que não conseguiu dar muitos exemplos de "líderes conectivos". Não foi muito além de Gandhi, Gorbachev, Nelson Mandela e nosso seringueiro Chico Mendes. É possível que muitos achem que extrapolei na metáfora da conectividade, em função também do "poder" atual da internet em nossas vidas e em função da imaginação com reflexão realizada por seu neto e colaborador desta pesquisa, Cláudio Piquet Pessôa: "Ele não chegou a ver a grande revolução tecnológica trazida pelos computadores... internet... celulares!... Morreu em 1992... Seguramente, ficaria encantado com tudo isso... com suas potencialidades!..."

Mas, quanto à "conectividade" de Américo Piquet Carneiro, entendo que foi explicitada por todos os colaboradores, das mais variadas maneiras e, talvez, Maria Inez tenha sintetizado isso em suas tentativas de compreender seus movimentos que, creio, vale a pena repetir aqui:

> Não sei como ele conseguia transformar as pessoas sem aparecer tanto. Ele aparecia mais, acho, valorizando mais o trabalho da gente do que o dele. Isso é impressionante e extraordinário!... Não acho que isso fosse uma estratégia de ação, pois para mim, estratégia é uma coisa racional... acho que isso era dele. Era uma qualidade humana dele. Uma habilidade humana que ele possuía. Acho que não era uma coisa estrategicamente pensada. Mas, ele tinha uma maneira espontânea de aglutinar reforços para atingir os objetivos... uma maneira de valorizar o outro... de dar suporte a esse outro!... Acho que todo mundo que trabalhava com o Professor Piquet sentia que era importante. Ele valorizava a expertise das pessoas. Valorizava o trabalho em equipe. Penso que ele prestava atenção nas pessoas e vislumbrava suas qualidades. O Professor Piquet não ocupava os espaços... ele fazia com que as pessoas que trabalhavam com ele ocupassem os espaços. (Maria Inez).

Inevitável fazer outras analogias com o tecido conjuntivo ou conectivo, "que ocupa espaços entre órgãos e células... que dá suporte... sustentação... aos órgãos... tecidos... e ao próprio organismo".

E ao lembrarmos dele como médico induzindo seus pacientes a ocuparem seus espaços patológicos com atitudes e hábitos saudáveis, prescrevendo mais como um suporte, como um incentivo ao organismo retornar à saúde. Enfim, funcionando como uma espécie de *tecido conectivo* de seus pacientes, distinguindo para unir, protegendo, defendendo, sustentando, nutrindo como faz o *complexo sistema vascular*, em sua recuperação, ou para se sentir amparado, por alguém que se preocupa com eles.

Como educador sua atitude era muito semelhante, ao dar suporte ao aluno para que desenvolvesse plenamente suas potencialidades. O que podemos deduzir dos alunos e alunas que colaboraram nessa pesquisa, oriundos de gerações diferentes, é que sua "pedagogia essencial" era o "dom de si", seja distribuindo textos para ser lido e debatido, distribuindo livros e canetas, seja reunindo e estimulando em cada um a expressão do melhor de cada pessoa, seja levando-os para conhecer uma unidade de saúde, seja elogiando e incentivando a escolha de cada um, seja *valorizando o trabalho e a expertise das pessoas*, como afiançou Maria Inez.

Isso também, como no caso da liderança conectiva, me leva a outra analogia temerária: os conceitos desenvolvidos pelo pediatra e psicanalista do Reino Unido, D. W. Winnicott (1896-1971) que, estudando cerca de 25 mil binômios mãe-bebê, formulou alguns conceitos como, "*holding*", "ambiente facilitador" e o de "mãe suficientemente boa", entre outros.[92]

Observamos acima, a partir das emoções destiladas por seus alunos, muitos dos verbos de nossa língua que, conjugados no gerúndio, traduzem "*holding*": apoiar, amparar, sustentar, suportar e outros equivalentes, que o Professor Piquet parecia utilizar com seus alunos, nos grupos, nos projetos, no consultório, nas enfermarias, nas palestras, enfim demonstrava sempre estar provendo suporte a algo ou a alguém. Por outro lado, parecia estar sempre buscando um ambiente facilitador, seja um grande ambulatório integrado, estruturas que facilitassem as pesquisas, ambientes facilitadores para a qualidade de vida do idoso etc. O conceito de "mãe suficientemente boa" é da que apoia, ampara, sustenta, suporta o desenvolvimento pleno das potencialidades de seu bebê, tornando-se ela mesma o ambiente facilitador desse difícil processo.

---

[92] MELLO FILHO; SILVA, 1995. Júlio de Mello Filho (1933-2018), psicanalista didata com formação inicial em Clínica Médica, foi professor e líder da Psicologia Médica, da Faculdade de Ciências Médicas, da UERJ. Foi um de meus grandes mestres, estudioso da relação médico-paciente, e organizador de um "Grupo Balint", do qual participei por um bom período, sendo uma das mais gratificantes experiências de compreender em ato a relação de médicos com seus pacientes.

Será que Américo Piquet Carneiro foi isso para seus alunos, seus pacientes, seus familiares, seus amigos, seus adversários, seus auxiliares, de um modo geral? Foi apenas isto: “Uma mãe suficientemente boa”? Mas... Isso é tudo!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como toda aventura que aponta para seu final, a viagem iniciada em 2017 está chegando ao seu destino com promessa de continuidades. E tudo se deu com muitos encontros e diálogos. Alguns lances surpreendentes, alguns diálogos provocativos, mas todos de muito aprendizado.

Perceber e dialogar com a história oral tem sido uma das experiências mais gratificantes que pude ter na vida. Não foi uma tarefa fácil para um médico e professor de medicina, mas refazer o caminho de um antigo mestre e professor, dialogar com pares sobre sua vida, com pessoas que conviveram com ele, em maior ou menor intensidade, foi uma experiência única. Foi uma maneira transcendente de proporcionar novos encontros, nos quais a "sala de aula" se estendeu por quase todo o século XX.

O educador e médico Américo Piquet Carneiro (1909-1992) tornou-se uma espécie de território afetivo onde tais encontros e diálogos ocorreram. Embora tenha deixado um legado amplo e diversificado, seu desaparecimento há cerca de 28 anos nos faz muita falta, seja por sua bondade, seja por sua sabedoria, seja, sobretudo, por sua capacidade de escuta e diálogo.

Impossibilitado de articular sua história oral de vida, desde sua infância até o destino final de todo ente vivo e temporal, com entrevistas que dessem conta desse percurso de vida, encontramos no diálogo com os registros escritos um trânsito seguro. Como toda aventura por estradas desconhecidas, as surpresas nos aguardam em cada curva. E todas apresentam novos ângulos relativos à trajetória de uma pessoa que tanta diferença fez em vida. Sem alarde, sem fanfarras, sem soberba e sem inimigos.

Sabemos que nasceu em Redenção, no Estado do Ceará. E isso já é significativo pela importância daquele rincão na história do Ceará e do Brasil: a freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Acarape foi renomeada de Redenção, por ter sido a primeira comuna do Brasil a decretar a abolição da escravatura, por uma decisão que envolveu toda a comunidade, oficializada por um telegrama da Câmara de Vereadores ao Imperador, comunicando o fato, em janeiro de 1882.

Américo Piquet Carneiro veio ao mundo ainda na primeira década do século XX, para desaparecer na última. Em seu quinto ano de vida, sua família veio de mudança para o Rio de Janeiro. Seu pai, Bernardo Piquet Carneiro, um engenheiro que nascera no Rio de Janeiro em 1860, residiu por 17 anos no Ceará, onde constituiu uma segunda família, e deixou um legado tão relevante que o Estado distinguiu uma de suas cidades em sua homenagem: o município Piquet Carneiro. Sua mãe, Adélia Barreira Piquet Carneiro, cearense que viveu mais de cem anos. Dos onze filhos de Bernardo, Américo foi o último a morrer.

Nosso percurso de pesquisa concentrou-se nos 33 anos em que o Professor Piquet Carneiro atuou na Faculdade de Ciências Médicas, da prometedora URJ, depois UEG e, finalmente, UERJ. Seu protagonismo nas transformações ocorridas nessa Faculdade, no Hospital Universitário Pedro Ernesto e, por extensão, na Universidade, ficou indelevelmente registrado na memória daqueles que tiveram, como eu, o privilégio de conviver com ele na UEG/UERJ. Sua história anterior a essa instituição foi também pesquisada para buscarmos entender os fundamentos de suas inúmeras iniciativas, de seu exitoso protagonismo nas grandes mudanças levadas a cabo na área da saúde da Universidade. Para tanto, buscou-se aproximar de sua dinâmica de vida, desde as bases religiosas católicas, com fundamento em Santo Tomás de Aquino, apoiado em Jacques Maritain, influência que o impactou em toda sua vida adulta até sua morte. Isso o fez aderir às "regras de São Bento", como *irmão oblato* do Mosteiro, reavivadas, em suas visitas frequentes ao seu amigo, o monge Dom Lourenço de Almeida Prado. Foi líder e militante na Juventude Universitária Católica, desde sua criação em 1932, quando assumiu a presidência até pelo menos 1942, ano em que o Cardeal Dom Sebastião Leme, que o havia indicado para essa função, faleceu.

Outra área que o credenciou a ativar tantas transformações foi a própria Educação Médica, seguindo os passos de seus grandes mestres da Faculdade Nacional de Medicina: Juvenil da Rocha Vaz, Waldemar Berardinelli e Luiz Amadeo Capriglione. Os dois últimos foram fundadores da Faculdade de Ciências Médicas, em 1935. Para entender esse contexto em que ele fez sua escolha pela Educação Médica, fizemos um sobrevoo pela história da educação médica no Brasil e, consequentemente, circunscrevemos a criação de todas as escolas médicas brasileiras até a fundação da Faculdade de Ciências Médicas, pois Piquet Carneiro e FCM se escolheram reciprocamente em 1959, para uma "história de amor" por 33 anos, até que a morte os separassem, apenas material e temporalmente.

Além dessas duas grandes áreas, religião e Educação Médica, Américo Piquet Carneiro atuou como agregador e conferencista acerca do cooperativismo, chegando a ser dirigente de uma Cooperativa de Trabalhadores e, também, na área de ação social, propriamente dita. Foi membro de diretoria da Associação Brasileira de Escolas Médicas. Participou do Sindicato dos Médicos, do Conselho Regional de Medicina e da Associação dos Docentes da Faculdade Nacional de Medicina, além da diretoria de ex-alunos maristas. Também fez parte do Movimento Renovador, liderado por Carlos Lacerda, ligado à UDN. Essa diversidade de experiências e trajetórias, aliada a uma sensibilidade de ouvir mais que falar, devem estar na

base do exercício de um tipo de liderança metaforicamente aglutinada a uma estrutura biológica que tanto estudou: o tecido conjuntivo ou conectivo.

O percurso para elaborar essa reflexão proporcionaram algumas respostas, mas fizeram emergir muitas perguntas, que outros trabalhos de pesquisa poderão procurar responder. Algumas delas poderiam contribuir para buscar soluções para o contexto sociopolítico em que vivemos, tais como:

1) O tipo de liderança silenciosa, humilde, serena, paciente, compartilhada, poderosa e de alta conectividade que Américo Piquet Carneiro exerceu, pode ser reproduzida em outro contexto de polarizações e ressentimentos, como o atual?
2) É possível mudar o enfoque do processo educacional dos meios para os fins? Isto é, dos métodos para a finalidade de formar a pessoa humana para que ela seja o que é integralmente, apenas sustentando-a para que possa expressar suas potencialidades.
3) Podemos pensar em uma comunidade pluralista de respeito e aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, capaz de proteger o bem comum e reduzir ou abolir a hierarquização da sociedade?
4) É possível uma via alternativa entre a medicina liberal do vale-quase-tudo para acumular ganhos e a socialização estatal-burocrática da atenção à saúde? É possível que essa terceira via venha a estar subordinada ao universo espiritual da pessoa humana?
5) Tomando por base a rápida e eficaz liderança que tanto o Hospital Universitário Pedro Ernesto como a Policlínica Piquet Carneiro e a Faculdade de Ciências Médicas assumiram nesta pandemia do Covid-19, protegendo e salvando vidas, poderíamos postular que o DNA nuclear de Américo Piquet Carneiro está presente ou “viralizou” como DNA organizacional nessas instituições?

Essas e muitas outras questões puderam ser levantadas a partir de uma análise feita na profundidade permitida pelo tempo. Antes de considerar este trabalho um ponto de chegada, vale indicá-lo como atalho que aponta para futuros desdobramentos. Desdobramentos sobre o relevo das histórias de vida, da elevação de um personagem que se construiu na edificação de um mundo em que a humanização cabia no molde do conhecimento médico.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

Impressas

1º CONGRESSO Pan Americano de Endocrinologia. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 13.406, 23 jul. 1938, p. 7.

ACADÊMICOS de Medicina servem morro para estudar a prevenção de doenças. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXVI, n. 148, 26 jun. 1966, 1º Caderno, p. 24.

A CLASSE média tem toda a assistência no Hospital de Clínicas Pedro Ernesto. **O Globo**, Rio de Janeiro. ano XLI, n. 12.211, 2 mar. 1966, Geral, p. 7.

AS ORIGENS do evolucionismo. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 417, 13 maio 1951, p. 2.

ASSOCIAÇÃO dos Docentes da Faculdade Nacional de Medicina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXIII, n. 156, 10 jul. 1953, p. 10.

ASSOCIAÇÕES.... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 16.894, 16 abr. 1948, p. 14.

ATHAYDE, Tristão de [Alceu de Amoroso Lima]. Absolutismo pedagógico. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XIV, n. 4.104, 23 mar. 1932, p. 4.

BARBOSA, Dom Marcos. Serafim da Silva Neto. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XC, n. 171, 26 set. 1980, Caderno B, p. 2.

CANOAS: auto projetou-se no abismo: um morto. **Última Hora**, Rio de Janeiro, ano X, n. 3.087, 21 jul. 1960, p. 2.

CARNEIRO, Américo Piquet. Uma política de saúde para o Brasil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXXIII, n. 313, 17 fev. 1974, 1º Caderno, Seção Saúde, p. 24.

CATEDRÁTICO de Clínica Médica. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXVII, n. 222, 24 set. 1957, 1º Caderno, p. 7.

CENTRO Dom Vital... Palestra: Reflexões sobre problemas actuaes de biologia. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 3.574, 24 set. 1937, Primeira Seção, p. 2.

CENTRO DOM VITAL... **A Ordem**, Rio de Janeiro. v. XLVI, n. 2, ago. 1951, p. 73.

CICLO DE... **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro. ano LXXXVI, n. 211, 8 set. 1966, 1º caderno, p. 5.

CIÊNCIAS Médicas já tem novo prédio de aulas com modernos aparelhos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXIV, n. 71, 27 mar. 1965, 1º caderno, p. 11.

CIÊNCIAS MÉDICAS vai à greve se seu Diretor for demitido. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXVI, n. 105, 7 maio 1966, 1º Caderno, p. 16.

CIÊNCIAS MÉDICAS NEGA matrícula. **O Globo**, Rio de Janeiro. ano XLI, n. 12.284, 27 maio 1966, Geral, p. 14.

CIÊNCIAS MÉDICAS SOB ameaça de fechamento. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XX, n. XX.XXX, 13 set. 1968, Terceiro Caderno, p. 13.

COLLAÇÃO de grau... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 12.265, 17 nov. 1934, p. 6.

COMISSÃO... **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXV, n. 12.820, 4 set. 1964, Segunda Seção, p. 5.

CONCURSO para a 1ª cadeira... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LV, n. 19.174, 27 set. 1955, 1º Caderno, p. 10.

CONCURSO DE DOCENCIA Livre. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 232, domingo, 3 out. 1937, p. 10.

CONFERÊNCIAS... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 16.893, 15 abr. 1948, p. 14.

CONFERÊNCIAS CÍVICAS no Centro D. Vital. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 166, 11 jul. 1950. Notícias da Cidade, p. 2.

CORÇÃO, Gustavo. Faculdade de Ciências Médicas. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 11.354, 19 nov. 1959, p. 2.

CURSO mostra valor da Medicina Social. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano XLII, n. 12.482, 14 jan. 1967, Geral, p. 4.

DEBATIDOS os problemas... (cooperativismo)... **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XIX, n. 7.927, 27 ago. 1948, 1ª Seção, p. 2.

DECIDIDA a greve dos médicos. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano V, n. 991, 27 mar. 1953, p. 1.

DIRETOR informa que suspensão é para restaurar disciplina. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 13.907 22 mar. 1968, p. 10.

ELEIÇÃO da diretoria do Movimento Renovador. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 83, 4 abr. 1950, Notícias da Cidade. p. 2.

ENSINO Religioso: manifesto de 600 universitarios catholicos. **A Cruz**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 24, 14 jun. 1931, p. 1-2.

EXCEDENTES a Aleixo: “Nós necessitamos de escola”. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXVI, n. 13.276, 3 mar. 1966, 1ª Seção, p. 5.

EXCEDENTES ACUSAM magistério de sabotar Presidente. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXV, n. 22.374, 16 mar. 1966, 1º Caderno, p. 2.

FACULDADE... **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXIV, n. 3, 5 jan. 1965, 1º Caderno, p. 10.

FACULDADE DA GB limita admissões. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXIV, n. 22.068, 16 mar. 1965, 2º Caderno, p. 4.

FACULDADE DE CIÊNCIAS Médicas entra em greve por Diretório. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXVI, n. 144, 22 jun. 1966, 1º Caderno, p. 14.

FACULDADE DE CIÊNCIAS Médicas. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano XXXV, n. 10.210, 17 ago. 1959, Primeira Seção, p. 2.

FACULDADE FOI FECHADA... **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 13.907, 22 mar. 1968, 1ª Seção, p. 10.

FACULDADE NACIONAL... **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Ano XLVII, n. 232, 3 out. 1937, p. 10.

FNFi... **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, Ano LXXV, n. 76, 2 abr. 1966, 1º Caderno, p. 7.

FUNDADA a Associação... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 16.306, 30 dez. 1947, p. 13.

FUNDAMENTOS da Medicina Social. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano XLII, n. 12.488, 21 jan. 1967, Geral, Segunda Seção, p. 2.

GRANDE invento... **A Noite**, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 8.344, 15 fev. 1935, p. 6.

INAUGURADA mais uma unidade da Cooperativa de Consumo dos Trabalhadores do Distrito Federal. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVII, n. 16.927, 26 maio 1948, p. 3.

JUVENTUDE Universitária Católica. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 115, n. 167, 17 abr. 1942, p. 8.

LACERDA recusa interferência em favor de alunos sem vagas. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXIV, n. 64, 19 mar. 1965, 1º Caderno, p. 15.

LIGA Brasileira de Hygiene Mental. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XXXV, n. 12.732, 17 maio 1936, p. 3.

LIGA BRASILEIRA... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 17.232, 24 maio 1949, p. 9.

LIMA, Romão; AUGUSTO, Sergio. Sul-América e Universidade do Brasil versus faculdades de medicina. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXX, n. 11.514, 29-30 de maio 1960, Suplemento O Metropolitano, p. 2 [56].

MESA REDONDA dos médicos. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 640, 24 de janeiro de 1952, p. 10.

MESA REDONDA DOS MÉDICOS. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 4, 665 22 fev. 1952, p. 6, 9 e 10.

NÃO SACRIFICAR o doente. **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano V, n. 991, 27 mar. 1953, p. 2.

NEGRÃO dá ao Pedro Ernesto meios de funcionar como autêntico hospital-escola. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXV, n. 15, 18 jan. 1967, 1º Caderno, p. 5.

NEGRÃO INAUGURA... **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXVII, n. 208, 5 dez. 1967, 1º Caderno, p. 19.

NEGRÃO PRESIDE aula inaugural. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano LXIX, n. 23.579, 28 fev. 1970, Anexo Educação, p. 9 [24].

PASCOA dos antigos e dos atuais alunos das Escolas Superiores. **A Cruz**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 19, 8 maio 1938, p. 1.

PASCOA DOS ANTIGOS e dos atuais alunos das Escolas Superiores. **A Cruz**, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 21, 21 maio 1939, p. 1-2.

PIQUET Carneiro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XCIX, n. 277, 12 jan. 1993. Seção Opinião, p. 11.

POR QUE temos excedentes. **Tribuna Médica**: Boletim da ABEM, Rio de Janeiro, n. 343, p. 42-44, out. 1968.

PRADO, Dom Lourenço de Almeida. Piquet Carneiro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XCIX, n. 277, 12 jan. 1993. Opinião, p. 11.

PROF. PIQUET Carneiro: cursos técnicos formarão pesquisadores. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXV, n. 13.004, 14 abr. 1965, Primeira Seção, p. 12.

OBRAS do “Campus” da UEG se iniciam em julho: 24 bilhões. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 13.905, 20 mar. 1968, p. 10.

ORDENS FILOSÓFICAS... **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 416, de 12 maio 1951, p. 3.

OS TRABALHOS de hontem na Sociedade de Medicina e Cirurgia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XVIII, n. 5.352, 25 nov. 1936, p. 7.

RAIMUNDO de Brito e Sussekind apoaim a “Operação Mais Vagas”. **O Globo**, Rio de Janeiro, ano XLI, n. 12.215, 7 mar. 1966, p. 17.

RECEPÇÃO de Oblatos Seculares. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 114, n. 238, 11 jul. 1941, p. 9.

REGISTRO de Diploma... **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro ano XIII, n. 6.216, 5 mar. 1943, 1ª Seção, p. 6.

REGISTROS & comentários... **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano XLVI, n. 2, ago. 1951, p. 73-75.

REITOR impede invasão policial da UEG. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXVIII, n. 156, 9 out. 1968, 1º Caderno, p. 12.

REUNIÕES... Palestra na Sociedade Medica S. Lucas. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 116, n. 47, 25 nov. 1942, p. 4.

REUNIÕES... Palestra na Sociedade Medica S. Lucas. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 17.233, 25 maio 1949, p. 12.

SANTANA, Vilma. Perfil de um mestre. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro. ano CII, n. 337, 11 mar. 1993, Opinião, p. 11.

SAÚDE FECHA... **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro. ano LXVI, n. 22.576, 9 nov. 1966, p. 9.

SOCIEDADE Brasileira de Cultura Inglesa. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 122, n. 5, 6 out. 1948, p. 6.

SOCIEDADE MÉDICA S. Lucas **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ano XXXVIII, n. 13.411, 29 jul. 1938, p. 13.

TÁVORA, Artur da. Um santo sem batina. **O Dia**, Rio de Janeiro, 6 jan. 1993, n. p.

TOMOU posse o novo diretor da Faculdade de Ciências Médicas. **O Globo**, Rio de Janeiro, Ano XXXIX, n. 11.795, 19 out. 1964, Geral, p. 11.

UM CONSELHO. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXVII, n. 47, 1 jun. 1967, 1º Caderno, p. 6.

UMA INICIATIVA do... **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, ano 116, n. 198, 26 maio 1943, p. 3.

VIEIRA DE MELO toma posse como vice-chanceler da UEG. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 14.677, 3 set. 1970, Primeira Seção, Ensino em Pauta, p. 11.

Oficiais

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA. **Seminário**: “A Formação do Médico de Família”. Petrópolis: Serviço Industrial Gráfico da UFRJ, 1973.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MÉDICA. **Tribuna Médica em Educação Médica**: órgão noticioso da ABEM: Boletim da ABEM. [*S. l.*]: ABEM, n. 343, out. 1968.

BRASIL. **Lei nº 6229**, de 17 de julho de 1975. Dispõe sobre a organização do Sistema Nacional de Saúde. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6229impressao.htm. Acesso em: 23 set. 2017.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 477**, de 26 de fevereiro de 1969. Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-477-26-fevereiro-1969-367006-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 30 set. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 19.850**, de 11 de abril de 1931a. Crêa o Conselho Nacional de Educação. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19850-11-abril-1931-515692-republicacao-82984-pe.html. Acesso em: 31 out. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 19.851**, de 11 de abril de 1931b. Dispõe que o ensino superior no Brasil obedecerá, de preferencia, ao systema universitario, podendo ainda ser ministrado em institutos isolados, e que a organização technica e administrativa das universidades é instituida no presente Decreto, regendo-se os institutos isolados pelos respectivos regulamentos, observados os dispositivos do seguinte Estatuto das Universidades Brasileiras. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19851-11-abril-1931-505837-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 31 out. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 19.852**, de 11 de abril de 1931c. Dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19852-11-abril-1931-510363-republicacao-85622-pe.html. Acesso em: 31 out. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 19.941**, de 30 de abril de 1931d. Dispõe sobre a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19941-30-abril-1931-518529-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 31 out. 2020.

GUANABARA [RIO DE JANEIRO] (Estado). Lei Estadual n° 93, de 15 de dezembro de 1961. **Diário Oficial do Estado da Guanabara**, Rio de Janeiro, 19 dez. 1961.

IBGE. **Piquet Carneiro**. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/piquet-carneiro/historico. Acesso em: 10 out. 2020a.

IBGE. **Redenção**. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/ceara/redencao.pdf. Acesso em: 11 out. 2020b.

IPHAN. **Açude do Cedro (Quixadá, CE)**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/ans.net/tema_consulta.asp?Linha=tc_belas.gif&Cod=1197. Acesso em: 10 out. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação e da Saúde Pública. **Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934**. Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação e da Saúde Pública, 25 jan. 1934. Disponível em: http://www.leginf.usp.br/?historica=decreto-n-o-6-283-de-25-de-janeiro-de-1934. Acesso em: 7 nov. 2019.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação e da Saúde Pública. Decreto nº 6.283, de 25 de janeiro de 1934. Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo: Secretaria de Estado da Educação e da Saúde

Pública, ano 44, n. 101, p. 1, 10 maio 1934. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/norma/130436. Acesso em: 7 nov. 2019.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Ciências Médicas. **Carta/Ofício s/n**. Rio de Janeiro: UERJ, 13 fev. 1967, n. p. Documento assinado por Américo Piquet Carneiro destinado aos membros da Congregação da FCM, convocando uma reunião para três dias depois.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Ciências Médicas. **Livro de atas de concursos da FCM/UERJ**. Rio de Janeiro: UERJ, 1959a. p. 1-16. Relatório final da Comissão examinadora.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Ciências Médicas. **Aviso nº 1.195**, de 20 de novembro de 1959. Rio de Janeiro: UERJ, 1959b. p. 3.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Faculdade de Ciências Médicas. **Livro de atas**. Rio de Janeiro: UERJ, 1959c. p. 60. v. 2. Reunião da Congregação, 100., de 1º de dezembro de 1959.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO. Escola Paulista de Medicida. **A Escola Paulista de Medicina**. São Paulo: UNIFESP-EPM, 23 out. 2019. Disponível em: https://sp.unifesp.br/epm/sobre/a-escola#historia. Acesso em: 3 nov. 2019.

Bibliografia

Artigos, Dissertações, Referências Científicas e Teses

ALONSO, Leandro Seawright. O corpus documental em história oral: teoria, experiência e transcriação. **Revista Observatório**, Palmas, v. 2, n. 1, p. 54-75, jan-abr. 2016.

AQUINO, Tomás de. **O ente e a essência**. Tradução: Mário Santiago de Carvalho. Covilhã: LusoSofia, 2008.

ARGOLO, José A.; RIBEIRO, Kátia; FORTUNATO, Luiz Alberto M. **A direita explosiva no Brasil**: a história do grupo secreto que aterrorizou o país com suas ações, atentados e conspirações. Rio de Janeiro: Mauad**,** 1996.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
ARISTÓTELES. Metafísica: livro I. Tradução: Vincenzo Cocco. *In*: ARISTÓTELES. **Os pensadores**: Aristóteles II. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

ASSIS, Machado de. Memórias póstumas de Brás Cuba. *In*: ASSIS, Machado de. **Todos os romances e contos consagrados**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2.

AZEVEDO, Fernando *et al*. **Manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. Coleção Educadores.

BENSENOR, Isabela Judith Martins. **Avaliação do papel da anamnese, exame clínico e exames complementares no diagnóstico clínico de pacientes ambulatoriais**. 2003. 139 f. Tese (Livre Docência em Clínica Geral) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

BEOZZO, Pe. José Oscar. **Cristãos na universidade e na política**: história da JUC e da AP. Petrópolis: Vozes, 1984.

BERNARDO, Maria Helena de Jesus; MOTTA, Luciana Branco (org.). **Cuidado e interprofissionalidade**: uma experiência de atenção integral à saúde da pessoa idosa (Núcleo de Atenção ao Idoso/UnaTI-HUPE-UERJ. Curitiba: Editora CRV, 2016.

BERTOLLI FILHO, Claudio. **História social da tuberculose e do tuberculoso**: 1900-1950. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

BIBLIA, N.T. I Coríntios. *In*: BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994. Primeira Epístola aos Coríntios, 15, 26.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRITTO, Antonio Carlos Nogueira. **A educação médica brasileira no início do século XIX**. 2011. Trabalho apresentado ao 16o Congresso Brasileiro de História da Medicina, Ouro Preto, 2011.

BROCH, Hermann. **A morte de Virgílio**. Tradução: Herbert Caro. São Paulo: ARX, 2001.

CARNEIRO, Américo Piquet. **Atualidade do envelhecimento dos povos**: aula inaugural na UERJ. [Rio de Janeiro: *s. n.*], 1980.

CARNEIRO, Américo Piquet. A medicina de família. **Rev. Bras. Educ. Med.**, Brasília, 1978, v. 2, supl. 1, p. 19-50.

CARNEIRO, Américo Piquet. 1976. **Palestra sobre os médicos no dia dos médicos**. [Rio de Janeiro: *s. n.*], 1976. 16 p. 65 parágrafos numerados em sequência.

CARNEIRO, Américo Piquet. **Aspectos da obstrução biliar nas hepatites virais**. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1956 [1959]. Tese de concurso para 3a. Cadeira de Clínica Médica.

CARNEIRO, Américo Piquet. **Síndrome de Cruveilhier-Baumgarten**. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Jornal do Brasil, 1957. Tese de concurso para 4a. Cadeira de Clínica Médica.

CARNEIRO, Américo Piquet. **Das doenças do colágeno**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1955. Tese de concurso para a 1a. Cadeira de Clínica Médica.

CARNEIRO, Américo Piquet. **Alergia e doenças alérgicas**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942. Tese de concurso para Docência Livre de Clínica Médica.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL. Anos de incertezas (1930-1937): os intelectuais e o Estado: Ministério da Educação. *In*: CPDOC. **Navegando na história**: a Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Rio de Janeiro: CPDOC, c2020. Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos30-37/IntelectuaisEstado/MinisterioEducacao. Acesso em: 3 nov. 2019.

CHAGAS, Carlos. **Resistir é preciso**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. rev., aum. e atual. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. v. 1.

COSTA, Lizete Pontes Macário. **Memorial de um sonho anunciado**: a incorporação do Hospital Pedro Ernesto à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade do Estado da Guanabara. Orientadora: Jane Dutra Sayd. 2004. 160 f. Tese (Doutorado em Política, Planejamento e Administração em Saúde) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

COSTA, R.; COSTA, S. S. A morte na perspectiva de Santo Tomás de Aquino. *In*: SOUZA, J. A. C. R. (org.). **Idade Média**: tempo do mundo, tempo dos homens, tempo de Deus. Porto Alegre: EST, 2006.

CUNHA, Luís Antônio. Lei Suplicy. *In*: ABREU, Alzira Alves de *et al.* (coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro**: pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/lei-suplicy. Acesso: 2 nov. 2019.

DAFLON, Fabio. **Título provisório**: Imprensa e movimentos estudantis na Faculdade de Ciências Médicas da UERJ, 1964 a 1985, proêmios 1935 a 1964. 2. ed. São Paulo: Scortecci, 2017.

DANTAS, San Tiago. **Dom Quixote**: um apólogo da alma ocidental. Brasília: Ed. UnB, 1979. (Cadernos UnB 3).

D´ARAUJO, Maria Celina; SOARES, Gláucio Ary Dillon; CASTRO, Celso (org.). **Os anos de chumbo**: A memória militar sobre a repressão. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DE LAVOR, Adriano; BARDANACHVILI, Eliane; OLIVEIRA. Entrevista: Hésio Cordeiro. **RADIS**: Comunicação em Saúde, Rio de Janeiro, n. 102, p. 18-21, fev. 2011. Disponível em: https://radis.ensp.fiocruz.br/phocadownload/revista/Radis102_web.pdf. Acesso em: 23 out. 2020.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**: uma cidadela sitiada. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2015.

EDLER, Flavio Coelho (org.). **Clementino Fraga Filho**: depoimento de um médico humanista. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2009.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. Anísio Teixeira e a Universidade do Distrito Federal. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 8, n. 2 [17], p. 161-180, maio/ago. 2008.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

FRAIZ, Ipojucan Calixto. **Nilo Cairo, a medicina e a Universidade do Paraná**. 2014. 269 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

FRAIZ, Ipojucan Calixto; RASIA, José Miguel. **Nilo Cairo, a medicina e a Universidade do Paraná**. Curitiba: Editora CRV, 2020.

GALLIAN, Dante. **75 x 75**: EPM/Unifesp, uma história, 75 vidas. São Paulo: Editora UNIFESP, 2008.

GATTAZ, André Castanheira. Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral. *In*: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (org.). **(Re)introduzindo História Oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

GOMES, Ordival Cassiano. Fundação do ensino médico no Brasil: José Correia Picanço. **Revista de História**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 143-172, 1951. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/35015. Acesso em: 18 out. 2019.

GOTTSCHALL, Carlos Antonio Mascia. **Pilares da medicina**: a construção da Medicina por seus pioneiros. São Paulo: Atheneu, 2009.

HABR-GAMA, A.; CERRI, G. G.; BATTISTELLA, L. R. Apresentação: os valores da Casa de Arnaldo. *In*: MAZZIERI, B. R. **Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**: a Casa de Arnaldo. São Paulo; Rio de Janeiro: REVINTER, 2004.

HEMINGWAY, Ernest. **O velho e mar**. Tradução: Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Folha de São Paulo: O Globo, 2003.

HUERTA, M. Hidalgo. Sindrome de Cruveilhier-Baumgarten. **Revista Clínica Española**, Madri, v. LXXIII, n. 4, p. 258-263, 31 mayo 1959. Disponível em: https://www.revclinesp.es/es-sindrome-de-cruveilhier-baumgarten-articulo-X0014256559124454. Acesso: 23 ago. 2020.

JEBELLI, Joseph. **Em busca da memória**: uma biografia da Doença de Alzheimer: da sua descoberta às novas técnicas de cura. Tradução: Luis Reyes Gil. São Paulo: Planeta, 2018.

KANDEL, Eric. **Em busca da memória**: o nascimento de uma nova ciência da mente. Tradução: Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **O túnel e a luz**: reflexões essenciais sobre a vida e a morte. Tradução: Magda França Lopes. Campinas: VERUS, 2003.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Tradução: Paulo Menezes. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KURLANSKY, Mark. **1968**: o ano que abalou o mundo. Tradução: Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

LEITE, Sylvia. Redenção: lugar de integração afro-brasileira. **Lugares de memória**, [*s.l.*], 28 mar. 2019. Disponível em: https://www.lugaresdememoria.com.br/2019/03/redencao-lugar-de-integracao-afro.html. Acesso em: 10 out. 2020.

LEPARGNEUR, Hubert. **O doente, a doença e a morte**: implicações sócio-culturais da enfermidade. Campinas: Papirus, 1987.

LEPARGNEUR, Hubert. **Lugar atual da morte**: antropologia, medicina e religião. São Paulo: Paulinas, 1986.

LIMA, Alceu de Amoroso. **Adeus à disponibilidade e outros adeuses**. Rio de Janeiro: AGIR, 1969a.

LIMA, Alceu de Amoroso. **Política**. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: AGIR, 1969b.

LIMA, Alceu de Amoroso. **Revolução, reação ou reforma?** 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1964.

LIMA, Valentina da Rocha (coord.). **Getúlio**: uma história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

LIPMAN-BLUMEN, Jean. **Liderança conectiva**: como liderar em um novo mundo de interdependência, diversidade e virtualmente conectado. Tradução: Neilande de Moraes. São Paulo: Makron Books, 1999.

MACHADO, Geraldo Pinheiro. Jacques Maritain, filósofo da inteligência. **Revista Portuguesa De Filosofia**, Braga, v. 41, n. 1, jan./mar. 1985, p. 60-68.

MANCEBO, Deise. **Da gênese aos compromissos**: uma história da UERJ. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 1996.

MANDELA, Nelson. Prefácio. *In*: STENGEL, R. **Os caminhos de Mandela**: lições de vida, amor e coragem. Tradução: Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2010.

MANN, Thomas. **Morte em Veneza**. Tradução: Eloisa Ferreira Araújo Silva. São Paulo: Folha de São Paulo: O Globo, 2003.

MANNIX, Kathryn. **Precisamos falar sobre a morte**. Tradução: Simone Reisnr. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **Jacques Maritain e a educação**. [*S. l.*]: Instituto Jacques Maritain do Brasil, 29 set. 2014. Disponível em: http://maritain.org.br/wp-content/uploads/2016/11/jacques_maritain_e_a_educacao_marcilio.pdf. Acesso em: 3 nov. 2019.

MARÍAS, Julián. **História da filosofia**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Marins Fontes, 2004.

MARITAIN, Jacques. Del saber moral. *In*: MARITAIN, Jacques. **Obras breves de Jacques Maritain**. [*S. l.*: *s. n.*], c2020 [1936]. Disponível em: http://www.jacquesmaritain.com/pdf/06_FM/01_FM_SabMor.pdf. Acesso em: 29 out. 2020.

MARITAIN, Jacques. **Três reformadores**: Lutero, Descartes e Rousseau. Tradução: João Henrique Garcia Dias. São Paulo: Cultor de Livros, 2019.

MARITAIN, Jacques. **Humanismo integral**: problemas temporais e espirituais de uma nova cristandade. Tradução: Margarida Hulshof. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

MARITAIN, Jacques. **A filosofia da natureza**: ensaio crítico sobre suas fronteiras e seu objeto. Tradução: Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2003.

MARITAIN, Jacques. **Por um humanismo cristão**: textos seletos. Tradução: Gemma Scardini. São Paulo: Paulus, 1999.

MARITAIN, Jacques. **Rumos da educação**. Tradução: Abadia de Nossa Senhora das Graças. Rio de Janeiro: AGIR, 1968.

MARITAIN, Jacques. **Elementos de filosofia I**: introdução geral à filosofia. Tradução: Ilza das Neves e Heloisa de Oliveira Penteado. Rio de Janeiro: AGIR, 1963.

MARITAIN, Jacques. **Sobre a filosofia da história**. Tradução: Edgar de Godoi da Mata Machado. São Paulo: Herder, 1962.

MARITAIN, Jacques. **O homem e o Estado**. Tradução: Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: AGIR, 1956**.**

MARITAIN, Jacques. **Distinguir para unir o los grados del saber**. Tradução: Alfredo Frossard. Buenos Aires: Desclée de Brouwer Dedebec, 1947. 2 v.

MARITAIN, Jacques. **Primacía de lo espiritual**. Tradução: Mariano Argüello. Buenos Aires: Club de Lectores, 1947.

MARITAIN, Jacques. **Humanismo integral**: uma visão nova da ordem cristã. Tradução: Afranio Coutinho. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1945.

MARITAIN, Jacques. **Ciencia y sabiduria**. Tradução: Octavio N. Dersini e Eugenio E. Melo. Buenos Aires: Desclée de Brouwer Dedebec, 1944.

MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Crônica de uma morte anunciada**. Tradução: Remy Gorga Filho. 51. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

MATURANA, Humberto. **El sentido de lo humano**. 8. ed. Santiago: Dolmen, 1996.

MAZZIERI, B. R. **Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**: a Casa de Arnaldo. São Paulo; Rio de Janeiro: REVINTER, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Augusto & Lea**: um caso de (des)amor em tempos modernos. São Paulo: Contexto, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Canto de morte Kaiowá**: história oral de vida. São Paulo: Loyola, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **A colônia brasilianista**: história oral de vida acadêmica. São Paulo: Nova Stela, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas**: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; BERTOLLI FILHO, Claudio. **Revolta da Vacina**. São Paulo: Ática, 1995.

MELLO FILHO, Júlio de; SILVA, Anna Lucia Melgaço Leal (org.). **Winnicott**: 24 anos depois. Rio de Janeiro. REVINTER, 1995.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira**: 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORAES, Jorge Viana de. **Unidade na diversidade**: as ideias de Serafim da Silva Neto como subsídios para a constituição de uma teoria da variação linguística. Orientadora: Marli Quadros Leite. 2016. 346 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Versão corrigida.

MOREIRA, Regina da Luz. Sebastião Leme. *In*: ABREU, Alzira Alves de *et al*. (coord.). **Dicionário histórico-biográfico brasileiro**: pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sebastiao-leme-de-silveira-cintra. Acesso: 2 nov. 2019.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Tradução: João Bérnard da Costa. 2. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades,1964.

MUKHERJEE, Siddhartha. **O gene**: uma história íntima. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ORLANDO, José Maria. **Vencendo a morte**: como as guerras fizeram a medicina evoluir. São Paulo: Matrix, 2016.

PARENTE, Agamémnon. **Rolando Monteiro**: fundador da nova Escola Médica do Brasil. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Selecta, 1980.

PAULA, Aloysio de; DAVIDOVICH, Eugênio. Internato e residência: o papel do treinamento graduado na racionalização da assistência médica. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOLAS MÉDICAS, 8., 1970, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: Associação Brasileira de Escolas Médicas, 1970. p. 199-216.

PEDROSO, Enio Ribeiro Pietra. A Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais e sua origem na Inconfidência Mineira: história esquecida, incompreendida ou ficcional. **Rev. Med. Minas Gerais**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 112-119, 2011.

PEREZ, Maurício Dominguez. **Estado da Guanabara**: gestão e estrutura administrativa do governo Carlos Lacerda. Orientadora: Marieta de Moraes Ferreira. 2005. 284 f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

PINTO, Gil Santini Pinto. Mundo fechado, mundo aberto. **Boletim**, Rio de Janeiro, n. 0, ano II, 20 ago. 1966 *apud* DAFLON (2017).

PORTELLI, Alessandro. **Ensaios de história oral**: seleção de textos de Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago. Tradução: Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2017.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. Tradução: Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PUSSOLI, Lafaiete; LIMA, Jorge da Cunha (coord.). **Presença de Maritain**. São Paulo: LTr, 1995.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOLAS MÉDICAS, 7., 1969, Niterói. **Anais** [...]. Niterói: Associação Brasileira de Escolas Médicas, 1969.

SANTOS, Luiz Fernando Villalba. **Os "dois Luízes"**: fotojornalismo e movimento estudantil no Rio de Janeiro em 1968. Orientador: José Carlos Sebe Bom Meihy. 2015. 137 f. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio, Duque de Caxias, 2015.

SAVIANI, Demerval. **A nova lei da educação**: LDB: trajetória, limites e perspectivas. 6. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAYD, Jane Dutra. **Mediar, medicar, remediar**: aspectos da terapêutica na medicina ocidental. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SCHNEIDER, Michel. **Mortes imaginárias**. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: A Girafa Editora, 2005.

SCHWOB, M. **Vidas imaginárias**. Tradução: Duda Machado. São Paulo: Editora 34, 1997.

SKALINSKI JUNIOR, Oriomar. **Alceu Amoroso Lima e a renovação da pedagogia católica no Brasil (1928-1845)**: uma proposta de espírito católico e corpo secular. Curitiba: Editora CRV, 2015.

SOUSA, José Bonifácio de. Centenário Piquet Carneiro. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano LXXIV, p. 242-248, 1960. Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1960/1960-CentenarioPiquetCarneiro.pdf. Acesso em: 11 out. 2020.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. **A JUC**: os estudantes católicos e a política. Petrópolis: Vozes, 1984.

SZKLO, Moisés. **Saúde do idoso**: desafios no envelhecimento: promover a saúde, tratar a doença. Rio de Janeiro: UNATI/UERJ, 2005. Disponível em: http://unatiuerj.com.br/NAI%20PDFs/anexo%20-%20discurso.pdf. Acesso em 27 set. 2020. Conferência de Abertura do 43º Congresso Científico do Hospital Universitário Pedro Ernesto/HUPE-UERJ.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação para a democracia**: introdução à administração educacional. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

TEIXEIRA, Anísio; ROCHA e SILVA, Maurício. **Diálogo sobre a lógica do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

TOLSTÓI, Lev. **A morte de Ivan Ilitch**. Tradução: Boris Schnaiderman. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

TOTA, Antonio Pedro. **O amigo americano**: Nelson Rockfeller e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

TRONCON, Luiz Ernesto de Almeida. Prefácio. *In*: AMORIM, Dalmo de Souza. **Abraham Flexner**: modelo de educador, a burocracia e a filantropia. Ribeirão Preto: Holos, 2012.

UJVARI, Stefan Cunha. **A história e suas epidemias**: a convivência do homem com os micro-organismos. Rio de Janeiro: Editora SENAC RIO; São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

VALLE, Maria Ribeiro do. **1968**: o diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar no Brasil. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

VENTURA, Zuenir. **1968**: o ano que não terminou: a aventura de uma geração. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VIEIRA ROMEIRO. **Semiologia médica**. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1980. v. 1.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & biógrafos**: reflexões sobre as escritas de vida. São Paulo: Summus, 2002.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar**: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense: 1889-1928. 1997. 345 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

WOOLF, Virginia. **Flush**: memórias de um cão. Tradução: Ana Ban. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2006.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. **1968**: eles só queriam mudar o mundo. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.